



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Edivan Carneiro de Almeida

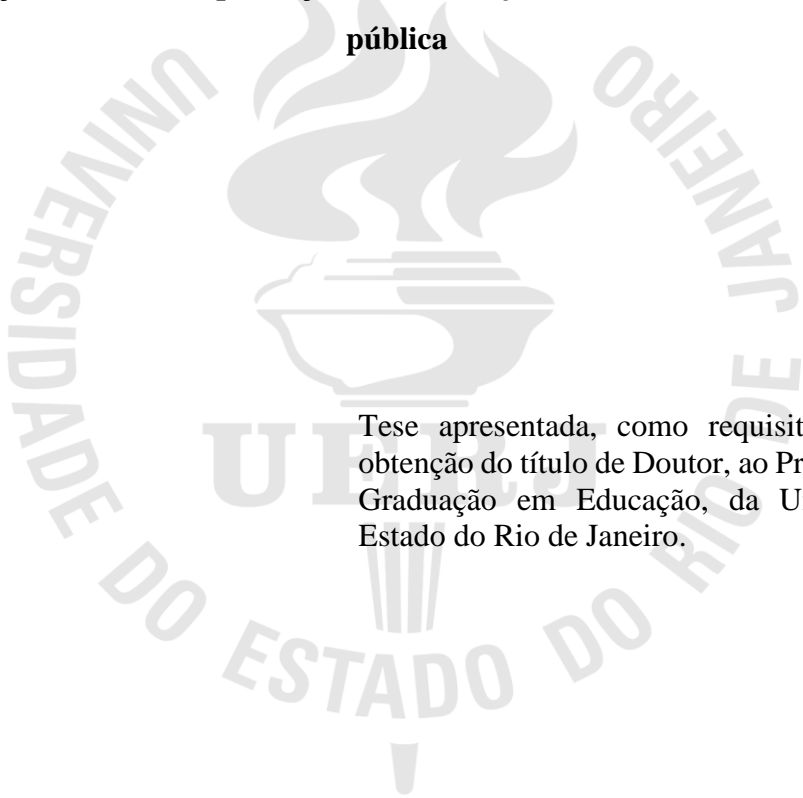
**Imagens, criações artísticas e produção estética de jovens nos cotidianos de
uma escola pública**

Rio de Janeiro

2023

Edivan Carneiro de Almeida

Imagens, criações artísticas e produção estética de jovens nos cotidianos de uma escola pública



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Aldo Victorio Filho

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A447 Almeida, Edivan Carneiro de
Imagens, criações artísticas e produção estética de jovens nos cotidianos de
uma escola pública/ Edivan Carneiro de Almeida. – 2023.
247 f.

Orientador: Aldo Victorio Filho.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Arte – Teses. 3. Cotidiano escolar – Teses. I.
Oliveira, Verônica Borges de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Edivan Carneiro de Almeida

Imagens, criações artísticas e produção estética de jovens nos cotidianos de uma escola pública

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 23 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Orientador)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Alik Wunder

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof.^a Dr.^a. Elenise Cristina Pires de Andrade

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Prof. Dr. Gustavo Coelho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ana Chrystina Venancio Mignot

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Rio de Janeiro

2023

Aos estudantes que sempre querem muito quando sabemos ir ao encontro de seus desejos e aos professores dispostos e animados a realizarem esse encontro nos cotidianos da escola.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Aldo Victorio Filho pela generosidade e pelas sempre relevantes reflexões acadêmicas e filosóficas que me proporcionou nesses anos de estudo e pesquisa, marcando meus percursos formativos com outras maneiras de *realizarpensar* educação, arte e produção de conhecimentos. De modo especial, agradeço pela coautoria neste trabalho, pela constante aprendizagem no intenso convívio e reflexões nas reuniões do grupo de pesquisa e nas orientações coletivas e individuais, sempre atento em sugerir caminhos para a pesquisa e disponível a ler cuidadosamente e a contribuir efetivamente na reescrita do texto.

À Professora Dra. Alik Wunder, pela disponibilidade em ler este trabalho e pelas importantes observações e sugestões feitas desde o exame de qualificação. Ao Professor Dr. Gustavo Coelho pelas reflexões que me proporcionou nas aulas e, de modo especial, pelas contribuições que deu a este trabalho durante a qualificação. À Professora Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade, a quem devo uma parte importante da minha formação e das minhas experiências de pesquisa (como orientadora do mestrado), pela animação e atenção de sempre e pela disponibilidade de contribuir na banca de defesa deste trabalho. À Professora Dra. Ana Mignot pela disponibilidade em participar da banca de defesa, assim como pelo exemplo de determinação e energia na Coordenação do ProPED, colaborando para que o programa continuasse sendo um programa de excelência, algo que percebi na participação durante as reuniões do Colegiado, enquanto representação estudantil.

Aos estudantes e professores do CEACO pelo incentivo e apoio, especialmente àqueles que participaram das oficinas de criação artística ao longo de mais de uma década e aos colegas professores sempre dispostos em realizá-las com dedicação e esmero, proporcionando momentos de fruição, invenção e alegria que marcaram nossas memórias na escola, servindo como matéria-prima desta tese. Gratidão especial aos estudantes que colaboraram imensamente como coautores deste trabalho, participando das oficinas da pesquisa e produzindo vídeos em que compartilharam suas experiências de criação, possibilitando uma produção coletiva de conhecimentos nos/dos/com os cotidianos de nossa escola. Aos colegas-amigos mais próximos pelo apoio incondicional na realização do trabalho, pelas conversas, observações e sugestões durante o processo de pesquisa-escrita.

Aos professores, funcionários, estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da UERJ, em especial aos colegas da Representação Discente, da Comissão de Bolsas, e da Linha de Pesquisa, Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais com

quem pude compartilhar conhecimentos, experiências, convivência e amizade. Aos colegas do Instituto de Arte/UERJ, especialmente do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde, pela convivência, amizade, aprendizagens nas marcantes trocas de experiência nas reuniões-leituras-reflexões realizadas. Ao povo do Rio de Janeiro por nos oferecer formação em uma universidade pública de excelência como a UERJ.

À importante colaboração da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro ao longo do curso, através de bolsa, fundamental para a realização desta pesquisa-formação.

Ao povo da Bahia que me assegurou o direito de obter licença remunerada por três anos, tão necessária para garantir minha dedicação integral e a realização da formação-pesquisa em uma instituição situada em outro estado da federação (Rio de Janeiro).

A todos os meus familiares e amigos pelo apoio e incentivo. Especialmente aos meus filhos Séfora, Gabriel e Sofia, pelo apoio e compreensão nos momentos de trabalho intenso e de ausência. Aos meus pais João e Esmeralda, meus primeiros educadores, pelo apoio e incentivo de sempre.

Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

RESUMO

ALMEIDA, Edivan Carneiro de. *Imagens, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública*. 2023. 247f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Os *cotidianos* das escolas públicas são constituídos por uma diversidade inapreensível de modos de existência, de um fértil encontro coletivo que evidencia a coexistência de várias escolas dentro da mesma escola – a escola dos alunos, dos professores, dos gestores, dos pais etc. Nesses *espaçostempos* habitam diferentes corpos que engendram *práticas*, marcadas por *usos* e *táticas* de resistência às forças políticas hegemônicas, se *apropriando* e subvertendo as *estratégias* de determinação dos cotidianos, das práticas que aí ocorrem e dos currículos. Neste trabalho apresentamos os resultados de uma pesquisa de doutorado em que realizamos a produção de uma *cartografia audiovisual* com estudantes envolvidos em oficinas de criação artística (de poemas, músicas, filmes, telas, álbuns) em uma escola pública na Bahia. Utilizando imagens-sons-textos (disponibilizados através da criação de um site) dessas experiências, nas oficinas da pesquisa os estudantes foram convidados a ver-ouvir-pensar e a criar vídeos com as memórias-fragmentos de suas experiências de criação artística-estética ao longo do ensino médio, resultando na produção de onze vídeos apresentados no Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos. Esses vídeos e as conversas desencadeadas nas oficinas de criação e no Sarau em que foram apresentados destacam como as oficinas de criação artística e os saraus-exposições-festivais marcaram a vida dos estudantes e influíram na formação de seus corpos, na “criação de si” e da escola como “obras de arte”. Colocaram em cena como essas produções estéticas afetaram o imaginário, a produção de outras imagens de escola pública, e contribuíram na produção de singularidades observadas na *realizaçãocriação* das *práticas* e dos *cotidianos* da escola, bem como dos currículos neles *pratiacadospensados*, proporcionando *espaçostempos* de festa, alegria, prazer e fruição estética coletiva que fluíram *dentrofora* da escola-cidade.

Palavras-chave: Arte. Criação. Estética. Cotidianos escolares.

ABSTRACT

ALMEIDA, Edivan Carneiro de. Images, Artistic Creations and Aesthetic Production of Young People in the Daily Life of a Public School. 2023. 247f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The everyday life of public schools is made up of an inapprehensible diversity of ways of existence, of a fertile collective encounter that shows the coexistence of several schools within the same school - the school of the students, teachers, administrators, parents, etc. In these space-time schools inhabits different bodies that engender practices, marked by uses and tactics of resistance to the hegemonic political forces, appropriating and subverting the strategies of determination of everyday life, of the practices that take place there and of the curricula. In this paper, we present the results of a doctoral research in which we carried out the production of an audio-visual cartography with students involved in artistic creation workshops (of poems, songs, films, canvases, albums) in a public school in Bahia. Using images-sounds-texts (made available through the creation of a website) of these experiences, in the research workshops the students were invited to see-hear-think and create videos with the memories-fragments of their experiences of artistic-aesthetic creation throughout high school, resulting in the production of eleven videos presented in the Poetry Gathering (the research) of the Art Projects. These videos and the conversations triggered in the creation workshops and in the Poetry Gathering in which they were presented, highlight how the artistic creation workshops and the Poetry Gathering exhibitions-festivals have affected the students' lives and influenced the formation of their bodies, the "creation of themselves" and of the school as "works of art". They could exhibit how these aesthetic productions affected the imaginary, the production of other images of public school, and contributed in the production of singularities observed in the realization-creation of the school's practices and everyday life as well as the curricula practiced-thought in them, providing space-time of celebration, joy, pleasure and collective aesthetic fruition that flowed inside and outside the school-city.

Keywords: Art. Creation. Aesthetics. School's everyday life.

RESUMEN

ALMEIDA, Edivan Carneiro de. *Imágenes, Creaciones Artísticas y Producción Estética de Jóvenes en los Cotidianos de una Escuela Pública*. 2023. 246f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Los *cotidianos* de las escuelas públicas son constituidos por una diversidad inaprensible de modos de existencia, de un fértil encuentro colectivo que evidencia la coexistencia de varias escuelas dentro de la misma escuela – la escuela de los alumnos, de los maestros, de los gestores, de los padres etc. En esos *espaciotiempos* habitan distintos cuerpos que engendran *prácticas*, señaladas por *usos* y *tácticas* de resistencia a las fuerzas políticas hegemónicas, *apropiándose* y subvirtiendo las *estrategias* de determinación de los cotidianos, de las prácticas que ahí ocurren y de los currículos. En este trabajo presentamos los resultados de una encuesta de doctorado en que realizamos la producción de una *cartografía audiovisual* con estudiantes envueltos en talleres de creación artística (de poemas, músicas, películas, lienzos, álbumes) en una escuela pública en Bahia. Utilizando imágenes-sonidos-textos (disponibles a través de la creación de un sitio) de esas experiencias, en los talleres de la encuesta los estudiantes fueron invitados a ver-oír-pensar y a crear videos con las memorias-fragmentos de sus experiencias de creación artística-estética a lo largo de la enseñanza media, resultando en la producción de once videos presentados en Sarao (de la encuesta) de los Proyectos Artísticos. Esos videos y las charlas desencadenadas en los talleres de creación y en el Sarao en que fueron presentados destacan como los talleres de creación artística y los saraos-exposiciones-festivales marcaron la vida de los estudiantes e influyeron en la formación de sus cuerpos, en la “creación de sí” y de la escuela como “obras de arte”. Colocaron en escena como esas producciones estéticas afectaron el imaginario, la producción de otras imágenes de escuela pública, y contribuyeron en la producción de singularidades observadas en la *realizacióncreación* de las *prácticas* y de los *cotidianos* de la escuela, bien como de los currículos *practicadospiensados*, proporcionando *espaciotiempos* de fiesta, alegría, placer y fruición estética colectiva que fluyeron *dentrofora* de la escuela ciudad.

Palabras clave: Arte. Creación. Estética. Cotidianos escolares.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	<i>As invisibilidades da escola</i> , oficina de fotografia, 2018.....	65
Figura 2	<i>Print</i> do filme “Aos nossos olhos” (PROVE, 2014).....	66
Figura 3	<i>Prints</i> dos vídeos das Oficinas da Pesquisa.....	72
Figura 4	<i>Print</i> de conversas no Grupo de <i>WhatsApp</i>	73
Figura 5	Foto do Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos.....	74
Figura 6	<i>Print</i> do Site da Pesquisa “Criações Artísticas”.....	75
Figura 7	Fotografias dos desfiles cívicos em várias épocas.....	78
Figura 8	Festa junina - casamento caipira, quadrilhas.....	78
Figura 9	Aluna no Festival da Canção Estudantil, etapa regional, 2009.....	82
Figura 10	Oficinas do Projeto TAL, 2016, 2017, 2018, 2019.....	85
Figura 11	Oficinas do Projeto FACE 2016, 2017 (pátios, corredores, sala da rádio).....	87
Figura 12	Oficinas de criação musical, FACE 2018.....	88
Figura 13	Fotografias das Oficinas de pintura, Projeto AVE, 2015, 2018, 2019 e 2016.....	90
Figura 14	Oficinas do Projeto PROVE, 2018, 2022.....	91
Figura 15	Oficinas do Projeto EPA, 2018.....	94
Figura 16	Sarau do Projeto TAL, 2016, 2017, 2019.....	97
Figura 17	FACE 2011, 2013, 2016, 2017, 2018, 2019, 2021.....	99
Figura 18	Exposições do AVE 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2021.....	101
Figura 19	Festival de Filmes do PROVE 2018, 2019, 2021, 2022.....	103
Figura 20	Exposições do EPA 2016, 2017, 2018.....	104
Figura 21	Apresentação de poema no Sarau Estadual do TAL.....	108
Figura 22	Sarau Regional TAL 2010, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019.....	110
Figura 23	FACE Regional 2009, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016, 2017, 2019 e 2022.....	111
Figura 24	Exposição Estadual do AVE, 2010.....	112
Figura 25	Exposição Regional do AVE, 2010 a 2022.....	113
Figura 26	Exposição Regional do EPA, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2022.....	114
Figura 27	Festival Regional do PROVE 2014 e 2018.....	115

Figura 28	As telas do AVE abordam diferentes temas a cada edição.....	126
Figura 29	Filmes do PROVE tratam de diferentes temas a cada edição.....	127
Figura 30	Festival da Canção Estudantil, 2019.....	148
Figura 31	Trecho de poema sobre as experiências de criação.....	151

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVE	Artes Visuais Estudantis
CEACO	Colégio Estadual Aristides Cedraz de Oliveira
EPA	Educação Patrimonial e Artística
FACE	Festival Anual da Canção Estudantil
ProPED	Programa de Pós-graduação em Educação
PROVE	Produção de Vídeos Estudantis
TAL	Tempos de Arte Literária
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	PERAMBULAÇÕES PELOS COTIDIANOS ESCOLARES E ACADÊMICOS QUE SE BIFURCAM EM UMA PESQUISA.....	14
1	CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E A CRIAÇÃO DE UMA PESQUISA	29
1.1	Caminhos labirínticos de uma pesquisa “pós”	30
1.2	Criação de conhecimentos nos/com os cotidianos	45
1.3	Arte, produção estética e pesquisa	50
1.4	Produção de imagens, cultura visual e imaginário na pesquisa	57
2	CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL: CAMINHOS DE UMA PESQUISA.....	65
3	FRUIÇÃO E PRODUÇÃO ESTÉTICA: “VAI ROLAR FESTA NA ESCOLA!”	77
3.1	Fruição e criação artística-estética na escola: “a festa continua”	81
4	ARTE, PERFORMANCES E CRIAÇÃO: SOMOS ARTISTAS OU OBRAS DE ARTE?	118
4.1	O envolvimento dos estudantes nas atividades de criação	119
5	ARTE, CRIAÇÃO E CURRÍCULO: ARTE NA ESCOLA OU ESCOLA OBRA DE ARTE?	139
	REFERÊNCIAS	158
	APÊNDICE I - Transcrição - Sarau (da Pesquisa) dos Projetos Artísticos.....	163
	APÊNDICE II - Transcrição - vídeos das Oficinas da Pesquisa.....	193
	APÊNDICE III - Termo de consentimento livre esclarecido.....	220
	ANEXO I - Documento de Orientação dos Projetos Artísticos da Secretaria de Educação da Bahia	222

PERAMBULAÇÕES PELOS COTIDIANOS ESCOLARES E ACADÊMICOS QUE SE BIFURCAM EM UMA PESQUISA

É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar.

Paulo Freire

Perambulações, rastros, escolhas, práticas profissionais, sociopolíticas e...

Começo este texto com o desafio de imaginar uma pesquisa de doutorado, como parte de minha própria vida, uma existência e pesquisa enquanto *obras de arte* (DIAS, 2011) construída em processos/percursos por caminhos *rizomáticos* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) através dos quais um corpo-pesquisador e a pesquisa foram se forjando enquanto sujeito que se cria-recria constantemente e artefato criado nas experiências vividas, corpo-pesquisa que se *reinventa* no fluxo interminável e indeterminável das *práticas cotidianas* (CERTEAU, 2012), no movimento constante entre mudanças e permanências, entre nomadismos, desterritorializações e (re)territorializações, entre os *abrigos identitários* (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017) e a formação de identidades, entre estar e ser – um *serestar*¹.

Um *corpo* (LE BRETON, 2007) *que somos* (e não que temos), inquieto, incompleto, atuante, que vai se compondo e se fortalecendo com as experiências vividas desde a juventude: seja na militância sócio-política-cultural, seja na atuação profissional enquanto professor, constituindo-se/autocriado-se na travessia entre as séries iniciais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (magistério, ensino técnico e, enfim, de formação geral – diria formação para a vida). Atravessamentos formativos que se dão nas interações e intersubjetivações de um corpo enredado no coletivo de tantos e diferentes outros corpos, eu-corpo sujeito-sujeitado, situado/situando-me, criado/criando-me a cada instante nas experimentações vividas, na relação com os outros, ora em conexão ora desconexo, ora conflitante, mas, ao mesmo tempo, vivendo em comum na partilha/negociação/criação de sentidos e de *saberesconhecimentos*, em inesgotáveis processos de recriação.

¹ Na dissertação (2014) comecei a usar palavras conjugadas inspirado nas reflexões das pesquisas *nos/dos/com os cotidianos escolares*, realizadas por Nilda Alves, Inês Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço dentre outros, buscando desviar epistemológica e politicamente dos binarismos que marcam as concepções modernas de ciência e filosofia do conhecimento.

Assim, começar recuperando algumas memórias dos percursos que me conduziram ao doutorado, sem pretender uma autobiografia, se faz necessário para delinear um pouco das experiências, reflexões e referências que me marcaram e foram escriturando (CERTEAU, 2012) em meu corpo, modos de ser, de sentir, de perceber, de pesquisar, de pensar-atuar/performar no mundo, criando-me, obra de arte na perspectiva nietzschiana (NIETZSCHE, 1992), especialmente com foco no campo profissional e acadêmico. Com essas breves e quase vagas memórias tento recompor diferentes e importantes momentos de minha vida, tentando rever/relembrar os pensamentos que povoaram cada instante e ainda permanecem com maior ou menor intensidade, os agenciamentos e as referências que contribuíram para que eu tenha me tornando o que, momentaneamente, sou. Nessa tarefa, tento usar palavras, conceitos e pensamentos, *lampejos* intermitentes (DIDI-HUBERMAM, 2011) de imagens-*vaga-lumes* das experiências que esculpiram meu corpo, fragmentos de memória de instantes vividos que me marcaram, agora percebidos sob a inspiração de outras/novas leituras, referências, reflexões e conversas, especialmente ao longo do doutorado.

Inicialmente, lembrando a infância, destaco o ‘privilégio’ de ter uma mãe com a maior escolarização (5º ano ginásial) disponível na cidade, à época de sua juventude, e que me possibilitou letramento/acesso à cultura escrita (desde os cinco anos) e à tão necessária (ainda que precária) escola pública, mesmo tendo nascido na zona rural de Ichu/BA, em um ambiente familiar com condições materiais precárias à sobrevivência, com acesso insuficiente a terra e infraestrutura inadequada à produção das condições de vida enquanto agricultores familiares.

Assim, percorri “tranquilamente” (sem reprovações) pelo ensino fundamental em escolas públicas (bastante precárias) e cheguei ao curso de Magistério, em que a experiência com o estágio nas séries primárias foi o primeiro contato e a origem de meu interesse profissional pela educação, tendo como inspiração o exemplo da atuação dedicada e comprometida de algumas professoras, mas também, por outro lado, o incômodo diante do trabalho precário, massacrante, desinteressante e desconectado da vida dos estudantes realizado por outros tantos professores.

Após “formado” no 2º grau (professor das séries iniciais e técnico em contabilidade), fui convidado (1992) a atuar como professor (temporário) na rede municipal (da 5ª à 8ª série), uma experiência que marcou ainda mais meu interesse pela educação e em que iniciei a construção de uma prática pedagógica marcada por uma relação próxima e afetiva com os alunos, tentando me sintonizar com os seus desejos e dificuldades, o que para mim foi uma oportunidade de aprendizado no exercício da compreensão da educação a partir das perspectivas dos alunos. Foi um ano marcante de afirmação e definição de minha inserção na comunidade,

no campo educacional, mas também de amizades e lembranças que ainda perduram, inclusive que me movimentou a fazer concurso público e a ingressar na Rede Estadual de Educação da Bahia, no ano seguinte (1993), definitivamente assumindo a docência como profissão.

Também iniciada nos primeiros anos da década de 1990, prolongando-se pelas duas décadas seguintes, uma profusão de acontecimentos que contribuíram muito para fortalecer minha escolha profissional, minha formação e atuação no campo educacional foram as experiências de atuação/militância religiosa-pastoral, política e sociocultural. Minha atuação na Igreja Católica – na Pastoral da Juventude, Pastoral da Educação e nas Comunidades Eclesiais de Base, tendo como base a Teologia da Libertação, simultaneamente à militância no Partido dos Trabalhadores e no movimento de luta pela criação de rádios comunitárias na cidade de Ichu (onde vivo) e Região do Sisal. Esse período de ativismo e militância oportunizou-me participar de diversos encontros, reuniões, palestras, assembleias, conferências, debates públicos e cursos diversos de formação, embasados em teólogos e pensadores como Frei Betto, Pedro Casaldáliga, Leonardo Boff, Paulo Freire, dentre tantos, atividades que me formaram sobre temas diversos relacionados à necessidade de se instituir práticas políticas de esquerda, à época quase inexistentes na cidade em que vivo e mesmo no país, visando uma sociedade igualitária, justa e democrática, como já previa a recém-criada Constituição Federal Brasileira.

Esse período de efervescente envolvimento nos movimentos eclesiais, políticos e culturais da cidade, contribuiu para ampliar minha visão de mundo no campo cultural, especialmente da educação e da comunicação e, conseqüentemente, aproximou-me bastante dos processos de produção e performances artísticas, sobretudo nos campos musical, teatral e fílmico, bastante presentes na maioria das atividades que me envolvia ou que realizava, como meios para socialização de conhecimentos ou recursos pedagógicos/educativos inerentes a diferentes práticas sociais, especialmente naquelas aqui destacadas, cujo objetivo formativo é central. Nesse processo, como jovem militante, aproximei-me de temáticas diversas relacionadas à juventude, ou melhor, às juventudes, seus desejos, interesses, preocupações, suas práticas e maneiras diversas de existência e atuação no mundo, na perspectiva de sua transformação.

A graduação e os primeiros passos pela pesquisa em educação

A militância religiosa-política-cultural abriu caminhos para novos horizontes e me proporcionou enxergar a necessidade e possibilidade de formação no Ensino Superior, desejo

concretizado com meu ingresso (em 1995) no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Serrinha, cidade próxima de onde vivo. Enfrentando o desafio de dilatar o tempo e conciliar a formação com a jornada de trabalho (40 horas semanais) de professor da educação básica (além do tempo de percurso, cerca de 60 km diários) e sem deixar de lado a militância religiosa-política-cultural, na graduação busquei compreender as práticas educativas e os engendramentos sociopolíticos aos quais estão inseridas, com base em autores como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Dermeval Saviani, Bárbara Freitag, Pedro Demo, dentre tantos que marcaram meu pensamento e compreensão do campo educacional à época.

Através das diversas leituras e discussões nas aulas e outras atividades, compreendi as mudanças e permanências desencadeadas pelas políticas educacionais vigentes e emergentes, sobretudo com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) frente aos contextos e demandas sociais pelo direito a uma educação pública, tendo em vista a promoção de uma educação pública, gratuita e “de qualidade”² (termo muito utilizado à época), previsto na recém-criada Constituição de 1988. A graduação foi, para mim, uma oportunidade marcante que me fez compreender e me comprometer com a realização de uma educação pública democrática que proporcionasse aos estudantes a inclusão e a igualdade de oportunidades possibilitada por meio da aprendizagem de conhecimentos (realização de currículos) definidos-engendrados coletivamente, conhecimentos necessários à compreensão do mundo e à participação crítica e ativa na sociedade. Nessa perspectiva estava em cena, na época, a discussão sobre a promoção de uma educação contextualizada/relacionada com a vida e os interesses/desejos dos estudantes, sobretudo para aqueles das classes populares, excluídas do direito à educação e que têm na escola pública uma possibilidade de inserção sócio-econômica-cultural.

Também foi na graduação que iniciei minha relação/inserção no mundo da pesquisa e produção de conhecimentos no campo educacional. Com a produção da monografia “A língua falada e a escola: uma visão crítica”, experimentei minha primeira pesquisa cujos dados foram produzidos através de entrevistas com estudantes (crianças) e professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, um estudo e escrita que contribuiu bastante para me aproximar das discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, possibilitando-me compreender os equívocos de um ensino normativo-gramaticista que não desenvolve, e até inibe/oprime, a expressão dos

² Nessa seção introdutória, optei por usar, entre aspas, terminologias que, na época, circulavam/eram utilizadas nas concepções político-pedagógicas em que os fatos narrados ocorreram, possibilitando ao leitor uma maior imersão no contexto e nas ideias que povoavam nossos pensamentos na escola e a mim mesmo uma recuperação e registro das memórias sobre as concepções que me atravessavam.

alunos, mesmo a oral, marcada pelos mais diversos preconceitos linguísticos e pela repressão às expressões fora do padrão, dito, culto. Leituras sobre letramento e ensino de língua portuguesa com autores como Magda Soares, Celso Pedro Luft, Sírio Possenti, Emília Ferreiro, Paulo Freire, entre outros, contribuíram significativamente para minha formação.

Contudo, a formação em Pedagogia me habilitava apenas para as matérias pedagógicas do Magistério onde atuei por um curto período, já que foi extinto pouco tempo depois da graduação. Por extensão, o curso de Pedagogia me “preparou” para, também, lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas eu havia deixado essa modalidade educacional durante a graduação em virtude da necessidade de trabalhar à noite para ter o turno matutino disponível ao curso. Tal fato coincidiu com a municipalização das escolas que integravam a rede estadual de educação (à época) nessa etapa educacional, passando para a responsabilidade do município, fato que me impediu de voltar a lecionar no ensino fundamental.

1.3 Da graduação às práticas nos cotidianos de uma escola pública

Assim, a formação em nível superior contribuiu para compreender o processo educativo de um modo geral, mas a prática educativa mais específica foi um desafiador processo de aprendizagem e de construção submetida à deriva das necessidades da escola de Ensino Médio onde passei a trabalhar. Considerando, ainda, minha condição de “professor novato”, sem poder escolher disciplinas em que minha formação e experiências eram afins, tive que atuar como “professor malabarista”, buscando me equilibrar constantemente nas mais diversas disciplinas que sobravam dos professores com maior tempo de atuação na escola. Fui obrigado a perambular por um caleidoscópio de disciplinas e de atividades que me exigiu constante metamorfose e readaptação, experimentando *apropriações* (CERTEAU, 2012) de novos e diversos conhecimentos e a busca movente e permanente da recriação de minhas práticas.

Esse processo de constante mutação, contudo, não criou em mim um espírito inseguro, desanimado, revoltado e desiludido com a profissão, como observei em muitos colegas professores ao longo das experiências vividas, mesmo entendendo que constantes mudanças provocam instabilidades negativas e são fruto das dificuldades produzidas por uma gestão incipiente e descomprometida da educação pública, responsável pelas precárias condições de trabalho que perduram em grande medida até a atualidade. Mas foi, certamente, por estar aberto e disponível a encarar novidades/desafios que me aventurei na realização de algumas atividades fora do espaço disciplinar, da sala de aula, inclusive experimentando o trabalho com música na

realização de eventos escolares como os seminários, a festa junina e, especialmente, a organização de shows de calouros, possibilitando iniciar minha experiência com a disciplina de Artes, mesmo sem formação na área, apenas com um pouco de interesse/afinidade e de habilidade na modalidade musical.

No conjunto dos acontecimentos que influenciaram a minha formação profissional, destaco, também, minha experiência como gestor no Colégio Estadual Aristides Cedraz de Oliveira (CEACO) em uma fase mais recente da escola que começou com a construção do seu novo prédio³ (2007), bem diferente da estrutura precária que utilizávamos no prédio anterior, com espaços novos e diversificados, a exemplo de laboratório de informática, biblioteca, sala de vídeo etc., dispondo de mobiliário e equipamentos novos.

Ao assumir a gestão do CEACO, enveredei pela tentativa e desafio de “organizar” uma “escola pública democrática”, por meio de ações coerentes com as reflexões e concepções “teórico-práticas” que me marcavam à época, e com as convicções e utopias elaboradas ao longo da minha formação até aquele momento: da universidade aos movimentos sociais, passando por uma atuação docente nos cotidianos de escolas públicas em busca da realização de atividades que possibilitassem aos jovens, no Ensino Médio, uma formação que fizesse sentido para suas vidas, conectada com os seus desejos e com o universo cultural vivido por eles, favorecendo a compreensão e atuação crítica e criativa no mundo.

Esse desafio mobilizou a mim e a outros colegas mais engajados a buscar oportunidades de formação que nos ajudassem a repensar e animar nossas práticas educativas em uma escola que atendia jovens de todas as localidades do município, sendo que a metade deles eram residentes na área rural. Começamos a procurar oportunidades de formação continuada junto ao Ministério da Educação (MEC) e à Secretaria de Educação da Bahia, especialmente cursos sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação (TIC), de mídias, linguagens e ferramentas digitais, que reanimassem nossas práticas aproveitando os recursos tecnológicos ora disponíveis na escola (computadores, projetor, câmeras etc.).

De maneira especial, estávamos muito influenciados pelas políticas e discussões sobre a inserção de tecnologias nas escolas públicas enquanto necessidade para melhorar as precárias condições materiais em que elas se encontravam (e ainda se encontram, especialmente quando se trata de recursos humanos, apesar de notarmos mudanças muito fortes nos investimentos em infraestrutura e condições materiais na Rede Estadual de Educação da Bahia). Afetados por

³ A escola foi criada em abril de 2000 e funcionou até 2006 no precário prédio do Centro Educacional Cenequista Aristides Cedraz de Oliveira, primeira escola Ginásial e de 2º Grau do município, fundada em 1962 pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC).

discussões sobre a adequação da escola ao mundo contemporâneo, mas também pelo fascínio/fetice dos novos aparatos tecnológicos apresentados como panaceia para os problemas enfrentados, resultado das *estratégias* (CERTEAU, 2012) econômicas capitalistas e seu interesse lucrativo que impactavam as escolas públicas. Contudo, víamos nessa discussão a possibilidade de diversificar nossas práticas educativas e de, ao mesmo tempo, promover a “inclusão digital” (expressão da moda), o acesso a dispositivos tecnológicos que, na época, poucos jovens tinham em casa.

Como parte desse processo procuramos reorganizar a escola, melhorando planejamento das nossas ações através da “construção participativa” do Projeto Político-Pedagógico que introduziu novas ações, práticas e perspectivas para o trabalho educativo na escola, com a revitalização de projetos em andamento, como a “Semana do Estudante” e a criação de novos, a exemplo do “Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem”, em que alunos utilizam as TIC para produzir informações e imagens sobre os cotidianos da escola e seus acontecimentos.

1.4 Enveredando pelas trilhas e bifurcações do mundo acadêmico

Esse novo momento profissional e formativo impulsionou-me, ainda, a retornar os estudos acadêmicos com ingresso (em 2010) na “Especialização em Educação à Distância”, promovida pela UNEB, Campus XIV – Conceição do Coité, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). A escolha do curso ocorreu por ser a oportunidade de formação mais próxima dos meus interesses e das minhas possibilidades de tempo ou de acesso na época, tanto pela temática do uso de tecnologias e mídias na educação, quanto pela falta de opções de curso de pós-graduação em universidades públicas na região, pois sequer eu conhecia, procurava ou acreditava na possibilidade de ingressar em cursos de pós-graduação em lugares mais distantes de onde vivo/trabalho.

Ao percorrer a rede hipertextual e hipermediática de conceitos, atividades, ferramentas e processos tecnológicos, disponibilizada pela especialização, pude me aproximar, ainda mais, das discussões sobre as relações entre educação, mídias, processos tecnológicos e processos de formação/subjetivação. O curso possibilitou pensar sobre as potencialidades e limitações que as mídias e dispositivos digitais podem oferecer na realização das práticas educativas, na construção de *saberesconhecimentos*, na criação/autoria, na interação e no compartilhamento de conteúdos, informações, sons e imagens, influenciando no surgimento de novas *ecologias cognitivas* (LEVY, 2010), novas maneiras de aprender-pensar-sentir-agir-criar no mundo.

Novos conceitos e percepções foram desencadeados em leituras de autores como Pierre Lévy, Alex Primo, Marco Silva, José Manuel Moran, Edméa Santos, Lynn Alves, dentre outros.

A experiência vivida na especialização possibilitou a reconfiguração de concepções sobre a prática educativa na contemporaneidade, bem como recolocou-me nas trilhas acadêmicas da pesquisa e produção de conhecimentos com a escrita da monografia “A educação à distância e a democratização do acesso à formação superior no município de Ichu: mediação pedagógica”. Esse trabalho me proporcionou uma intensa experiência de pesquisa, apostando metodologicamente na realização de entrevistas semiabertas com professores da rede municipal graduandos em cursos de educação à distância, enquanto interlocutores da pesquisa-produção de conhecimentos sobre a temática.

Fortaleceu em mim a convicção sobre a potência da realização de pesquisas a partir da interlocução com estudantes, iniciada com a pesquisa e a monografia na graduação, na produção de conhecimentos realizada a partir da perspectiva dos destinatários da ação pedagógica e não dos que a promovem. Outra questão que foi se delineando e compondo minha identidade de pesquisador, nesse momento, é a preferência pelas pesquisas qualitativas e a aposta nas narrativas de “sujeitos comuns”, suas diferentes percepções e expressões sobre a vida cotidiana, em vez da costumeira generalização/redução da complexidade e representação de uma realidade específica como “a realidade”.

Contudo, talvez a maior contribuição da experiência com a especialização tenha sido o impulso que me recolocou em movimento no mundo acadêmico, na perspectiva da produção de conhecimentos, em vez da minha condição anterior de mero leitor de textos, em busca de compreender minhas práticas inspirado no olhar/pensamento de outros pesquisadores. Daí, essa experiência formativa lançou-me a outros movimentos, a outros percursos pelos fios das redes de pensamentos e *saberesconhecimentos* em educação, tecnologias e mídias, possibilitando descobrir e participar de eventos como o “VI Seminário Internacional: as redes educativas e as tecnologias” (no Rio de Janeiro, 2011), onde me deparei com novas maneiras de compreender a educação e os *usos* (CERTEAU, 2012) das tecnologias nos *cotidianos escolares*, mas também produzir textos sobre as *práticas* realizadas nos *cotidianos* da escola, a exemplo do artigo publicado e apresentado nesse evento, sobre as experiências de uso de tecnologias no Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem, desenvolvido no CEACO.

Embalado pelo impulso da especialização e pela participação no “Redes”⁴, evento que articula redes de pesquisadores sobre *práticas e currículo nos cotidianos*, continuei em busca

⁴ Como é conhecido o citado “Seminário Internacional: as redes educativas e as tecnologias” promovido, a cada dois anos, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

de formação pela pesquisa na tentativa de investigar melhor sobre a utilização de tecnologias e mídias nos cotidianos da escola em que trabalho, ingressando no Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na linha “Culturas, Formação e Práticas Pedagógicas”. Logo de início, me dei conta de que minhas concepções sobre a utilização das tecnologias na educação estavam muito centradas no campo didático, no uso de artefatos para dinamizar/facilitar a aprendizagem dos conhecimentos disciplinares, “aproveitando” do fato das inovações tecnológicas tanto atraírem aos jovens. Comecei a enxergar as tecnologias como processo humano, como dispositivos que compõem nossas práticas de educadores e estudantes, modificando nossa forma de ser-estar-agir-pensar-compreender-criar no mundo, mas sem o caráter quase mítico a ela associado por interesses econômicos e políticos, que as coloca como condição redentora ou panaceia dos problemas humanos, dentre eles a salvação da educação pública, garantindo “meios mais dinâmicos” e diversos de socialização/aprendizagem de conhecimentos científicos.

A pesquisa-dissertação intitulada “Construção de conhecimentos e currículos in-ventados com as mídias nos cotidianos de uma escola pública de Ensino Médio” (ALMEIDA, 2014), me possibilitou trilhar por reflexões teórico-epistemológicas e pedagógicas que me permitiram perceber os *usos* das TIC na educação como dispositivos, mídias e linguagens que potencializam a arte e a criação engendradas nas *práticas* coletivas nos/dos/com os *cotidianos escolares: espaçostempos* de experimentação, de negociação-compartilhamento-produção de sentidos, de criação de pensamentos, de *saberesconhecimentos*, poderes, subjetividades etc., implicando na produção da *diferença* (DELEUZE, 2006) e *singularização* que caracterizam uma *invenção* (CERTEAU, 2012) constante das *práticas* e do currículo. Nesse processo, marcou-me a leitura de autores de outros países como Michel de Certeau, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Stuart Hall, entre outros, e de estudiosos brasileiros de currículo e cotidianos como Tomaz Tadeu, Veiga-Neto, Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferrazo, Inês Barbosa Oliveira, Janete Carvalho, etc., bem como em relação às metodologias de pesquisa pós-modernas com as reflexões propostas por Virgínia Kastrup, Eduardo Passos, Maria de Bastiani Lange e pelo trabalho do cineasta Eduardo Coutinho.

A experiência formativa vivida com os processos de pesquisa e escrita da dissertação, na interlocução com os conceitos/autores escolhidos e com o grupo de estudantes convidados a participar como interlocutores, serviram para consolidar minha opção de investigação, no campo educacional, das *práticas educativas* no Ensino Médio, afirmando a perspectiva da produção de conhecimentos em coautoria com estudantes e a mobilização de sua expressão

através de oficinas de criação de vídeos e de conversação sobre o que acontece nos *cotidianos* de escolas públicas e na *realizaçãocriação* do currículo escolar.

1.5 Novos horizontes de pesquisa-formação e práticas em devir

A experiência do mestrado apontou-me trilhas, fios da imensa rede de conhecimentos que se entrelaçam pelo Brasil a *dentrofora* e que se entrecruzam nos mais diversos eventos científicos-culturais, os quais passei a conhecer e participar produzindo, publicando e apresentando trabalhos a partir das pesquisas realizadas na especialização e no mestrado, tecendo rizomaticamente minha formação acadêmica em interlocução com as mais diversas temáticas, perspectivas epistemológicas e metodológicas de pesquisas do campo educacional brasileiro.

Dentre os vários eventos que participei e provocaram afetações marcantes em meu processo de autocriação enquanto professor-pesquisador destaco as duas edições do “Seminário Internacional: as Redes Educativas e as Tecnologias”, o “VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica: modos de viver, narrar e guardar”, o “4º Colóquio de Pesquisas em Educação e Mídia”, o “6º Seminário Brasileiro/3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação” e o “VI Seminário Conexões Deleuze e Máquinas e Devires e? e...” e a “36ª Reunião Nacional da ANPED”, evento que marcou bastante, especialmente com minha participação (como ouvinte) no minicurso “As pesquisas nos/dos/com os cotidianos e os currículos *pensadospraticados*” com Carlos Eduardo Ferraço e Janete Carvalho.

Além disso, as vivências e experimentações realizadas no grupo de pesquisa “TRACE”, no Programa de Pós-graduação em Educação (UEFS), foram delineando novos caminhos e possibilidades de pesquisas. Reuniões, estudos, encontros, rodas de conversa com artistas e pesquisadores, intervenções artísticas, oficinas, produções de imagens (fotografias e vídeos) e realização de eventos relacionados às pesquisas do grupo possibilitaram enveredar por diferentes perspectivas epistemológicas e processos de pesquisa e de produção de conhecimentos no campo da Educação e Arte, com a produção e utilização de imagens em pesquisas, com a produção e consumo artístico-cultural de coletivos juvenis, bem como experiências com oficinas de produção de imagens envolvendo estudantes do Ensino Médio no CEACO, a exemplo das que realizamos na pesquisa “Cidades (des)enquadradas em imagens” (ALMEIDA, 2015).

Essa movimentação *praticateórica* realizada no coletivo do grupo de pesquisa impulsionou-me a compreender e a caminhar por outros modos de *realizarpensar* pesquisas,

educação, currículos, *saberesconhecimentos*, arte e culturas juvenis, mergulhando no fluxo das cenas de produção e consumo artístico-cultural de coletivos de jovens da periferia de Feira de Santana, bem como apostando nas astúcias e invenções de jovens-estudantes do Ensino Médio, na escola onde atuo, uma continuidade do movimento criativo e investigativo iniciado com a pesquisa de mestrado, resultando também em publicações de artigos em revistas e capítulos de livros com essas temáticas.

Com a formação no mestrado, minha atuação profissional no CEACO (como professor e vice-diretor) foi revigorada, animada e ainda mais direcionada para a potência das práticas criativas com jovens nos cotidianos da escola, passando a dar mais atenção e apostar mais na realização de oficinas e atividades de criação em projetos artísticos, especialmente com a apreciação e criação de vídeos e músicas. Mantendo o vínculo acadêmico de formação e pesquisa, na escola também participei de cursos de formação continuada que fortaleceram, ainda mais, meus modos de ser professor, fazendo *usos* das potencialidades das tecnologias e mídias em processos criativos nos cotidianos da escola.

Além das atividades de produção de imagens e informações realizadas com o “Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem”, ganhou ênfase em minhas práticas na escola a realização de oficinas de criação nos Projetos Artísticos “Festival Anual da Canção Estudantil” (FACE), “Tempo de Artes Literária” (TAL), “Artes Visuais Estudantis” (AVE) e, nos últimos anos, o “Produção de Vídeos Estudantis” (PROVE), projetos de iniciativa da Secretaria de Educação da Bahia que começamos a realizar na escola a partir de 2009, além da “Banda CACOS do Forró”, formada por estudantes com habilidades na arte musical, a partir das experiências com o FACE.

De um modo geral, mesmo no trabalho disciplinar em sala de aula, desloquei a atenção para as *práticas e usos* que resultam em *criações* (CERTEAU, 2012) expressivas que fazem mais sentido para a vida dos estudantes, proporcionando a *apropriação* de conhecimentos por meio de práticas cotidianas de criação de obras de arte, textos ou expressões a serem fruídos/apreciados socialmente, pelas demais pessoas da escola e da comunidade, em vez de atividades disciplinares de aprendizagem de conhecimentos a serem avaliados pelo professor.

Entrelaçando atuação profissional e experiências de pesquisa, continuei buscando novas possibilidades de formação acadêmica fazendo disciplinas como aluno especial em programas de pós-graduação oferecidos na Bahia, imaginando possíveis temas para uma pesquisa de doutorado que se materializou com o ingresso no Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”, vinculado ao “Projeto Culturas

Juvenis e Vidas Bonitas nas Escolas: ensino da Arte, Cultura Visual e Cotidiano”, onde se desenvolveu uma nova experiência formativa e de produção de conhecimentos que resultou neste trabalho.

1.6 Trama-invenção de um tema de pesquisa nos/dos/com os cotidianos

Fazer esse (sempre) superficial delineamento do mapa das minhas trajetórias e bifurcações (pessoal, política, profissional, acadêmica e...) considero necessário para situar-me na pesquisa e/ou situá-la em meus percursos, possibilitando a compreensão dos processos e das escolhas que conduziram à construção de uma temática de investigação realizada em meio ao corolário de experiências, leituras, pensamentos, concepções, crenças, práticas e modos de existência que vamos realizando e incorporando na complexa e deliciosa tarefa de “se tornar a si mesmo”, em termos nietzschianos (NIETZSCHE, 1992), “mestre de si mesmo pouco a pouco e só chegar a esse tornar-se com a paciência de construir, durante longos anos, sua própria escultura” (DIAS, 2011, p. 102).

Puxar e entrelaçar alguns fios das experiências vividas tecendo um novo tema (tecido) de pesquisa que nos abrigue identitariamente por tanto tempo quanto dure o interminável fluxo das práticas/pensamentos (águas) no corpo (rio) que somos, sempre em trânsito/passagem e que implicam em novos e imprevisíveis cursos-devires, que nos tornem sempre outros sem o temor de perdermo-nos, é uma tarefa difícil e dolorosa que nos exige abertura, desconstrução e autocriação frente ao estranho, uma produção artística e estética que integra o “movimento de interpretação da vida [...] que nos retira da conformidade com o familiar, abrindo espaço para uma alteridade antes desconhecida” (HERMANN, 2010, p. 123-124).

Definir um tema de pesquisa é também uma escolha de caminhos a serem trilhados e experiências a serem vividas não somente no ato de pesquisar, mas no que este ato marcará nosso corpo e nossas práticas pessoais, políticas, acadêmicas e profissionais num presente-futuro emergente. Implica envolvimento e desejo por um conhecimento e modos de existência novos que afetarão a vida do pesquisador muito mais que a de todos os que possam acessar ao conhecimento produzido. Assim, nossas construções temáticas e metodológicas de pesquisa são sempre uma criação, uma poética que entrelaça o que somos/sabemos ao desejo/impulso de nos lançarmos ao abismo do não-saber e do não-ser mais o mesmo, do incômodo frente ao irreconhecido, ao estranho, à alteridade que nos desterritorializa e abala nossas crenças, saberes, práticas e formas de ser no mundo, uma perambulação quase errante rumo à construção de

outros conhecimentos e modos de existência, que não significam o abandono total do que éramos, mesmo que em alguns momentos nos sintamos totalmente desterrados/soterrados por solos pantanosos nos quais pisamos e nos sentimos estrangeiros ou mesmo destroçados em meio aos escombros das nossas construções anteriores ora destruídas.

Dessa maneira, considerando as minhas experiências pessoais, profissionais e acadêmicas vividas, especialmente enquanto professor de uma escola pública de Ensino Médio, lugar onde atuo há mais de duas décadas, tendo em conta, especialmente, as experiências com oficinas de criação artística e com a produção de imagens e informações com jovens/estudantes nos cotidianos da escola (a partir de 2009), escolhemos como tema desta pesquisa *as produções e performances artísticas de jovens/estudantes e seus efeitos na produção de seus corpos/subjetividades bem como na diferenciação/singularização dos cotidianos e do currículo de uma escola pública de Ensino Médio*.

Com o título **Imagens, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública**, este trabalho significou a possibilidade de questionar, refletir e compreender melhor sobre algumas experiências vividas que marcaram os cotidianos do Colégio Estadual Aristides Cedraz de Oliveira, escola pública de Ensino Médio, em uma pequena cidade (Ichu) do sertão baiano – quase condenada à invisibilidade.

Como perspectiva, parto da compreensão dos *cotidianos* escolares como uma multiplicidade inapreensível e rebelde que extravasa as tentativas de enquadramento e determinações das *estratégias* políticas dominantes de governabilidade e de prescrição curricular, entendendo esses *cotidianos* como uma produção estética permeada de *invenções* (CERTEAU, 20012) engendradas por meio de *táticas realizasdapensadas* entre estudantes e professores em suas *práticas e performances* em oficinas/atividades de criação artística-estética.

Envolvido em todo o processo, das oficinas aos momentos de apresentação/fruição das obras de arte, cresceu em mim o desejo de investigar o que os estudantes participantes pensam e têm a dizer dessas experiências vividas ao longo de seus três anos de Ensino Médio na escola, como elas afetam e interferem a formação de seus corpos/subjetividades, como visualizam essas experiências, como se veem a partir delas e como visualizam a escola com/sem elas, quais sentidos a elas atribuem e como as consideram no conjunto das experiências formativas que a escola lhes proporciona e se essas atividades instauram alguma diferença e singularidade nos cotidianos da escola e em seu currículo. Assim, a pesquisa significa a materialização do desejo de criar um processo coletivo de reflexão e produção de conhecimentos, com a participação de um grupo de estudantes envolvidos nessas experiências de criação nos Projetos Artísticos-

Culturais⁵ realizados na escola, tendo como ponto de partida a realização de oficinas de apreciação das imagens produzidas⁶ durante essas atividades e como resultando a produção de vídeos tratando dessas experiências.

Assim, a pesquisa é uma aposta na potência que as imagens-sons têm de impulsionar, agitar e fazer fluir memórias, afetos, sentimentos, pensamentos, conversas e sentidos sobre o envolvimento dos estudantes nos *espaçostempos* de criação e de performances artísticas experimentados na escola. Imagens-sons nos/dos/com os cotidianos da escola que desencadearam produções audiovisuais que possibilitaram que as experiências fossem revistas, reescutadas, repensadas e expressas. Em síntese, com a pesquisa buscamos reviver as oficinas de criação artística por meio de (novas) oficinas de criação audiovisual, em que as imagens e sons das experiências vividas puderam ganhar nova vida no presente, novos significados, hibridizando-se na composição de um imaginário coletivo, produzido por um grupo de estudantes, sobre suas práticas de criação na escola.

De um modo geral, o objetivo da pesquisa foi cartografar as *práticas*, processos e experiências vividas entre estudantes, professores e demais envolvidos na realização de projetos-oficinas de fruição e criação artística-estética nos cotidianos de uma escola pública de Ensino Médio, suas conexões-fluxos-afetações *dentrofora* da escola, bem como as visualidades que compõem um imaginário coletivo dos envolvidos em tais experiências, focalizando possíveis *táticas*, transgressões e processos de diferenciação e singularização dos seus *cotidianos* e seus currículos.

Mais especificamente, desejamos (i) cartografar e descrever práticas de produção e fruição artística-estética realizadas por/com estudantes nos cotidianos da escola, bem como os significados e possíveis influências/marcas em suas vidas, na formação de seus corpos, expressas por um grupo de estudantes envolvidos e convidados a criarem vídeos utilizando imagens produzidas no *Projeto de Comunicação*⁷ e/ou por eles em arquivos e/ou páginas pessoais nas redes sociodigitais; (ii) criar um espaço digital (site, canal no YouTube e acervo no Google Fotos), com a colaboração dos estudantes-interlocutores da pesquisa, para disponibilizar e publicar as imagens, sons, textos e outros materiais produzidos nas/sobre as

⁵ Projetos Artísticos-Culturais propostos pela Secretaria de Educação da Bahia e realizados na escola há aproximadamente uma década, como o Projeto Artes Visuais Estudantis, Festival Anual da Canção Estudantil, Tempos de Arte Literária, Educação Patrimonial e Artística e Festival de Vídeos Estudantis, entre outros.

⁶ A escola dispõe de um grande acervo de fotografias digitais produzidas por estudantes do 2º ano do Ensino Médio no *Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem* em que realizam a produção de informações e imagens sobre os acontecimentos da escola, usando mídias como: programas radiofônicos no intervalo, boletim impresso e manutenção de um blog e páginas no *Facebook* e, mais recentemente, no *Instagram*.

⁷ Maneira como é conhecido o *Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem* no CEACO.

oficinas de criação e eventos (festivais, saraus, exposições) de fruição coletiva das produções artísticas realizadas, bem como nas oficinas da pesquisa; (iii) discutir sobre as maneiras como as imagens podem afetar os estudantes e produzir visibilidades sobre seus corpos, suas criações e performances, provocando a criação de sentidos e de um imaginário coletivo das experiências vividas nos *cotidianos* da escola, produzindo imagens de si e das *diferentes escolas que coexistem em uma mesma escola* pública (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017); (iv) compreender se/como as *práticas* e experiências de criação são permeadas de *táticas de apropriação e bricolagem* (CERTEAU, 2012), de negociações e produção de sentidos que podem constituir processos de diferenciação, singularização e *criação* nos/dos cotidianos e de currículos *praticadospendados* (OLIVEIRA, 2012) na escola, questionando como esses currículos se relacionam com os interesses/desejos e a vida dos jovens.

1 CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E A CRIAÇÃO DE UMA PESQUISA

A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia... Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido [sic].

Carolina de Jesus⁸

Enfrentar uma pesquisa de doutorado como a realização de uma caminhada importante, mas encarando-a como mais um dos intermináveis percursos que realizamos em nossa perambulação pelo mundo, em que avançamos (e também retrocedemos) passo-a-passo, indo adiante pouco a pouco sem certezas fixas, com a paciência e a lentidão necessárias a saborear cada experiência, sentindo o corpo nela imerso e as afetações nele provocadas, com olhos, ouvidos, tato, olfato e paladar abertos, sensores aguçados em busca de tudo que possa surgir inesperadamente a cada instante e compor nossa compreensão em uma investigação nos/dos/com os cotidianos vividos e perscrutados... eis o desejo e intento dessa experiência.

Caminhada que necessitamos realizar a passos lentos, tateantes, despreocupados, relaxados das tensões, mas atentos e determinados na busca de perceber os solos onde pisamos, em sentir os ares que inspiramos, em olhar para além das imagens-mundo que nos cercam e tentam fixar certas visualidades ou representações instituídas como realidade, em escutar os sons-vibrações da vida que pulsa ao nosso redor. Escutar mesmo quando esses sons são sobrepostos pelo intenso barulho de uma sociedade imponente. Captar ideias e pensamentos que surgem e fluem em cada acontecimento e experiência. Apostar em um devir poético tecido em inumeráveis, em irrepetíveis, incontroláveis e, muitas vezes, invisíveis (invisibilizadas) criações, realizadas pelas mais diferentes pessoas nos cotidianos, especialmente por aquelas

⁸ Um dia, por acaso, Carolina atravessou meu caminho, ouvi falar vagamente de uma mulher preta favelada que ousou escrever e desafiar as lógicas excludentes de seu tempo... achei fantástico, mas esqueci. Pouco tempo depois, “me bato” com ela logo que subi o primeiro vão de escadas da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Era uma exposição bem “artesanal” feita por estudantes de graduação com fotocópias de imagens dela e fragmentos de textos, retirados de livros e jornais... sua presença me afetou marcadamente, agora em imagens e textos... comentei com colegas e ela adormeceu em meu coração. Pouco tempo depois, olha ela de novo se intrometendo de vez em meu caminho! Sua obra “O quarto de despejo: diário de uma favelada” aparece em uma lista de leitura da disciplina “Produção do Conhecimento em Educação”, no Doutorado em Educação, na UERJ, junto com o desafio de escrever texto sobre a produção de conhecimentos em outros modos, ou “sem modos”, escapando dos postulados da ciência moderna. Seu olhar assertivo me flechou de vez! Comprei e li o livro, em sua companhia escrevi um artigo ainda não publicado, apenas apresentado no Encontro Regional da ANPED-Sudeste. Mas não importa, não precisamos publicizar esta relação. O importante é que agora ela mora em mim e continua a se intrometer onde e quando quiser, sem pedir licença. Quis entrar aqui nesse texto dando seus pitacos, “sem dar satisfação”, como sempre fazia nas ruas do centro de São Paulo. Sua intromissão é sempre bem-vinda, Carolina! Me alerte sempre, para que meu corpo esteja aberto aos ruídos dos cotidianos, dos que aí produzem sem (pretender) ser notados. Eles querem nos dizer muitas coisas, mas geralmente “não temos ouvidos”, somos surdos a sua gritaria. Quero me livrar dessa surdez, dessa indiferença, dessa ignorância com os menores, ou melhor, com os menosprezados da sociedade.

ditas *consumidoras* de uma produção sociocultural, como nos alerta Certeau (2012), uma multidão cujo olho não consegue captar mais que sua paisagem, cuja produção não *marca um lugar, um próprio*, algo para “chamar de seu”.

Assim, após apresentar alguns traços das experiências pessoais, profissionais, acadêmicas e políticas que marcaram a formação do corpo que me tornei até então, bem como dos fluxos de pensamento que desembocaram nesta pesquisa de doutorado, creio ser necessário situar quais pensamentos/concepções/epistemologias me inspiraram e atravessaram o modo como imaginei a realização da pesquisa e a composição desta tese. Não acreditando que existam certezas fixas e desejando estar aberto a maneiras de *realizarpensar* ciência-pesquisa que não se encaixem em gavetas ou enquadramentos epistemológicos ou metodológicos estabelecidos, esta pesquisa foi marcada pelas epistemologias “pós”: *pós-modernistas* ou *pós-estruturalistas* como destacou Sandra Corazza (2002) em seus “labirintos pós”, *pós-qualitativas* nos termos que Elizabeth St. Pierre (2018) nos apresenta, e *pós-colonialistas/decolonialistas* como alerta Boaventura de Souza Santos (2002), Frantz Fanon (2004, 2008), Nelson Maldonado-Torres (2018) e Oyèronké Oyěwùmí (2017), só para citar alguns exemplos dos inumeráveis autores que marcam o pensamento contemporâneo não apenas sobre ciência e produção de conhecimentos, mas sobre as possibilidades de realizar o mundo.

1.1 Caminhos labirínticos de uma pesquisa “pós”

De maneira geral, a inspiração nos “pós” não significa uma contraposição em busca da superação dos postulados modernos de ciência no sentido de negação dos conhecimentos produzidos a partir deles, do seu poder e potência no mundo contemporâneo, assim como não significa que desejamos a criação de conhecimentos “mais verdadeiros” que aqueles, e sim encampar uma empreitada por outros modos de produção que possibilitem a reflexão e a desconstrução da autoproclamada supremacia dos conhecimentos científicos frente aos variados *saberesconhecimentos* incessantemente produzidos no mundo, pelas mais diversas pessoas.

Nesse sentido, é necessário lembrar que o processo de exploração e dominação europeia engendrado a partir do chamado “Mercantilismo” foi/é um projeto político-econômico-cultural realizado através da produção e disseminação de um imaginário sustentado na invenção iluminista das ciências modernas, projeto que promoveu os processos de colonização predatória ao redor do mundo, subjogando, escravizando e explorando diversos povos, invadindo suas terras e saqueando suas riquezas naturais no hemisfério sul, especialmente nos continentes

Africano e “Americano” (denominação europeia), atingindo seu ápice com a “Revolução Industrial”, resultando na imposição da supremacia branca-patriarcal-cristã-católica-ocidental pelo mundo.

Assim, a produção de conhecimentos intitulados de científicos, criados através da invenção de métodos “rigorosos” que assegurassem a objetividade e neutralidade constituíram e continuam a ser o motor da organização e do desenvolvimento das chamadas modernas sociedades capitalistas ocidentais. Sua organização sociopolítica e econômica articula-se e está ancorada na produção de um aparato cultural, conceitual, ideológico, filosófico, religioso, tecnológico etc., que se desenvolve e se impõe através da produção do, automeado, “conhecimento científico”: um tipo de conhecimento produzido por uma pequena casta de sujeitos que dominam a linguagem escrita e a filosofia e engendram um minucioso controle metodológico visando criar conhecimentos pretensamente neutros, verdadeiros e legitimados como superiores aos demais conhecimentos produzidos difusamente por todo e qualquer tipo de pessoa em suas experiências e atividades cotidianas. Ao pôr em avesso as “artes da teoria” Certeau (2012) também nos alertou sobre os processos de produção e canonização do saber científico, sobre as estratégias empreendidas/adotadas pelos pesquisadores para legitimar uma produção que não é própria, mas que se impõe como tal.

Esses “observadores” se fazem colecionadores, descritores, analistas. Mas embora reconhecendo ali um saber que precede os eruditos, procuram destacá-lo de sua linguagem “imprópria”, inverter em discurso próprio a expressão errônea das “maravilhas” que já estão presentes nos inúmeros tipos de saber-fazer cotidianos. Todas essas Gatas Borracheiras, a ciência há de transformá-las em princesas. O princípio de uma operação etnológica sobre essas práticas já se acha então posto: o seu *isolamento social* pede uma espécie de “educação”, que graças a *inversão linguística*, vai introduzi-las no campo da escritura científica. (CERTEAU, 2012, p. 130)

Dessa maneira, um modo de pensamento, de desenvolvimento e organização política, econômica e cultural forjado no Ocidente, mais precisamente na Europa, disseminou-se e impôs-se pelo mundo afora como racionalidade universal, única verdadeira e civilizada, contraditória, mas, “compreensível” enquanto estratégia colonialista, aliada a métodos violentos e genocidas pelos quais chegaram a dizimar povos e culturas dos continentes africano e ameríndio, durante a colonização que no continente africano durou oficialmente até o Século XX. Contudo, vale salientar que a imposição do *modus operandi* colonialista ocidental permanece no período seguinte de desenvolvimento das modernas sociedades capitalistas até a atualidade.

O processo que Boaventura de Souza Santos (2002) chama de *razão indolente* fez com que outros saberes, não científicos, não filosóficos, e, sobretudo, os saberes não ocidentais fossem desconsiderados, desvalorizados, desqualificados, instituindo a superioridade do conhecimento científico moderno, eurocêntrico. Espinha dorsal da *razão indolente* (SANTOS, 2002, p. 242), o pensamento científico ocidental se disseminou e cravou suas raízes pelo mundo afora como uma *razão metonímica*, em sua incessante estratégia de estabelecer-se como “totalidade inteligível”, afirmando-se como “uma razão exaustiva, exclusiva e completa, muito embora seja apenas uma das lógicas de racionalidade que existem no mundo”, pensamento que não admite “que a compreensão do mundo é muito mais do que a compreensão ocidental do mundo”.

Assim, a *razão metonímica* estabeleceu uma “monocultura e rigor do saber” que “consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética” (SANTOS, 2002, p. 247). E aquilo que não é legitimado ou reconhecido por tal razão é declarado inexistente, considerando-o como ignorância ou incultura. Seguindo essa mesma lógica, a *razão metonímica* produz uma “monocultura do tempo linear, a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos” (SANTOS, 2002, p. 247), estabelecendo as ideias de progresso, revolução, desenvolvimento, crescimento, modernização, globalização. Povos que não pautam sua organização política, econômica e sociocultural nesta lógica são, não desinteressadamente, declarados como atrasados em relação à “avançada” cultura moderna eurocêntrica. Assim, se apagam ou se invisibilizam outras existências, diferentes da forma/fórmula existencial política-capitalista-científica instituída pelas sociedades imperiais modernas, colonizadoras, eurocentradas e norteamericanizadas.

Nesse intento, as ciências modernas procuram se afastar das linguagens ficcionais, das criações artísticas em suas diversas formas (literária, cênicas, musical, visuais, cinematográfica etc.) e da linguagem coloquial usada pelos sujeitos ordinários em suas vidas cotidianas, bem como da farta produção de imagens (fotografias/vídeos) que estes realizam e publicam diariamente na atualidade, utilizando-se de dispositivos digitais móveis de comunicação conectados na internet. Assim, as práticas e os conhecimentos que circulam entre as pessoas comuns, nos cotidianos, têm seu valor minimizado em contraposição à exaltação e supervalorização dos conhecimentos científicos, mesmo que as ciências “extraíam” dos cotidianos os dados empíricos que possibilitam ficcionar seus conhecimentos.

Dessa maneira, o conhecimento científico ainda carrega traços da *indolente razão* ocidental, mesmo frente aos questionamentos e debates realizados nos meios acadêmicos que buscam desmistificá-la a partir do trabalho de pesquisadores do sul, do oriente e mesmo do

ocidente, que denunciaram a assepsia e o reducionismo da percepção do mundo, produzidos pela poderosa e asfixiante monocultura do saber, instituídos pela predominância das ciências modernas, buscando dismantelar seus pressupostos e apontar a emergência de novas epistemologias. O surgimento de diversos pesquisadores e centros/grupos de pesquisas em todas as partes do globo terrestre, compostos por pessoas dos mais diversos grupos humanos e extratos sociais, os *usos* diferenciados e *apropriações* (CERTEAU, 2012) críticas dos processos de pesquisa e produção científica por pesquisadores das camadas populares originários de regiões colonizadas/expropriadas, tem contribuído para a crítica à razão ocidental e para o desenvolvimento de diversos e poliformes modos de produção de conhecimentos, geralmente intituladas *epistemologias do sul* (SANTOS; MENEZES, 2009) e outras correlacionadas como as *epistemologias africanas* (OYĚWÙMÍ, 2018), *feministas* (COLLINS, 2018), dentre outras.

Especialmente no campo das ciências humanas, a exemplo da História, da Filosofia, da Sociologia, das Artes e da Educação, muito se tem discutido sobre os processos de produção científica, buscando desmistificar os pressupostos das ciências modernas e construir outras epistemologias, mais diversas, mais abertas, mais inclusivas, descentralizadas do ocidente e com intentos decoloniais. Apesar de ainda estarmos fortemente marcados pelas epistemologias ocidentais, muito tem sido feito e transformado nos modos contemporâneos da produção de conhecimentos, contribuindo para uma revolução estética que vem transformando as práticas científicas, considerando que “o testemunho e a ficção pertencem a um mesmo regime de sentido” (RANCIÈRE, 2005, p. 57), desmistificando as ciências modernas e fazendo proliferar infindáveis modos de produzir conhecimentos a partir dos diferentes modos de vida e de compreensão dos mundos pelos sujeitos nos diferentes espaços socioculturais que habitam.

Desse modo, o conhecimento científico tem sido realocado em uma posição menos hegemônica em relação a outras formas de conhecimento, aos saberes de *sujeitos ordinários* a quem foi/é reservado apenas o aprendizado-*consumo* (CERTEAU, 2012) de uma *produção sociocultural espetacularizada*, constituindo uma *ecologia de saberes* que “permite, não só superar a monocultura do saber científico, como a ideia de que os saberes não científicos são alternativos ao saber científico” (SANTOS, 2002, p. 250).

Nessa empreitada, a ciência passa a ser considerada como verdade relativa, parcial, responsável pela criação de um real possível/construído/imaginado dentre tantos outros a ser percebido, pensado, produzido em vez de descoberto, identificado, descrito e representado em sua essência verdadeira. Inspirados na crítica às ciências modernas e em princípios decoloniais buscamos desconstruir os pressupostos cientificistas do “rigor metodológico”, da “objetividade” e da “neutralidade”, considerando que produzir conhecimentos científicos não é

uma tarefa de poucos “iluminados” que se diferencia e merece destaque e maior reconhecimento (a não ser pelo interesse privado de se impor e controlar os outros) do que os processos coletivos, anônimos, incessantes e incontroláveis de criação de conhecimentos *realizadopensados* pelas pessoas comuns nos cotidianos vividos, entendendo que escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade e que “a política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ‘ficções’, isto é, arranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer” (RANCIÈRE, 2005, p. 59).

Além desses aspectos/fragmentos gerais que povoaram meus pensamentos e pincelaram o fundo da imagem-panorama desta pesquisa, alguns outros conceitos inspiraram e atravessaram a composição deste processo de produção de conhecimentos a que me propus enfrentar, investindo quatro anos de estudo-vida na produção poética de uma reflexão, compartilhada com os interlocutores da investigação, sobre mim mesmo, sobre minhas práticas com estudantes e colegas e sobre o que acontece nos cotidianos de uma escola pública e compõe um currículo *praticadopensado* (OLIVEIRA, 2012), para além do que está prescrito oficialmente.

Uma primeira bifurcação das linhas desta rede teórica é a crença e aposta na produção coletiva do conhecimento, entendendo que cada sujeito, cada corpo em sua integralidade orgânica, sensitiva e pulsante, está integrado a outros corpos com quem compõe uma rede intensa e interativa de experiências sensoriais e cognitivas, em que cria sentidos, percepções, conceitos e formas de expressão nos fluxos e trocas constantes, compartilhando modos de viver, compreender e atuar no mundo, considerando as relações de poder e forças e as negociações de sentido que se processam coletivamente, muitas vezes, assimétricas, hierarquizadas e conflitantes que afetam qualquer experiência humana.

Assim, compreendemos o pensamento e a produção de conhecimentos como *rizoma*, que se realiza pelos princípios da conexão e heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz, que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). Isso significa compreender que uma escola pública é constituída por *espaçostempos* de encontro de uma pluralidade de modos de existência, práticas, experiências e conhecimentos que fluem incontrolável e incessantemente entre os corpos que neles, diariamente, habitam, compondo redes de *saberesconhecimentos* e currículos *praticadopensados* (OLIVEIRA, 2012), concebendo “o conhecimento e a aprendizagem a partir de agenciamentos coletivos que se produzem em meio à multiplicidade e a processos de relações não hierárquicas inseridas no

cotidiano escolar” (FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 145), redes que fluem, nos diversos sentidos, entre o vivido *dentrofora* da escola.

Por essa perspectiva, desconfiamos da repetitiva narrativa que alude a uma quase absoluta desconexão da escola com a vida dos alunos, já que eles nela vivem diariamente por várias horas e levam a vida para dentro dela, mesmo que haja tentativas de controle dos ruídos externos que teimam em penetrar, com os estudantes, nos cotidianos da escola e compor seus currículos. No máximo, o que pode haver, talvez, seja o desencontro de interesses entre os desejos dos estudantes e a percepção dos professores a respeito do que os estudantes deveriam desejar, redundando na escolha/disponibilização de conhecimentos e em práticas que não fazem sentido para os estudantes. Práticas que buscam atender às orientações/exigências curriculares oficiais, focalizando sua atenção nos conhecimentos científicos e deixando de lado ou mesmo depreciando ou considerando problema aquilo que o encontro coletivo heterogêneo pode proporcionar de mais precioso: a partilha de experiências, de sentidos e conhecimentos que cada corpo poroso carrega e pode verter e/ou sorver a todo instante nos cotidianos das escolas.

Um segundo nó da rede teórica que entrelaça esta investigação, tendo como inspiração o que St. Pierre (2018) nos coloca sobre pesquisas *pós-qualitativas*, é o entendimento de que, em uma investigação, buscamos ver/ouvir/sentir-conhecer aquilo que não é possível antever, antecipar, formular hipótese, pensando a pesquisa como acontecimento, processo de produção de conhecimentos e de verdades possíveis e perecíveis e não como a “descoberta” do conhecimento e da verdade, o que nos impele a uma abertura ao inusitado, ao imprevisível, buscando *captar no voo as táticas, as subversões, as criações* (CERTEAU, 2012) e questionar as contradições da existência, do que é posto como realidade, do que é tido como verdade, dos conceitos firmados e das visualidades que estabelecem o que é o mundo, o que são as escolas públicas, questionar as similitudes dos discursos e das imagens que buscam descrevê-las ou delineá-las, representá-las a partir de fora, por cima, dos seus cotidianos, realizando sobrevoos e alternadas manobras rasantes para determinar genericamente o que se passa no interior de seus *espaçotempos*.

Para St. Pierre (2018), as perspectivas pós-qualitativas devem impulsionar-nos em nossas pesquisas a operarmos com conceitos em vez de nos preocuparmos com a adoção de uma metodologia que nos “assegure” a produção de conhecimentos que superem/suplantem os anteriores. Segundo a autora, a partir de Foucault e Derrida, as pesquisas “pós” necessitam empreender uma *crítica e desconstrução*, não tendo como ponto de partida a suposição de que o que existe é errado ou inexato, mas sim do exame das “suposições que estruturam o discursivo e o não-discursivo, o linguístico e o material, as palavras e as coisas, o epistemológico e o

ontológico para colocar em primeiro plano a historicidade e, assim, a natureza *não-natural* do que existe” (ST. PIERRE, 2018, p. 1047). Isso nos move a ser-fazer-viver algo diferente, buscando a liberdade dos pós, recusando o que somos, pensamos, o que fazemos, o mundo que criamos. Também inspirada em Deleuze e Guattari, a autora nos encoraja ao trabalho *pós-investigativo*, a empreender “uma ontologia crítica de si mesmos, fazer experiências com o que ainda está por vir, convocar os povos ainda por vir.” (ST. PIERRE, 2018, p. 1059).

Um terceiro nó da rede que enlaça teoricamente esta pesquisa é o modo como concebo minha implicação com o problema de pesquisa. Em consonância com Sandra Corazza (p. 110-111) me questiono sobre “qual é o grau de paixão que se necessita ter com o problema, para que aceitemos ficar, por um longo tempo, estudando e pensando sobre ele”. Uma questão que começa a ganhar corpo e a me mover quando, em uma das orientações da pesquisa para a dissertação de mestrado, a professora Elenise Andrade (minha orientadora) me pediu para falar da escola onde trabalhava (na época como gestor), do que ali acontecia e que me chamava a atenção, o que movia minha curiosidade e desejo de saber mais enquanto professor-pesquisador.

Acabei me deparando com o “Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem”, especialmente com a Rádio-Escola, algo que envolvia e animava os estudantes diariamente no intervalo e que eu considerava interessante mas minúsculo para uma pesquisa de mestrado, devido a minha mentalidade afetada pela noção de ciência moderna naquilo que é crucial e mais enfocado, sua função social – a possibilidade de enfrentar os problemas vividos na educação pública e a proposição de soluções para seus dilemas, a produção de um lenitivo para nossas angústias profissionais.

Assim, a partir do mestrado voltei minha atenção e crescente interesse para as/pelas *práticas de criação* vividas por professores com estudantes (de escola pública) em que estes são convidados e se envolvem voluntariamente em oficinas realizadas fora dos *espaçostempos* disciplinares regulares, fora daquilo que se convencionou como aula e, muitas vezes, envolvidos sob a acusação, feita por alguns outros professores, de que tal adesão é uma fuga da sala de aula e das obrigações disciplinares, com frases como “os alunos só querem festa, diversão...”, afirmando a ideia de que experiências prazerosas, festivas e dionisíacas não combinam com o corpo sério, rígido, disciplinar e enfadonho da escola.

Enquanto professores, direcionar nossas práticas e pesquisas para o que acontece de alegre, animado e prazeroso na escola pode render-nos algumas críticas (especialmente de colegas e de gestores) por darmos vazão àquilo que desorganiza o funcionamento sério e rígido da escola e desmorona seu peso normativo e disciplinador sobre a existência dos corpos dos estudantes, que se quer devotado ao trabalho, ao sacrifício, sob o mote meritocrático do esforço-

martírio em prol da felicidade-prêmio prometido por uma sociedade capitalista, como o êxito econômico e a possibilidade de usufruir do consumo de seus produtos. Experiências que deem vazão e potencializem o corpo criativo, brincalhão, divertido, que busca e realiza o prazer e a satisfação em outros meios, não oferecidas pela sociedade capitalista, é uma afronta a esta sociedade e, no caso das *escolas dos professores* (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017), algo a ser banido de seus cotidianos e do seu currículo.

Talvez por essa razão, a reprodução dos conhecimentos científicos ensinados na escola oficial, com foco na aferição de sua assimilação pelos estudantes em atividades de mero cunho avaliativo, constituiria o objetivo central e núcleo de funcionamento das escolas, públicas ou privadas, cimentadas também pelos sistemas de avaliação externa. Assim, as atividades de criação, especialmente as “inúteis” criações artísticas dos estudantes, não tendo lugar na escola formal, procuram, portanto, achar/abrir frestas, provocar rachaduras curriculares e disciplinares. São admitidas na escola oficial apenas, esporadicamente, como um recheio, um complemento motivacional, uma comemoração aqui e acolá, para que os alunos aguentem seu peso sobre seus corpos. Mas é nessas frestas da escola pública que as criações artísticas brotam e dilatam suas fendas, crescem mesmo sem um solo/espaco adequadamente fértil, arejado e úmido, necessários a um corpo vigoroso, capaz de criar intensamente, de desenvolver suas potencialidades de expressão artística, de produção de conhecimentos e de criação de si mesmo e do mundo em que vivem.

Tal perspectiva me levou à imersão nas experiências de criação artística na escola e, por essa razão, passei a dar maior importância a estas experiências investindo boa parte de minhas energias e dedicação em realizá-las com outros colegas, mas especialmente com alunos e ex-alunos igualmente interessados e envolvidos nas atividades. Tamanha implicação e prazer em participar dos processos das oficinas de criação e dos festivais, saraus e exposições das produções artísticas na escola, me levou a investigar, nesta pesquisa de doutorado, esses *espacostempos* vividos, problematizar sua importância para os alunos e para escola, para o(s) currículo(s) que nela se realizam, para a formação/produção dos corpos dos estudantes envolvidos e para o imaginário do que é ou pode ser a escola com/sem essas atividades. Prazer que vivo também com a oportunidade de experimentar esse processo de investigação mergulhado no campo das pesquisas *pós*, buscando ultrapassar os princípios da isenção/neutralidade e objetividade, amplamente disseminados pelas ciências modernas, que apregoavam o afastamento do pesquisador em relação ao campo empírico. Embrenhado nos/com os cotidianos escolares, temos uma oportunidade singular de fazer um exercício

reflexivo para compreendê-los e reinventá-los incansavelmente, uma produção poética em permanente devir.

E, para fechar esta seção a respeito dos enredamentos teóricos que atravessam este trabalho e aceitando a impossibilidade de encerrá-los, o quarto e mais recente nó que enlaça a pesquisa é o da necessidade de assumir o desejo de alcançar saberes desviados dos pensamentos e referenciais ocidentais de ciência, trazendo para dialogar com nossas reflexões e escritas/registros de pesquisa pensadores e epistemologias produzidas no sul. Epistemologias que buscam outras compreensões dos processos de colonização aos quais, geralmente, a ciência hegemônica serviu como respaldo ao motor/máquina de realização dos violentos processos exploratórios de territórios, de riquezas e força de trabalho das populações nativas do hemisfério sul e oriente, sob mote de “levar a civilização” aos povos “primitivos”, “não/pouco civilizados”, “selvagens” e “sem alma”.

Levar adiante esse desejo não é tarefa fácil e, mesmo que necessária, não basta somente a rejeição das teses que estabelecem “uma hierarquia de culturas e da superioridade da modernidade ocidental” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 34), mas é preciso ir mais além desconstruindo e desafiando “as bases de uma ordem internacional e de instituições que têm esse tipo de lógica e ethos colonizante”. Maldonado-Torres nos alerta que o “significado e a estrutura de instituições, práticas e representações simbólicas ocidentais modernas já pressupõem conceitos de progresso, soberania, sociedade, subjetividade, gênero e razão” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 34), dentre muitas outras ideias-chave que são utilizadas como pressupostos de distinção entre o moderno e o “selvagem” ou “primitivo”.

As ciências nasceram e vivem regadas pelo imaginário colonial moderno da “descoberta” o que lhe confere autodistinção e autoidentificação como produtora de conhecimentos superiores aos do senso comum, produzidos pelas pessoas ordinárias ou por povos “selvagens” ou “primitivos”, “encontrados” nas viagens exploratórias europeias pelo mundo. Assim, justificados no discurso civilizatório, disseminado também pela catequização cristã-católica, na imposição das línguas das metrópoles europeias e pela criação de escolas, os colonizadores praticaram os mais brutais tipos de violência, como a escravidão, o estupro e a exploração dos povos “descobertos”, promovendo um “estado de guerra” permanente contra os povos colonizados, seus costumes, seus modos de existência, seus corpos e suas criações simbólicas, algo introjetado ao longo dos mais de cinco séculos de colonização no imaginário sócio-político-econômico-cultural dos povos colonizados e que se estende e permanece, mesmo após a independência de seus países. Difícil imaginar que os vestígios de operações tão fortes

como essas não permaneçam ativos em muitas instituições das ex-colônias, dentre essas as governamentais, prisionais, hospitalares e escolares...

Para garantir o domínio sobre os demais povos, suas culturas e *saberesconhecimentos*, os impérios ocidentais utilizaram-se dos conhecimentos produzidos por suas recém-criadas ciências, instituindo sua superioridade em relação aos modos de viver-pensar-conhecer dos povos do sul e dos orientais, criando teorias biológicas que os inferiorizavam, teorias centradas no predomínio da visão, na produção de um imaginário depreciativo sobre o corpo e os modos de vida dos sujeitos não ocidentais. Para Oyèronké Oyěwùmí (2017, p. 39):

La razón por la que el cuerpo ha sido tan relevante en Occidente es que el mundo se percibe ante todo por la vista. La diferenciación de los cuerpos humanos en términos de sexo, color de piel y tamaño craneal atestiguan los poderes atribuidos al “vidente”. La contemplación invita a diferenciar.⁹

Para além do desenvolvimento das conhecidas e denunciadas teorias racistas, xenófobas e etnocêntricas, cujo objetivo era legitimar a superioridade das nações europeias e assegurar seu projeto colonizador de domínio do mundo e de usurpação/acumulação de bens e riquezas, é inquestionável que, na atualidade, esse processo de produção da superioridade branca europeia continua vigorando nos diversos aspectos da vida social, inclusive no da produção científica ainda fortemente marcada pelos pressupostos da ciência moderna ocidental e do imaginário e “visão de mundo” que ela produz.

Para Oyěwùmí (2016, p. 39) “el término ‘visión del mundo’ que se usa en Occidente para sintetizar la lógica cultural de una sociedad, expresa adecuadamente la prerrogativa occidental de la dimensión visual.¹⁰¹¹” Assim, diferentes formas de perceber e compreender as realidades implicam em diferenças epistemológicas entre as sociedades, diferentes modos de conceber e produzir conhecimentos. Contudo, é um apelo eurocêntrico o uso da expressão “visão de mundo” para referirmo-nos às culturas que, possivelmente, se utilizem predominantemente de outros sentidos para perceber o mundo. “El calificativo ‘sentido del mundo’ es una alternativa de mayor apertura para describir la concepción del mundo por parte de diferentes grupos culturales¹²”. (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 39).

⁹ A razão pela qual o corpo tem sido tão relevante no Ocidente é que o mundo é percebido, antes de tudo, pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho cranial atestam os poderes atribuídos ao “vidente”. A contemplação convida a diferenciar. (Tradução nossa).

¹⁰ O termo ‘visão de mundo’ que se usa no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. (Tradução nossa).

¹² O qualificativo ‘sentido do mundo’ é uma alternativa de maior abertura para descrever a concepção do mundo por parte de diferentes grupos culturais. (Tradução nossa).

Dessa maneira, é necessário considerar que a produção do conhecimento por diferentes povos e/ou grupos socioculturais, tendo em vista as singularidades de suas experiências e modos de vida, as maneiras pelas quais percebem o mundo e atribuem-lhes sentidos, implica na produção de diferentes epistemologias e metodologias de pesquisa. Conseqüentemente, deveríamos compreender os diferentes *saberesconhecimentos* como traço marcante e característica fundamental, a ser reconhecida e valorizada, da singularidade e da alteridade que se produz na multiplicidade de modos de existência que constituem as culturas dos diferentes povos e grupos sociais.

Nesse sentido, questionamentos sobre a validade/veracidade dos conhecimentos produzidos podem/devem existir como parte dos processos de transformação cultural e das diferentes/novas maneiras de percepções e produção de sentidos sobre o mundo, do incessante processo coletivo de reelaboração dos conhecimentos criados. No entanto, determinadas “visões de mundo”, conhecimentos e epistemologias que pretendem se estabelecer-perpetuar hegemônicas, como as mais verdadeiras, como ocorreu e ainda ocorre no construto das ciências modernas, criadas dentro de modos de existência política, econômica e cultural ocidentais, não podem se autodeterminar como universalmente válidas, neutras e superiores às demais epistemologias e conhecimentos produzidos no mundo.

Portanto, em nome da aventura intelectual compatível com a atualidade dos saberes e contrassaberes circulantes, seria preciso questionar a autoproclamada supremacia da razão ocidental e sua estratégia de determinação da diferença e da alteridade humana em relação ao padrão cultural ocidental como inferioridade.

Mujeres, primitivos, judíos, africanos, pobres y toda persona calificada con la etiqueta “diferente”, en diversas épocas históricas, se consideró como encarnada, dominada por el instinto y la afectividad, ajena a la razón. Eran la Otridad y la alteridad es un cuerpo.¹³ (OYEWUMÍ, 2016, p. 40)

Em nossas pesquisas, precisamos estar atentos às estratégias colonizadoras ocidentais e às raízes dos postulados positivistas que ainda insistem em brotar e marcar a produção de conhecimentos na contemporaneidade. A produção de saberes anelados à ética e aos ideais de justiça social, equidade entre as diferentes culturas pressupõe a inevitável luta contra as tentativas de desqualificação e submissão de populações/grupos sociais cujos corpos vivem, organizam e percebem o mundo de outras maneiras, com ênfase em outros órgãos de sentidos

¹³ Mulheres, primitivos, judeus, africanos, pobres e toda pessoa qualificada com a etiqueta de “diferente”, em diversas épocas históricas, foi considerada como encarnada, dominada pelo instinto e pela afetividade, alheia à razão. Eram a Outralidade e a alteridade em um corpo.

em vez da predominância “luminosa” da visão (própria da modernidade ocidental). Considerar o corpo em sua integralidade orgânica, utilizando-se do tato-olfato-paladar-audição como formas de percepção tão necessárias a nós quanto a visão.

Por essa perspectiva, compreendemos a necessidade de estarmos atentos, de escancararmos, denunciarmos e, sobretudo, eticamente reinventarmos epistemologias e práticas científicas considerando as diferentes maneiras de entender o corpo, as emoções, o instinto, o desejo, o prazer, a afetividade e a intuição, indissociáveis à percepção, ao pensamento e à produção de conhecimentos por todos grupos sociais, procurando escapar ao cientificismo moderno que, em nome de um certo “rigor metodológico”, tratou de excluir do campo de conhecimentos válidos o que não condiz com a epistemologia positivista moderna e, por conveniência, estabeleceu sua superioridade.

*Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.
– Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.
Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler [sic].*

(JESUS, 2014, p. 26)

Ao forjar a hegemonia de seus modos de produção de conhecimentos, as ciências modernas estabeleceram um “rigor” científico-metodológico baseado nos princípios de neutralidade e objetividade, utilizando-se de dados empíricos matematicamente analisáveis e expressos por meio da linguagem escrita automeada “cultura”, de conceitos/terminologias e referências rebuscadas para conferir um estatuto de verdade aos conhecimentos criados. Assim, a razão ocidental diferencia seus conhecimentos daqueles *utilizados/produzidos* pelo outro não-ocidental, especialmente, pelos *sujeitos ordinários* em suas experiências nos *cotidianos* (CERTEAU, 2012), destacando seus modos de perceber-criar-expressar conhecimentos daqueles por ela considerados de valor menor e definidos como senso comum.

Dessa maneira, as questões que direcionam as pesquisas científicas, as teorias, os conceitos e, portanto, as epistemologias contemporâneas têm sua origem nas experiências ocidentais, de maneira que “en cualquier campo o estudio las experiencias africanas casi nunca integran la teoría, como si esas experiencias fueran excepcionales¹⁴” (OYĒWUMÍ, 2016, p. 63). Do mesmo modo, os conhecimentos dos povos originários das “Américas” e Ásia, dentre outros, assim como os de grupos sociais subalternizados (pobres, camponeses, pretos, favelados, nordestinos, mulheres, LGBTQIA+) foram aliçados do universo de produção de

¹⁴ Em qualquer campo ou estudo, as experiências africanas quase nunca integram a teoria, como se essas experiências fossem excepcionais.

conhecimentos qualificados como válidos/verdadeiros/científicos e, apesar de estarmos percebendo uma mudança significativa na atualidade, tais grupos continuam sofrendo, ainda, tentativas de desqualificação, inclusive persiste uma enorme desigualdade de acesso aos espaços e meios acadêmicos de produção.

Um exemplo marcante disso é o que ocorreu nos últimos anos no Brasil com a desqualificação das pesquisas e conhecimentos produzidos sobre raça, corpo, gênero, transexualidade etc., que estão sendo taxados como ideologia, por meio de ataques vorazes em declarações públicas de altas autoridades políticas e religiosas conservadoras (e transitórias e que, autoridade mesmo, não são), além de perseguições e boicotes às políticas públicas que financiavam e garantiam sustentabilidade ao trabalho de pesquisadores que atuam nesses campos de estudo, nas ciências humanas, produzindo conhecimentos que se contrapõem à “visão” míope dos que defendem o padrão branco-conservador-patriarcal-machista-capitalista-cristão-ocidental de conhecimentos.

Enfim, mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações [sic].

(JESUS, 2014, p. 70)

Este exemplo, há muito presente na formação histórica da sociedade brasileira e que voltou à tona nos últimos anos, com “maior” ou mais descarada violência e escárnio para com setores marginalizados da sociedade, especialmente presente nas corriqueiras, absurdas, cruéis e inaceitáveis narrativas, atitudes e ações racistas, machistas, homofóbicas, misóginas etc. de agentes públicos na esfera do governo nacional, liderada pelo ex-presidente da república Jair Bolsonaro (um capataz incompetente das forças econômicas transnacionais em cena), constitui apenas um dos muitos exemplos da persistência da *colonialidade* em nossa sociedade, “uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais.” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 41).

Ramón Grosfoguel (2018, p. 76) nos alerta que “o processo de colonização da modernidade alterou todas as epistemologias, espiritualidades e cosmovisões, colonizando-as com narrativas eurocêntricas da modernidade.” Para ele a decolonialidade não é apenas uma luta contra as estruturas externas da dominação moderno-ocidental o que entende como *decolonialidade do poder*, mas também uma luta “contra as estruturas internas ou o Ocidente que levamos dentro de nós (decolonialidade do saber e do ser) e os ‘*ego conquiros*’ enfermos que constituem a todos nós (decolonialidade espiritual)” (GROSFOGUEL, 2018, p. 76). Isso quer dizer que precisamos criar outras maneiras de praticar o poder, de produzir e socializar

conhecimentos e outros modos de ser/viver, livres do imaginário moderno/colonizador que tem como fundamento a conquista e a expropriação de riquezas alheias, o empreendimento da exploração do outro e sua força de trabalho, através de sua inferiorização cultural frente ao modelo civilizatório ocidental.

Nesse sentido, Maldonado-Torres (2018) destaca a necessidade de enfrentarmos as lógicas da colonialidade, enraizadas na organização capitalista em, praticamente, todo o mundo contemporâneo, inclusive nos países que, ainda, se intitulam socialistas, entendendo que tais lógicas se espraiam para além das estruturas econômicas e políticas, envolvendo todos os aspectos da organização cultural das sociedades.

Como o colonialismo, a colonialidade envolve a expropriação de terras e recursos, mas isso acontece não somente através de apropriação estrangeira, mas também pelos mecanismos do mercado e dos Estados-nações modernos. Isso leva a uma situação de ex-colônias, em que os sujeitos nativos estão despossuídos. Não somente terras e recursos são tomados, mas as mentes também são dominadas por formas de pensamento que promovem a colonização e a autocolonização. Os corpos são também explorados pelo trabalho de maneira que os mantêm em um status inferior ao da maioria do proletariado metropolitano. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 48).

Para enfrentar a colonialidade, Maldonado-Torres (2018) salienta que, ao empreender a descolonização, é necessário lutar pela redistribuição de terras e recursos, mas que isso somente não basta, porque a modernidade/colonialidade articula formas do ser, poder e saber com intuito de produzir as lógicas coloniais, “[...] práticas e modos do ser que apareceram, não de modo natural, mas como uma parte legítima dos objetivos da civilização ocidental moderna” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 49), pela promoção da colonialidade do saber, da colonialidade do poder e da colonialidade do ser.

Além de empreender a luta pela descolonização, pela reparação/amenização de danos históricos causados pelos processos de colonização como a redistribuição da terra e a garantia de outros bens materiais e serviços essenciais à vida humana, Maldonado-Torres (2018) aponta a necessidade de realizar uma decolonialidade, uma luta constante na reordenação dos vários aspectos em que os processos de colonialidade moderno/ocidental atuam nas sociedades capitalistas contemporâneas. Nesse intento o autor apresenta as contribuições de Frantz Fanon em seu livro “Os condenados da terra” (2004) que descreve o colonizado como um condenado (*damné*), um sujeito submetido à lógica da colonialidade desde seu nascimento e que, muitas vezes, nem se dá conta de como seus mecanismos, valores, princípios, conhecimentos e epistemologias marcam seu corpo, tornando-o, em grande medida, agente da reprodução desta lógica, realizando seus modos de exercer o poder, de praticar o saber e de ser/viver, como

maneira de conquistar autoafirmação e reconhecimento em uma sociedade organizada a partir dos pressupostos da colonialidade.

Os condenados não podem assumir a posição de produtores do conhecimento, e a eles é dito que não possuem objetividade. Do mesmo modo, os condenados são representados em formas que os fazem se rejeitar e, enquanto mantidos abaixo das dinâmicas usuais de acumulação e exploração, podem apenas aspirar ascender na estrutura de poder pelos modos de assimilação que nunca são inteiramente exitosos. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 51).

Contudo, para Fanon (2004), o condenado, criado no cruzamento da colonialidade do saber, poder e ser, tem o potencial de se afastar das imposições e normatizações engendradas sobre ele visando mantê-lo separado de si, de sua condição originária enquanto integrante de um povo colonizado. Através do desejo do condenado de “tocar o outro, sentir o outro, revelar-me no outro” (FANON, 2008, p. 206), mobilizando seu corpo a resistir contra efeitos devastadores da colonialidade, que é possível desencadear uma atitude de enfrentamento e transformação de suas lógicas, em busca de outras formas de organização da vida, modos de realizar o poder, de produzir e distribuir o saber e outras maneiras ser, livres do caráter predatório, exploratório e massacrante instituído desde a colonização.

Para tanto, Fanon (2008) ressalta a necessidade do colonizado ser um corpo que viva em constante questionamento, sobretudo sobre que o envolve e faz ser que é, pensar o que pensa, viver de uma determinada maneira, ter certas convicções pois tudo ao seu redor está determinado/marcado por histórias e ideias que o fazem confirmar a colonialidade. Por isso, Fanon reza para que seu corpo esteja sempre aberto, sempre questione como uma “porta aberta de toda consciência” contra qualquer imperativo colonizador que tente fechá-lo.

Como pesquisador branco, de origem pobre, nordestino, sertanejo, do semiárido, de uma cidade miúda, nascido e criado na roça, submetido a tantos preconceitos e desqualificações que até bem pouco sequer me possibilitavam imaginar esse lugar que ora ocupo de professor-pesquisador, desejo também ser/ter um corpo aberto, atento a todo indício das raízes da colonialidade nele fincadas, buscando romper essas ligações, criando outras, noutras direções, na produção de conhecimentos que não sirvam à continuidade da colonialidade mas que possibilitem sua desconstrução-destruição e a criação de outras maneiras de entender o mundo a partir de nossas experiências contemporâneas e ancestrais enquanto colonizados, desejando reestabelecer nossa humanidade roubada, destruída em todos os seus modos de existir, sentir, pensar, conhecer, criar e exprimir o mundo. Inspirado em Fanon e em tantos outros que estão buscando destruir a colonialidade e toda a sua maquinaria capitalista-racista-patriarcalista-

moralista, utilizada na produção da inferioridade, subalternização, periferização, da condenação e expropriação de povos, grupos e classes sociais, lancei-me ao desafio de realizar uma produção crítica em uma experiência de corpo aberto, desejando criar outro discurso, outra forma de pensar, de entender e expressar. Considerando a importância que muitos intelectuais negros atribuem à escrita, uma luta/combate dentro da *economia escriturística* (CERTEAU, 2012) colonialista, penso o registro de uma pesquisa nos/com os cotidianos de uma escola pública de Ensino Médio, numa pequena cidade¹⁵ nordestina, no sertão semiárido da Bahia, como forma de reconstruir a mim mesmo e um modo de combater os efeitos da colonialidade no mundo em que vivo, nas práticas cotidianas de professor com os alunos, parceiros com quem aprendo ao mesmo tempo que ensino.

2.2 Criação de conhecimentos nos/com os cotidianos

Compreendendo ser impossível descrever todos os pensamentos e ideias que nos perpassam em cada momento ou situação vivida, em cada texto dito/escrito, quais pessoas-autores nos *ins-piram* e considerando que somos fortemente marcados pelas emoções, pelo inconsciente, pela intuição, pelo incompreensível, pelo indizível, pelo que não cabe nas palavras ou em uma linguagem, por sentimentos e sentidos imemoriáveis produzidos coletivamente ao longo da vida, o que foi apresentado até aqui é apenas uma pequena parte da rede teórica que envolve e atravessa a realização de uma pesquisa, os pensamentos que influenciaram as escolhas feitas por mim, enquanto professor-pesquisador juntamente com o meu orientador, desde o momento em que decidi encampar a tarefa de fazer um doutorado, realizar uma pesquisa, escrever uma tese.

Contudo, tendo apresentado algumas questões mais gerais da rede teórica, me atenho a partir daqui a alguns aspectos mais específicos que permeiam a realização da pesquisa e da escrita sobre seus “resultados”, ou melhor, sobre as reflexões resultantes desta experiência que marca a mim, assim como aos estudantes participantes, interlocutores e coautores, bem como a outras pessoas que se envolveram no processo cartográfico realizado no campo/tema das práticas de criação artística e estética em uma escola pública de Ensino Médio, bem como aos possíveis leitores deste texto.

¹⁵ O município de Ichu/BA, é dos menores do país em termos populacionais e em extensão territorial (138 Km²). Atualmente, segundo IBGE, o município tem uma população estimada de 6.220 habitantes (no último censo, 2010, eram apenas 5.255 pessoas) e conta com apenas uma escola pública de Ensino Médio (não há escola privada nesta modalidade) que atende menos de 300 alunos, oriundos da cidade e de várias comunidades rurais. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ichu/panorama>; Acesso em: 07 mai. 2023.

No interior do, já anunciado, movimento de transformação cultural que vem revolucionando os conhecimentos científicos e fazendo emergir uma polifonia de epistemologias no mundo contemporâneo, a produção do conhecimento em educação também tem se diversificado bastante, produzindo redes de conhecimentos e de pesquisadores cada vez mais singulares, poliformes e multidisciplinares, fazendo proliferar uma infinidade de temas e campos de pesquisa, abordagens, produção de metodologias e criação de dispositivos de produção e tratamento de informações/dados e de diferentes maneiras de escrita/registro, não mais estreitamente submissas à escrita formal/tradicional do texto científico de caráter moderno, mas enveredando por formas literárias, poéticas e imagéticas (fotografias, filmes e criações visuais diversas).

Tamanha proliferação parte da crítica à hegemonia das ciências modernas-ocidentais e do desejo de desvio de seus postulados, da necessidade de horizontalizar os conhecimentos científicos na rede em que estes são entrelaçados com os/pelos demais *saberesconhecimentos* incessantemente produzidos por pessoas comuns em seus cotidianos. Portanto, buscar ressignificar e revalorizar o senso comum, aguçando os diversos sentidos de que dispomos para melhor percebermos as *práticas* inventivas dos *sujeitos comuns* realizadas diuturnamente em todos os *cotidianos* (CERTEAU, 2012) vividos, considerando-os como “*espaçotempo* rico em criações, reinvenções e ações, recusando a noção hegemônica segundo a qual o cotidiano é *espaçotempo* de repetição e mesmice” (OLIVEIRA, 2012, p. 51).

No Brasil, a partir de Michel de Certeau (2012, 2013, 2016), muitos pesquisadores têm direcionado suas pesquisas educacionais para a Sociologia dos cotidianos, para percepção da produção dos “consumidores” – professores, estudantes, gestores, demais profissionais da educação, pais, entre outros – que habitam as escolas (e outros espaços educativos), apostando na crença de que eles desenvolvem *táticas de resistência* e *invenções* ao realizarem diferenciados *usos*¹⁶ e *apropriações* da produção sociocultural hegemônica, daquilo que é determinado pelas políticas de gestão/promoção da educação pública, subvertendo suas *estratégias* com “maneiras de fazer”, que “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2012, p. 41).

Entendemos, assim, que os *consumidores* realizam uma outra produção, chamada de *consumo*, que não se faz visível devido à predominância das *estratégias*. Uma produção que se

¹⁶ Para Certeau (2012) os *usos* consistem em “maneiras de empregar”, operação dos “consumidores” que subvertem, pela *apropriação* e *bricolagem*, a produção *espetacularizada*, realizada por centros de poder (empresas, governos, mídias), cujos objetivos e *estratégias* é determinar uma realidade, construir um mundo.

realiza por meio de *táticas*, de um conjunto de *fazerespoderessaberes*, invisibilizados em uma sociedade *espetacularizada*, “que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível.” (CERTEAU, 2012, p. 45). As *táticas* ocorrem pelas maneiras como os consumidores usam astuciosamente a produção hegemônica em proveito próprio e se insinuem no tempo e nos acontecimentos, aproveitando dos *lances* e das ocasiões para *dar golpes*, “vigilando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho”. Por meio das *táticas* do consumo, incessantemente “o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.” (CERTEAU, 2012, p. 46)

Reconhecemos os poderosos agenciamentos que, insistentemente, buscam engendrar processos de subjetivação, de formação de *corpos dóceis*¹⁷ (FOUCAULT, 1999) aos sistemas político-econômico-cultural vigentes, especialmente através da prescrição oficial dos currículos das escolas públicas, produzindo, inclusive, uma imagem negativa sobre as *práticas* dos sujeitos que *realizampensam* coletivamente seus *espaçostempos*, considerando-as como inadequadas ou problemáticas, mas apostamos na perspectiva de que estudantes, professores, diretores, pais etc. fazem da escola algo bem diferente daquilo que é “pintado” dela no panorama macropolítico e midiático, inclusive por pesquisas educacionais realizadas no campo das *estratégias*.

As perspectivas dos estudos dos cotidianos nas quais nos entrelaçamos, nos impulsionam a um percurso investigativo na direção oposta à tendência homogeneizante, nos direcionam a uma produção de visualidades sobre as práticas como *devir*, como possibilidade de resistência e invenção operadas pelos sujeitos que atuam nesses cotidianos produzindo uma *diferença* (DELEUZE, 2006). Atentamos aos processos de singularização dos acontecimentos e, portanto, das experiências formativas e do currículo escolar que é *praticadopensado* (OLIVEIRA, 2012) na relação entre todos os envolvidos nos cotidianos da escola, não coincidindo com as prescrições estabelecidas em instâncias superiores de governo e nem sequer com os planejamentos realizados no âmbito da escola, como o “Projeto Político-Pedagógico”, o “Plano de Curso” e até mesmo o “Plano de Aula” dos professores. O conjunto das experiências formativas, ou seja, o currículo, ou melhor os currículos (entendendo a existência negociada e simultânea de vários currículos dentro da escola), são acontecimentos que se realizam no encontro de uma pluralidade de sujeitos, com o que cada um, inevitavelmente, traz para os *espaçostempos* da escola, para os diálogos que ocorrem no coletivo das salas de aulas, mas também nas interações corporais, gestuais, nas trocas afetivas e bate-papos que estabelecem nos corredores, pátios, banheiros, sala da rádio, sala de informática, biblioteca etc., uma rede

¹⁷ “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p. 163)

infindável e imprevisível de *saberesconhecimentos*, pensamentos e de modos de vida que fluem *dentrofora* da escola.

Assim, ao apresentarmos “a paisagem de uma pesquisa” (CERTEAU, 2012, p. 35), os pensamentos que nos afetam, que nos servem de referência para refletir sobre os cotidianos escolares, especialmente ao escolhermos investigar os processos de criação artística realizados por jovens em uma escola pública da Rede Estadual de Educação da Bahia, desenvolvidos a partir de Projetos Artísticos-Culturais instituídos em políticas públicas desta rede, focalizamos as perspectivas dos que se envolvem e realizam tais experiências em vez da dimensão generalizante da análise de programas governamentais e sua aplicabilidade. De modo contrário, buscamos compreender o que os estudantes, professores e outras pessoas envolvidas na realização dessas experiências fazem com esses projetos/produtos disponibilizados às escolas da rede, inclusive com financiamento público, apropriando-se deles, golpeando e subvertendo suas lógicas, imprimindo singularidades em função de seus interesses, desejos, necessidades.

Nesse sentido, procuramos entender que a tão propalada “pedagogia de projetos” não pode ser a panaceia dos problemas da educação pública, justamente por apostar em ações previsíveis, homogeneizantes, “adotáveis” por todas as escolas, o que contraria a perspectiva da abertura à imprevisibilidade e à novidade do acontecimento, próprias do devir, inerente a qualquer projeto ou planejamento. Entendemos que

[...] Não se pode pensar em projetos se não nos lançarmos a uma permanente abertura ao *futuro*, se não acreditarmos na possibilidade de um *futuro* como devir. [...] se o futuro existe como predeterminação, não há projeto. [...] não podemos ter projetos nem *para* nem *pelos* outros, mas *com* os outros. (FERRAÇO, 2012, p. 151).

Enfim, ao buscarmos investigar os processos inventivos e as singularidades que, certamente, acontecem em todos os cotidianos vividos, porque é um princípio do vivo em sua *autocriação* (HERMANN, 2010), na produção poética de seu corpo junto aos demais, de sua existência e interdependência societal, na permanente instauração de singularidades e de alteridades frente à multiplicidade que compõe a vida humana em suas experiências, simultaneamente, pessoais e coletivas.

Empreendemos o intento de inverter a perspectiva hegemônica de investigação dos cotidianos escolares, do currículo e das práticas dos sujeitos que aí se entrelaçam, em que geralmente se destacam os problemas e se propõem *estratégias* (CERTEAU, 2012) para sua superação. Procuramos dirigir nosso olhar/ouvido/tato para outra produção, qualificada de “consumo”, que “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente,

silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar por produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 2012, p. 39, grifos do autor).

Inspirados em estudiosos brasileiros do campo dos cotidianos e do currículo (ALVES, 2012; OLIVEIRA, 2012; FERRAÇO, 2012), apostamos na possibilidade de investigar a produção de visualidades sobre as *maneiras de fazer* que “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2012, p. 41) e que ocorrem na realização de práticas de criação artística que podem incidir na constituição de um currículo diferente/singular, considerando, especialmente, nesse processo, a perspectiva e percepção dos alunos, em imagens por eles produzidas, a escola no seu imaginário. Buscamos, por meio da pesquisa, conhecer o que ainda não sabemos sobre as maneiras como esses sujeitos (inclusive eu que sou um dos professores realizadores das oficinas de criação artística com os estudantes), imbricados nos *cotidianos* e atravessados pelas condições-determinações-concepções que lhes são oferecidas-impostas, empreendem *usos-apropriações-bricolagens e táticas-invenções* na produção estética e poética de uma escola e seus currículos.

Ao elegermos os *cotidianos* como *espaçostempos* de pesquisa, optamos por realizar uma experiência que parte do *meio* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) dos fluxos aos quais estamos implicados, as redes de *fazeres-saberes-pensamentos-conhecimentos-poderes e... e...* que aí se tecem e nos entrelaçam continuamente, redes de conhecimentos e de produção de currículos (FERRAÇO, 2012). Partir de qualquer ponto dessa rede porque nela não existem localizações fixas que possam servir de base, de centralização, de hierarquização, de certeza ou de ponto de partida etc., e sim por dispor de múltiplas interconexões que possibilitam fluxos em várias direções, sem forma definida. Desejamos seguir pelas veredas/fissuras e bifurcações/nós produzidas/os por pesquisadores brasileiros, abrindo novos caminhos enquanto corpo-pesquisador poroso, aberto a captar novas maneiras de ser, sentir-perceber as experiências e de produzir conhecimentos-sentidos-mundos.

2.3 Arte, produção estética e pesquisa

Seguindo nessa tentativa de tecer uma rede teórica ou pelos menos apresentar a superfície de alguns dos fios que nos enlaçam em uma pesquisa, nessa parte do texto/tecido apresentamos como a Arte e a Estética entrelaçam nossas experiências nos cotidianos de uma escola compondo a noção de *práticas* e currículos em rede, ou seja, “a participação de tudo que

diz respeito a essa área do conhecimento humano denominada ‘Estética’ e a circulação, ativa e produtiva, sempre coletiva, de saberes que aqui entendemos como ‘Currículos em Rede’” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 39).

Ao nos depararmos com as discussões e estudos do campo da Filosofia e da Arte ou Estética nos defrontamos com uma certa complexidade que, para iniciantes que não tiveram orientação específica em Filosofia (como eu), até pode afastar ou inibir a vontade de penetrar em sua seara, por considerar de difícil compreensão. No entanto, as relações estéticas, enquanto encontro prazeroso com belezas e demais satisfações sensoriais, sensíveis ou simbólicas, resguardada a relatividade da beleza e de suas fontes, estão tão presentes na vida cotidiana que não nos damos conta de sua importância e significado, assim como o ar que respiramos rodeia todo o nosso corpo, penetra em cada um de nossos poros e nos inunda invisivelmente em sua transparência, provocando alguma sensação tátil, em virtude de sua movimentação ou da nossa em relação a ele, ou sensação olfativa, quando alguma das substâncias que o compõe possui odor. “Podemos dizer que sua participação no dia a dia de qualquer pessoa é permanente, na medida em que a vida é sempre constituída de experiências e produções estéticas” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 40). Ela envolve tanto nossas práticas cotidianas quanto as “grandes criações em todos os campos de conhecimento”, dos acontecimentos mais simples às importantes efemérides.

É evidente que a experiência estética não se limita ao domínio da prática artística historicamente estabelecida. Ela existe, em primeiro lugar, na apreciação da natureza, inclusive nessa parte da natureza que é o corpo humano. Mas, nós também a encontramos em rituais e no esporte, nas paradas, nos fogos de artifícios, na mídia da cultura popular, na ornamentação doméstica e corporal, de tatuagens primitivas a pinturas rupestres, a cosméticos contemporâneos e decoração da casa e, com certeza, nas inumeráveis cenas cheias de cor que povoam nossas cidades e embelezam nossa vida cotidiana. (SHUSTERMAN, 1998, p. 38)

Dessa maneira, nossas escolas também são constantemente arejadas por experiências estéticas, seja nas relações diversas que, corriqueiramente, se estabelecem entre os corpos que se encontram em seus *espaçostempos* cotidianos, seja nas relações desses corpos com artefatos visuais, sonoros e audiovisuais, seja nas afetações e trocas imperceptíveis e/ou indescritíveis de *saberesconhecimentos* que ocorrem nas salas de aula, mas também fora delas (em seus corredores, pátios e outros espaços). De modo especial, as experiências estéticas ocorrem de forma mais intensa nas atividades de criação artística que se realizam tanto nas salas, por iniciativa dos professores e também dos estudantes (em uma instantânea performance cômica, numa dança, no canto de um refrão, num desenho na carteira/parede, por exemplo) atravessando

e versando o que está posto como atividade, quanto fora delas, dos espaços disciplinares, em atividades de criação artística a exemplo das oficinas de que compõem o campo desta pesquisa.

Portanto, a Estética constitui, na vida cotidiana, o fluxo das relações/interações entre as pessoas e entre elas e os artefatos materiais, visuais, sonoros, audiovisuais, táteis, olfativos e gustativos criados (por elas), fluxo que produz múltiplas e mútuas afetações, provocando nosso corpo, a partir dos órgãos do sentido, a produzir percepções, sentidos, sentimentos, significados, gestos, atitudes, comportamentos, práticas/ações, pensamentos, expressões, conhecimentos, artefatos (objetos, tecnologias, obras de arte e...) etc., que circulam e organizam a existência, criam os mundos. Vale ressaltar que o acontecimento estético é perpassado por três perspectivas marcantes, relacionadas, mas não equivalentes: a beleza, o gosto e a arte. Daí, observamos a implicação da dimensão cultural imbricada com a organicidade corpórea e suas capacidades sensíveis e articulação simbólica.

A primeira perspectiva está relacionada à chamada Teoria do Belo que tem como preocupação central o processo de criação dos sentidos de beleza, as diferentes formas em que ela é percebida e instituída culturalmente por cada povo, grupo e classe social e as tensões/conflitos que ocorrem em função das diferentes maneiras de entender e reconhecer algo como belo ou não-belo e que, muitas vezes, resulta na imposição violenta de um sentido sobre os demais. Nesse aspecto, é importante nos determos tanto aos modos de apreciar/perceber e atribuir sentidos de beleza às paisagens e seres naturais, quanto aos artefatos e performances criados pelos sujeitos e aos modos de expressão/definição dos regimes de beleza, dos meios utilizados por diferentes grupos sociais para afirmar/disseminar/determinar o que é ou não belo.

São relações, muitas vezes, de dominação/submissão entre os diversos grupos culturais e ou classes sociais, visto que os grupos economicamente dominantes se auto instituem como definidores desse valor e impõem suas escolhas como padrão legítimo do que seria 'o belo' ou 'o mais belo', buscando caracterizar como 'inferioridade cultural' o que difere de tais padrões. Trata-se, evidentemente, do uso político de padrões culturais de modo a anular ou diminuir representatividades diversas e sustentar o hegemônico. (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 40)

Desse modo, destacamos a necessidade de uma política estética de proliferação na/da produção de sentidos de beleza frente às *estratégias* de homogeneização e sobreposição que interessa a grupos dominantes, fundamentados em ideologias fascistas, racistas, xenófobas, patrimonialistas, patriarcalistas, teocentristas, homofóbicas... que buscam controlar e dominar os demais grupos, em função de seus próprios interesses. Isso porque, a questão da beleza é algo que nos acompanha em todos os momentos e situações da vida, em que buscamos uma experiência simbólica, a produção de um imaginário, de algo além da utilidade, da função

pragmática dos artefatos/objetos, dos elementos/seres naturais, das relações/interações entre os corpos. Algo no campo do desejo, do prazer, da experiência afetiva, da imaginação, das significações etc., que não ocorre sem uma produção poética.

A segunda perspectiva que marca o acontecimento estético, a denominada ‘Teoria do gosto’ tem inegável relação com a ‘Beleza’, apesar de não se ocupar das mesmas questões. Essa teoria nos possibilita questionar sobre “como justificamos nossos gostos, se há padrões de gosto e como eles se instituem ou impõem.” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 40). O “Gosto” é um aliado da economia política da “Beleza” e, como ela, pode ser submetido inconscientemente a padrões impostos, mas, por outro lado, pode ser elemento de afirmação identitária, de resistência às imposições de grupos dominantes.

Nesse sentido, é necessário discutirmos os processos de produção dos gostos, alertando para as constantes tentativas de imposição de padrões de gosto pela desqualificação ou inferiorização de outros tantos gostos, instituindo modos de existência que se sobrepõe a outros, servindo a interesses de uma elite econômica, política e cultural, que busca subjugar as demais, especialmente os grupos sociais subalternizados. Aliás, o gosto é um dos dispositivos importantes para as práticas de subalternização de grande parte da população ou de povos inteiros, tipificados como “não-civilizados”.

A terceira e última perspectiva da Estética que merece nossa atenção é a chamada “Filosofia da Arte”, cujas questões nos possibilitam interrogar o que seria arte, por que razão atribuímos valor a ela e como se pode avaliar uma obra de arte ou se é possível avaliá-la sem incorrer na supervalorização de nossas concepções de beleza e de gosto e no menosprezo de outras tantas concepções existentes ou mesmo questionar a necessidade de tal avaliação.

Assim como os critérios de beleza e os padrões de gosto, as produções consideradas ‘obras de arte’ emergem de determinados contextos socioculturais e sofrem processos de valorização ou apagamento em função dos primeiros elementos apresentados: padrões políticos culturais de beleza e a, não menos política, economia do gosto. (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 41)

A Arte ou produção de expressões artísticas nas diversas modalidades (música, teatro, dança, pintura etc.) compõe uma parte da história da humanidade que tem sido destacada como história particular, a História da Arte. Nela, muitas obras destacadas como arte não foram criadas por meio de projetos artísticos como a modernidade concebeu, mas tinham como intenção “tornar a vida coletiva mais agradável, mais encantada ou apenas mais bem vivida, fosse por meio das realizações religiosas ou de outro objetivo qualquer” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 46). Expressões poéticas, consideradas ou não como arte,

constituem o campo do imaginário coletivo e entrelaçam nossa vida cotidiana com o “encantamento da expressão liberta da função, ou monopolizada pelo que a palavra não dá conta” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 46).

Dado o potencial da Arte em sua vinculação com a produção do imaginário coletivo, na produção poética de sentidos que inspiram e movimentam a vida social – produzindo (des)esperança, sonhos, encantamento, prazer individual e coletivo, simultaneamente, em expressões que mobilizam emoções, sentimentos, pensamentos, ideias, crenças, comportamentos, ações etc., atravessados por noções de beleza e gosto – as elites políticas, religiosas e econômicas, desde a Antiguidade até a atualidade, procuram capturar/cooptar os que produzem expressões artísticas de todas as modalidades, inclusive transformando parte das produções artísticas em meios de produção econômica supervalorizada e altamente rentáveis, inflacionando valores pela promoção de uma importância criada pelo marketing e pela produção da fama de artistas.

As obras de arte são transformadas em *comodities* em meios diversos, das elitizadas galerias aos gabinetes dos produtores da indústria cultural (música, cinema, literatura, teatro) como as grandes empresas de mídias, igrejas, partidos políticos e movimentos socioculturais que buscam influenciar a produção do imaginário coletivo, na produção de corpos/identidades, de modos de sentir, de pensar e agir, modos de viver, em suma, produzindo mundos.

Contudo, nos meios populares, sujeitos comuns, os que são insistentemente relegados a um parco *consumo* (CERTEAU, 2012), resistem e não cessam de dar golpes nos sistemas hegemônicos de produção da arte: pirateando, fazendo gambiarras, criando com o que dispõe ao seu redor, desvirtuando o que lhe é oferecido a apreciar, fazendo proliferar uma miríade de criações estéticas cotidianas e com elas, modos de sentir, de perceber, de expressar e viver, permeados de gostos próprios e de modos de conceber o belo e a própria arte, a contragosto do que lhe é imposto pelos sistemas dominantes da arte. Nas escolas públicas, certamente, essa incontrolável proliferação penetra incisivamente junto com os corpos dos nossos estudantes e aí reside a potência dos encontros que ocorrem sem seus *espaçostempos*.

Desse modo, a estética participa das redes curriculares de nossas escolas não somente pela “valorização das práticas estéticas e poéticas cotidianas como meio de afirmação dos sujeitos e de seus coletivos” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 47), mas também nas oportunidades em que dialogamos visando questionar

as imposições ideológicas que se servem da beleza, do gosto e da arte, lhes reduzindo aos seus interesses e projetos privatistas em oposição à formação democrática que deve sustentar a diversidade humana sempre refletida e reverberada na pluralidade de

saberes, escolhas, de práticas criativas, poéticas e belezas. (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 47)

Além disso, uma das funções da educação é proporcionar a discussão do gosto, da beleza e da arte contribuindo para amenizar os efeitos nefastos da pedagogia das imagens produzida pelo incessante assédio da cultura visual, em meios físicos e virtuais, engendrando fluxos imagéticos que nos seduzem ao mesmo tempo em que negligenciam ou apagam a representação da diversidade de corpos/sujeitos e de seus patrimônios culturais e criações estéticas, fluxo intenso de imagens que provoca o desejo pelo consumo ao passo que anestesia a reflexão crítica.

Partindo dessas reflexões, também vale destacar, nas relações entre a Estética e ensino/currículo escolar, a ideia nietzschiana de que a produção poética mais importante seria a *autocriação*, a compreensão e afirmação da vida como obra de arte (NIETZSCHE, 1992) que começa com a busca por corresponder à exortação do filósofo alemão: *ser o que tu és*. Ao enveredar por esse caminho seria necessário desconstruir os postulados hegemônicos de arte, de beleza e de gosto, expondo nosso corpo à alteridade e à pluralidade de experiências estéticas, de modos de existir, de sentir, perceber e criar, encampando nossa obra pessoal de amar o destino e de sermos o que somos (DIAS, 2011).

E é em nossos percursos cotidianos que nos constituímos como obra de arte, na escola assim como nos demais *espaçostempos* vividos, quando nos expomos/dispomos a experimentar os mais diversos acontecimentos estéticos, desde aqueles que são intencionados a nos ensinar, a exemplo das atividades disciplinares que visam a nos transmitir conhecimentos produzidos nos mais diversos campos das (autonomeadas) ciências, àqueles que ocorrem fora dos espaços disciplinares na escola e na vida, incluindo aí as experiências de prazer e de liberação das nossas, sempre contidas, emoções.

Como nos indica Rosa Dias (2011), na perspectiva nietzschiana, constituir-nos como obra de arte requer a indispensável vivência de nossos corpos entre as experiências dionisíacas e apolíneas, entre a embriaguez – “o estado que destrói, despedaça, abole o finito e o individual” e o “mundo das aparências, das formas, da beleza, da justa medida” (DIAS, 2011, p. 87), do conhecimento, da razão. Nas experiências dionisíacas, na vivência do êxtase, na entrega incontrolável às emoções, à histeria e à explosão da alegria, “desfazem-se os laços do princípio de individuação, rasga-se o véu das ilusões para deixar aparecer uma realidade mais fundamental: a união do homem com a natureza” (DIAS, 2011, p. 87).

Contudo, como outras instituições acopladas ao sistema capitalista, a escola oficial tenta barrar as experiências de prazer corporal (por exemplo, inibindo namoros nos pátios; êxtase, gargalhadas e gritaria nos corredores e salas; uso de som, de bebidas e outras drogas etc.)

canalizando-as segundo seus próprios interesses, permitindo-as apenas em alguns momentos de festa, de comemoração, de celebração daquilo que tal sociedade considera pedagogicamente útil à sua tarefa de normalização e confinamento dos corpos ao sacrifício do trabalho, do aprendizado, das práticas de leitura e de escrita devotadas aos conhecimentos científicos, disciplinares, disciplinadores das emoções.

Inclusive, tal escola transforma a Arte e a Literatura em disciplinas de conhecimento explicativo da história e características de suas criações e de seus autores e, do pouco tempo que elas dispõem no currículo oficial, não se tem “tempo a perder” (na perspectiva colonialista-capitalista), “não dá tempo” ou “o tempo é muito curto” para se viver a experiência estética da apreciação das obras artísticas e literárias e quando isso ocorre é quase sempre de obras brancorreferenciadas. Em suma, a escola enquanto instituição se destina/dedica, principalmente, em servir ao princípio apolíneo do sonho, da forma, da normalização, do ordenamento do caos, exalta e mistifica a razão e o conhecimento científico em prol de uma suposta inserção socioeconômica e cultural dos estudantes, do seu preparo para uma futura profissão, para “o mundo do trabalho”, para serem trabalhadores consumidores, para a produção e consumo de bens submetidos a uma lógica capitalista.

Assim, uma escola pública, enquanto *escola dos estudantes* (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017), instituição formada pelo encontro cotidiano deles com seus professores e demais pessoas que aí atuam, tem nesse encontro uma oportunidade fértil de formação democrática, libertária e criadora de seus corpos, tendo em conta o pertencimento de cada um aos diferentes grupos socioculturais e às redes de *saberesconhecimentos*, significações e poderes, pertencimento e redes que se estende inevitavelmente à humanidade inteira e à própria natureza. Os encontros cotidianos com a/na escola podem ser uma oportunidade singular que contribua para a *autocriação* (HERMAN, 2010) dos corpos que lhes habitam e buscam viver toda sua potência, experimentando com os outros uma existência livre e ética.

Entendendo a escola como *espaçostemos* de múltiplos encontros, nós professores poderíamos nos aventurar por experimentações que contribuíssem para que os estudantes se percebessem como “obra de arte” (DIAS, 2011) em permanente criação e de sua própria autoria, um corpo que necessita viver sua fisicalidade, considerando os impulsos do inconsciente, o delírio dos seus desejos e das emoções, sua conexão telúrica/cósmica, da mesma maneira que deve viver as experiências de aprendizagem de conhecimentos (não somente os científicos), de linguagens e outras produções simbólicas realizadas pela humanidade em todos os recantos da terra, não somente no ocidente, entendendo que fruição, prazer, alegria e emoções constituem

nosso corpo tanto quanto pensamentos e conhecimentos. Inspirados na perspectiva nietzschiana, pensamos que a escola promovida pelos adultos, pelo menos, poderia não impedir ou não atrapalhar os alunos de viverem experiências dionisíacas em seus cotidianos, possibilitando que as emoções, a alegria e a liberdade fossem vividas com a mesma intensidade que as atividades ligadas ao pensamento e conhecimento racional, ou seja, que a escola dos adultos não exacerbe o seu caráter apolíneo e promova também, ou não impeça, o dionisíaco.

Destacamos também, inspirados em Aristóteles Berino (2017; 2020), a preocupação de nosso memorável educador Paulo Freire de não nos esquecermos da *estética* e da *ética* em um fazer educacional muito ocupado em promover o conhecimento crítico e a politização, presentes em nossas práticas nas escolas (é claro!) como em qualquer outro *espaçotempo* sociocultural. A promoção da “críticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas.” (FREIRE, 1998, p. 36). Ressalta, ainda, o autor: “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os ensinamentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista” (FREIRE, 1998, p.164-165).

É no encontro alegre, animado e animador dos diferentes jovens, das juventudes dentro de uma escola de Ensino Médio, como a que atuo e realizo esta pesquisa, que apostamos e desejamos ver a existência de uma produção artística-poética-estética, tanto em suas experiências poéticas quanto de si mesmos, enquanto obra de suas próprias mãos-olhos-bocas-ouvidos-nariz-pele-pés, que possibilitam contatos, percepções, afetações, percursos e expressões na criação de si e de seus mundos.

2.4 Produção de imagens, cultura visual e imaginário na pesquisa

Nesta seção, continuamos apresentando outros fios teóricos que entrelaçam esta tese e que influem em nosso desejo de produzir conhecimentos nos/dos/com os cotidianos atentos e dispostos a resistir aos postulados modernos de ciência que nos cercam por todos os lados, nos debruçando aqui sobre a questão da produção de imagens e da Cultura Visual, tendo em conta que na pesquisa realizamos a produção de uma *cartografia audiovisual* das experiências de criação artística vividas pelos estudantes, tendo como ponto de partida o acervo de imagens dessas experiências produzidas por outros estudantes no Projeto de Comunicação, brevemente citado, nas seções anteriores deste trabalho.

De início, relembramos que as ciências modernas buscaram se afastar das linguagens ficcionais, das criações artísticas em suas diversas formas (literária, teatral, musical, cinematográfica, fotográfica etc.), da linguagem verbal praticada pelos *sujeitos ordinários* nos cotidianos (CERTEAU, 2012) e das imagens, considerando seu caráter polissêmico ou sua quase ausência de significação, sua “despretensão” ou impossibilidade de apresentar um sentido clarividente. A imprecisão e indecifrabildade das imagens ameaçam a noção moderna de objetividade que ainda marca fortemente as ciências, mesmo as humanas, podendo ser motivo para desconsiderar como fonte de pesquisa a potência da farta produção de imagens (fotografias/vídeos) que as pessoas realizam e publicam diariamente na atualidade, utilizando-se de dispositivos digitais conectados à internet.

As práticas, os *saberesconhecimentos* e as criações realizadas pelas pessoas comuns, nos cotidianos, ainda são desvalorizados contrastando-se com a exaltação e supervalorização dos conhecimentos científicos, mesmo considerando que as pesquisas sempre “extraem” desses cotidianos os dados empíricos e estatísticos que possibilitam criar seus conhecimentos. De modo reverso, inspirados ainda em Certeau (2012, p. 13), nos voltamos “para a ‘proliferação disseminada’ de criações anônimas e “perceíveis” que irrompem com vivacidade e não capitalizam. De modo especial, focalizamos as imagens e sons dos estudantes em suas experiências de criação artística, nos questionando como essas imagens, esses lapsos intermitentes de luz e essas vibrações combinatórias de sons e silêncios (ruidosas aos ouvidos condicionados às melodias e melancolias da normalidade) podem afetar nossos sentidos compondo um imaginário, maneiras de ver-ouvir a escola dos estudantes.

Nos serve de inspiração, também, a imagem/estética que Didi-Huberman (2011) nos oferece da existência/sobrevivência dos vaga-lumes frente à ação dos poderosos holofotes de uma sociedade. Apesar da intensa luminosidade da produção científica e midiática que projeta/generaliza/representa imagens de escolas públicas como *espaçostempos* caóticos, de miséria e reprodução das desigualdades sociais, de aprendizagem insuficiente ou ineficiente (a partir da ótica das *estratégias* macropolíticas), buscamos nos ater aos intermitentes e efêmeros lampejos das microproduções e criações dos vaga-lumes: estudantes, professores, gestores e outras pessoas que se encontram diariamente nos cotidianos dessas escolas e, concretamente, fazem-na acontecer a partir de seus desejos, necessidades e possibilidades, a partir das condições disponíveis ou impostas e das experiências e saberes que possuem e aí partilham.

Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a

ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. (DIDI-HUBERMAM, 2011, p. 52)

Assim, desejamos poupar nossa vista da intensa luz dos projetores de uma escola pública vista de fora ou de cima, para observá-la naquilo que a faz opaca e resistente a essa luz feroz, captar as luminescências desprezíveis que se camuflam ao serem atingidas pela luz desses projetores. Olhar a escola de dentro, do meio das obscuridades das práticas, da sua aparente falta de brilho, deixando-nos inundar pela penumbra necessária à dilatação de nossas pupilas para, assim, captar os minúsculos e fracos lampejos das efêmeras e intermitentes criações cotidianas, realizadas no encontro de estudantes e professores. Centelhas insignificantes, ofuscadas, invisibilizadas, mas jamais apagadas quando atingidas pelos holofotes de uma política de hipervisibilidade e transparência, que aludimos como *dispositivo*¹⁸ (FOUCAULT, 1984) das *sociedades de controle* (DELEUZE, 1992), tendo em vista determinar as práticas e os modos de existência dos corpos que habitam as escolas.

Dessa maneira, nosso desejo de produzir conhecimentos sobre as experiências de criação artística nos cotidianos de uma escola pública se dirige para as imagens e sons, fagulhas de memória produzidas pelos estudantes. Com eles, apostamos na composição de uma imagem ou de um imaginário partilhado de escola – uma composição na qual não é possível nem desejável me anular enquanto professor envolvido nas oficinas de criação, tampouco enquanto pesquisador – desejando ampliar a compreensão dessas experiências e partilhá-la nesta tese com quem se interessar pela leitura, ressaltando sua parcialidade enquanto uma maneira, dentre tantas outras (como acontece em qualquer pesquisa), de compreender os acontecimentos que se tecem na produção da existência das escolas.

Contudo, nossa perspectiva foi, justamente, potencializar a produção de imagens cujas presenças provoquem rupturas naquelas tornadas clichês do que seja a escola pública pelos meios hegemônicos de produção acadêmica, política e midiática. Impulsionar a produção de uma miríade de imagens-fragmentos de uma escola implica em compreender o poder da cultura visual, da pedagogia das imagens em sua capacidade de mostrar, de afirmar ou influir na produção de maneiras de ver-ouvir-sentir-pensar o mundo, de modos de “ver dados” ou de produzir verdades, de criar realidades a partir de perspectivas e enquadramentos diversos.

Nesse sentido, a cultura visual, assim como a produção de conhecimentos e a produção artística, comporta modos e experiências de produção estética que podem favorecer a existência

¹⁸ “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1984, p. 244-245).

de uma diversidade de corpos, de identidades, de modos de ser/viver, de maneiras diferentes de ver-ouvir-sentir-pensar-agir e criar mundos, mas também podem servir à homogeneização fascista dos corpos e de seus modos de vida, à sua discriminação, inferiorização e hierarquização frente a outros que se instituem superiores, à exploração ou sua completa aniquilação, promovendo maneiras de perceber e de dizer, de produzir verdades que se pretendem absolutas e inquestionáveis, bem ao gosto da parcela elitizada de uma sociedade.

As imagens têm um potencial instaurador de presenças que extrapolam a intencionalidade do seu produtor, que provoca a criação de sentidos diversos por parte de quem as observa ou com elas se depara, sentidos que não são resultantes de uma decifração ou leitura, mas de uma criação. Mesmo a leitura de textos é uma criação, nela o leitor realiza uma produção de sentidos, é uma operação em nada passiva, é um processo de interação e de elaboração e não mera interpretação das ideias organizadas pelo autor. O texto “é um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que espera do leitor o seu sentido” (CERTEAU, 2012, p. 241). O leitor

Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU, 2012, p. 241)

De maneira ainda mais aberta, por não possuir um sistema de signos e uma gramática tão definida, não ensinada nas escolas como acontece com a linguagem escrita, as imagens permitem, ainda mais, criação inapreensível de sentidos por quem com elas entra em contato ou convive, abertura que, como acontece na atividade leitora, depende quase que exclusivamente do repertório cultural de cada um, neste caso, do caleidoscópio de imagens que compõem a cultura visual a que estamos imersos e que influem a complexa constituição dos processos e maneiras de ver-ouvir-perceber-sentir.

Os estudos sobre cultura visual, segundo Fernando Hernandez (2011), têm se destacado como campo interdisciplinar cuja trama teórico-metodológica vem se compondo entrelaçada aos movimentos pós-estruturalistas, aos estudos culturais, à nova história da arte, aos estudos feministas, dentre outras referências. Ressalta o autor que os estudos visuais não enfatizam tanto a leitura das imagens como as posições subjetivas de quem as produzem, bem como os seus efeitos nos sujeitos visualizadores:

[...] as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. Em suma, fixam a realidade de como olhar

e nos efeitos que têm em cada um ao ser visto por essas imagens. (HERNANDEZ, 2011. p. 32-33)

Hernandez (2011, p. 46) destaca que diante de “um mundo dominado pelos dispositivos da visão e pelas tecnologias ao olhar”, necessitamos “explorar nossa vinculação com as práticas do olhar, as relações de poder em que somos colocados e questionar as representações que construímos em nossas relações com os outros,” assim como no questionarmos se estamos “vendo com os nossos próprios olhos”, se percebemos nossa implicação com os modos de ver que interessam aos grupos que dominam a sociedade e impõem maneiras de ver, imagens de um mundo que lhes interessa instituir, manter e controlar.

Ao nos posicionarmos atentos às produções imagéticas que compõem uma cultura visual, às lógicas, formas e processos que estabelecem, silenciosamente, modos de ver-sentir-pensar-viver, nos preparamos para enfrentar a vida cotidiana que acontece em meio a uma enxurrada de visualidades, assim como para saber lidar com as imagens em nossas práticas educativas e investigativas, favorecendo à compreensão e intervenção crítica na produção de mundos, potencializando nossa capacidade de repensá-los e recriá-los constantemente.

Além disso, lembramos que a produção de nossos pensamentos e percepções é, fortemente, condicionada pelas linguagens que criamos/utilizamos, especialmente pela linguagem verbal, através das quais buscamos representar/construir mundos, descrevê-los, narrá-los e compreendê-los, produzindo ideias, conceitos e concepções. Contudo, precisamos entender que esse processo de representação simbólica e semiótica que ocorre nas linguagens, mesmo que entendido como produção coletiva (aglutinando diferentes perspectivas e sentidos) não pode ser tomado como “o real”, mas como uma realidade singular, parcial, uma produção realizada por um grupo de pessoas em situações e condições determinadas. A realidade enquanto totalidade complexa não é possível de ser estabelecida, é inapreensível, indescritível e irrepresentável.

Considerar os estudos da cultura visual e a produção de imagens em nossas pesquisas consiste em uma possibilidade de alargar os modos de produção de conhecimentos para além das linguagens, já que as imagens (assim como o mundo) não são totalmente capturadas pelos discursos/narrativas linguísticas. Uma imagem não “vale mil palavras”, ela não pode ser totalmente capturada pela palavra, sua presença, seu olho sobre quem a olha é instaurador de sentidos imprevisíveis, que escapam às intenções e mesmo à percepção de quem a produziu. Sentidos resultantes do seu impacto sobre o nosso olhar num instante determinado, podendo se transformar a cada momento/época que voltamos a olhá-la.

A imagem concebida em sua polimorfia de modos de ver e de ver-se nos possibilita “explorar os relatos discursivos que nos diferentes tipos de imagens fixam as maneiras de ver-se e ver aos outros, e refletir sobre como viemos aprendendo e naturalizando tudo isso” (HERNANDEZ, 2011. p. 47). Portanto, o desenvolvimento de pesquisas com a utilização ou produção de imagens tem sido bastante discutido, resultando na proliferação de metodologias de pesquisa e de registro/escrita/expressão/publicação de resultados/conclusões.

En la sociedad contemporánea, el individuo común y corriente consume y produce imágenes o mensajes visuales de manera indistinta y cotidiana. La visualidad organiza la vida diaria del sujeto (Marquina 2011: 13). Se vincula al proceso de producción de significado cultural que parte de la circulación pública de las imágenes.¹⁹ (MARQUINA, 2016. p. 89)

Essas discussões, assim como a opção pelo uso de imagens em pesquisas têm sido impulsionadas pelas transformações sociotécnicas no mundo contemporâneo, com o desenvolvimento e a popularização dos dispositivos digitais de produção de imagens conectados em rede, especialmente, dos celulares *smartphones*. O surgimento de servidores e aplicativos de redes sociodigitais, nas últimas décadas, vem atraindo e aglutinando um número cada vez maior de pessoas e impelindo-as a produzirem e a compartilharem imagens e narrativas diversas sobre suas experiências cotidianas, o que tem despertado interesses mercadológicos, políticos e científicos interessados nas mais diversas temáticas e áreas do conhecimento.

Inicialmente destinados à conexão, produção, publicação e consumo de imagens, mas que atualmente possibilita uma diversidade imensa de operações em rede, esses dispositivos tecnológicos invadiram os cotidianos de nossas escolas públicas causando muito alvoroço, especialmente pela empolgação e envolvimento os estudantes com eles, uma “invasão” inicialmente incômoda/conflituosa²⁰ que provocou muitas discussões a respeito dos *usos* realizados pelos alunos e as implicações em suas vidas, na produção de suas subjetividades, em seus modos de viver-pensar-conhecer-agir. Seja através de políticas públicas, seja “pelas mãos”

¹⁹ Na sociedade contemporânea, o indivíduo comum e corrente consome e produz imagens ou mensagens visuais de maneira indistinta e cotidiana. A visualidade organiza a vida diária do sujeito (MARQUINA, 2011, p. 13). Vincula-se ao processo de produção de significado cultural que parte da circulação pública das imagens. (Tradução nossa)

²⁰ Muitos professores questionavam o uso do celular na sala, alegando que ele prejudicava a aula, dispersava a atenção dos alunos. Algumas escolas criaram normas específicas para disciplinar seu uso e até para proibi-lo. Pais ainda questionam o tempo que as crianças e jovens dedicam ao uso desses dispositivos tecnológicos. Contudo a presença de celulares nas escolas como nos diversos espaços sociais tem se tornado algo comum, parte da própria vida, de modo que as tensões sobre sua presença estão sendo acomodadas em quase todos os ambientes sociais.

dos estudantes, professores, funcionários etc., a penetração de artefatos tecnológicos na escola contribuiu para alterar as maneiras de construir e compartilhar *saberesconhecimentos*, imagens, sons, mensagens, sentidos e as próprias subjetividades, os modos de vida, interferindo nas relações entre as pessoas que vivenciam os cotidianos da escola, de modo especial com a produção de imagens de suas experiências nesses *espaçostempos*.

Com o crescente uso social, ao longo dos últimos anos a presença do celular na escola foi-se tornando algo indispensável, uma espécie de parte ou prótese do corpo, imprescindível a qualquer pessoa, um dispositivo fundamental para nossa existência em qualquer momento e lugar. Inclusive, durante a pandemia da Covid-19, celulares *smartphones*, tablets e *notebooks* ou computadores, com suas câmeras e microfones conectados em rede, foram a única possibilidade de existência das escolas, de contato e convivências entre professores e estudantes, soterrando de uma vez por todas os questionamentos e discussões sobre o problema de seu uso, especialmente sobre as consequências negativas que, certamente, existem.

Nesse processo, tendo em vista que há poucas décadas a produção e veiculação de imagens era um privilégio das pessoas das camadas dominantes, economicamente mais abastadas, notamos que a popularização do acesso aos dispositivos de produção de imagens provocou rupturas nos modos de vida na contemporaneidade. “Lo visual, en su imbricada relación con las tecnologías de la comunicación y la información (TIC), rompe con las barreras entre lo culto y lo popular, entre lo científico y lo cotidiano” (MARQUINA, 2016. p. 95-96). Para Marquina, as atuais tecnologias digitais de comunicação contribuem para acabar com as elites da produção e circulação de informações tornando-as mais democráticas, afetando nossas formas cotidianas de percepção. “Lo visual se instala como parte de la vida diaria²¹.” (MARQUINA, 2016. p. 95-96).

Ao pensarmos nossas pesquisas com imagens nos/dos/com os cotidianos escolares, nos questionamos sobre seu potencial e as possibilidades de sua utilização na elaboração de metodologias de investigação, escapando ao equívoco de tratá-las como uma representação fiel da realidade, como mera ilustração ou mesmo como um recorte do real que condensa informações e sentidos que servem de exemplos a serem apresentados, descritos no texto de uma pesquisa. De outro modo, consideramos “que toda imagem (um desenho, uma pintura, uma escultura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem eletrônica ou infográfica) nos

²¹ O visual, em sua imbricada relação com as tecnologias da comunicação e da informação (TIC), rompe com as barreiras entre o culto e o popular, entre o científico e o cotidiano. [...] O visual se instala como parte da vida diária. (Tradução nossa)

oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar.” (SAMAIN, 2012, p. 22).

As imagens têm vida própria, um grande “poder de ideação”, um potencial para suscitar pensamentos e “ideias”, ao associarmos a outras imagens. Para Samaim (2012) as imagens pensam e é preciso questionarmos como isso ocorre. Portadora de pensamentos, o que se pretende e o que é possível com a presença das imagens?

De um lado, o pensamento *daquele que produziu* a fotografia, a pintura, o desenho; de outro, o pensamento de *todos aqueles que olharam* para essas figuras, todos esses expectadores que nelas “incorporaram” seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e, até, suas intervenções, por vezes deliberadas. (SAMAIN, 2012, p. 22-23).

Portanto, nossa atenção deve focalizar no diálogo entre quem produz as imagens (fragmentos das experiências) e quem as “consome”, considerando que são imagens e sentidos de “um instante num fluxo – e refluxo – de realidade que a faz transbordar em dois movimentos – de dentro para fora e de fora para dentro”. (SAMAIN, 2012, p. 32). Considerar que as imagens exercem um poder de “ideação”, são tentativas de representação, sempre parcial, das coisas do mundo em que, “mais do que as outras representações (a fala, a escrita), sua natureza estetizante esconde sua capacidade de dissimulação ou, simplesmente, de não se revelar por completo.” (SAMAIN, 2012, p. 32).

É nesse potencial de dissimulação, em seu silêncio e obscuridade, na incompletude, na incapacidade de serem totalmente compreendidas, decifradas, que reside a força provocante e criadora das imagens. A impossibilidade de compreendê-las nos impulsiona a criar variados sentidos sobre um instante da vida ou o fragmento do mundo que ela captura e que atrai nossa atenção e provoca nossa percepção, nossas emoções, sentimentos e pensamentos. É essa capacidade que as imagens têm de provocar-nos que reside sua potência e que nos motiva a enveredar pela cultura visual em nossas pesquisas: uma aposta no devir, na imprevisibilidade, no impensado e na busca pelo desconhecido.

A produção e o consumo de imagens-sons-mensagens-textos pelas pessoas na vida cotidiana, constituem intermináveis processos de produção estética que compõem a cultura visual e o *imaginário*, este, por sua vez, formado pelo “conjunto de imagens e todas as criações do pensamento humano – que engloba a produção poética, artística, mas também a científica, filosófica, ideológica etc., – quanto por relações de imagens” (DURAND, 1997, p. 18). Isso “desloca a questão dos produtos da imaginação para o caráter processual do imaginário” que “se define mais por seu aspecto dinâmico” (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 38).

Portanto, na pesquisa direcionamos nossa atenção para o acontecimento dos processos de produção-fruição estética: criação-consumo de imagens, sons, textos etc. e, relacionados a eles, a produção de sentimentos, gestos, comportamentos, performances, pensamentos, sentidos-significações e *saberesconhecimentos* pelos diferentes corpos envolvidos em um imaginário.

Outra questão que queremos lembrar é que, apesar de termos destacado a cultura visual no aspecto que mais nos interessa nesta pesquisa, a perspectiva do produtor de imagens e do espectador, do consumo e usufruto de bens visuais, enfim, o ato de olhar, “a dimensão do ‘ser olhado’ é crucial para pensar a cultura visual contemporânea.” (CAMPOS, 2013. p. 4-5). Como anunciamos no início desta seção, os *dispositivos* de produção de imagens são largamente utilizados na organização das *sociedades de controle* (DELEUZE, 1992) onde a visibilidade dos corpos alimenta sistemas de vigilância, de categorização e controle de modos de existência, dos comportamentos e do consumo de bens ou serviços personalizados ao sabor de um capitalismo informacional que transforma dados em mercadoria e pessoas consumidores.

Enfim, ao direcionarmos nossas pesquisas para os processos de produção de imagens, para a cultura visual e o imaginário precisamos nos precaver para não servirmos aos interesses de uma sociedade capitalista, aos mecanismos de poder que atuam na produção, sempre política, de imagens-sentidos-conhecimentos sobre os modos de existência dos variados corpos e suas práticas, um mundo que uma parte deles, elitizada e poderosa, deseja forjar-controlar os demais visando satisfazer seus interesses políticos-econômicos-culturais. É preciso cuidado para não cairmos na pretensão colonizadora-ocidental de tentar transformar ou reforçar imagens, pensamentos e conhecimentos em verdades que se sobrepõe a tantas outras, dissimulando tal intento através do discurso científico ao mesmo tempo em que se promove a inferiorização de outras produções, realizadas por corpos menos poderosos.

2 CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL: CAMINHOS DE UMA PESQUISA

A partir da apresentação das perspectivas que compõem a rede teórica que inspirou nossas escolhas, dentre tantas outras redes de *saberesconhecimentos* e de experiências que nos envolvem e nos afetam cotidianamente e que impulsionaram nossa perambulação nesta pesquisa, delineamos alguns traços do mapa da criação do percurso investigativo que realizamos.

Figura 1 - *As invisibilidades da escola*, oficina de fotografia²², 2018



Fonte: acervo do Autor, 2018.

Apostamos na imprevisibilidade e na potência dos possíveis que acontecem em escolas públicas (como em todos espaços sociais), resultantes das diversas práticas, modos de vida, pensamentos, desejos, forças e criações que nelas fluem de modo diverso e incontrolável. Tomando a imagem anterior como exemplo da rebeldia e do emaranhado do acontecimento escolar, da criação dos estudantes com seus professores, queremos pensar nos diversos processos e relações que se entrelaçam no encontro coletivo dos sujeitos nos *espaçostempos* escolares, muitas vezes em conflito e outras tantas em conformação pelas necessidades da

²² Imagem produzida por um grupo de estudantes em uma oficina de produção de fotografias do Programa Ensino Médio Inovador. A proposta era produzir imagens de uma escola invisibilizada, não percebida como escola ou parte dela. Algumas dessas fotografias foram utilizadas por mim na abertura do filme “Juntando CACOS” (Disponível em: <https://youtu.be/HBXpvvJVRZ0>) que apresenta a experiência de uma banda formada pelos estudantes da escola. O filme foi inspirado na estética da “sobrevivência dos vaga-lumes” de Didi-Huberman (2011) e na ideia de produção “microbiana” dos “consumidores” em Certeau (2012).

existência e da convivência, e concorrem para formar seus corpos de modo igualmente diverso, apesar das tentativas hegemônicas de formatar tais corpos, de designar o que devem ser os estudantes, os professores e demais pessoas que atuam nas escolas.

Inspirados em Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), nomeamos *cartografia audiovisual* o nosso desejo e tentativa de realizar uma pesquisa a partir de um conjunto de imagens, sons e textos produzidos por estudantes em atividades de criação, performance e fruição artística no CEACO, em Ichu/BA. Decidimos compor uma *cartografia* entendendo que *o mapa faz parte do rizoma*, “[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 21).

Contudo, sabemos que é possível apenas *cartografar* alguns traços do intenso fluxo dos acontecimentos, das experiências vividas e das intermináveis produções estéticas desencadeadas no fértil encontro dos diferentes corpos nos cotidianos de uma escola pública: um movimento inesgotável e inapreensível, formado pelas diversas perspectivas, sentidos, performances e interações que envolvem cada corpo no encontro coletivo de uma escola, por pequena que seja, como a nossa. Por isso, como acontece em qualquer pesquisa, enquanto produção sempre limitada, relativa e parcial de conhecimentos, escolhemos alguns traços-fluxos do emaranhado de acontecimentos da escola, focalizamos a produção estética, as percepções e expressões de um grupo de estudantes e ex-estudantes sobre as experiências vividas nas atividades de criação e expressão nos Projetos Artísticos realizados no CEACO.

Figura 2 - *Print* do filme “Aos nossos olhos”²³ (PROVE, 2014)



²³ Filme produzido por um grupo de estudantes, em 2014, na primeira edição do Festival de Vídeos Estudantis, Projeto Produção de Vídeos Estudantis (PROVE) realizada na escola, em que eles foram motivados a mostrar uma escola que não é vista. Disponível em: <https://youtu.be/0BQiSoPxO2A>.

A produção de imagens na/da escola por estudantes nos coloca diante de outra escola, a escola dos alunos, presente em seu imaginário, muitas vezes invisível ou invisibilizada aos olhos dos professores, dos gestores, coordenadores e funcionários que *fazem imaginam*, com eles, uma escola multissensorial, rizomática, pouco percebida pela perspectiva dos alunos.

As experiências de criação artística que buscamos compreender pela perspectiva dos estudantes nesta pesquisa surgem de uma *apropriação* (CERTEAU, 2012) que vem ocorrendo na escola, há mais de uma década, com a realização de Projetos Artísticos propostos pela Secretaria de Educação da Bahia. Aproveitando-se de experiências “bem-sucedidas” criadas em algumas escolas da Rede Estadual de Educação, a Secretaria tem fomentado a realização desses Projetos Artísticos, estimulando a adesão voluntária das escolas, disponibilizando documentos de orientação e recursos para sua realização (aquisição de materiais, serviços, premiação etc.), além da articulação das atividades propostas em eventos para além da escola, com a realização de etapas regionais e estadual dos festivais, saraus e exposições, em que as produções artísticas realizadas pelos estudantes são apresentadas/expostas para um público mais amplo, envolvendo estudantes e professores das escolas inscritas e selecionadas.

De um modo geral, na escola, os Projetos Artísticos sempre começam com a realização de oficinas de fruição e criação artística, em diferentes modalidades (música, literatura, artes visuais, artes cênicas, audiovisual etc.), e culminam com a realização de saraus, festivais e exposições, momentos festivos em que as criações dos estudantes são apresentadas/expostas, ganham visibilidade/escuta e são fruídas pela comunidade escolar e externa.

Com o meu envolvimento, desde o início, na realização das oficinas de criação artística na escola, a aposta em atividades de criação foi ganhando força em minhas práticas de professor e de pesquisador, me fazendo compreender a potência das oficinas como metodologia-dispositivo de pesquisa, o que me levou a apostar na criação de vídeos com estudantes-interlocutores desde a minha pesquisa de mestrado, algo que me fez acreditar e enveredar, ainda mais, nesse tipo de atividade na escola, ampliando meu envolvimento em outros Projetos, especialmente no Projeto Produção de Vídeos Estudantis (PROVE).

Foi a partir dessas experiências que, agora na pesquisa de doutorado, as oficinas de produção de vídeo foram novamente escolhidas como processo coletivo de criação de audiovisuais, aproveitando as experiências dos estudantes e as minhas com os Projetos Artísticos, acumuladas ao longo de mais de uma década. Esse novo processo de produção materializa o desejo de retomarmos nossas memórias e revigorar laços de amizade, o desejo de experimentarmos nova partilha de saberes, de experiências e de sentidos sobre o que vivemos, sobre o que nos afetou e, na perspectiva nietzschiana da “criação de si” como obra de arte

(NIETZSCHE, 1992), sobre o que colaborou para “tornar-nos nós mesmos” nessa passagem pela escola. Reviver a partilha das experiências, retomando encontros vividos nessa escola que é múltipla: são tantas escolas dentro da mesma escola quanto são diversos nossos corpos, diversas as práticas que *ralizamospensamos* e os *saberesconhecimentos* que compartilhamos.

Com esse intuito, realizamos as oficinas da pesquisa com as quais buscamos viver uma nova experimentação, remexer o vasto acervo de fotografias, vídeos, áudios (músicas e outros áudios gravados) e textos e compor uma *cartografia audiovisual* dos Projetos Artísticos na escola. *Imagens-sons-textos* que foram guardados, em formato digital, pelos professores envolvidos e pela própria escola ao longo dos anos, desde o início das oficinas de criação artística. Como já comentamos neste trabalho, a maior parte das imagens deste acervo são fotografias produzidas por estudantes no “Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem”, outro projeto que também foi criado (em 2009) na escola e vem acontecendo nesse mesmo período de realização dos Projetos Artísticos.

No Projeto de Comunicação os estudantes cobrem as atividades realizadas na escola, produzindo fotografias e notícias sobre seus cotidianos, acumulando muitas imagens produzidas a partir de sua perspectiva. Outra parte dessas imagens, inclusive alguns vídeos, sons e textos²⁴ foram produzidos pelos professores e estudantes envolvidos na realização das oficinas de criação artística e nos eventos de apresentação-fruição dessas produções. É um acervo digital enorme, em sua maior parte não publicado, portanto, desconhecido pelas pessoas da escola (mesmo pelos estudantes envolvidos nas atividades de criação) e da comunidade externa, por não estar disponível ao acesso na internet. Apenas uma pequena parte desse material foi publicada no Blog da escola ou foi exibida, por meio de projeção, em alguns eventos, como a Abertura do Ano Letivo, a Sensibilização dos Projetos Artísticos e Reunião de Pais, em que a escola apresenta aos novos e aos atuais estudantes as atividades que realiza em seus cotidianos, motivando sua participação nessas atividades.

As oficinas de produção da *cartografia audiovisual* foram pensadas como uma proposta aberta a ser discutida e construída com um grupo de estudantes e ex-estudantes convidados, a partir de dois movimentos principais: *primeiro*, convidando um grupo de estudantes a participarem da pesquisa, começando por contribuir na criação de um site com as imagens-sons-textos das experiências de criação artística na escola; *segundo*, realizando oficinas de

²⁴ Poemas, crônicas, fábulas, letras de músicas, roteiros de filmes, narrativas históricas etc. produzidos pelos alunos nas oficinas dos Projetos Artísticos, mas que foram digitalizadas pelos professores realizadores das oficinas, a fim de facilitar seu uso e divulgação durante as atividades dos Projetos, ficando guardados em formato digital em seus arquivos pessoais ou nos da escola, sendo que muitos deles não foram encontrados.

criação com esses estudantes, com o objetivo de que eles produzissem vídeos sobre suas experiências nas atividades de criação artística realizadas na escola, apreciando e aproveitando as imagens disponíveis no site, bem como em seus arquivos pessoais, e as possíveis afetações de suas memórias sobre essas experiências.

2.1 Primeiro movimento

No *primeiro movimento* buscamos reunir, organizar e publicar o acervo de imagens-textos dos Projetos Artísticos, com a criação do site <https://www.criarteceaco.pictures/>. Para isso, realizamos um primeiro encontro (em maio de 2021) com um grupo de estudantes e ex-estudantes envolvidos nas atividades de criação artística e apresentamos a ideia da pesquisa e um esboço do site com algumas imagens disponibilizadas para exemplificar. Esse primeiro encontro, realizado de modo virtual (dada a situação pandêmica de Covid-19 que estávamos vivendo), serviu como primeiro convite e teve a intenção de motivar os estudantes a integrarem o grupo de interlocutores da pesquisa e contribuírem na produção do próprio site, com a organização dos acervos dos anos em que participaram das atividades de criação artística, inclusive agregando imagens que eles, por ventura, tivessem produzido e guardado à época. Foi um momento de contato dos estudantes com as imagens, de provocação das suas memórias, de motivação do seu envolvimento nas oficinas da pesquisa e de conversas iniciais sobre experiências de criação artística vividas na escola.

Assim, começamos a pensar coletivamente o processo de produção da *cartografia audiovisual* da pesquisa, imaginando maneiras de envolver outros participantes, formas de realização dos encontros, possível distribuição de tarefas a partir das habilidades do grupo (na produção do site e dos vídeos), dentre outras coisas. Dessa maneira, apostamos na imprevisibilidade de um devir-coletivo por entender que na produção de uma *cartografia* o trabalho do pesquisador “[...] não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos” (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17), mas por percursos abertos, um *hódos-méta*, investindo no “primado do caminhar”, (re)definindo nossos objetivos a cada passo da caminhada, da criação.

Esse primeiro encontro contou com a participação de oito estudantes e serviu para compartilhar e semear a ideia da pesquisa, buscando realizar coletivamente os primeiros traços da *cartografia*. Contudo, foi uma semente plantada na aridez de uma escola em tempos de pandemia, em que o encontro, a presença e a própria escola com seus Projetos Artísticos quase

desapareceram (desde o início da pandemia, em 2020), com exceção de encontros virtuais realizados por iniciativa de algumas professoras que insistiram em não deixar os alunos desamparados naquele momento, inclusive um desses encontros contou com um número expressivo de participantes para celebrar o Dia do Estudante, quando foram realizadas apresentações de poemas, músicas, filmes e produções visuais dos estudantes nos Projetos Artísticos, além de conversas sobre elas, sobre a escola e o momento pandêmico.

Diante dessa situação, por um momento, esta pesquisa também estacionou na perspectiva de experiências vividas como memórias nostálgicas, de um tempo que não mais existia. No entanto, a ideia plantada começa a germinar quando regada pelas conversas retomadas com os participantes inicialmente convidados, de maneira mais efetiva (em 22 de setembro de 2021), quando criamos o Grupo de *WhatsApp* “Projetos Artísticos”, animados com o ensejo de retomar a realização das oficinas de criação artística na escola, uma vez que esta havia retornado (em agosto/2023) às suas atividades de modo semipresencial/híbrido, após passar o ano de 2020 completamente parada e mais da metade do ano de 2021 funcionando no modo remoto. A revigoração do encontro escolar nos anima a retomar as oficinas de criação artística e faz recobrar nosso ânimo com a pesquisa sobre elas.

A partir daquele momento, mantivemo-nos mobilizados nos últimos três meses do ano de 2021 com a realização das oficinas de criação artística dos Projetos Festival Anual da Canção Estudantil (FACE) e Produção de Vídeos Estudantis (PROVE), realizando as primeiras oficinas de apreciação e escrita das músicas e dos roteiros dos filmes de modo virtual, seguidas por momentos presenciais de produção na escola com os estudantes, levando em consideração as condições sanitárias da pandemia de Covid-19 que ainda inspirava muito cuidado naquele momento. Além do FACE e do PROVE, realizados pelo grupo de estudantes já envolvidos na pesquisa, outros professores da escola realizaram as oficinas de produção dos projetos Tempos de Arte Literária (TAL) e Artes Visuais Estudantis (AVE). Como em outros anos, mesmo com as limitações sanitárias da pandemia, as atividades culminaram (em 10/12/2021) com a realização do Sarau do TAL, dos Festivais do FACE e do PROVE e a apresentação das produções do AVE, em um evento realizado no modo híbrido com a presença de parte dos alunos na escola e parte, junto com a comunidade externa, assistindo através de transmissão pelo Canal da Escola no YouTube, uma experiência completamente nova para a escola, demarcando sua reinvenção e reexistência, assim como a das atividades de criação artística em seus cotidianos.

A retomada das atividades de criação artística nos motivou a, também, retomar as conversas sobre a pesquisa, sobre a produção do site (que aceleramos a partir daquele momento)

e sobre a realização das oficinas de criação dos vídeos da pesquisa que projetamos para os primeiros meses do ano seguinte (2022), ou seja, demarcando aí a realização do *segundo movimento*.

2.2 Segundo movimento

A partir do *primeiro movimento*, intensificamos as conversas no grupo sobre a produção do site, socializando novidades como a inclusão de novos materiais, modo pelo qual o grupo foi se animando pelo contato com as imagens e pelas conversas, além de dialogarmos sobre o convite-entrada de novos participantes no grupo e a definição das datas das oficinas de criação dos vídeos da pesquisa, *segundo movimento*, depois de intensa negociação sobre a disponibilidade de tempo de cada um, frente suas ocupações pessoais, estudantis (a maioria dos participantes estão fazendo curso de graduação) ou profissionais.

Desse modo, o processo de convivência coletiva, o contato e afetações com as/pelas imagens-sons-textos e pelas conversas e memórias que fluíram no grupo durante as oficinas dos projetos artísticos de 2021 e a criação do site, desembocaram no *segundo movimento* de produção da *cartografia audiovisual*: as oficinas de criação de vídeos sobre as experiências vividas com os Projetos Artísticos na escola. Com um grupo bastante heterogêneo, com diversas ocupações, após consultarmos a disponibilidade de tempo de cada um, percebemos que não seria possível reunir todos os interlocutores da pesquisa de uma vez, então organizamos as oficinas em dois grupos: a primeira²⁵ (Grupo 1) foi realizada em 16 de fevereiro de 2022, uma quarta-feira, às 19h30min, com a participação de oito estudantes (dos dez convidados); a segunda oficina²⁶ (Grupo 2) foi realizada dia 19 de fevereiro de 2022, um sábado, às 16h e contou com a participação dos dez estudantes convidados.

O grupo de interlocutores convidados foi composto por estudantes de diferentes épocas/momentos de realização das oficinas dos projetos artísticos, ao longo dos últimos treze anos. Foram convidados, ao todo, 21 estudantes, dos quais 18 participaram das primeiras oficinas, sendo que 11 deles se envolveram mais ativamente, chegando a produzir o vídeo proposto.

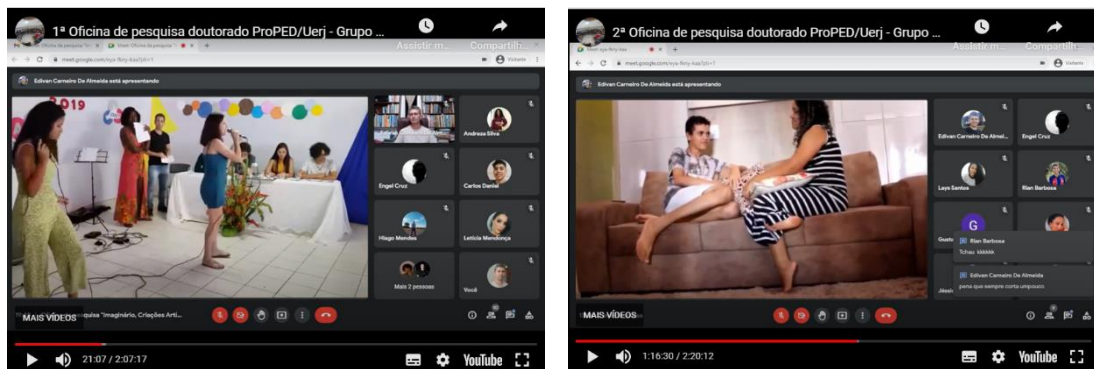
As oficinas foram realizadas no modo virtual, devido às limitações impostas pela pandemia, mas, especialmente, pela dificuldade de reunir fisicamente todos os participantes em função de suas ocupações e de residência em lugares distantes. Para tanto, utilizamos a

²⁵ Oficina Grupo 1, disponível em: <https://youtu.be/bD2F8eyXLLg>.

²⁶ Oficina Grupo 2, disponível em: https://youtu.be/fpGJkzUuv_k.

plataforma de videoconferência *Google Meet*, cujo uso se intensificou durante a pandemia de Covid-19 e já era bastante familiar aos participantes do grupo, pelo seu uso na escola básica e nos cursos de graduação em que a maioria estava cursando. Assim, a realização das oficinas de modo virtual foi a opção viável para garantir uma maior participação dos interlocutores da pesquisa, inclusive na fase de criação dos vídeos em que as interações ocorreram através do já citado grupo de *WhatsApp* e, até mesmo, o Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos – em que os vídeos foram apresentados-apreciados num encontro presencial – contou com algumas participações virtuais, uma maneira de garantir a participação de todos os envolvidos no momento de conclusão dos trabalhos de produção da *cartografia audiovisual*.

Figura 3 - *Prints* dos vídeos das Oficinas da Pesquisa

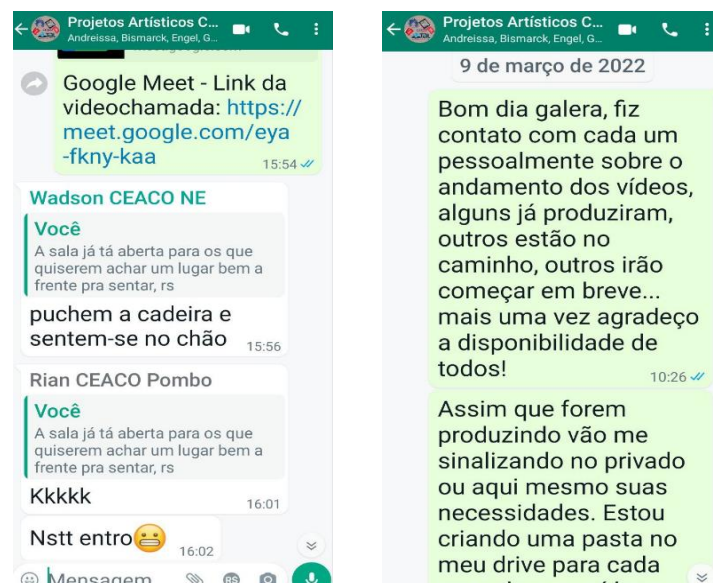


Tratando, mais especificamente, da realização das oficinas e dos processos de criação dos vídeos da pesquisa pelos interlocutores, destacamos que as duas primeiras oficinas se desenrolaram como uma oportunidade em que algumas produções artísticas dos envolvidos foram apresentadas, ouvidas/vistas, em cada instante da oficina, desde o acolhimento, quando usamos o streaming de rádio (inserido no site) para tocar músicas dos participantes do grupo produzidas no FACE, inclusive buscando relacionar as temáticas das produções (poemas, músicas, filmes etc.) com o tema das conversas que ocorriam. A apreciação estética de produções diversas relacionadas a cada momento da atividade é uma prática que construímos a partir das experiências com as próprias oficinas de criação artística, em que, geralmente, desenvolvemos a dinâmica apreciação-produção-apreciação.

Assim, alternando a apreciação de produções dos interlocutores da pesquisa com os diferentes momentos de conversa, durante as duas primeiras oficinas dialogamos sobre as produções, sobre a ideia da pesquisa, sobre as experiências de criação artística vividas pelos participantes na escola e, por fim, sobre as suas possibilidades de participação na criação dos vídeos sobre tais experiências: a produção da *cartografia audiovisual*.

Ao finalizar essas duas primeiras oficinas propomos o processo de produção dos vídeos, ressaltando o uso das imagens disponíveis no site e nos arquivos pessoais, mas também a necessidade de realizar gravações atuais em que expressassem como percebem as experiências de criação artística vividas na escola, se e como elas afetaram seus percursos pelo Ensino Médio e suas vidas, como veem a escola com essas atividades, como elas interferem no imaginário que eles têm da escola etc. Discutimos também sobre as possíveis maneiras/formas de produção do vídeo, estimulando que fosse do modo mais livre e criativo possível, como também combinamos sobre as condições técnicas de produção: disponibilidade de equipamentos e de pessoal para auxiliar na gravação (se necessário), acompanhamento e orientações, auxílio no processo de edição para quem não tem conhecimento técnico ou tempo para realizá-la etc. Por fim, ainda nas primeiras oficinas, dialogamos sobre um possível cronograma de produção incluindo tarefas básicas como planejamento/roteiro do vídeo, gravação e edição, estabelecendo que as conversas e o acompanhamento desse processo se dariam no grupo de *WhatsApp* ou por contato pessoal, caso alguém preferisse assim, especialmente sobre aspectos pessoais do processo de produção. Como proposta de tempo para realizar as produções estabelecemos que deveriam ocorrer até o mês de março de 2022, aproximadamente um mês de trabalho, mas que poderíamos alterar de acordo com as necessidades e possibilidades de cada um durante o processo de produção.

Figura 4 - *Print* de conversas no Grupo de *WhatsApp*



Assim, durante o mês de março, a cada semana, estabelecemos uma rodada de conversas no grupo sobre o andamento das produções, inclusive fazendo contatos pessoais com os

participantes que não interagiam, por algum motivo, buscando motivar e apoiar os estudantes a criarem os vídeos, mas sempre tranquilizando cada participante a realizar conforme seu desejo e possibilidades. Durante esse mês parte dos vídeos começaram a ser produzidos enquanto que outra parte não havia começado. Desse modo, combinamos a ampliação do prazo estabelecido para o mês de abril/2022 e, ao mesmo tempo, começamos a negociar a data do Sarau de apresentação dos vídeos, uma maneira de intensificar a motivação e estabelecer um tempo para que as produções fossem concluídas.

Assistindo às gravações dessas oficinas, é possível compreender parte do processo de produção da *cartografia*, mas também ter acesso às expressões dos estudantes sobre as experiências de criação artística na escola, que se materializaram, logo em seguida, na produção dos vídeos realizada por eles, mas que se expandem em novas conversações no Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos, evento realizado (em 30/04/2022, às 14h20) com presença (alguns de modo virtual, como já dissemos) dos participantes da pesquisa juntamente com outros estudantes e professores envolvidos na realização das atividades dos Projetos Artísticos na escola.

Figura 5 - Foto do Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos



Fonte: acervo do Autor, 2022.

No Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos²⁷ foram apresentados/apreciados os onze vídeos²⁸ produzidos e, a cada bloco (3 vídeos), o diálogo foi aberto entre os participantes da pesquisa em interlocução com os demais participantes do evento, uma tarde de muitas conversas

²⁷ Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos, disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE>.

²⁸ Vídeos produzidos nas oficinas da pesquisa. Disponível em: <https://youtu.be/uT4NROoAj-0?list=PL7X0CNF1h-EbOzuxszCo3xjBdvEN6gc6>.

sobre as memórias reavivadas pelos filmes e pelos diálogos estabelecidos, muitas vezes marcados por sentimentos de alegria, emoção e satisfação.

Assim, realizamos uma *cartografia audiovisual* das experiências de criação artística na escola, um conjunto de imagens-expressões que indicam possibilidades de compreender como os estudantes perceberam tais experiências em suas vidas e na vida da escola, as marcas dos percursos que delineiam singularidades nos seus modos de existência. Uma *cartografia* composta pelos vídeos produzidos e por todos os outros que registraram as oficinas-encontros da pesquisa e o Sarau de apreciação, uma poética audiovisual sobre uma das muitas invenções que acontecem nos cotidianos de escolas públicas. Os vídeos produzidos pelos estudantes foram disponibilizados na página inicial do site²⁹ da pesquisa, mas também em uma aba específica para as “Pesquisa/Oficinas-encontros da Pesquisa”³⁰ em que estão disponíveis todos os vídeos e fotografias das oficinas e do Sarau, além do encontro que realizamos em 2021 para começar a conversar sobre a pesquisa com o grupo inicial de interlocutores. Além disso, como já mencionado, no site existem abas com fotos-vídeos-sons-textos das oficinas e dos saraus/festivais/exposições de cada Projeto Artístico, em cada ano em que foi realizado: AVE (Artes Visuais Estudantis), EPA (Educação Patrimonial e Artística), FACE (Festival Anual da Canção Estudantil), PROVE (Produção de Vídeos Estudantis), TAL (Tempos de Arte Literária) e CACOS do Forró (Banda de Estudantes da Escola).

Figura 6 - *Print* do Site da Pesquisa “CriAções Artísticas”



²⁹ Disponível em: <https://www.criarteceaco.pictures/>.

³⁰ Disponível em: <https://www.criarteceaco.pictures/pesquisa/oficinas-encontros-da-pesquisa>.

Apostamos, então, na potência do acontecimento do encontro coletivo, com o desejo de escapar dos pressupostos modernos de ciência em que se estabelece previamente um método de investigação, incorrendo, durante a pesquisa, em uma quase constatação do já sabido, uma confirmação de hipóteses. Desejamos “ir sempre além do já sabido” (ALVES; ANDRADE; CALDAS, 2019), e, mais ainda, do pouco que pessoalmente sabemos, o que não significa desejar o impossível de “conhecer tudo”, mas em fazer escolhas e “conversar” intensamente com os autores que lemos e com os interlocutores-coautores que convidamos a participar da pesquisa com suas criações estéticas audiovisuais.

Criar '*fazerespensares*' novos só pode se dar, exatamente, no embate com o que já foi feito. Não se dá, não pode acontecer, por geração espontânea. Isto coloca, é evidente, um grande desafio: conhecer o melhor possível o que existe – o que se escreveu, o que se pensa – pois só assim é possível negá-lo, mostrar seus limites e ir adiante. (ALVES; ANDRADE; CALDAS, 2019, p. 26)

A busca pelo desconhecido passa também pela experimentação de outras maneiras de produzir, registrar e socializar *saberesconhecimentos*, nesta pesquisa pensada como poética audiovisual, um modo de “ficcionalizar a ciência” ou “literaturizar, narrando a vida” (ALVES, 2015), de “*audiovisualizar* a ciência para fazer circular – mais do que tem circulado – as nossas pesquisas.” (NOLASCO-SILVA; REIS, 2021, p. 5).

Como certeza, temos somente a vontade de estarmos juntos e a crença na potência das oficinas-encontros, esses *espaçostempos* coletivos de provocação do desejo de expressão criativa e de composição coletiva, em que nos dispomos a conversar, a desencadear afetos, a experimentar e partilhar experiências, *saberesconhecimentos* e expressões sobre nossas vidas e sobre o acontecimento da escola.

3 FRUIÇÃO E PRODUÇÃO ESTÉTICA: “VAI ROLAR FESTA NA ESCOLA!”

Ao nos envolvermos com a produção da *cartografia audiovisual* das experiências de criação artística, de fruição e produção estética na escola, ao perambularmos e sermos afetados pelos fragmentos das imagens-sons-memórias-expressões dessas experiências, produzidas pelos estudantes, percebemos como elas fluem e transbordam especialmente em momentos intensos de afetação e envolvimento coletivo, como a realização de eventos festivos permeados de princípios dionisíacos (DIAS, 2011) nos cotidianos da escola, quando e onde ocorre a partilha do gozo e do prazer, evidenciando a vida que brota com maior intensidade e assim reanima a existência e as práticas dos estudantes, professores e demais pessoas envolvidas.

Atentando para esse aspecto, procuramos rememorar outros momentos festivos da escola, durante o período que nela habito, desde a época em que estudei (durante nove anos, no ensino fundamental, médio e técnico) até a atualidade (quase três décadas em que atuo como professor). Uma longa trajetória na qual observei a festa sempre presente nos cotidianos da escola. Uma presença que reflete sua inerência à vida humana, apresentando naquele ambiente específico indícios que apontam para a identificação do povo brasileiro como festeiro. Festa que sempre atravessou e demarcou os *espaçostempos* da vida da nossa escola. A esse respeito relembremos a grande festa ocorrida em 2018, celebrando os 50 anos³¹ de sua existência.

Dentre as tantas atividades celebrativas, ocorreram apresentações artísticas dos estudantes, destacando-se a produção de um site³², também criado por eles, com imagens da escola ao longo de sua existência e de um filme³³ com depoimentos de alguns professores e estudantes sobre a história da instituição. Nessas imagens e nas falas dos professores e estudantes foram destacados os eventos festivos realizados pela escola, dentre os quais os desfiles cívicos e a festa junina, momentos que reuniam pessoas da comunidade e até mesmo de fora da cidade para apreciar as performances dos estudantes. A festa junina, por exemplo, ocorre até os dias atuais como um momento de muita expectativa para os alunos, de envolvimento na organização, desde o planejamento até a realização: na ornamentação, na realização da quadrilha e de apresentações como o casamento caipira, na alvorada e, mais recentemente, na apresentação da banda estudantil CACOS do Forró³⁴.

³¹ Como já foi mencionado na seção inicial desse trabalho, o CEACO é uma escola estadual criada em 2000, mas que teve origem em uma escola comunitária, ligada a uma associação de atuação nacional, a Campanha Nacional de Escolas na Comunidade (CENEC), que funcionava com mensalidades relativamente acessíveis por contar apoio ou convênios com o poder público municipal e estadual.

³² Site CEACO Memórias. Disponível em: <https://www.ceacomemorias.com/>.

³³ Filme CEACO 50 anos, momento em que fala das festas. Disponível em: <https://youtu.be/DLr2VYjNTyQ>.

³⁴ Imagens da Banda CACOS. Disponível em: <https://www.criarteceaco.pictures/cacos-do-forr%C3%B3>.

Figura 7 - Fotografias dos desfiles cívicos em várias épocas



Fonte: acervo do Site CEACO Memórias.

Figura 8 - Festa junina - casamento caipira, quadrilhas



Fonte: acervo do Site CEACO Memórias.

São festas de confraternização (especialmente no fim do ano e na conclusão de curso), homenagens ou datas comemorativas (Dia/Semana do Estudante, Dia do Professor), *halloweens*, desfiles, seminários (com apresentações culturais), shows de calouros, dentre outras abertas ao público externo, promovidas pela escola com os estudantes ou por iniciativa deles. Festas que movimentam toda uma produção e experimentação estética que vai desde à ornamentação, ao preparo e consumo de comidas e bebidas e à produção-realização de performances artísticas com música, dança, encenações teatrais etc. É interessante notar como os estudantes, por meio dessas participações, contribuem e até influenciam na composição curricular da escola, na movimentação de seus cotidianos, na realização de suas práticas.

Muitas dessas festas, a exemplo do Arraiá da escola, se tornaram tão constantes que compõem nosso imaginário como uma tradição. Mesmo que em alguns momentos de discussão, entre gestores e professores da escola, surjam propostas de mudança, considerando que é uma festa noturna, geralmente dentro da escola, com o consumo de bebidas alcoólicas, suscetível ao risco de implicações jurídicas para a instituição escolar e seus gestores e professores, os estudantes resistem e demandam que a festa aconteça com “tudo que eles têm direito” nas festas juninas da comunidade: comidas, bebidas, dança, música, beijos, namoro etc. Fechar o primeiro semestre letivo com a festa junina passou a marcar o calendário e agitar os cotidianos da escola.

Essas práticas festivas nos permitem destacar a magnitude dos *espaçostempos* dionisíacos na escola, tomando como inspiração o que destaca Rosa Dias (2011) sobre as relações entre vida e arte no pensamento de Nietzsche. *Espaçostempos* dionisíacos que estão presentes em todas as dimensões sociais, em uns espaços, mais discretos ou clandestinos, noutros mais ostensivos. A escola, em sua perspectiva mais tradicional, observada como organização social calcada no ensino, na transmissão de conhecimentos científicos, na formação do pensamento racional, na projeção de um sonho/imaginário de uma sociedade que se pretende tornar realidade em cada indivíduo educado, enquanto instituição social assentada no regramento e controle dos corpos, parece muito afeita aos aspectos apolíneos da vida humana e da arte. Contudo, como dimensão irreduzível da liberdade e da criação, a imaginação está presente nas idealizações e demais movimentos reguladores, produzindo resistências e subversões, ainda que nesses termos predomine a regulação. Como destaca Dias (2011, p. 86-87), também a partir de Nietzsche:

O sonho é a força artística que se projeta em imagens e produz o cenário das formas e figuras. Apolo é o nome grego para a faculdade de sonhar; é o princípio da luz, que faz surgir o mundo a partir do caos originário; é o princípio ordenador que tendo domado as forças cegas da natureza, submete-as a uma regra. Símbolo de toda aparência, de toda energia plástica, que se expressa em formas individuais, Apolo é o

magnífico quadro divino do princípio de individuação e a mais bela expressão do repouso do homem em seu invólucro de individualidade.

Por outro lado, de modo antagônico, simultâneo e subterrâneo, Dias (2011) também destaca outros aspectos que impulsionam a vida humana referentes à dimensão dionisíaca, à *embriaguez*: “[...] o estado que destrói, despedaça, abole o finito e o individual. Nela, desfazem-se os laços do princípio de individuação, rasga-se o véu das ilusões para deixar aparecer uma realidade mais fundamental: a união do homem com a natureza”. (DIAS, 2011, p. 87).

Sob o mundo das aparências, das formas, da beleza, da justa medida, está o espaço de Dioniso — o nome grego para o êxtase. Dioniso é o deus do caos, da desmesura, da deformidade, da noite criadora do som, é o deus da música, mãe de todas as artes. Nascido da fome e da dor, perseguido e dilacerado pelos deuses hostis, Dioniso renasce a cada primavera e aí cria e espalha a alegria. (DIAS, 2011, p. 87).

Sob uma visão superficial, mas, em muitos aspectos pertinente, a escola pensada pelas instâncias de governo, pelos gestores e professores não teria como prioridade o desenvolvimento de práticas que favoreceriam o afloramento das emoções e dos desejos mais íntimos, do prazer e gozo coletivo, por, talvez, não só considerar algo de menor importância que os aspectos da dimensão apolínea da vida humana, mas, pela oposição dolosa que as emoções imporiam aos programas e rotinas regulatórias. Contudo, a vida, como em qualquer ambiente juvenil, pulsa em ritmo sempre surpreendente nos corpos que habitam as escolas, pois os encontros entre jovens com suas identificações e diferenças propiciam sabores e cores específicas nos muitos ambientes escolares. Seus desejos, prazeres, emoções, rebeldias e alegrias extravasam as brechas das contenções que tentam formatá-los. A tais resistências estão implicados os espaços para a fruição, experimentação e expressão estética intensa que, em muitos instantes, diluem a individualidade e nos reconectam à natureza, redimensionando o nosso pertencimento ao corpo coletivo/social.

Assim, é no terreno movediço da festa, em sua dimensão dionisíaca, que buscamos compreender os processos de criação artística e de produção e fruição estética coletiva semeados nas rachaduras do piso impermeável de uma escola pública, por meio da realização das oficinas de criação artística e dos saraus, festivais e exposições de Projetos Artísticos. Atividades realizadas por alguns professores com seus alunos nas brechas dos *espaçostempos* das práticas disciplinares, da escola formal, muitas vezes em conflito com elas, mesmo gozando de grande reconhecimento por parte dos estudantes, de alguns professores, dos gestores e da comunidade externa, considerando o impacto que as atividades provocam nos cotidianos da escola e da cidade, além de serem projetos fomentados pela Secretaria de Educação da Bahia.

3.1 Fruição e criação artística-estética na escola: “a festa continua”

Em nossa escola, a primeira vez que obtivemos informações e acesso aos documentos que orientavam a realização dos Projetos Artísticos na Rede Estadual de Educação da Bahia foi na Jornada Pedagógica (planejamento do ano letivo) de 2008, ano em que alguns desses projetos foram lançados pela Secretaria de Educação da Bahia. No entanto, de início, não nos interessamos em realizá-los, pois a escola já tinha um calendário de atividades anuais bastante intenso com a realização de seminários, da festa junina, da semana do estudante com várias atividades (mesa-redonda ou palestra, torneio esportivo, gincana, show de calouros, oficinas), da semana da consciência negra, do campeonato colegial, dentre outras. Além disso, não tínhamos professores com formação em Artes na escola e imaginávamos que trabalhar com a criação em algumas modalidades artísticas era uma tarefa quase impossível para nós, como é o caso da música.

Contudo, no ano seguinte (2009), alguns professores se animaram com a ideia dos Projetos, pelo fato deles terem como finalidade incentivar os estudantes à criação. Assim, decidimos fazer uma experiência, animados, também, com a possibilidade de participação dos estudantes nas etapas fora da escola. Como já dissemos, cada Projeto Artístico começa com a etapa escolar, através da realização das oficinas de criação e dos festivais, saraus e exposições das produções artísticas, e continua com a inscrição das/dos estudantes selecionadas/os (a melhor obra de cada modalidade artística na etapa escolar) para participarem da etapa regional (junto com estudantes de outras escolas). Os alunos selecionados com a melhor obra nessa segunda etapa, são inscritos para concorrer e participar da etapa estadual.

3.2 As oficinas: espaçostempos de fruição e criação

As atividades de criação nos Projetos Artísticos tiveram início em nossa escola com a realização do Projeto “Festival Anual da Canção Estudantil” (FACE) – em que os alunos criam e apresentam suas músicas – e do Projeto “Tempos de Arte Literária” (TAL) – criação e leitura/declamação de textos literários, especialmente do gênero poema. Observando as orientações dos projetos, percebemos a necessidade/possibilidade de realizar oficinas com estudantes interessados, um tipo de atividade que havíamos realizado algumas vezes na escola para trabalhar alguns temas de modo prático, convidando pessoas da comunidade. Dessa maneira, organizamos nossas primeiras oficinas de produção musical com a colaboração de

artistas da comunidade, enquanto as oficinas de criação literária ocorreram nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, realizadas pelos professores em suas turmas. Atualmente quase todas as oficinas são realizadas com a participação de artistas convidados, especialmente de ex-alunos (que participaram delas quando estudante), favorecendo a troca de conhecimentos/experiências entre os estudantes, artistas e professores organizadores, proporcionando aprendizagens e *apropriações* (CERTEAU, 2012) do processo de criação em cada modalidade artística (musical, literária, audiovisual, pintura de telas, fotografia etc.).

Assim, realizamos a primeira edição do Sarau do Projeto Tempos de Arte Literária e do Festival da Canção Estudantil com produções literárias e musicais inéditas dos estudantes, algo que nos parecia quase impossível de início. Aconteceu que, naquele primeiro ano de experiência, a aluna vencedora da etapa escolar foi selecionada para a etapa regional do Festival Anual da Canção Estudantil e acabou vencendo o festival, fato que impactou bastante a todos na escola e repercutiu no município, nos meios de comunicação locais, provocando em nós emoção, alegria, autoconfiança e crença na potência das oficinas de criação, especialmente para nós professores realizadores dos Projetos.

Figura 9 - Aluna no Festival da Canção Estudantil³⁵, etapa regional, 2009



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Sonho (Glena Cedraz)

Eu quero um sonho pra poder sonhar
 Eu quero viver pra poder buscar
 Um novo caminho, uma nova direção
 Que abra as portas do meu coração.
 E nesse caminho eu quero encontrar

³⁵ Apresentação da canção “Sonho”, vencedora do FACE na etapa escolar e regional do Projeto. Disponível em: https://youtu.be/eJ1FCzt_twk?t=5959.

Um novo motivo pra poder lutar
 Pois sei que eu posso até realizar
 E nesse sonho eu quero viajar
 E cantar, ah, ah, ah, ah! Hum, hum, hum...

**E com o meu violão
 Eu vou compor uma canção
 Nunca vou desistir,
 Eu vou até o fim
 Porque o meu propósito
 É dar o melhor de mim.**

*Eu sei que nesse sonho
 Eu vou encontrar
 A felicidade tá na vida,
 Eu vou ter que buscar!
 E não adianta
 Se render e chorar
 Porque a vida é dura
 Eu vou ter que tentar*

Ô, ô, now!

Esse fato nos motivou a continuar realizando as oficinas de criação, inclusive ampliando-as, ao longo dos anos seguintes, com a realização de outras modalidades artísticas com os projetos “Artes Visuais Estudantis” (AVE) – em que os alunos produzem pintura em tela (a partir de 2010); “Educação Patrimonial e Artística” (EPA) – produção de álbuns fotográficos sobre patrimônios culturais do município (a partir de 2016); e, “Produção de Vídeos Estudantis” (PROVE) – criação de vídeos/filmes curta-metragem (realizado a primeira vez em 2014, interrompido nos anos seguintes e retomado a partir de 2018 até a atualidade).

Assim, algo que não vislumbrávamos surgiu em nosso horizonte e, desde então, nos seduz, nos move a enveredar por novas práticas, a sonhar com outras maneiras de *fazerpensar* a escola apostando na capacidade criativa dos estudantes e na nossa, enquanto professores realizadores. Aos poucos, a realização das oficinas de criação artística e a apresentação das produções dos alunos nos saraus, festivais e exposições foram envolvendo novos estudantes e professores, ganhando destaque dentro da escola, movimentando cada vez mais seus cotidianos, constituindo-se como uma de suas dimensões indispensáveis e das práticas dos professores envolvidos, substituindo outras atividades artísticas que eram realizadas, a exemplo do Show de Calouros (interrompido em sua VIII edição, a partir da realização do FACE).

A organização das oficinas assim como dos festivais, saraus e exposições parte do interesse e dedicação voluntária de alguns professores com afinidade ou alguma habilidade nas modalidades artísticas desenvolvidas, mesmo sem formação específica/técnica, considerando que o mais importante é o desejo de fazer algo que vislumbram como interessante para os

estudantes, diferente das práticas disciplinares, certamente um exemplo da ampliação e ou aprofundamento da formação docente que os cotidianos escolares possibilitam e até impõem. Preocupados por não termos formação técnica, fomos em busca da colaboração de pessoas da comunidade com habilidades em cada modalidade artística e, a cada ano, as trocas de experiências permitiram que fôssemos nos *apropriando* (CERTEAU, 2012) de *conhecimentossaberes* que nos possibilitaram realizar as oficinas e as criações com mais qualidade. Os estudantes, por sua vez, trazem suas experiências e habilidades para as oficinas, uma vez que a participação deles também se dá por afinidade, por interesse ou por alguma habilidade com a modalidade artística da oficina.

Ao longo dos anos, em cada modalidade trabalhada, as oficinas se tornaram momentos de fruição de produções artísticas de conversa sobre os sentimentos, pensamentos e expressões que esses momentos provocam nos estudantes, bem como de diálogo sobre os possíveis processos, técnicas, conhecimentos e assuntos a serem utilizados nas criações artísticas. Partindo da apreciação de produções artísticas, os estudantes conversam sobre as possibilidades de criação, especialmente sobre as temáticas que mais lhes interessam ou afligem no momento, sobre as características ou formatos que desejam, para em seguida realizarem suas produções, momento de maior investimento de tempo de trabalho. Esses momentos evidenciam a amplitude das possibilidades formativas da escola, formação não apenas no sentido convencional do programa escolar, mas aquela que envolve a articulação das subjetividades em redes de afeto e pertencimento.

De um modo geral, as oficinas partem da apreciação de produções como uma maneira de inspirar, de motivar, de estimular a imaginação a respeito das possibilidades de criação. Dessa forma, se busca contribuir com as escolhas dos estudantes no processo de criação: escrita dos poemas (TAL), produção das telas (AVE), pesquisa e produção dos álbuns (EPA), escrita das letras, produção de melodias e ensaios (FACE) e a criação de roteiros, gravação e edição dos filmes (PROVE). Todo o processo das oficinas dura cerca de um mês e, geralmente, se concentra no mês de julho e início de agosto, às vezes ocorrendo simultaneamente, outras concentrando em determinados momentos um projeto específico, conforme as necessidades do andamento e a disponibilidade dos participantes/organizadores. Já os saraus, festivais e exposições ocorrem no restante do mês de agosto, às vezes chegando até setembro, período em que a escola entra em ebulição, na medida em que a cada ano realiza tais atividades em paralelo e, muitas vezes, em choque/conflito com os trabalhos disciplinares.

Percorrendo as imagens-sons-textos-conversas que compuseram a *cartografia audiovisual* da pesquisa, fragmentos do imaginário dos estudantes, podemos compreender

como eles percebem esse processo de criação nas diferentes oficinas até os momentos de apresentação de suas criações nos saraus, festivais e exposições. A *cartografia* nos permite compreender a maneira como acontecem as oficinas e como elas demarcam rupturas nos limites que delineiam o dentro e o fora dos *espaçostempos* que constituem a escola oficial, na medida em que práticas diferentes da programação formal concorrem e conflitam com esta, pois os participantes se ausentam das aulas para participar das oficinas, marcando suas preferências.

O TAL [...] me possibilitou de uma forma, assim, a expressar-me através da literatura, através da caneta e do papel, onde eu pude conversar com a caneta e o papel, eu pude traçar, né, letras que mostravam... cada letrinha, é como se fosse uma expressão, um sentimento que tava ali dentro de mim e através delas eu conseguia me expressar. Ou seja, algo que eu não fazia anteriormente, [...] que eu não me possibilitava... dessa forma eu me permitir a fazer através dos projetos artísticos, do TAL, melhor dizendo. (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO³⁶, 1'35'')

Figura 10 - Oficinas do Projeto TAL, 2016, 2017, 2018, 2019



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Pra mim os projetos estruturantes foram de extrema importância, agregaram bastante, não só no período do Ensino Médio, mas na minha vida toda. Eu me descobri no mundo da poesia, né. Eu descobri que amava poesia, amava produzir, amava colocar meus sentimentos pra fora, dessa forma, né. [...] Eu lembro que [...] no primeiro ano eu não queria participar, participei forçada, porque no TAL fazia como forma de avaliação... e aí eu não consegui parar mais. Continuei fazendo no ano todo, no ano seguinte eu fiz e no terceiro ano, é, eu falei: “agora vou participar

³⁶ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_CI?t=94.

de todos os projetos”. (MILENA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO³⁷, 1’28”).

As oficinas do Projeto Tempos de Arte Literária (TAL), foram uma das primeiras a serem realizadas na escola (desde 2009) e vêm acontecendo até atualidade, proporcionando momentos de leitura/fruição e produção literária. Como relataram os estudantes nos vídeos e podemos perceber nas imagens, as oficinas acontecem nas aulas de Língua Portuguesa, envolvendo todos os alunos, sendo as oficinas mais vinculadas às práticas que ocorrem em sala de aula, seja pelo espaço onde ocorrem ou pela maneira como se realiza nas turmas, inclusive de vez em quando ouvimos algum questionamento dos alunos sobre a obrigatoriedade de participar, já que os Projetos Artísticos primam pela livre escolha. Apesar de nos interrogarmos sobre esse formato, continuamos realizando dessa maneira pois sempre nos surpreendemos com os resultados, com a descoberta de produções de estudantes que admitem com certa surpresa que não teriam participado se fosse por livre inscrição.

Mesmo acontecendo durante as aulas, os professores preparam um clima e um ambiente específico para o momento, *buscando diferenciar as oficinas das aulas convencionais* da disciplina, especialmente pela dinâmica utilizada, partindo da leitura-fruição de diversos textos literários dos gêneros trabalhados (especialmente poema, mas também crônica e fábula, em alguns anos). Parte dos textos lidos, escolhidos pelos próprios alunos em livros da biblioteca disponibilizados durante a oficina, servem como referência para as conversas sobre as características e os recursos utilizados em cada gênero, uma maneira de apresentar aos alunos um universo de produções literárias que possam inspirar/motivar suas criações, tanto em relação às temáticas quanto aos formatos/estilos.

A partir dos momentos de fruição, que geralmente levam dois ou mais encontros, os estudantes são desafiados a escrever seus textos escolhendo livremente os assuntos que mais lhes motivam expressar algo no momento, desencadeando o processo de escrita e revisão textual. “E era muito bacana escrever de uma forma que não seja didática, de forma que não seja uma atividade.” (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO³⁸, 5’07”). Inclusive, no momento da escrita dos textos os alunos são estimulados a procurar algum lugar da escola em que se sintam mais à vontade para escrever como pátios externos e corredores, como podemos ver nas imagens.

³⁷ Disponível em: <https://youtu.be/2mAK9YVLNG4?t=86>.

³⁸ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=306>.

Após a produção dos textos, é necessário escolher alguns para participar do Sarau do TAL, envolvendo produções de todas as turmas. Essa necessidade fez com que criássemos o Sarau da Turma para a leitura dos textos produzidos (parte deles, selecionados pelos professores) e a escolha, por votação, dos dois melhores, um momento de fruição e de emoção para os alunos, surpresos com as produções da turma. Esses resultados têm motivado ainda mais a continuidade da realização das oficinas envolvendo todos os estudantes. Pois além dos ganhos em termos de conhecimento do que a literatura oferece na fruição das obras lidas, as produções permitem desenvolver/revelar a afinidade de muitos deles com a habilidade da escrita literária, possibilitando a partilha de percepções pessoais e sentimentos via a criação livre, experiências/habilidades que os envolvidos não vislumbravam antes das oficinas, como declararam nos vídeos da pesquisa.

Figura 11 - Oficinas do Projeto FACE 2016, 2017 (pátios, corredores, sala da rádio)



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Nas oficinas [...] a gente escutava música, via obras de arte, nas telas, [...] lia muita poesia, né, pra podermos nos inspirar a fazer a nossa própria. Isso é muito bacana, porque a gente conseguia ver o que tava nas entrelinhas das músicas, além da poesia... entender o contexto deles. Então, era muito bacana! Tava todos os alunos que iam participar numa sala e cada um trazia uma ideia diferente, né... E na hora de escrever, começar a produzir o seu projeto, vamos dizer assim (risos), era bem

legal porque a gente, por exemplo no FACE, pega um papel, uma caneta, talvez um violão (quem sabia tocar) e ia pela escola... por exemplo, poderia ir pro pátio, uns iam lá pra fora... tinha um jardinzinho, aí podia tá lá escrevendo... e nesse jardim que escrevi a minha primeira música, chamada “Sons da natureza”. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO³⁹, 1’14”).

Descolando-se das atividades costumeiras das disciplinas escolares, as oficinas de criação artística, geralmente, ocorrem em diversos espaços da escola, fora das salas de aula, a exemplo da sala de vídeo, da sala de informática, salas desocupadas e, especialmente, da “sala da rádio⁴⁰”, além de corredores e pátios (principalmente a área externa). As oficinas constituem um conjunto de práticas de criação desvinculadas das atividades disciplinares do currículo escolar convencional. Contudo, pertencem à diversidade de acontecimentos dos *currículos praticados* (OLIVEIRA, 2012) e reúnem estudantes interessados de diversas turmas e de turnos diferentes, às vezes (por sugestão dos alunos) ocorrem em dias e horários em que não há aula na escola (noturno e feriados). Constituem traços de uma escola que se impõe no corpo de outra escola (oficial), em operações que surtem efeitos significativos para alunos e professores. Dentre estes efeitos a evidência da urgência da incorporação de mudanças efetivas nos processos educacionais escolares, visto que tais mudanças já se efetivam nas práticas cotidianas de muitos estudantes e de alguns professores.

Figura 12 - Oficinas de criação musical⁴¹, FACE 2018



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=72>.

⁴⁰ Chamada assim pelos alunos, porque lá foi instalada, de improviso, e funciona a rádio-escola, espaço muito frequentado no intervalo para realizar os programas de rádio ou para pedir músicas e mandar alô durante os programas. O local seria um laboratório de ciências da natureza, mas nunca foi estruturado e usado para este fim.

⁴¹ Oficina realizada no turno oposto, anoitecendo. Disponível em: <https://youtu.be/Lo9dILMg7DU>.

Sobre a realização das oficinas do FACE, as atividades começam com um encontro destinado à fruição de músicas de diversos gêneros e temáticas (inclusive metalinguagem), além de conversas sobre as questões que envolvem o processo de produção musical na sociedade, sobre noções básicas relacionadas à música e ao processo de criação. As oficinas continuam com um segundo encontro para produção das letras, individualmente ou em pequenos grupos (por música), e seguem com novos encontros para o trabalho de produção das melodias e arranjos com a participação de músicos convidados (especialmente ex-alunos) e, por fim, para os ensaios das músicas em preparação para o festival.

O meu envolvimento com as oficinas de criação artística, especialmente com as oficinas do FACE (que coordeno desde sua primeira edição, quando ocupava o cargo de diretor da escola) me fez perceber sua potência como práticas que nos impulsionam ao devir, ao inesperado que caracteriza todo processo criativo. Lembro-me bem (e recentemente pude rever o que falei em um vídeo do primeiro festival) do meu temor em realizar as oficinas do FACE pela primeira vez, sem saber no que elas resultariam, já que eu tinha somente um pouco de afinidade com a música e uma pequena noção de edição de áudio. Mas, como desde o início, em todas as oficinas, a nossa *tática* foi apostar na colaboração de artistas da comunidade com quem tínhamos alguma amizade, o temor foi gradativamente se transformando em autoconfiança, em desejo de fazer mais e mais vezes. Essas parcerias certamente renderam muitas trocas de *saberesconhecimentos* e nos possibilitaram a *apropriação* e a *invenção* (CERTEAU, 2012) de processos de criação em nossa escola. Eu mesmo aprendi muita coisa sobre produção musical, mas também construí ou fortaleci amizades e parcerias que duram até hoje e garantem a realização das oficinas de criação musical, especialmente com ex-alunos que se tornaram oficinairos do FACE e do PROVE.

Já o AVE, Artes Visuais Estudantis, é bacana porque a gente produzia tela, né, pintava na tela (risos). É, eu estraguei umas três telas aí (risos). Brincadeira! Eu quis ter a experiência de fazer uma tela, me sentir um Leonardo (Da Vinci). Então, participei os três anos e gostei bastante da experiência que tive, de desenvolver algumas técnicas de pintura. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴², 3'27'').

As oficinas do Projeto Artes Visuais Estudantis (AVE), realizadas desde 2010, tem como atividade principal a produção de pintura em tela e apenas nos dois últimos anos realizou-se, também, a produção de fotografia. As oficinas do AVE também começam com um momento

⁴² Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=207>.

coletivo de fruição de obras de arte e conversa sobre o processo de produção, dialogando com os participantes sobre noções básicas e técnicas relacionadas à modalidade artística, além das diversas temáticas que eles livremente podem escolher em suas criações. A partir daí, os estudantes realizam um trabalho individual, que ao mesmo tempo é coletivo, colaborativo, porque estão juntos no mesmo ambiente compartilhando tintas, pincéis, traços, técnicas e sugestões de elementos para suas telas. Evidentemente, nesses momentos partilhados também conversam sobre assuntos diversos, ouvem músicas etc., enquanto realizam as produções. A escolha de cores, traços, efeitos, títulos, geralmente é compartilhada com os colegas, além da cooperação no cuidado com a limpeza, organização do ambiente e uso dos materiais.

Figura 13 - Fotografias das Oficinas de pintura, Projeto AVE⁴³, 2015, 2018, 2019 e 2016



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

O interesse em participar das oficinas do AVE tem se destacado bastante ao longo dos anos, mas, devido ao limite de participação⁴⁴ (trinta alunos por ano), as vagas são distribuídas por turma, muitas vezes havendo mais inscritos/interessados do que vagas disponíveis. Assim a distribuição das vagas exigiu o estabelecimento de critérios como a prioridade para estudantes com mais afinidade/habilidade em desenho e/ou o sorteio. Além disso, as oficinas do AVE têm despertado o interesse de estudantes com dificuldades físicas ou intelectuais, de modo que as

⁴³ Disponível em: <https://www.criarteceaco.pictures/ave>.

⁴⁴ A limitação se dá pela necessidade de operacionalização da produção na oficina e custos dos materiais usados.

oficinas têm proporcionado experiências marcantes para esses estudantes, como o favorecimento da sua integração nos cotidianos da escola.

Dessa maneira, as oficinas têm garantido a integração de estudantes de todas as turmas, inclusive de alunos de turnos diferentes, pois, geralmente, muitos deles participam no turno oposto para ter um tempo maior na produção de sua tela, alterando ainda mais as maneiras de organização escolar convencional, que costuma ser por turnos e seriada/disciplinar. Algo que também chama a atenção no AVE, são as visitas às oficinas: colegas, funcionários e professores gostam de entrar na sala, várias vezes, para apreciar os trabalhos acontecendo.

Falar um pouco sobre o PROVE, né, que é o Produção de Vídeo Estudantil, dizer que foi muito bacana a experiência de se sentir um youtuber (risos), gravando vídeo e editando com os poucos conhecimentos técnicos que a gente tinha (risos). Eu lembro da gente editando porque a gente acertou cortar um vídeo (risos), eu e meus colegas comemorando, foi muito engraçado. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴⁵, 5'40'').

Figura 14 - Oficinas do Projeto PROVE, 2018, 2022



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Outro projeto que a gente ria bastante, era o projeto do PROVE, né, onde a gente pode fazer oficina de vídeo, produzir. A gente elaborou um tema, era um tema bem... era um tema que se encaixava dentro do contexto, né, que a gente tava vivendo. A gente elaborou o tema da depressão e ali eu pude participar, né, atuando ali (risos). É uma coisa que eu gosto de fazer: atuar. Eu gostava bastante. Hoje em dia eu não gosto mais, como eu gostava antigamente, mas eu ainda gosto. (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴⁶, 3'11'').

⁴⁵ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=339>.

⁴⁶ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_CI?t=191.

As oficinas do Projeto Produção de Vídeos Estudantis (PROVE) foram realizadas pela primeira vez em nossa escola, em 2014, com a produção de sete vídeos. Nessa primeira edição do projeto, as atividades ocorreram nas turmas de 2º ano, junto à disciplina de Filosofia. As atividades foram coordenadas por mim, motivadas pelas oficinas de produção de vídeos realizadas na minha pesquisa de mestrado, tendo como perspectiva a produção de imagens sobre aspectos/acontecimentos/espacos invisibilizados da escola, ou melhor, a escola que os estudantes percebem e que não é ou é pouco conhecida como escola para os professores, direção e para comunidade.

Contudo, nessas oficinas ainda não tínhamos uma aproximação/conhecimento com/de produções cinematográficas de curta metragem, com a apreciação de filmes mais elaborados que pudessem inspirar produções mais organizadas. Além disso, as oficinas não tiveram continuidade nos anos seguintes, sendo retomadas quatro anos depois (em 2018), quando realizamos as oficinas de modo mais orgânico, possibilitando experiências mais efetivas sobre o processo de produção de filmes, experimentando a produção de roteiro, gravação e edição dos vídeos, utilizando-nos de referências de diversas temáticas e gêneros fílmicos, além de orientações técnicas, equipamentos e softwares de edição mais robustos, semiprofissionais, aproveitando das experiências de alguns estudantes com o uso dessas tecnologias.

A partir da terceira edição, em 2019, as oficinas de produção de vídeos ganharam outro rumo, mais caracterizada como produção cinematográfica. Além da *apropriação* (CERTEAU, 2012) da experiência ao longo das edições anteriores, foi importante minha participação na oficina “Docentes resistindo e criando audiovisuais com celular” com a professora e cineasta Virgínia de Oliveira Silva (Universidade Federal da Paraíba - UFPB), desenvolvida no “XI Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias”, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) naquele ano. Nessa oficina tive contato com várias produções cinematográficas de jovens em festivais de cinema realizados no nordeste brasileiro, além de conhecimentos sobre o processo de produção dos filmes nesses festivais, algo que influenciou a realizar as oficinas com mais desejo e determinação.

Outro acontecimento importante foi a participação de ex-alunos na organização e realização das oficinas do PROVE, nesse mesmo ano, e a mobilização dos estudantes envolvidos na produção de um filme para o Festival de Curtas da UERJ (simultânea aos filmes do PROVE), premiada como filme mais votado na internet. Esse processo resultou, inclusive, na organização do Clube de Audiovisual de Ichu (CAVI), grupo de ex-alunos da escola articulado através das redes sociodigitais (Instagram e Youtube) que se matem ativo na

produção de filmes para participar de alguns festivais e conversas sobre cinema, inclusive na inscrição de filmes produzidos no PROVE em festivais na região, além de atuar na realização das oficinas e do festival do projeto na escola.

Esses acontecimentos fortaleceram a realização das oficinas do PROVE na escola, resultando em uma produção maior e mais organizada de filmes nas duas últimas edições do projeto, inclusive na consolidação da equipe de ex-alunos que realiza as oficinas. Além disso, essa maior organização das atividades resultou na busca pela aquisição-utilização de equipamentos, recursos e técnicas de gravação e edição mais sofisticados, possibilitando a produção de filmes esteticamente mais elaborados e expressivos, envolvendo um número maior de estudantes participantes, resultando em qualidade e quantidade maior de filmes produzidos (seis filmes em 2021 e nove em 2022).

Outro aspecto que merece destaque na realização das oficinas do PROVE na escola é o intenso envolvimento dos estudantes com pessoas da comunidade, na produção dos filmes, o trabalho de campo para a gravação das imagens-sons e o retorno/repercussão dos filmes junto a essas pessoas e à comunidade como um todo, quando da realização dos festivais e pela distribuição das produções nas redes sociodigitais. Organizados em pequenas equipes, esses jovens ocupam, ao mesmo tempo, os papéis de roteiristas, diretores, atores/repórteres, cinegrafistas, compositores de trilhas sonoras e editores de vídeo, aproveitando as experiências que cada um tem, mas especialmente se aventurando na exploração e realização de diferentes papéis e tarefas que ainda não realizaram em suas vidas.

Destacamos ainda o trabalho colaborativo, as trocas de experiências, a intensa convivência e a criação ou fortalecimento de vínculos de amizade, experimentados entre os estudantes e professores/oficineiros durante as oficinas, de modo especial durante a gravação e edição dos filmes, algo que tem motivado um maior envolvimento dos estudantes e dos próprios professores/oficineiros nos últimos anos, mesmo após o solavanco da interrupção, no ano de 2020, em virtude da pandemia de Covid-19 e as limitações impostas por ela à realização das oficinas nos dois últimos anos. Além disso, ressaltamos o envolvimento de novos professores e, conseqüentemente, uma maior mobilização da participação dos estudantes nos últimos anos.

Quando eu entrei [...] no colégio, eu me lembro que um amigo meu me convidou pra participar do EPA [...] que é um projeto onde a gente faz pesquisa de campo, constrói um álbum sobre uma história relevante do município. Eu nunca tinha participado de nada do tipo, então, foi uma experiência assim, muito extraordinária na minha vida. O processo do projeto, as oficinas, as pesquisas de campo, [...] a montagem dos álbuns... tudo aquilo foi uma experiência muito nova. Houve muitas trocas ali, trocas

de vivências, de experiências. (ENGEL, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴⁷, 1'07'').

As oficinas do Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) tiveram início em nossa escola em 2016 e vêm promovendo um espaço de diálogo e a produção de álbuns com registros fotográficos e textuais sobre espaços socioculturais e pessoas relevantes para a memória e para o patrimônio histórico-cultural da comunidade local.

Figura 15 - Oficinas do Projeto EPA, 2018



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

E no EPA eu pude participar, produzir e pesquisar, experimentar a área da pesquisa de campo, a área da pesquisa de objetos, da fotografia, da escrita, né. Eu pude participar junto com meus colegas, dessa parte. E isso me possibilitou também, experimentar essas coisas que eu ainda não tinha experimentado, vivenciar essas coisas que eu ainda não tinha vivido. (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴⁸, 2'08'').

Assim como os demais Projetos Artísticos, o EPA realiza oficinas com estudantes inscritos voluntariamente, fora da “grade curricular”, nas quais é fomentado o diálogo sobre o patrimônio histórico-cultural local, sua importância, e os possíveis processos para a sua pesquisa, seu registro e sua divulgação. Nas oficinas, a partir da apreciação de álbuns fotográficos, discutem-se noções básicas sobre memória e patrimônio histórico-cultural,

⁴⁷ Disponível em: <https://youtu.be/cQB3hpWE6Gg?t=68>.

⁴⁸ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_CI?t=129.

pesquisa de campo, produção textual e técnicas fotográficas, estimulando os estudantes a identificarem possíveis patrimônios do lugar em que vivem para realizarem as atividades relativas à oficina.

A gente fez um álbum de fotografia, histórico, sabe, de uma pessoa já falecida aqui em Ichu. [...] Toda dinâmica do EPA é muito legal, empolga. A gente escaneava fotos antigas, a gente fazia entrevistas... a gente conseguiu contato de uma pessoa do Rio de Janeiro que conhecia essa pessoa e que mandou foto pra gente. (MATHEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁴⁹, 4'05").

A partir da fruição e conversas, os estudantes formam equipes, definem o tema e realizam a pesquisa de campo, por meio de entrevistas, visitação a espaços arquitetônicos, localização de documentos, artefatos etc., e a produção/digitalização de fotografias e textos sobre a história dos patrimônios investigados. As produções são concluídas com a criação de um álbum com as imagens e os textos produzidos, além de artefatos ou ornamentos (capa, caixa/suporte de armazenamento e souvenirs) que conferem um valor estético referente ao patrimônio histórico-cultural investigado, para participar da exposição do projeto na escola.

Assim como no PROVE, uma das marcas que se destaca no EPA é o trabalho de investigação, de produção textual e imagética na comunidade externa, envolvendo diversas pessoas e redundando em registros da cultura, da vida cotidiana e da história local. Dessa forma o EPA promove o trabalho colaborativo desde a pesquisa de campo até a produção textual e confecção do álbum, atividades que ocorrem tanto na escola quanto na comunidade local, em concomitância com as atividades disciplinares, mas também no turno oposto e, algumas vezes, à noite, horário que a escola não funcionava, especialmente na fase de finalização das produções, como acontece em outros Projetos Artísticos. Momentos vividos e atravessados por conversas, compartilhamento de experiências, mas também de alimentos (ao extrapolar os horários das refeições, em momentos de trabalho intenso), de brincadeiras e de amizade.

Foi muito massa essa experiência. Logo depois que eu me formei [...] eu tive a oportunidade de ser oficinairo do FACE. E isso foi incrível cara, porque você ajudar as pessoas a criarem a sua música, o seu vídeo, fazer a sua arte, não tem preço. E você sente que você dá continuidade a esse processo, né. De que você aprendeu e fazendo as outras pessoas dar continuidade a aquilo, que você gosta. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁵⁰, 6'59").

De um modo geral, as oficinas de criação dos Projetos Artísticos têm como horizonte comum o envolvimento voluntário dos estudantes, de professores, ex-alunos e artistas da

⁴⁹ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=245>.

⁵⁰ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=418>

comunidade; a realização fora dos *espaçostempos* das salas de aula e das disciplinas; o uso de metodologias diferentes daquilo que se convencionou como aula, em que se aprende com a prática, no processo de produção e em função dele. Bem diferente e provavelmente mais produtivo que explicações muitas vezes estéreis de conhecimentos a serem reproduzidos em uma prova. O entusiasmo dos participantes se deve ao fato de se tratar de atividades com as quais os alunos se envolvem levados pelo desejo de produzir algo destinado à apreciação estética pública, em vez de apenas servir a uma avaliação convencional feita pelo professor, além da promoção de espaços de convivência com diferentes pessoas o que favorece à criação de vínculos afetivos, de amizades e trocas de experiências e modos de vida em um ambiente descontraído, alegre e criativo, o estar junto, fundamental à cimentação societal.

A gente ganhou, por sorte, né. É, fomos pro regional, foi muito legal, a experiência daquilo tudo, aquela agitação, né. É... sabe, tudo que a gente queria era aquilo, movimento, sabe... coisas dinâmicas. Porque na escola, às vezes, tudo é muito parado, estático. E quando a gente vai pros projetos estruturantes, né, as coisas são mais livres, né. São mais dinâmicas. (MATHEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁵¹, 2'48").

As produções artísticas provocam uma agitação nos cotidianos da escola, que vai ganhando volume ao passo que cada música, poema, tela, filme, álbum, é produzido nas oficinas e começa, ali mesmo, a ser ouvido/visto/apreciado entre os estudantes envolvidos, nos ensaios do FACE ou nos saraus do TAL nas turmas, afetando e mexendo com seus sentimentos, gerando murmúrios e expectativas que eclodem em um clima de ansiedade, entusiasmo, festa, alegria e gozo estético coletivo. São as energias que levam à realização da etapa escolar dos saraus, dos festivais e das exposições, geralmente no mês de agosto, o “Mês do Estudante”. São significativos momentos, como já afirmamos, de festa, de fruição estética e de grande ebulição na vida da escola, atraindo a atenção dos estudantes e demais pessoas da comunidade escolar, incluindo a participação de pais, ex-alunos, meios de comunicação e outras pessoas da cidade. São momentos que contagiam e marcam a vida dos estudantes, da comunidade escolar e reverberam fora dela. Acontecimentos que efetivamente constroem e reconstroem a escola, que a atualizam em relação às gerações que substituem umas às outras em suas salas, eventos na realização de seu dia a dia sempre igual em seu ineditismo.

⁵¹ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=158>.

3.3 Os saraus, festivais e exposições: festa e fruição na escola

Na primeira metade do período (treze anos) de realização dos Projetos Artísticos, quando desenvolvíamos apenas o TAL, o FACE e AVE, o Sarau, o Festival e a Exposição das produções eram realizados um único dia, na Semana do Estudante⁵², na segunda semana do mês de agosto. A exposição das obras do AVE geralmente começava antes do dia do Sarau e do Festival, mas tinha nesse dia a apresentação dos resultados da produção, geralmente em uma tarde muito movimentada, com a participação dos estudantes dos dois turnos da escola, além da comunidade externa.

Figura 16 - Sarau do Projeto TAL, 2016, 2017, 2019



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

⁵² Além do Sarau-Festival-Exposição, durante a Semana do Estudante ocorriam outras atividades comemorativas ao estudante, especialmente no dia 11 de agosto, como mesa-redonda temática, jogos e outros tipos de oficinas.

Com o incremento das oficinas de outros Projetos Artísticos (PROVE e EPA), o volume de atividades se tornou muito grande e a semana foi transformada em Mês do Estudante, com a realização do Sarau-Festival-Exposição do TAL-FACE-AVE em um mesmo momento, enquanto que o Festival de filmes do PROVE e a Exposição do EPA eram realizados em dias/semanas diferentes, uma maneira de promover a visibilidade de todos os projetos e de conciliar as demandas da logística da produção e organização das atividades.

O Sarau de apresentação das produções do TAL é o evento em que os dois textos dos estudantes, selecionados em cada turma, são lidos/declamados por seus autores (ou por colegas escolhidos por eles) para o público presente e para uma comissão avaliadora que seleciona e premia os três melhores textos da escola, sendo que o melhor texto é inscrito para concorrer na etapa regional do projeto, organizada pelo Núcleo Territorial de Educação da Secretaria de Educação da Bahia. No Sarau, para além da ideia de um concurso, as produções literárias dos estudantes são apreciadas por um público relativamente numeroso possibilitando que seus pensamentos, ideias, expressões e estética ressoem e façam vibrar⁵³ os corpos que se encontram na escola para participar da atividade, como também atingem os que ouvem/assistem por meio de transmissão ao vivo feita pela rádio comunitária e por blogs da cidade. Além disso, influenciados pelos limites da pandemia ou pela intensificação do uso das redes sociodigitais a partir dela, nas duas últimas edições a própria escola transmitiu o evento em seu canal no *YouTube* e fez publicações nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, na conta oficial da escola e na do Projeto de Comunicação.

Na mesma tarde, logo após o Sarau do TAL, sempre ocorreu o Festival Anual da Canção Estudantil, intensificando a culminância do evento com um animado clima de festa, considerando que, geralmente, a música é indissociável das festividades na complexa e diversa rede cultural brasileira, especialmente no Nordeste. Um evento de competição musical, então, embala o clima de ansiedade e expectativa do público pelo desejo de conhecer e desfrutar das novas canções produzidas pelos estudantes.

O FACE talvez seja o Projeto que envolva um clima maior de ansiedade e de expectativa entre os estudantes participantes, porque é o momento de apresentar uma música que foi trabalhosamente produzida, assim como as produções nos demais Projetos. Contudo, no formato festival, as músicas produzidas dependem da execução momentânea, da performance do estudante, para que se consiga uma apresentação mais fiel possível àquela criada (e gravada) nas oficinas e ensaiada diversas vezes visando sua “materialização” junto ao público.

⁵³ A cada texto lido a plateia reage com gritos e aplausos de acordo com os sentimentos provocados.

Uma falha rítmica ou de afinação momentânea do estudante intérprete⁵⁴ pode “jogar por terra” o esforço de criação e de interpretação construída ao longo dos ensaios em mais de um mês de trabalho, além do constrangimento perante o público, situação que pouco ocorre nos demais Projetos. Por essa razão, para assegurar uma boa execução das canções, gravamos e reproduzimos a parte instrumental da música desde os ensaios até o dia do festival, uma maneira de garantir que não aconteçam “erros”, na melodia e arranjos produzidos, que possam afetar a qualidade das produções e a interpretação dos estudantes, mesmo que isso impacte visualmente o festival, por não ter músicos executando ao vivo, compondo a performance musical.

⁵⁴ Vale lembrar que alguns estudantes participam apenas como compositores das canções, enquanto outros podem atuar apenas como intérpretes. Mas de um modo geral, os próprios compositores interpretam suas canções.

Figura 17 - FACE 2011, 2013, 2016, 2017, 2018, 2019, 2021



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

A intenção, contudo, é garantir uma boa apresentação da canção, garantindo que seja a mais semelhante possível com o que foi produzido nas oficinas. Podemos observar um pouco disso também na apresentação dos textos do TAL, pois uma leitura/declamação ensaiada e performada expressivamente valoriza melhor a produção do estudante e impacta mais fortemente o público presente, mesmo que a Comissão Avaliadora avalie o texto escrito e não a performance de sua apresentação. Sob a perspectiva educacional, o compromisso com a qualidade do que se faz individualmente está ligada à qualidade do evento como obra coletiva,

um modo mais lúdico do que competitivo de ensaiar e experienciar práticas democráticas em harmonia com o destaque de certas qualidades individuais em meio às muitas produções afins. Evidentemente, as possíveis leituras de fracassos ou erros são desmontadas por meio de diálogos e a pontuação clara da relevância do feito coletivo para o qual concorrem as obras individuais e não a mera desqualificação desta ou daquela produção.

Tendo feito essas observações, destacamos o clima de festa que vai tomando conta da escola a cada música apresentada pelos estudantes, impactando o público tanto pelos temas e expressões contidas nas letras quanto pelas melodias-arranjos das canções, embalando o público em um ritmo cada vez mais envolvente, que perdura, inclusive durante o intervalo (cômputo da pontuação) e vai até o final do evento, após publicação dos resultados do festival, quando os artistas presentes são convidados a se apresentarem, especialmente os membros da comissão avaliadora e ex-alunos (organizadores das oficinas), além da reapresentação das músicas premiadas no festival, animando o público presente e propiciando fruição estética aqui inseparável da alegria e da descontração.

Assim como no TAL, a Comissão Avaliadora seleciona e premia as três melhores canções da escola, sendo que a melhor é inscrita para concorrer na etapa regional do Projeto, organizado pelo Núcleo Territorial de Educação da Secretaria de Educação da Bahia. Vale salientar que, apesar de tentarmos reduzir o espírito competitivo (evitando classificações em 1º, 2º e 3º lugar) que geralmente circunda eventos como saraus e festivais, as comissões avaliadoras são compostas por professores, estudantes de graduação e artistas (relacionados a cada modalidade artística) da cidade e de fora dela, como maneira de valorizar e conferir importância às produções dos estudantes. Além disso, a ideia de concurso com uma premiação, mesmo que simbólica, costuma animar a participação dos estudantes e do público.

O ambiente festivo e a produção estética também se fazem notar pela ornamentação da escola, pela aquisição de serviço de som profissional que possibilita a execução sonora compatível e claramente audível ao público e nas roupas, nos cabelos e outros adereços estéticos usados pelos estudantes (e pelos professores) ao performarem suas produções no palco do FACE, assim como se dá no Sarau do TAL e nos demais Projetos.

Figura 18 - Exposições do AVE 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2021



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Compondo também o ambiente artístico visual e estético da escola durante a realização do Sarau do TAL e do FACE temos a Exposição do AVE que distribui as telas produzidas pelos estudantes nas paredes do pátio central e corredores adjacentes. A exposição é outro momento muito esperado. O colorido marcante das telas se espalha na epiderme do pátio da escola atraindo os olhares, causando surpresa e admiração, envolvendo e abrigando todos que por ele transitam: funcionários, professores, estudantes e os próprios participantes da oficina (que durante o processo de produção não se dão conta do que está sendo criado pelo grupo) e a comunidade externa que vai à escola participar das atividades do Mês do Estudante. São produções visuais que fazem emergir as diversas temáticas e ideias que moveram os estudantes

a se expressar perante os olhos da comunidade escolar e externa, produzindo um *espaçotempo* de intensa expressão, fruição estética e convivência, a cada ano.

A curadoria da exposição é compartilhada por várias pessoas da escola, já que, na efervescência e correria da montagem, às vésperas da abertura ao público, muitos se envolvem e contribuem, encontrando soluções para fixar as telas nas paredes, escolhendo os melhores locais, fazendo combinações de cores e temas. Durante as primeiras horas/dias da exposição, é possível observar os grupinhos de estudantes comentando as pinturas, apreciando-as, fruindo esteticamente as produções visuais. A exposição permanece montada, vista/visitada por várias semanas, até a conclusão das atividades do Mês do Estudante.

As obras do AVE também são selecionadas por uma comissão avaliadora, que premia três pinturas e, dentre essas, seleciona a que entente ser a melhor para representar a escola na etapa regional dos Projetos Artísticos. Geralmente os resultados dessa seleção são apresentados na mesma tarde em que ocorrem o Sarau do TAL e o FACE, conferindo às produções dos estudantes um espaço de ampla visibilidade pública, de expressão e fruição estética que preenche e transborda dos cotidianos da escola para a cidade, tanto com a presença física das pinturas quanto pelas várias fotografias produzidas e publicadas nas redes sociodigitais.

Outra atividade muito aguardada, especialmente nos últimos anos, tem sido o Festival de Vídeos Estudantis do Projeto PROVE. Após semanas intensas de trabalho nas oficinas, os participantes ficam na expectativa de sentir como o público irá recepcionar suas produções, qual será a reação dos expectadores e deles mesmos ao ver-ouvir sua produção audiovisual no pátio da escola e, nos últimos anos, nas redes sociodigitais.

Apesar da escola não dispor de um espaço muito adequado para a exibição dos filmes, livre de interferências de luz, o pátio da escola tem sido mais uma vez o lugar de encontro da comunidade escolar e externa com as produções fílmicas dos alunos. Diferentes temas, vinculados à vida dos estudantes ou de suas comunidades, diversas personagens e diferentes formatos são colocados em cena diante dos corpos atentos às imagens e sons, a se deixarem afetar pelos enredos e temáticas escolhidos, pelas imagens e sons produzidos e organizadas de modo criativo, pensado nos roteiros, mas, de modo especial, nas invenções inesperadas que ocorrem durante o processo de gravação e edição.

Assim como nos demais Projetos Artísticos, os filmes são avaliados por uma comissão composta por pessoas da comunidade com alguma experiência na produção de vídeo e também por pessoas de fora da cidade com experiência no campo da produção cinematográfica, uma maneira de valorizar as produções e iniciar os estudantes nesse campo. A comissão também escolhe três vídeos a serem premiados, selecionando o melhor para participar da etapa regional

dos Projetos Artísticos. Como nos demais Projetos, durante o festival também é apresentado ao público como ocorreu o processo de produção nas oficinas de criação, motivando novos estudantes a participarem nos anos seguintes.

Figura 19 - Festival de Filmes do PROVE 2018, 2019, 2021, 2022



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

O Festival de Filmes Estudantis tem impactado cada vez mais a escola e a comunidade externa com a produção de visualidades diversas, os modos de ver dos estudantes sobre uma diversidade de lugares e histórias que lhes despertam o interesse em abordar, em trazer à tona, em fazer ver-ouvir o que, até então, estava imerso nas experiências de vida e memórias individuais de pessoas da comunidade. Audiovisualidades que, compartilhadas nos filmes, passam a fazer parte do registro físico de memórias e do imaginário coletivo da cidade, tornando conhecidas por um grande número de pessoas que não podemos dimensionar, já que os filmes têm sido veiculados também na rede e está disponível no canal do YouTube do Projeto de

Comunicação da Escola, obtendo um número significativo de visualizações e compartilhamentos.

Figura 20 - Exposições do EPA 2016, 2017, 2018



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Por fim, geralmente encerrando as atividades dos Projetos Artísticos no Mês do Estudante, acontece a Exposição dos Álbuns do Projeto EPA. Após o intenso trabalho de finalização das produções dos textos e dos álbuns, são montados os estandes da exposição

também no pátio central da escola, onde os alunos e todos que ali transitam passam para folhear e ver as produções. Assim como nos demais Projetos, uma comissão avaliadora composta por pessoas da comunidade visita a exposição e faz a apreciação dos álbuns escolhendo e premiando os três melhores, selecionando o melhor álbum para a etapa regional.

No final da exposição, todos os alunos, professores e funcionários se reúnem no pátio para a leitura/apresentação dos álbuns e comentários sobre o processo de produção. No final do evento, os resultados da avaliação são apresentados e os estudantes que produziram os álbuns escolhidos são chamados novamente à frente e premiados. Assim, as produções do EPA colocam em destaque os resultados de investigações históricas em uma composição textual e imagética sobre espaços e a vida de pessoas da comunidade, muitas vezes, pouco conhecidas contribuindo na preservação/elucidação do imaginário coletivo sobre possíveis patrimônios históricos, materiais e imateriais da cidade. Essas produções estão expostas na sala dos professores e são usadas anualmente durante a realização das oficinas do projeto.

De um modo geral, as atividades dos Projetos Artísticos têm movimentado intensamente os estudantes e a escola em seus cotidianos, mas também para fora deles com a reverberação das produções dentro do município e na região ao participar das etapas regional e, algumas vezes, estadual dos festivais, saraus e exposições, proporcionando aos estudantes envolvidos uma experiência estética pública mais ampla, possibilitando o convívio com estudantes de outras escolas públicas, destacando-os, com a escola, *dentrofora* da cidade.

3.4 Expressão, festa e fruição para além da escola

Como já enunciado, os saraus, festivais e exposições regionais são realizados com as produções dos estudantes selecionadas na etapa escolar dos Projetos Artísticos realizada nas escolas estaduais articuladas por Núcleos Territoriais de Educação, atual denominação dos órgãos regionais da Secretaria de Educação da Bahia. Já a etapa estadual era realizada (até o ano de 2017) com uma produção selecionada por núcleo territorial, em cada modalidade artística, sendo que, por motivo de logística⁵⁵, para os festivais e os saraus ocorria uma pré-

⁵⁵ A etapa estadual requer deslocamento e hospedagem dos estudantes durante uma semana, em Salvador, capital do estado, onde os estudantes participam de oficinas de música e de performance teatral/corporal visando melhorar a apresentação de suas canções, poemas, peças etc. Mesmo os estudantes cujas obras não dependem de apresentação, como são as produções visuais do AVE, os álbuns do EPA e os filmes, iam para a capital e ficavam hospedados durante a semana para participar das atividades do Encontro Estudantil da Bahia, nome dado ao evento de culminância dos Projetos Artísticos na etapa regional e estadual nos últimos anos. Toda essa infraestrutura resultava em um volume considerável de investimento de recursos públicos, algo que deixou de ser prioridade após o ano de 2015, com a extinção dessa importante etapa dos Projetos. Atualmente a Secretaria de Educação apenas fomenta e subsidia a realização dos Projetos Artísticos nas etapas escolar e regional. Ao todo são nove

seleção dos inscritos, limitando-os a quinze estudantes de todo o estado, ou seja, menos da metade dos 33 Núcleos Territoriais de Educação em que o estado foi organizado. Sobre a falta de interesse da Secretaria de Educação da Bahia em investir na etapa estadual dos Projetos, uma estudante comentou na oficina da pesquisa, entremeada pelas conversas no chat do encontro:

Eu já, senti isso, [...] que vinha com essa proposta de diminuir já no ano (2015) que eu fui com o TAL, porque eles sempre faziam, né, os livros [Engel no chat: 'Eles querem acabar com os projetos porque eles são importantes pra nós :('], mandavam pra escola com as fotografias, com tudo. A gente tirou foto, levaram maquiador, levaram tudo... a gente tudo se sentindo... ave Maria! Num hotel quatro estrelas... [...] só (risos) que a gente não recebeu nada. E depois disso só foi, entre aspas, 'ladeira abaixo'. A gente percebeu, a gente percebe de perto a decadência de algumas coisas [Wallefe no chat: 'Verdade, já vi esse livro lendário'] e a falta de vontade mesmo. [Engel no chat: 'tbm'] (ANDREISSA, 2022, vídeo da Oficina da Pesquisa⁵⁶, 1h01'11").

Nas etapas regionais também ocorrem a pré-seleção e limitação da participação em alguns projetos (FACE, TAL, DANCE, PROVE) devido às necessidades de organização como transporte/estadia dos estudantes envolvidos e a duração das atividades, evitando que o evento seja muito demorado/cansativo e “garantindo” que todas as apresentações ocorram em um mesmo evento. Isso tem se intensificado nos últimos anos, pois a etapa regional dos projetos tem sido realizada em um único e intenso dia, algo que facilita uma maior participação das escolas, ao mesmo tempo em que prejudica a concentração e fruição das produções dos estudantes, devido à sobrecarga, compressão do tempo, dispersão e aligeiramento das atividades, fato que tem sido motivo de crítica entre nós que tentamos realizar as oficinas e saraus/festivais/exposições na escola com muito cuidado e dedicação tendo em conta a valorização das produções dos estudantes. Contudo, os estudantes destacam bastante a importância de participar da etapa regional e, especialmente, da estadual.

Em 2015, foi o ano que mais me marcou assim, porque eu participei do TAL e do FACE novamente, e eu pude além de [...] ser premiada na etapa escolar e na etapa regional, eu pude ter a chance de participar da etapa estadual da culminância dos projetos. E foi pra mim inesquecível! Lá eu pude conhecer novas pessoas, de locais diferentes de nosso estado, com vivências diferentes, experiências diferentes... a maneira com que o projeto era conduzido nas escolas, nas respectivas escolas, eram, de certa forma, diferentes, né. Então foi um momento de troca muito importante, que eu guardo, com muito carinho, na lembrança. (ANDREISSA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁵⁷, 2'19").

projetos, cinco dos quais realizados em nossa escola, conforme orientações disponíveis em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/artecultura>.

⁵⁶ Disponível em https://youtu.be/fpGJkzUuv_k?t=3670.

⁵⁷ Disponível em: <https://youtu.be/UBN-I19vaKk?t=139>.

A cada ano nos interrogamos, na escola, se devemos ou não participar da etapa regional dos Projetos, dadas as experiências negativas que, por vezes ocorrem, por exemplo devido ao espaço e à infraestrutura inadequados, ao tempo insuficiente à realização das apresentações e à desorganização e pouca valorização das produções nas exposições do AVE e do EPA, causando um clima de dispersão durante a realização das atividades, além da falta de oportunidade para estudantes de outros projetos participarem de oficinas de preparação do evento e, conseqüentemente, da insignificante troca de experiências entre estudantes. As oficinas de preparação do festival regional só acontecem para os estudantes que participam do FACE, evento que tem maior destaque nessa etapa (hospedagem, oficinas, ensaios, melhor premiação), algo injustificável considerando o esperado respeito à isonomia na gestão pública.

Contudo, sempre ponderamos sobre a importância da integração das escolas e dos estudantes, bem como a relevância da oportunidade de visibilidade das suas produções-performances possibilitada nesse momento de festa, ampla exposição e fruição estética pública.

Figura 21 - Apresentação de poema no Sarau Estadual do TAL⁵⁸



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Nunca fui, mas tu não veio
Andreissa Jesus Oliveira

Ir... vir... iria... irei?
Nunca fui...
Nunca fui ao Rock in Rio,
Nunca fui ao cinema
Nunca fui ao São Paulo Fashion Week
Nunca fui ao estrangeiro
Nunca fui a um hotel
Nunca fui a um parque aquático

⁵⁸ Participação no Sarau Estadual do TAL, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/6G8BtOVGhoU>.

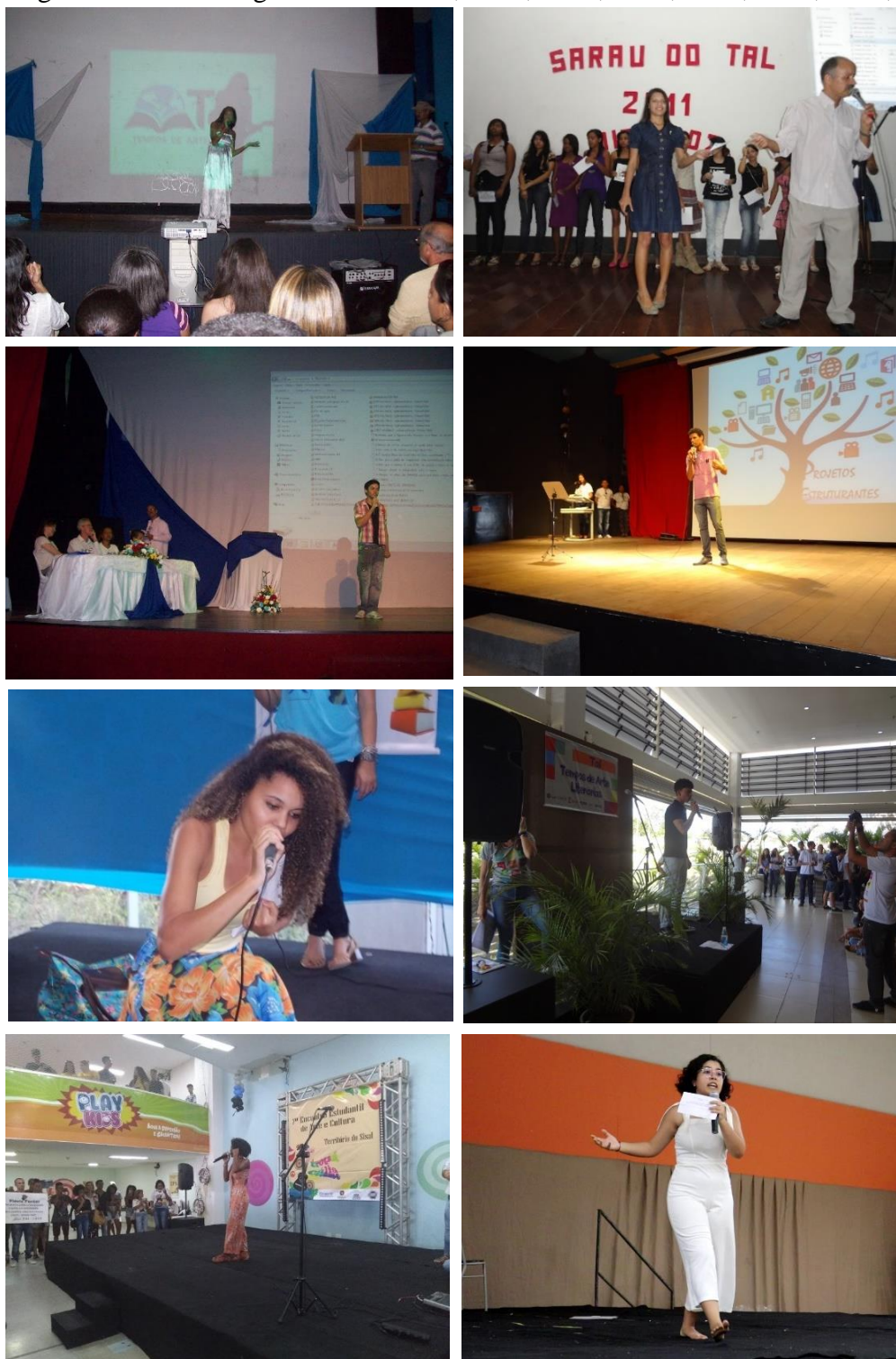
Nunca fui até Ilhéus.
 Nunca fui ao Cristo Redentor,
 Ao Pão de Açúcar? Só em sonho!
 Enfim, não fui...
 Mas você também não veio!
 Nunca veio a minha roça!
 Nunca viu o meu curral
 Não conhece um bom cusuz
 Não tomou uma pinga das velhas “vendas”
 Nunca chupou “manga do pé”.
 Nunca colocou pé e mão na massa,
 Não sabe nem tirar leite de vaca
 E quer me ensinar o que é “filé”?
 Filé é comer gostoso
 Sem ter outra regra a não ser comer.
 Filé é sentir cheiro de chuva
 E pôr os pés na terra molhada.
 Filé é ir numa humilde capela
 E voltar com a alma renovada.
 Filé é correr no mato
 E por ter “casco duro”, não ter frescura
 É não ir à farmácia de imediato
 É pegar um punhado daquele mato
 E fazer um chá, pra inventar a cura.
 Filé é criar galinha no terreiro
 Tagarelar o tempo inteiro
 Não ter muito carro,
 Mas bastante passageiro
 É andar pela estradinha singela
 Carregando a marca do trabalho
 Sorriso estampado no rosto
 E a sensação do dever cumprido.
 É chegar em casa e descansar,
 Sem ter medo de ser interrompido.
 É sorrir da vida simples
 E não temer ao desconhecido.

A participação dos alunos nas etapas pós-escolares dos projetos, além de destacá-los em um universo mais amplo da produção artística e estética, possibilita-nos perceber e reafirmar a importância das oficinas de criação, uma vez que nossos estudantes se dão conta de que a maioria das escolas não realiza esse momento e que apenas mobiliza os alunos a produzirem sozinhos, da maneira que puderem, para representar a instituição onde estudam em um evento, em uma espécie de concurso. Ao conhecerem as experiências de produção, livre e aberta, nas oficinas, alunos de outras escolas ressaltam a importância desse processo vivido no CEACO, lamentando não terem a mesma oportunidade, algo que contribui para os nossos estudantes valorizarem, ainda mais, a experiência das oficinas e demandem cada vez mais por elas.

Esse fato também fortalece o trabalho dos professores realizadores dos Projetos Artísticos que se dão conta da diferença que instituíram nos cotidianos da escola, das invenções realizadas, tornando-se referência para outras instituições educacionais da região e

desenvolvendo um sentimento de pertencimento, autoestima e autoconfiança na capacidade de realização de práticas educativas singulares que se destacam fora do município onde atuam.

Figura 22 - Sarau Regional TAL 2010, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Figura 23 - FACE Regional 2009, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016, 2017, 2019 e 2022



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Portanto, a participação nas etapas regional e estadual dos Projetos Artísticos, em que pese os problemas percebidos, contribui para motivar os professores, estudantes, gestores e

demais pessoas que habitam os cotidianos da escola a continuarem realizando as oficinas de criação e os saraus-festivais-exposições com mais dedicação, organização e intensidade, por sentirem-se realizados e satisfeitos com as práticas desenvolvidas.

Ao nos depararmos com as fotografias e vídeos dessas experiências, recobramos a intensidade das emoções vividas pelos estudantes-participantes desses eventos, mas também pelo coletivo dos estudantes, professores, pais e gestores que vão torcer pelos alunos e pela escola, reforçando nossa existência, crença e capacidade de autocriação como escola pública.

Além disso, as imagens nos possibilitam lembrar e avaliar como foi nossa participação na etapa regional e estadual dos festivais, saraus e exposições. Das treze edições que realizamos do projeto TAL, fomos selecionados para participar de oito edições do sarau regional, das quais tivemos três produções de alunas premiadas, sendo uma delas selecionada como o melhor poema da etapa, o que lhe possibilitou participar da etapa estadual, um momento muito marcante para a estudante e para a escola, como ela afirmou, anteriormente, em um trecho do vídeo da pesquisa. Já no projeto FACE, nossos estudantes foram selecionados para nove edições do festival regional, sendo que em cinco delas tivemos estudantes premiados entre as melhores canções e duas como a melhor canção do festival. Contudo nunca fomos selecionados para participar da etapa estadual do projeto.

Figura 24 - Exposição Estadual do AVE, 2010



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Em relação às exposições regionais do Projeto AVE, como não ocorre pré-seleção das produções, participamos de todas as edições desde o início do projeto na escola em 2010, o

único ano em que tivemos uma tela premiada nessa etapa, o que levou a estudante a participar da etapa estadual, acontecimento especialmente significativo para a autora e para a escola, animando-nos ainda mais a continuarmos realizando as oficinas do projeto.

Figura 25 - Exposição Regional do AVE, 2010 a 2022



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Quanto às exposições do EPA, em que também não ocorre pré-seleção, participamos de todas as etapas regionais do Projeto nos anos em que realizamos na escola, a partir de 2016, e tivemos estudantes com álbum premiado nessa etapa somente no último ano (2022).

Figura 26 - Exposição Regional do EPA, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2022



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Vale ressaltar, como podemos observar nas imagens, que a exposição regional do EPA e também do AVE, muitas vezes tiveram uma organização bastante precária tanto no espaço quanto nos estandes ou suportes para as obras, de modo a nos fazer perceber um certo desprezo e desprestígio por essas modalidades artísticas, por parte da organização do evento, ao não proporcionar um ambiente favorável sua realização de maneira a possibilitar efetiva fruição e visibilidade pelo público, algo que acontece também em outros Projetos Artísticos como o TAL

e o PROVE no evento regional. A necessidade de valorização equânime das produções dos estudantes, em todas as modalidades artísticas dos Projetos, tem sido motivo de muitas discussões entre os professores realizadores, a coordenação e os gestores da escola, na tentativa de evitar que algumas modalidades socialmente mais valorizadas, como a música, possa ter destaque maior em detrimento das demais, portanto não permitindo que ocorra maior prestígio às produções ou performances de uns estudantes em prejuízo de outros.

Sobre a etapa regional dos Festivais de Vídeos do PROVE, nossa escola foi selecionada para participar em apenas duas edições, no universo de seis realizadas na escola, uma das quais premiada entre os melhores filmes. Apesar do PROVE ter se tornado um Projeto marcante, nos últimos anos, para os estudantes e para a escola, consideramos que a etapa regional do festival tem sido muito desvalorizada, com a exibição apenas dos filmes premiados, de modo aligeirado e desorganizado, sem uma infraestrutura de projeção e sonorização de qualidade satisfatória⁵⁹, sem a participação de público significativo, além de que os estudantes produtores dos filmes não têm sido devidamente convidados/mobilizados a participar do evento, algo que tem desanimado bastante nossa participação nessa etapa. Isso sem contar com o estabelecimento de critérios discutíveis como limitar a participação dos estudantes nas produções a cinco pessoas e o tempo máximo dos filmes em 5 minutos, limites que prejudicam o processo de produção e a qualidade das produções audiovisuais.

Figura 27 - Festival Regional do PROVE 2014 e 2018



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Vale relembrar ainda que os Projetos Artísticos não foram realizados no ano de 2020, já que as escolas estaduais tiveram suas atividades suspensas devido a epidemia de Covid-19, sendo retomadas de modo remoto no ano de 2021, passando ao modo semipresencial no último

⁵⁹ Atualmente, o NTE 4 utiliza pomposamente o espaço de um cinema, mas somente o local e o mobiliário são efetivamente usados na realização do festival, pois os equipamentos para reprodução dos filmes são montados de improvisado, não são os mesmos de uso no cinema.

trimestre, momento em que a escola retomou a realização de parte das oficinas dos Projetos Artísticos, sem que tenha havido mobilização da Secretaria de Educação com esse fim, conseqüentemente, também não ocorreu a etapa regional dos Projetos Artísticos naquele ano.

Projetos Artísticos⁶⁰

Jéssica Maria

*Meio de expressão,
de liberdade
Sair do comodismo
e demonstrar sinceridade
Esses projetos literários
me dão saudade.
Saudade das pessoas
Saudades da construção
Da diversão, da opinião
Do construir no coletivo,
No individual.*

*Não importava a ocasião
Em meio àquela multidão
A liberdade de expressão
Era vista com atenção.*

*Projetos Literários
Que despertava o hábito da leitura
Da composição da escrita
Da busca por histórias e culturas.*

*Oficinas mais que puras
Criações quantitativas
Aonde quem nunca tinha sido visto
Passou a ter expressão.
E que até os imprevistos
Passavam despercebidos.*

*Pelos olhares radiantes
Que deslumbravam cada instante
Aqueles artes construídas
E cada segundo
Era gravado como histórias
Para sempre memórias
Que nunca serão apagadas.*

Tomando esse poema produzido pela estudante durante as oficinas da pesquisa, enquanto dialogávamos sobre as experiências de criação nas oficinas dos Projetos Artísticos, como síntese dessas experiências, percebemos como os processos de produção artística e estética vividos pelos estudantes mobilizaram seus desejos, capacidade de expressão e protagonismo, fizeram-lhes pensar sobre si e sobre o mundo em que vivem e a criarem tendo a

⁶⁰ Disponível em: <https://youtu.be/uT4NROoAj-0?t=171>.

existência de seus corpos e a vida como matéria prima e destino, uma experiência simultaneamente individual e coletiva. Experiências marcadas pela festa, pela alegria e diversão, tendo como destino um corpo que passa a ser visto, pura expressão, que sabe lidar, disfarçar e criar nos imprevistos, performando diante dos olhares e ouvidos deslumbrados com a produção poética que se insinua nos *cotidianos* (CERTEAU, 2012) da escola e de uma multidão espalhada na cidade e na região. Experiências registradas nas memórias dos estudantes e na história da escola ao longo de mais de uma década de produção, fruição e celebração artística e estética que alude “a aporia que seria o recurso último à permanência produtiva da escola: aprender com quem se deverá ensinar.” (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017, p. 605).

4 ARTE, PERFORMANCES E CRIAÇÃO: SOMOS ARTISTAS OU OBRAS DE ARTE?

O envolvimento dos estudantes nas atividades escolares deveria ser objeto de constante atenção e problematização entre nós educadores, coordenadores e gestores de escolas públicas. Escutar os estudantes sobre as situações/condições que lhes atraem e lhes motivam a participar ativamente de certas atividades e não de outras poderia ser uma atitude permanente de quem é responsável por organizar qualquer atividade na escola, seja ela disciplinar ou não, pois serviria como termômetro dos desejos, dos interesses, das escolhas e do protagonismo dos principais atores do processo educacional e a razão da existência das escolas em qualquer sociedade.

Longe de utilizar a tese como veículo de minhas convicções, destaco o que a pesquisa evidenciou, ao convidar estudantes a apresentarem suas perspectivas sobre as experiências vividas na escola, o que possibilitou registrar as considerações postas. Considerando a intensidade das interlocuções realizadas no processo de produção dos vídeos da pesquisa, é possível ressaltar que a escuta aos alunos parece ser cada vez mais urgente quando se trata de modalidades educacionais que envolvem adolescentes e jovens, como os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, quando os estudantes se aventuram cada vez mais no mundo contemporâneo, um mundo cada vez mais amplo, complexo e intenso considerando que as tecnologias e redes sociodigitais ampliaram as fronteiras das nossas relações e interações sociais para além da espacialidade física-geográfica.

Redes que possibilitam fluxos intermináveis e incontrolláveis de modos de vida, pensamentos, *conhecimentossaberes* e poderes que produzem nossos corpos e subjetividades de um modo ainda pouco conhecido e mesmo pouco percebido por nós que nele vivemos imersos. “Os meios de comunicação virtual, a rapidez e inventividade das informações, imagens e ideias intensamente partilhadas pelas novas gerações, atravessam as escolas com saberes e práticas ainda pouco assimiladas pelos seus currículos.” (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017, p. 609).

Em que pese os limites impostos pelas condições socioeconômicas desiguais das sociedades capitalistas e do acesso às tecnologias digitais de comunicação, cada vez mais os jovens estão se relacionando com um universo maior de pessoas, de formas de existência, de maneiras diversas de compreender, consumir e participar das diversas dimensões da produção sociocultural em sua complexa atualidade, dos bens materiais mais básicos, necessários à sobrevivência, aos bens culturais simbólicos que também são indispensáveis à vida humana,

como os conhecimentos, as manifestações artísticas e produções estéticas que conferem sentido e sentimentos de prazer e gozo/alegria, pessoal e coletivo.

4.1 O envolvimento dos estudantes nas atividades de criação

Retomando, então, o fato da participação dos estudantes nas oficinas dos projetos artísticos ocorrer de maneira voluntária, buscamos elucidar ao que se deveu tal participação, visto que as atividades não faziam parte do currículo oficial da escola, não eram obrigatórias, o que então teria motivado os estudantes a participarem, o que os atraiu, como responderam a tal atração e como teria sido os envolvimento.

Logo que eu cheguei no CEACO eu [...] me deparei com a Semana de Acolhimento, uma semana onde os alunos novos são acolhidos, e ali foi apresentado o cronograma anual das atividades no âmbito escolar no CEACO. Ali foi apresentado os projetos artísticos que a escola trabalhava e, diante daquilo, eu logo me interessei, porque eu sou uma pessoa que gosta de produzir, sou uma pessoa que gosta de experimentar coisas novas, uma pessoa que, assim, de alguma forma, quer tá envolvido com as atividades da escola (risos). (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶¹, 0'25'').

Fui estudante do CEACO de 2015 a 2017, e lá eu conheci os projetos literários. Era algo novo pra mim, é... eu não conhecia antes. E foi também através do professor Edivan... me incentivou, incentivou também várias pessoas a participar. Foi um desafio porque eu não conhecia antes esses projetos, era algo novo. E, claro, não podia deixar de participar, de me desafiar a isso. E eu fui, né, embarquei e participei dos três anos nos projetos. (GÊNIFER, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶², 0'20'').

Para a maioria dos estudantes, o primeiro contato com as atividades dos Projetos Artísticos se dá logo que começam a frequentar a escola, no evento de Abertura do Ano Letivo, quando, geralmente, se realiza a apresentação das atividades que acontecerão durante o ano, exibindo fotografias e vídeos das oficinas, do sarau, dos festivais e exposições que ocorreram no ano anterior, inclusive convidando alguns estudantes envolvidos para comentar sobre a experiência ou apresentar suas produções durante a atividade. Assim, a experiência vivida e a apresentação das produções se insinuam aos novos alunos e provocam o interesse em participar de uma escola que não se limita às atividades de transmissão de conhecimentos, principal finalidade para a qual a escola foi instituída e que talvez faça pouco sentido sua continuidade nesse intuito, considerando os diversos meios de socialização de conhecimentos existentes na atualidade.

⁶¹ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_C1?t=25.

⁶² Disponível em: <https://youtu.be/d29zjR2EX3E?t=20>.

Além disso, antes do início das atividades dos Projetos Artísticos, a cada ano, a escola realiza uma atividade de sensibilização, no pátio da escola, com o objetivo de apresentar como e quando ocorrerão as oficinas de criação, utilizando imagens das atividades, produções realizadas e a participação de estudantes nas conversas sobre as experiências vividas, convidando todos estudantes à participação.

A minha história com os projetos estruturantes lá no colégio Aristides Cedraz, eu costumo dizer que ela começou bem antes de eu ser uma aluna matriculada da escola. Isso porque a minha casa fica bem próxima, a menos de cinco minutos, e antes mesmo de eu poder participar dos projetos eu já acompanhava, como ouvinte. Quando não podia, os anos que eu não podia estar presente eu ficava aqui na janela de casa escutando e sonhando com o período em que eu poderia participar daquelas atividades. Eu ficava sempre admirada, né. E aí, em 2014, eu entrei no primeiro ano do Ensino Médio e, finalmente, eu pude realizar o sonho de viver tudo o que o CEACO tinha pra me oferecer. (ANDREISSA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶³, 0'33").

Quando eu cheguei no CEACO, em 2011, eu já sabia que existia o FACE, porque como eu já tinha experiência [...] como cantor, eu participei do FACE em 2010, como coadjuvante, não como personagem principal, né, como cantor mesmo do festival [...]. E aí eu cheguei no FACE em 2011, aquele processo que nós temos de criar a nossa própria canção, as oficinas, as apreciações... e a pressão, né: 'será que eu vou ganhar o FACE?' (WADSON, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁴, 0'45").

É, falar que eu já conhecia os projetos por conta do meu irmão ter participado, anos antes de eu entrar no colégio, então eu já fui [...] com a intenção de participar, né. Sabia, conhecia os projetos e achava bem legal produzir sua música, produzir sua poesia, produzir uma tela, fazer seu próprio vídeo... e eu achava isso tudo muito bacana, já que eu não tinha essa experiência [...] no ensino fundamental. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁵, 0'40").

Contudo, a reverberação das atividades de criação, sobretudo nos momentos dos saraus, festivais e exposições vão afetando e provocando o interesse de alguns estudantes antes mesmo de se tornarem alunos da escola, não só para os que moram perto dela e percebem sua movimentação a cada ano, como anteriormente afirmou a aluna, mas, também para estudantes que moram na zona rural, como destacaram as duas últimas narrativas apresentadas nos vídeos da pesquisa, estudantes que tinham alguma experiência ou afinidade com algumas das modalidades artísticas desenvolvidas, a exemplo da música, desenho/pintura, produção de fotografia ou de vídeo, entre outras.

Outros estudantes, porém, se envolvem nas oficinas por gostarem de alguma modalidade artística trabalhada, mesmo sem ter prática ou alguma habilidade nela, por querer conhecer um

⁶³ Disponível em: <https://youtu.be/UBN-I19vaKk?t=33>.

⁶⁴ Disponível em: <https://youtu.be/phHzmnYjpgw?t=45>.

⁶⁵ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=40>.

pouco sobre arte ou por desejar fazer algo prático que resulte em uma produção. Além disso, tem aluno que participa por ser algo diferente daquilo que se convencionou como atividade escolar, por ser uma experiência divertida, assim como por influência de algum colega ou professor. No caso das oficinas do TAL, muitos só participaram por ser uma atividade que ocorre nas aulas de Língua Portuguesa, envolvendo todos os estudantes da escola.

Eu lembro que [...] no primeiro ano eu não queria participar, participei forçada, porque no TAL fazia como forma de avaliação... e aí eu não consegui parar mais. Continuei fazendo no ano todo, no ano seguinte eu fiz e no terceiro ano, é, eu falei: 'agora vou participar de todos os projetos'. Inclusive eu participei do FACE que eu nem me identificava, achava que eu não tinha uma voz boa. Mesmo assim fui lá, meti as caras... e hoje eu sinto saudades. (MILENA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁶, 2'23").

Observamos que o envolvimento dos alunos das turmas do 1º ano ocorre em menor proporção que os demais alunos, por serem recém-chegados, possivelmente estão em processo de conhecimento e inserção gradual no coletivo da escola e no Ensino Médio, uma modalidade educacional ainda desconhecida. A participação de alunos desse grupo ocorre especialmente no TAL, o único projeto que envolve todos os estudantes, e nas oficinas do AVE, projeto que reserva vagas por turma, como já descrevemos, pelo fato de percebermos que sempre há alguns alunos com habilidade ou interesse em desenho/pintura em todas as turmas, além de ser um tipo de atividade que não exige uma performance pública, algo que os estudantes do 1º ano inicialmente evitam, talvez por temer possíveis exposição/constrangimento em público. Contudo, notamos nos relatos dos vídeos que compõem a *cartografia*, que, ao passo que se envolvem em alguma oficina, a maioria desses estudantes passa a participar mais intensamente nos anos subsequentes, se inscrevendo em várias outras.

E aí, no primeiro ano eu só participei do FACE, né. No segundo ano, é... eu já entrei em outros projetos, eu já queria mais, eu já queria conhecer os outros projetos e me interagir em todos. Participei do AVE, que é o da tela, de você produzir uma tela, fazer um desenho. E, é a mesma coisa do FACE: cada processo é uma felicidade. (GÊNIFER, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁷, 1'21").

Então, no ano seguinte [...] eu já tava confiante, né. Já tinha criado uma confiança a mais, né, porque a gente perde a timidez nesses projetos, porque a gente ensaia no colégio. Então, é... basicamente todo mundo conhece sua música e é legal, cara, quando acontece isso porque [...] a galera canta sua música nos corredores e quando você tá ensaiando isso é muito massa. E... na hora da apresentação dá, sim, um frio na barriga (risos), não tem como não acontecer isso, mas [...] é muito massa." (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁸, 2'34").

⁶⁶ Disponível em: <https://youtu.be/2mAK9YVLNG4?t=143>.

⁶⁷ Disponível em: <https://youtu.be/d29zjR2EX3E?t=81>.

⁶⁸ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=154>.

[...] Tudo aquilo foi uma experiência muito nova, houve muitas trocas ali... trocas de vivências, de experiências. Eu nunca tinha experimentado aquilo antes. Foi muito marcante, deixou, assim, um gostinho de ‘quero mais’... Poxa! É tão legal os projetos que eu acho que eu vou participar no próximo ano de outros projetos, além do EPA. Bem. Nos outros anos, eu comecei a participar mais ativamente dos projetos. E aí, foi quando, eu, realmente, criei um vínculo muito forte com eles. Era um universo maravilhoso. Então, no outro ano, além do EPA, eu participei de muitos outros: eu participei do FACE, participei do PROVE e também do TAL. (ENGEL, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁶⁹, 1’40”).

É notável como a maioria dos estudantes ressaltou um envolvimento cada vez maior nas atividades de produção artística, afirmando que as primeiras experiências deixaram “um gostinho de quero mais”, atividades que eles qualificaram, nos vídeos, com expressões como “legal”, “massa”, “máximo”, “muito bacana”, além da maneira afetiva e entusiasmada com que se expressam sobre elas, conotando satisfação e prazer com essas experiências, com as produções realizadas, destacando a felicidade vivida em cada processo, das oficinas aos saraus-festivais-exposições, algo pouco comum quando se trata da percepção/expressão dos estudantes sobre as atividades escolares convencionais.

Todas as vezes que eu participei do FACE, eu participei com alguém. Isso era muito... é muito significativo para mim porque era um momento, de fato, de brincar, era um momento de descontrair, era um momento de filar aula. E aí, né, a gente participou do primeiro ano, a gente não ganhou nada, eu e Daniel. [...] Mas tipo assim: a gente ficou muito motivado pro segundo ano, porque a gente, sabe, achava o FACE o máximo... e de fato era o máximo... ainda é o máximo. (MATHEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁷⁰, 0’34”).

A participação nas oficinas na maioria das vezes ocorre por uma motivação/influência coletiva, de um grupo de amigos/as que se juntam para viver outras experiências, marcadas pela descontração, brincadeira e ruptura do ambiente sério, melancólico e estressante que costuma contaminar muitas atividades disciplinares. O ambiente descontraído das oficinas vai envolvendo cada vez mais os estudantes, demandando a sua capacidade de criação e desencadeando, aos poucos, o sentimento de autoconfiança, contribuindo para a superação de temores, da ansiedade e insegurança. Possibilita uma *apropriação* (CERTEAU, 2012) do processo e o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento, de companheirismo e de protagonismo *dentrofora* da escola. Provavelmente porque o processo de criação instiga a pensar na existência pessoal e coletiva, sua localização e possibilidades de trânsito no mundo, possibilita questionar a sua organização e a ação daqueles que têm mais poder de instituí-lo ou mais responsabilidade pelas condições injustas, desiguais, exploratória e desumanas que afetam

⁶⁹ Disponível em: <https://youtu.be/cQB3hpWE6Gg?t=100>.

⁷⁰ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=34>.

a maioria das pessoas. No jogo de pensar a própria vida, projetar seus sonhos, de imaginar seu lugar no mundo, ao realizar suas produções artísticas os estudantes se arvoram a expressar ideias e desejos, vislumbrando a criação de outros mundos, de outras escolas, de modos de existência mais livres e democráticos.

Vamos navegar⁷¹

Lays Silva

*Bom, tenho escolhas pra fazer
E amanhece mais um dia
Mas, sabe?!
Não é nada fácil tomar uma decisão.*

*Uma decisão pra projetar o nosso futuro
Pra viver de nossas utopias
E descobrir...
Descobrir se o caminho escolhido
É certo ou não.*

*Eu... eu quero é navegar
Quero, com fé em Deus, sonhar
E as respostas para o meu coração
Assim encontrar.*

*Bom, eu...
Eu quero é velejar,
Descobrir quem quero ser
Superando as correntezas
Que o rio irá trazer.*

*Quero navegar nas águas do Velho Chico
Ir ao encontro do rio com o mar
Quero velejar em um barco a vela
Sem destino
Com violão, com amigos
Quero navegar
Por esse rio que mata a sede dos nordestinos
Que a felicidade, querem encontrar.
Nesse barco, nas águas do São Francisco
Pelos sonhos quero navegar.*

Participar dessas atividades foi um processo de reencontro, um processo de pensar nas possibilidades e, principalmente nesse período que a gente tá saindo do Ensino Médio, né... um processo de transição pra vida adulta, um processo da gente se descobrir, saber quem a gente quer ser; da gente se reencontrar. Então, é muito interessante participar dessas atividades porque a gente tem essa possibilidade de refletir mesmo e através da arte poder [...] transformar essas questões [...] e essas nossas angústias... e essas nossas inquietações e essas nossas inseguranças. E música, poesia e arte, então é bem interessante essas atividades para que a gente possa aprimorar e, quem sabe, se encontrar, né. Se encontrar em uma atividade profissional, inclusive. É... sempre nas minhas músicas, né, na escrita, eu sempre falei de sonhos. É, o lugar do sonho sempre esteve presente porque é algo que mobiliza,

⁷¹ Letra de sua música produzida pela estudante no FACE, 2011, adaptada e declamada por ela no vídeo que compôs para a *cartografia audiovisual*. Disponível em: <https://youtu.be/gRxkYyFBYj8>.

né, me mobiliza, [...] tanto na Lays de dez anos atrás, tanto na Lays de hoje. (LAYS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁷², 4'31").

As escolas de Ensino Médio constituem-se como privilegiados *espaçostempos* de encontro dos jovens em processo de intensa inserção no mundo, de escolhas/definição de modos de existência, de modos de atuação pessoal, política/cidadã e profissional na sociedade em que vivem, sociedade que formam e em que se formam. Uma formação que ocorre, ininterruptamente, em todos os *espaçostempos* que os jovens habitam, mas que tem no encontro coletivo que acontece na escola a possibilidade de uma formação mais aberta, diversa, criativa, crítica e cidadã, que lhes possibilitem participar da construção de uma sociedade que promova uma vida mais digna, mais igual, justa, diversa, mais humana.

Ser⁷³

Andreza Silva

Somos pequenos seres no universo
Buscando razões para não desistir
Somos pessoas falhas
Mas não aceitamos cair.

Vivemos em função do dinheiro
Sonhos se tornam passageiros
Não conseguimos persistir.

Vivemos com medo de nunca conseguir
Pois o “ser alguém na vida”
Nos impede de seguir.

Afinal, o que é ser algum na vida?
É ter dinheiro e nunca ajudar?
Ou ter um pão e compartilhar?

João conseguiu estudando,
Maria apenas costurando.
É tudo questão de oportunidade
Pois cada ser é uma realidade
E isso não se deve discutir.

*Mas voltando a falar do FACE, acho que foi o projeto que eu mais me empenhei, né, que é a produção de música... e eu produzi os dois anos depois do primeiro, que eu fiz a música “**Segue em frente**” falando um pouco dos nossos sonhos que devemos seguir. E o terceiro ano, já tava pra me formar, eu tava numa indecisão, não sabia o que fazer após sair de lá, né. E eu escrevi na música isso... “**Sem medo de errar**”⁷⁴, como diz o nome da música [...]. Eu tava disposto a participar, fazer as coisas sem medo de errar, porque eu queria ter essas experiências que são muito importantes [...] para além da sala de aula, né. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁷⁵, 3'58”).*

⁷² Disponível em: <https://youtu.be/gRxxYyFByj8?t=270>.

⁷³ Poema da estudante no Sarau do TAL, 2019, disponível em: <https://www.criarteceaco.pictures/tal/tal-2019>.

⁷⁴ Disponível em: <https://youtu.be/gfZxMF3ac00>.

⁷⁵ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=238>.

Nas músicas, nos textos literários, nas telas, nos filmes ou nos álbuns os estudantes se expõem, refletem e articulam pensamentos sobre os mais diversos temas que impactam seus modos de existência no mundo contemporâneo e projetam/apresentam sonhos de uma vida com mais vida, mais dignidade, mais felicidade e menos violência. Denunciam as lógicas excludentes do mundo capitalista em que o direito de propriedade se sobrepõe ao direito à existência, em que a liberdade insaciável de uns poucos em acumular riquezas sufoca e muitas vezes aniquila a existência de multidões, submetendo-as à exploração, à segregação, ao racismo estrutural que violenta, condena ao extermínio tantas pessoas afrodescendentes e os pertencentes aos povos originários/indígenas em nosso país. Corpos que não têm como ou não desejam consumir a lucrativa produção capitalista ou mesmo que atrapalham a mecânica devoradora dos recursos naturais que ameaça a vida no planeta Terra. Isso nos faz lembrar da afirmação de Ailton Krenak (2019) no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, no trecho marcante incluído, com a voz do autor, no videoclipe da música “Passiflora”⁷⁶ de Rael, Céu e RDD, utilizado em uma das últimas oficinas do FACE.

É um abuso do que chamam de razão.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter.

Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. Se você for para Tóquio, Berlim, Nova York, Lisboa ou São Paulo, verá o mesmo entusiasmo em fazer torres incríveis, elevadores espiroquetas, veículos espaciais... Parece que você está numa viagem com o Flash Gordon.

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E,

⁷⁶ Disponível em: <https://youtu.be/GBe5KoLYepk>.

principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural que é a terra.” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019, p. 11-12).

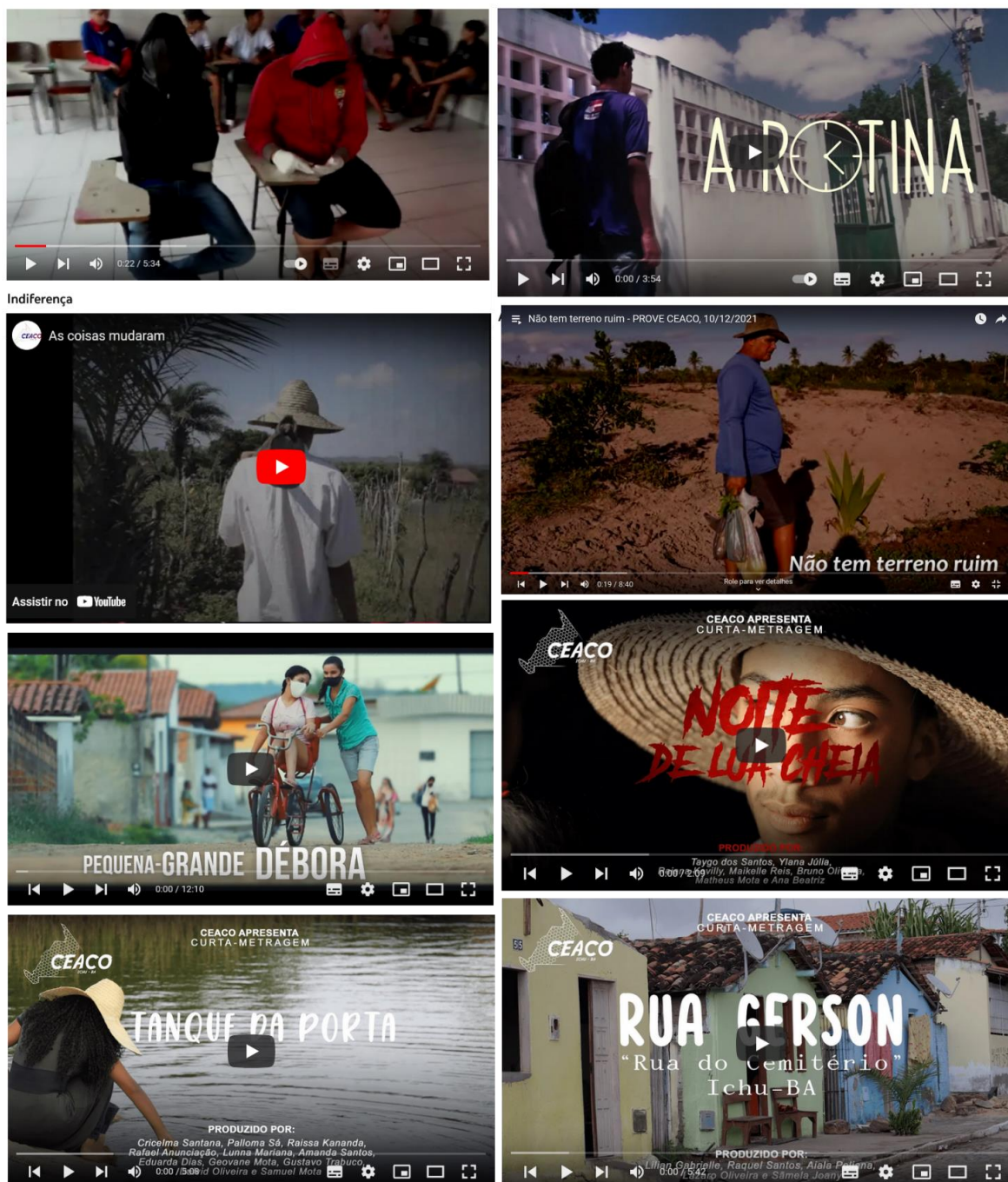
Destruição do planeta, desigualdades sociais, racismo, inferiorização por origem geográfica/social, preconceitos diversos, pedofilia, assédio sexual, LGBTQIA+fobia, misoginia e demais violências contra as mulheres, intolerância religiosa, etarismo, depressão, diversidade, desprezo às pessoas com deficiência, tecnologias, manipulação, individualismo, diversidade, autoafirmação, amor, resiliência, sonhos, solidariedade, resistência dentre outros dilemas ou aspectos que marcam a vida contemporânea, de uma forma ou de outra, ganham as telas nas pinturas ou nos filmes e, especialmente, ressoam em textos-vozes-melodias-arranjos nos poemas, crônicas e canções dos estudantes.

Figura 28 - As telas do AVE abordam diferentes temas a cada edição



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Figura 29 - Filmes do PROVE tratam de diferentes temas a cada edição



Fonte: *prints* das telas de filmes (2014, 2018, 2019, 2021 e 2022)

Um corolário de imagens, sons, músicas e textos são hibridizados, tecidos, combinados, compostos. Entrelaçam histórias, vidas, práticas, pensamentos e perspectivas sobre os mais diversos temas e aspectos da vida cotidiana, pessoal e coletiva, da escola e da cidade-mundo onde os estudantes habitam, sonham, imaginam e projetam-expressam desejos, modos de vida, escola, arte e mundos possíveis.

Deixa a vida fluir⁷⁷

Andreissa Jesus Oliveira e Cananda Virgínia Carneiro

Sabe o Felipe que queria ser Maria?
 E o Carlos que em alguns dias em Valéria se tornaria?
 E Laiana, juntamente com Sofia,
 Estava a fim de adotar quem
 Pedro e Lara não queriam amar?
 Viram a vida anoitecer e nunca mais o sol raiar
 Suas vidas foram tiradas por um Zé
 Ou um Omar qualquer.

Essa realidade não está distante
 Dois professores mortos em alguns instantes,
 Homicídios em massa, muita gente intolerante
 Seus filhos mortos como se não fossem importantes.

Tá na Bíblia: Deus criou o homem e a mulher
 Mas nos deu a liberdade pra escolher o que a gente quer
 Em seus mandamentos pediu para não julgar
 E em um dos seus princípios disse: Nunca matarás

Deixa fluir, deixa!
 Deixa nascer, deixa!
 Vamos fazer brotar tudo de bom que há
 Canta comigo, vem!
 Plante a semente do bem!
 Quem foi que disse que há regras no amar?
 Quem nos dá autoridade pra matar?
 E se Joana ama Ana, quem sou eu pra questionar?

E é assim que tem que ser
 Ferida cresce, se a gente deixa ela crescer
 Somos humanos diferentes, porém iguais
 Todos em busca de uma fórmula que traga a paz.

Sorriso estampado, andando lado a lado
 Preconceito acabado e todos os tabus quebrados.
 A ideia tá plantada, só falta ser regada
 Não fique aí parado
 Que uma andorinha sozinha não faz verão.

Fazer fluir a vida com intensidade, nos diferentes corpos e seus modos de existência, é um desejo e vontade que ganha forma no próprio corpo que vibra em expressão no coletivo da escola e flui *dentrofora* dela, reflexo e refluxo do que os estudantes fazem emergir nos *cotidianos* da escola, digerem nas interações que aí realizam, especialmente nas oficinas de criação artística, e fazem retornar para a comunidade como produções poéticas diversas, como

⁷⁷ Canção vencedora do FACE, 2016, na etapa escolar e regional. Disponível em: <https://youtu.be/ILw8DVzfpGU>.

textos/imagens/sons/ruídos de uma escola pública que ressoa em seu entorno o desejo de outros possíveis mundos e modos de existência que, para Nietzsche (1992), deve ser realizada como obra de arte. “A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único” (DIAS, 2011, p. 13), comenta Rosa Dias, ao se debruçar sobre obra do filósofo, destacando que o processo de produção da vida como obra de arte requer do artista uma constante metamorfose através da contínua experimentação, ensaios e tentativa de renovação.

Processos de criação por meio do qual os estudantes partilham ideias/pensamentos, sentidos, sentimentos, desejos, conhecimentos e experiências que são recriados, reorganizados e novamente compartilhados nas produções e na realização de novas oficinas, saraus, exposições e festivais, a cada ano, incrementando novidades e maior experiência na atuação de cada envolvido: dos estudantes participantes aos professores e ex-alunos/artistas realizadores das oficinas. *Práticas* experimentadas no encontro coletivo dos que habitam os *cotidianos* (CERTEAU, 2012) de uma escola pública, permeadas de *táticas* e inapreensíveis *reinvenções*, marcadas por *usos* e *apropriações* de *saberesconhecimentos* e tecnologias, atravessadas por maneiras de sentir/perceber, enredadas através da colaboração/intervenção de cada participante.

Já entrei no CEACO com uma experiência boa com a música, já tocava flauta, um pouco de percussão, flauta doce [...] e flauta transversal. Daí então, eu recebi o convite [...] e comecei a participar da Banda, aí fui tendo mais conhecimento com a música, graças à Banda. Aí entrei [...] nos projetos, participei três anos do FACE e foi uma experiência boa [...]. É, desenvolvi mais na música, até cantei que não cantava. E assim, é... não só os projetos, mas a escola em si foi uma experiência muito boa pra gente. (GUSTAVO, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁷⁸, 0’31”).

[...] Ajudar os estudantes a compor, a fazer as suas próprias músicas [...] foi muito bom pra minha carreira como cantor, foi muito bom pra mim como pessoa, porque a partir desse momento eu pude conhecer as realidades de cada pessoa, conhecer novos estilos musicais, novas formas de fazer música, enfim, foi um leque de possibilidades que me abriu. Então essa experiência também foi muito gratificante... está sendo até hoje! Quando eu penso no FACE eu penso que é uma formação que não vai parar nunca, porque é muito gostoso trabalhar com esse projeto. (WADSON, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁷⁹, 8’06”).

Os professores promovem os projetos, só que no meio daquele processo todo das oficinas e tudo mais, os alunos [...] começam a... fazer aquelas trocas mútuas de aprendizado, de experiência. Aí uma coisa vai influenciando a outra, o projeto vai ficando mais completo, [...] é uma coisa significativa, né, quando você vê um avanço dentro do projeto. E a gente ainda fica com aquele sentimento de querer retornar, pra poder trazer coisas novas. Pra poder trazer [...] experiências, vivências. A gente acaba aprendendo em qualquer lugar e fala: “nossa isso aqui poderia ser útil, eu acho que vou voltar lá pra falar sobre isso, né”. Então, é um processo conjunto e os projetos eles sempre vão indo pra melhor, sabe. Tem sempre essa troca que vai

⁷⁸ Disponível em: <https://youtu.be/3EDKohcaOGs?t=31>.

⁷⁹ Disponível em: <https://youtu.be/phHzmnYjpgw?t=486>.

deixando os projetos mais densos, com novas dinâmicas. Por exemplo, esse último projeto de 2021, nós viemos com a tática de fazer as oficinas em ambientes virtuais... foi a primeira vez que a gente fez. Nós fizemos um esquema diferente para conseguir fazer as produções. Então, assim, foi um momento meio adverso, meio atípico pra gente, mesmo assim a gente conseguiu fazer os projetos. Então, eu vejo isso como uma evolução. (ENGEL, 2022, vídeo do Sarau da (pesquisa) dos Projetos Artísticos⁸⁰, 1h41'22").

E a cada ano a gente ia crescendo mais, porque a gente trazia ideias novas e, principalmente agora, [...] que começou a ajudar nas oficinas do FACE, quanto dos demais projetos. Então, essa troca de experiências, ensinaram a gente, né. [...] Vamos ter que aprender tal ritmo musical pra fazer essa música (risos), precisa fazer isso. Então, isso é muito legal e ajuda a crescer bastante. (WALLEFE, 2022, vídeo do Sarau da (pesquisa) dos Projetos Artísticos⁸¹, 1h45'24").

Experiências que produziram aprendizados oferecidos a cada uma das pessoas envolvidas, que certamente acrescentará às suas experiências enredadas ao longo da vida, incorporando em suas práticas e modos de existência, nas formas de percepção do mundo, nas maneiras de se relacionar com a arte e com os outros, com as diferenças e de se posicionar frente às desigualdades, às injustiças, aos racismos, aos preconceitos. Experiências que interferiram nas escolhas/definições sobre sua atuação pessoal, profissional e política, resultando também em novos envolvimento e maneiras de se relacionar com as produções poéticas e estéticas, de fruí-las e realizá-las nas modalidades artísticas de que participou.

Pra mim os projetos estruturantes foram de extrema importância, agregaram bastante, não só no período do Ensino Médio, mas na minha vida toda. Eu me descobrir no mundo da poesia, né. Eu descobri que amava poesia, amava produzir, amava colocar meus sentimentos pra fora, dessa forma, né. (MILENA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁸², 1'26").

Os projetos em si, eles são ótimos, né. Eles são muito importantes pros alunos... é, eles incentivam esse lado artístico do aluno mostrar o seu talento de conhecer a si mesmo, sabe, de se desafiar, ir ali na frente de todos e apresentar a sua arte, a sua música, a composição que você fez. (GÊNIFER, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁸³, 0'55").

Acho que esse processo ele já inicia quando a gente começa ensaiar ali, né. Porque é uma cultura que vai mudar, né, é uma cultura que vai [...]atualizar. Porque chega pessoas aqui nas nossas oficinas que não gostam de tal música, chega com um preconceito de algum estilo musical e quando chega no FACE isso tudo cai por terra. Porque a gente consegue tirar o melhor dessas pessoas. Eu acho que isso acontece também dentro do TAL, dentro do AVE, né, [...] de colocar o que sente na tela. Isso é importante, porque as pessoas começam a achar que fazem parte do projeto, do processo, e fazem mesmo. Porque sem as pessoas não existe projeto estruturante. Então, essa sensação de pertencimento, essa sensação de protagonismo juvenil, de protagonismo pessoal, né. [...] Eu preciso ser protagonista para que eles sejam protagonistas também na música deles, desenvolvendo um talento que, às vezes, nem

⁸⁰ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=6082>.

⁸¹ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=6324>.

⁸² Disponível em: <https://youtu.be/2mAK9YVLNG4?t=86>.

⁸³ Disponível em: <https://youtu.be/d29zjR2EX3E?t=55>.

eles sabem que têm. (WADSON, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁸⁴, 1h47'17").

Além desses projetos literários serem um meio de expressão, na composição, na arte... na poesia, eles fazem descobertas. Descoberta de artistas, descoberta de compositores... eu, por exemplo, eu nunca me vi [...] apresentando uma composição minha e eu fiz isso durante três anos. É, nunca me vi fazer um quadro e ganhar em segundo lugar, [...] eu nunca tinha me visto assim. Então, o CEACO abre portas [...] com esses projetos literários que são projetos muito bons. (JÉSSICA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁸⁵, 2'08").

É um prazer estar aqui de novo no CEACO que é a minha segunda casa. É, eu passei a maior parte do tempo aqui, quando eu estive estudando [...]. Era de manhã, de tarde, de noite, de madrugada (risos). Era aqui que eu vivia. E assim, os projetos [...] têm uma importância muito significativa na minha vida. Primeiramente, porque hoje se eu tô na universidade fazendo História é por causa do EPA. [...] Foi uma coisa que me animou a me guiar assim. Comecei a gostar mais de música, aprendi a tocar violão por causa do projeto... assim, não aprendi dentro do projeto, mas eu cheguei a ver algumas coisas nos projetos antes. [...] Eu comecei a querer me engajar mais na questão da arte. [...] Eu também aprendi a editar um pouco de vídeo [...]. (ENGEL, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁸⁶, 1h37'17").

E, quando eu falei sobre medo, insegurança, acho que era porque eu estava prestes a me formar no terceiro ano. [...] Tava afim de me jogar, porque eu não sabia muito o que fazer [...] após aqui, né. Então eu tinha um pouco de ansiedade, mas, enfim, hoje eu tô aqui graduando de Geografia e tentando me tornar professor pra continuar fazendo esses projetos aí. (risos). WALLEFE, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁸⁷ (1h07'36").

Era isso que eu tava pensando em comentar, né (risos). Gostava tanto da escola que eu falei: 'eta, acho que eu vou fazer alguma profissão⁸⁸ que continue na escola' (risos). É isso, né. Foi muito legal participar de todas as oficinas. [...] É tanto que também me tornei oficinheiro. A gente tem dois anos aqui fazendo música. (MATHEUS, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁸⁹, 1h08'23").

Afetações diversas, impossíveis de cartografar integralmente – mesmo porque nenhuma cartografia cabe ou acaba em seu próprio diagrama - de apresentar em um texto no qual trazemos apenas alguns indícios, algumas das muitas expressões registradas nos vídeos produzidos pelos estudantes, como também, nos vídeos das conversas nas oficinas e no sarau da pesquisa. Imagens-sons-narrativas que expressam com ênfase, emoção e sentimentos de saudade as marcas e transformações vivenciadas e as interferências em suas perspectivas de vida provocadas a partir das experiências de produção poética experimentadas com os Projetos

⁸⁴ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=6437>.

⁸⁵ Disponível em: <https://youtu.be/uT4NR0oAj-0?t=127>.

⁸⁶ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=5837>.

⁸⁷ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=4055>.

⁸⁸ O estudante atualmente está cursando Licenciatura em Matemática em uma universidade pública, assim como os dois anteriores. Do grupo de interlocutores da pesquisa a maioria atualmente cursa alguma graduação em universidades públicas e alguns em instituições privadas, em variados cursos: Licenciaturas em Pedagogia (2), História (1), Geografia (1) e Matemática (1); bacharelados em Odontologia (1), Psicologia (2) e Enfermagem (1).

⁸⁹ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=4103>.

Artísticos. Exemplos diversos apresentados pelos alunos evidenciam *saberesconhecimentos* construídos, habilidades desenvolvidas, temores enfrentados/superados, perspectivas de vida alteradas, animadas, potencializadas, preconceitos questionados, gostos e sentidos livremente experimentados, caminhos percorridos, sonhos reconstruídos e realizados, modos de vida e corpos revigorados em constante recriação. Experiências de produção poética e estética que nos possibilitam questionar como nos tornamos o que somos, como essas vivências contribuíram para a “criação de si” e de um nós como “obra de arte” (DIAS, 2011) produzida no encontro coletivo, alegre e festivo das oficinas-saraus-festivais-exposições. Nessa perspectiva, viver é o mesmo que in-ventar. “Uma invenção que não se pensa a partir da soberania de um sujeito capaz de criar-se a si próprio, mas a partir da experiência, ou melhor, da experimentação” (DIAS, 2011, p. 128), *realizadapensada* com os outros, com o diferente, nos encontros coletivos que ocorrem nas escolas, como nos mais diversos espaços sociais.

Os projetos, eles trazem uma proposta de criação, [...] só que a criação no projeto, esse processo criativo, ele não se limita só a isso: a criação da obra... da música, da tela, dança, enfim. [...]Esse processo criativo [...] acaba também criando novas concepções dentro da pessoa, acaba criando novas perspectivas nas pessoas que participam dos projetos, sabe. E essa é uma das partes mais bonita do projeto... é, por exemplo, eu comecei participando e no último ano eu terminei ajudando na produção, sabe. (ENGEL, 2022, vídeo 1ª Oficina da Pesquisa⁹⁰, 27’20”).

A gente participou do PROVE, [...] que foi meio que um gatilho pra o que veio acontecer que foi o CAVI (Clube de Audiovisual de Ichu), sabe? Então, a gente se organizou depois de forma [...] mais articulosa e a gente conseguiu gravar alguns curtas metragens, assim, fora da escola, sabe. [...] Assim, o FACE foi mais marcante, mas o PROVE, talvez, é, foi o que rendeu mais depois. E hoje a gente vê o PROVE com muito mais carinho e amor na escola, né. (MATHEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹¹, 3’37”).

Dentre outras perspectivas destacadas pelos estudantes nos vídeos que marcaram a passagem pelas atividades dos Projetos Artísticos na escola, foi a criação de vínculos afetivos, o desenvolvimento de amizades entre os estudantes de diferentes turmas e turnos participantes das oficinas de criação, a escola, dentre tantas escolas no mesmo *espaçotempo* (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017), que rompe os enquadramentos das salas de aula e da organização seriada, sobretudo das práticas de produção de *saberesconhecimentos* atreladas à disciplinaridade, à fragmentação cada vez maior dos componentes curriculares. Problema que tem se intensificado nos últimos anos com a implementação do “novo Ensino Médio” em que os estudantes passaram a ser submetidos à estressante tarefa de “dar conta”,

⁹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/bD2F8eyXLLg?t=1666>.

⁹¹ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=218>.

simultaneamente, de até dezoito componentes curriculares diferentes, muitos deles temas/aspectos destacados das áreas tradicionais de conhecimento, que antes eram trabalhados transversalmente ou em alguma parte de seus currículos. Um rompimento que possibilita aos estudantes interagirem com pessoas de outras salas, de outros anos e até de outros turnos, ampliando os espaços de trocas, de convívio e de criação de vínculos afetivos que contribuem para intensificar, ainda mais, as interações e o envolvimento nas atividades e a participação no coletivo mais amplo da escola, encorajando-os a uma maior exposição e atuação pública nas mais diferentes atividades nela realizadas.

[...] Uma coisa que me marcou muito, que eu gosto muito de lembrar, é a oportunidade que a gente teve de conhecer pessoas dentro da escola, de ter troca entre os próprios alunos, tanto que eram do mesmo turno, no meu caso do turno matutino, quanto a experiência de conhecer pessoas do turno oposto e fazer novas amizades com essas pessoas. E isso o CEACO, com os projetos estruturantes, com a abertura que a gente tinha pra poder aproveitar a escola, usar todo o tempo livre [...] que a gente tinha durante o dia, pra produzir esses materiais, pra melhorar a qualidade do material produzido, independente se você era do turno matutino ou do vespertino, você poderia ir no turno oposto pra poder terminar, né, o seu projeto juntamente com as outras pessoas. Esses momentos [...] puderam fazer com que a gente criasse novas amizades, né. Então pra mim é uma coisa que eu guardo muito, também. Eu conheci pessoas e tenho contato com elas até hoje. (ANDREISSA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹², 2'19").

As amizades desenvolvidas e fortalecidas no processo, no intenso trabalho coletivo em que acontecem as atividades de criação são uma espécie de combustível que alimenta um clima agradável, descontraído, que produz empatia entre os participantes, motiva e dissemina confiança mútua e autoconfiança, crença nas potencialidades de cada pessoa, companheirismo e apoio no enfrentamento das dificuldades, como a timidez ou auto preservação sentida, como escassez de ideia e de criatividade na produção ou o nervosismo durante os ensaios e as apresentações das criações. Essa convivência amistosa e solidária que tanto flui dentro das escolas, nos vários momentos e espaços de convivência, especialmente durante o intervalo, fora das salas de aula, nos corredores e pátios, efetiva trocas intensas entre os corpos que convivem e praticam os cotidianos, mas parecem passar um tanto despercebidas como algo relevante no acontecimento escolar, nos seus currículos, pelos professores, coordenadores e gestores.

Mas eu acho que uma das coisas mais valiosas que eu consegui nesse processo, foram as amizades. Porque eu já tinha alguns amigos, mas assim, depois que eu comecei a participar dos projetos, eles multiplicaram e muito. Comecei a fazer amizade com muita gente. Por exemplo, Walllefe, Matheus... até eu entrar no Ensino Médio eu não conversava muito com eles, né. Comecei a conversar mais, é, fui também fortalecendo os vínculos com os professores que hoje também são amigos, né. Então, assim: foi

⁹² Disponível em: <https://youtu.be/UBN-I19vaKk?t=437>.

muito importante pra mim. Eles são, assim, uma parte da minha base como pessoa. (ENGEL, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁹³, (1h 38'36'').

Só pra falar assim, [...] como ele disse que se fortalecia o vínculo, é... a questão da amizade. Conhecer esses caras que estão aqui do meu lado, Matheus, Hiago, Engel, a gente que era de turnos opostos, né, e poder trabalhar juntos na escola e a troca de aprendizagem é o que levava a gente é... a se aproximar mais, né. (WALLEFE, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos CEACO⁹⁴, 1h44'56'').

A convivência afetiva com os estudantes em outros *espaçostempos* diferentes das salas de aulas geralmente não figura como experiências importantes na *escola dos professores* (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017), *gestores escolares e dos governos*. Percebemos, muitas vezes, que há uma tentativa de isolamento, enclausuramento dos docentes na sala dos professores durante os intervalos, de modo que podemos observar até a porta fechada desse espaço específico, a fim de evitar a presença “incômoda” dos alunos, uma certa política de privacidade em um espaço público criado em razão dos seus estudantes, cidadãos que financiam e garantem a existência das escolas públicas para toda a sociedade. Estudantes que muitas vezes querem conversar com seus professores algo que não foi possível ou não é adequado tratar na sala de aula, ou puramente por interesse em criar vínculos afetivos.

A própria arquitetura do prédio já presume certos isolamentos, colocando grades no acesso à área da sala dos professores, direção, coordenação e secretaria, e que, por um certo período, eram fechadas com cadeado para evitar o afluxo de alunos, uma decisão questionável adotada a partir da alegação de professores sobre a invasão de sua privacidade, incômodo no momento de descanso, ou para evitar acesso indevido aos materiais dos professores e fraudes relacionadas às notas e instrumentos de avaliação, dentre outros motivos alegados. Atualmente o acesso à essa área é aberto, mas a sala dos professores continua, a maior parte do tempo, fechada, especialmente depois da recém-instalação do ar condicionado na sala, reforçando e garantindo o isolamento do ruído da vida que pulsa no pátio da escola durante os intervalos, inclusive com a realização dos programas radiofônicos pelos estudantes na rádio-escola.

E a gente ficava ali, a gente ria, a gente estava junto com os professores, ou seja, era algo muito bom, era algo gostoso de viver porque era como se a gente tivesse em família. A gente dividia o lanche, a gente dividia o que a gente tinha, a gente se divertia, a gente ria e, contudo, a gente produzia o que a gente queria. Quebrava a cabeça, né, mas, manteve o foco, né, não perdeu essa empatia uns com os outros, porque aí a gente conseguiu fazer. E eu acho que o segredo era esse, né: manter esse laço de empatia e de amor, de comunhão, que aí a gente consegue mesmo fazer e produzir. Dessa forma eu consegui produzir durante [...] esses três anos[...] do Ensino Médio, consegui produzir bastante nos projetos artísticos e isso possibilitou e

⁹³ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=5916>.

⁹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=6295>.

me proporcionou grandes experiências e hoje eu posso dizer obrigado professores, obrigado a coordenação da escola, por ter nos proporcionado tantas coisas boas assim. (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹⁵, 4'48").

A criação de vínculos afetivos que favorecem a empatia necessária ao trabalho coletivo, à busca por articular interesses e realizar objetivos comuns na produção de artefatos artísticos que gerem prazer e satisfação nos envolvidos, tem sido um desafio experimentado na realização das atividades dos Projetos Artísticos, sem contudo ser objeto de uma metodologia pensada a priori, mas pela crença e aposta no encontro, no convite a fazer junto algo que produza prazer e alegria aos envolvidos, algo que não signifique sofrimento e sacrifício, mesmo quando os participantes necessitam investir muito tempo e esforço em torno de uma produção poética.

Amizades que proporcionaram um envolvimento significativo que extrapola os cotidianos da escola e, nos últimos anos, tem fortalecido uma rede de trocas de experiências e *saberescaonhecimentos*, favorecendo a colaboração mútua em atuações fora da escola em atividades que tenham alguma afinidade com as produções artísticas nela realizadas, a exemplo da produção de filmes no Clube de Audiovisual de Ichu, a criação da banda estudantil “CACOS do Forró” para se apresentar na festa junina da escola e a produção de algumas músicas pessoais. Contudo, de maneira especial, têm ocorrido trocas de experiências entre os professores realizadores das oficinas na escola e alguns de seus ex-alunos que atualmente cursam licenciaturas em universidades públicas e socializam suas atividades acadêmicas, estabelecendo diálogos e troca de ideias acerca das discussões e produções acadêmicas das quais participam. Esses vínculos têm proporcionado relações entre os processos de produção poética realizados na escola básica e a formação e produção de trabalhos acadêmicos no ensino superior, a exemplo de projetos de pesquisa, de produção de textos acadêmicos, de experiências de estágio docente e da participação em programas de iniciação à docência ou iniciação científica. Isso ocorre, especialmente, entre os professores e os ex-alunos que continuam vinculados a organização das oficinas de criação artística na escola, estabelecendo um fluxo de produções e conversas entre o que viveram/vivem na escola básica e o que discutem/produzem na universidade, tendo em perspectiva um movimento de reverberação a partir da atuação na educação básica pública.

Por fim, trazemos as memórias que afloraram sentimentos de saudade das experiências vividas, das oficinas aos saraus, festivais e exposições, da etapa escolar às perambulações pelas etapas regionais e estadual dos Projetos Artísticos, seja para apresentar suas criações ou para

⁹⁵ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_CI?t=288.

torcer pelas produções dos colegas que representam a escola e a cidade, momentos de grande intensidade marcados por emoção, ansiedade, alegria, vibração, satisfação e prazer pessoal e coletivo. Ver-ouvir as imagens-sons-textos que compuseram a *cartografia audiovisual* com essas experiências é uma maneira de reviver esses momentos e desejar novas oportunidades de realizar tudo novamente e ampliar essas experiências de criação para outros estudantes e dentro de nós mesmos que as realizamos e que também nos realizamos com elas, ensejando sua continuidade na efêmera e lampejante passagem dos estudantes pelo Ensino Médio.

Todo o Ensino Médio foi marcado pelos projetos. Quando o ano acabava que iniciava o outro ano, [...] eu já logo ficava me perguntando qual seria as datas dos projetos porque eu queria produzir novamente, eu queria colocar em prática as novas ideias, eu queria de uma forma ou de outra novamente 'quebrar minha cabeça' positivamente novamente, pra produzir. Porque eu gostava, era algo muito legal. E os projetos me possibilitaram isso, me possibilitaram viver essas experiências incríveis que mararam a minha vida. (RIAN, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹⁶, 2'40'').

A gente vê que o CEACO leva a gente muito a sério e que os projetos são importantes para isso, pra gente se descobrir, se reinventar. [...] E eu acho que os projetos servem pra isso mesmo, pra deixar recordações boas. Porque todas as vezes que eu vejo os vídeos, vejo as fotos até hoje eu me emociono, sinto saudade, sinto vontade de voltar lá, [...] queria poder ter aproveitado mais. Mas acho que eu aproveitei como deveria. (MILENA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹⁷, 2'12'').

Então, [...] para mim isso é significativo, muito! Significou muito pra mim. E eu sei que significa muito pra muita gente também. Para as pessoas que tiveram do meu lado, as pessoas que assistiram a gente, que torceram pela gente, pessoas que, sabe, tavam envolvidas no processo inteiro. É, eu acho bonito isso tudo. E eu levo no coração até hoje. (MATEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹⁸, 5'37'').

Foi uma experiência muito boa, que até tudo que envolvia música eu tava dentro. Foi uma das melhores escolas que eu já estudei. E a energia do CEACO é diferente, né. Muito bom mesmo. E eu só tenho que agradecer (risos) à escola, todo mundo [...]. E é isso. (GUSTAVO, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO⁹⁹, 2'40'').

O corpo docente do CEACO sempre se doou aqui e [...] conseguiu estimular os estudantes a participarem e a entender a importância disso pra vida. E foi aqui também que eu descobri a importância da escola pública, onde eu reforcei a importância da escola pública de qualidade, [...] sobre a importância da universidade pública e de qualidade [...]. (ANDREISSA, 2022, vídeo Sarau (da pesquisa) dos Projetos Artísticos¹⁰⁰, 2h13'18'').

[...] Quando eu paro assim pra pensar, quando eu olho pra trás, consigo reviver tudo novamente. Porque além de tudo isso, com os projetos estruturantes, me fez sonhar, sonhar muito alto e também acreditar que a educação [...] pode levar a locais incríveis. E se eu tivesse a oportunidade de viver aquilo novamente, eu não mudaria nada. Faria tudo exatamente da mesma forma, porque foi maravilhoso. Jamais eu

⁹⁶ Disponível em: https://youtu.be/W133GDYY_Ci?t=160.

⁹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/2mAK9YVLNG4?t=132>.

⁹⁸ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=337>.

⁹⁹ Disponível em: <https://youtu.be/3EDKohcaOGs?t=160>.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=7998>.

vou esquecer. Eu carrego esses momentos assim no meu coração, numa caixinha bem guardada. E onde eu chego assim, que eu falo sobre (eles), eu me emociono, porque realmente foram momentos que não dá pra descrever o que eu sinto, ao lembrar. (ANDREISSA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰¹, 8'34").

[...] As experiências do CEACO foram muito importantes para mim, porque me ajudou a ser quem hoje eu sou, a ser uma pessoa melhor, né. Isso que é legal, porque você consegue transformar a vida das pessoas com isso. Isso é muito massa, cara. Espero que esses projetos sempre continuem na escola porque dá voz e vez pra todo mundo. E é sempre bacana você aprender uma coisa nova e... é isso! (WALLEFE, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰², 8'49").

[...] Participar ativamente desses projetos me proporcionou muitas experiências boas, coisas que eu levei pra mim. Então, eu posso dizer que os projetos, eles me moldaram... é, eu lembro com muito carinho deles e se eu pudesse voltar no tempo pra rememorar todos os momentos que eu vivi nos três anos dos projetos, eu faria isso sem hesitar. Porque é uma coisa que tá guardada aqui no meu coração. (ENGEL, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰³, 2'52").

E eu não imaginava que os projetos[...] seriam tão importantes pra mim, porque no momento que você tá ali dentro você não imagina que vai sentir falta depois. E quando eu me formei, quando eu saí do CEACO, eu senti saudades, senti falta desses projetos. Porque foi muito importante pra mim. E hoje, [...] eu vejo os meus quadros expostos, né, paro pra ver as fotos, [...] as minhas composições, fico escutando e é só saudade. Porque isso eu sempre vou carregar comigo nas minhas memórias, né... nas minhas lembranças... dos anos que eu fiquei no CEACO e dos projetos que eu participei. [...] E eu finalizo meu vídeo, né, com a palavra gratidão. Eu só tenho felicidade... saudade também desses projetos. (GÊNIFER, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰⁴, 1'49").

Então, estar de volta ao CEACO, olhar para esses espaços, olhar pra escola, [...] olhar os lugares que eu gostava de estar, reencontrar pessoas queridas [...] e relembrar dessas atividades artísticas, o quanto elas foram importantes pra mim, é falar um pouco sobre experiência. Como diz Bomdia, 'a experiência não é o que a gente vive, é o que nos transforma, é o que nos passa, é o que nos impacta, é o que nos afeta'. Então, todas essas experiências vividas nessas atividades artísticas aqui no CEACO, né, me transformaram, me fizeram ser a Lays que sou hoje. (LAYS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰⁵, 6'31").

Essas tantas imagens-sons-ruídos-vozes presentes na *cartografia audiovisual* faz emergir na superfície caudalosa do acontecimento escolar a ebulição da imaginação criadora, sempre presente em seus cotidianos, *realizadapensada* no encontro dos estudantes com seus professores, em suas *práticas* e produção poética de artefatos artísticos que perpassam e colaboram para a autocriação dos estudantes e professores envolvidos, da escola e da vida como obra de arte (DIAS, 2011), em inesgotável expressão-devir. Em meio aos holofotes midiáticos e científicos que buscam produzir-determinar uma imagem clarividente das escolas públicas

¹⁰¹ Disponível em: <https://youtu.be/UBN-I19vaKk?t=514>.

¹⁰² Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=529>.

¹⁰³ Disponível em: <https://youtu.be/cQB3hpWE6Gg?t=172>.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://youtu.be/d29zjR2EX3E?t=109>.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://youtu.be/gRxxYyFByj8?t=391>.

focalizando-as como uma ceara de problemas e negatividade, estão ofuscados os lampejos (imagens-ruídos, práticas, desejos) dos *vagalumes* (DIDI-HUBERMAM, 2011) *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) que em seus *cotidianos* (CERTEAU, 2012) subvertem tal imagem com uma infinidade de microinvenções perceptíveis somente aos que vivem e/ou buscam enxergá-las e ouvi-las penetrando na penumbra e nos silêncios da sua existência e das experiências dos sujeitos que nelas vivem e as realizam conforme suas necessidades, possibilidades, interesses e desejos. O que enfatiza a necessidade de aprofundar a discussão e ampliar a percepção do que acontece nos cotidianos das escolas públicas, para além do recalque aos problemas históricos que conhecemos, mas com os sentidos voltados para captar o que os *sujeitos ordinários*, que habitam esses *cotidianos*, (CERTEAU, 2012) realizam e *inventam* com as condições de existência que enfrentam, com as políticas que tentam, em vão, determiná-los *a priori*, a partir de fora, das instâncias de poder e controle político hegemônico.

5 ARTE, CRIAÇÃO E CURRÍCULO: ARTE NA ESCOLA OU ESCOLA OBRA DE ARTE?

Nesta seção, a partir da *cartografia audiovisual*, das imagens produzidas nas/com as experiências de criação artísticas, bem como das conversas desencadeadas nas oficinas da pesquisa e no sarau de apreciação dos vídeos produzidos, nos propusemos a discutir como as experiências nas oficinas de criação artística compõem a invenção do currículo escolar ou, talvez, proporcionem a coexistência de diversos currículos dentro das escolas que coexistem nos mesmos cotidianos. De maneira especial, consideramos as produções poéticas audiovisuais dos estudantes e de seus imaginários sobre os cotidianos da escola a partir das vivências de criação poética/artística experimentadas na realização das atividades dos Projetos Artísticos ao longo de seu percurso nos três anos do Ensino Médio. Os pontos considerados foram como os discentes percebem/imaginam a escola a partir de seu envolvimento nessas experiências, como as situam no conjunto das demais atividades curriculares, quais conflitos e conciliações observam entre elas e as demais atividades curriculares, tendo em vista a movimentação/agitação dos cotidianos, as tensões, as táticas e acoplamentos entre o currículo oficial e as práticas artísticas extraclasse.

Um primeiro questionamento a destacar é: o que podemos *realizarcriar* no encontro coletivo entre professores, estudantes e artistas da comunidade, nas oficinas de criação artística? Perambulando pelas imagens-sons-textos-fragmentos da *cartografia audiovisual* observamos nesse encontro coletivo uma aposta na potência criadora, na realização de experiências em que juntos nos aventuramos nas possibilidades da criação e aprendemos a criar criando. Práticas de experimentação em que a única certeza é o fato de que somos capazes de fazer juntos, de aprender a fazer ensinando-nos mutuamente nas indescritíveis trocas de *saberesconhecimentos* que nelas ocorrem, “[...] práticas estéticas e poéticas cotidianas como meio de afirmação dos sujeitos e de seus coletivos” (VICTORIO FILHO; ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 47), de vivência e formação democrática, de fortalecimento da diversidade humana e de reexistência frente às imposições ideológicas que buscam determinar padrões estéticos de beleza, de gosto e da própria arte. Regimes de crença necessários às relações de dominação e de opressão dos corpos nas sociedades capitalistas/privatistas nas quais se busca converter a experiência estética coletiva em um lucrativo consumo individualista de produtos culturais, assim como os demais produtos desse sistema.

A aposta na experiência coletiva das oficinas parte da percepção da escola enquanto

encontro coletivo de uma diversidade de corpos afetados por diferentes modos de vida e experiências, que carregam consigo um fluxo incontrolável de *saberesconhecimentos* e poderes e fazem circular *dentrofora* da escola, através do enredamento de estudantes, professores e artistas da comunidade. Agentes, praticantes dos cotidianos implicados, interessados em produzir um fluxo expressivo e estético de produções poéticas apresentadas/expostas nos saraus-festivais-exposições, nas etapas escolar e regional, bem como de sua reverberação na cidade/região através da participação da comunidade externa nesses momentos festivos e de publicações nas redes sociodigitais de comunicação.

Portanto, as oficinas de criação são expressão de um desejo e uma crença na potência das redes de corpos/sujeitos que se entrelaçam rizomaticamente (DELEUZE; GUATTARI, 1995) na escola, buscando “provocar devires-educação na/pela criação, abrindo brechas para uma educação-invenção esvaziada de certezas, que se deixe atravessar por intensidades de encontros, girando ventos em pensamentos.” (ROMAGUERA; WÜNDER, 2016, p. 126). Uma aposta na potencialização dos corpos, em sua capacidade de criação artística-estética do mundo em que vivem, de outros possíveis mundos imaginados a partir de seus interesses e desejos frente às limitações e imposições sociopolíticas-econômicas que tentam determiná-los, padronizá-los, homogeneizá-los, aniquilá-los como parte da diversidade humana, enquadrá-los nos sistemas de dominação e exploração. Portanto, entendendo a arte e a capacidade criativa em sua dimensão política de produção de si e do mundo.

A capacidade criativa manifesta-se em ação política quando nos convida a pensá-la como força de um corpo que resiste à submissão, contra todas as forças que, ao nos atravessarem, nos querem fracos, tristes, servos e tolos. Resistência que se faz na/pela força de criar algo novo, que se instala nas singularidades do acontecimento como num devir. (ROMAGUERA; WÜNDER, 2016, p. 132-133).

Considerando ainda a dimensão do encontro coletivo, as várias escolas que se entrelaçam dentro das escolas públicas (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017), as redes de *saberesconhecimentos*-poderes que nelas se estabelecem (FERRAÇO; CARVALHO, 2012), ressaltamos, também, nossa experiência com a pedagogia de projetos, uma vez que, em nossa escola, alguns professores, interessados em desenvolver práticas diferentes do currículo tradicional/oficial, enveredaram pela experiência de *realizaçãocriação* de projetos de ações permanentes como os já mencionados *Projeto de Comunicação* e o *Projeto Meio Ambiente: saber cuidar*. Essas iniciativas ocorreram no final da primeira década deste século, depois que a escola superou os traumas provocados pela saturação vivida com o modismo da *pedagogia de projetos*, ocorrida na primeira década deste milênio,

em virtude das discussões a respeito do “fracasso escolar” e das tentativas dos governos em empreender estratégias políticas para melhorar a “qualidade” do ensino público. Naquele período a escola foi orientada/pressionada por técnicas da Secretaria de Educação da Bahia a realizar fantasiosos projetos temáticos que envolviam todos os professores e seus componentes curriculares, em que cada um tentava desenvolver um aspecto do tema central “definido coletivamente”. Aqueles “projetões”, que vendiam a ilusão de que estávamos realizando um grande “trabalho coletivo”, envolvendo toda a escola, e “promovendo a interdisciplinaridade” mas que, contraditoriamente, provocavam em nós professores o sentimento de incapacidade-ineficiência e resultaram na repisação/replicação insuportável dos temas escolhidos-trabalhados, provocando a saturação e o enojamento dos estudantes (e dos professores) a respeito dos temas desenvolvidos, em vez de proporcionar uma aprendizagem significativa como preconizava a referida pedagogia. A própria palavra *projeto* foi totalmente desgastada, causando a desmotivação dos professores e de estudantes a encamparem a (mal)dita pedagogia, o mesmo ocorrendo com a tentativa artificial de realizar, à força, a interdisciplinaridade, como parte das estratégias políticas educacionais de superação da crítica ao sistema escolar tradicional disciplinar.

Contudo, em 2007, ocorreram mudanças no cenário político baiano, com a eleição de um governador mais próximo dos anseios populares, depois de mais de três décadas de governos alinhados com os interesses da elite econômica da Bahia, ocasionando inclusive o arrefecimento das cobranças e imposições governamentais acerca da necessidade de trabalharmos forçosamente/artificialmente com projetos. Passamos, então, a viver um novo contexto político em que se instauravam algumas mudanças na Bahia, criando uma atmosfera de renovação na educação, com a realização das Conferências, o que resultou no surgimento de novos projetos, chamados à época de Projetos Estruturantes, dentre os quais figuravam os Projetos Artísticos. Além disso, a nomeação de novos professores, a realização de atividades de formação docente, a disponibilização de recursos tecnológicos e o aumento de recursos financeiros repassados diretamente às escolas, a instituição da eleição de diretores, a contratação de um quadro minimamente adequado de funcionários (antes as escolas dependiam da colaboração de funcionários municipais para atuarem na limpeza e serviços de secretaria), dentre outras coisas, afetaram positivamente as escolas públicas estaduais e motivaram o envolvimento de professores e gestores em novas práticas na Rede Estadual de Educação.

Isso contribuiu bastante para motivar e mobilizar um novo contexto escolar, assim, alguns professores se sentiram animados para desenvolver novas práticas, ressignificando a pedagogia de projetos, com a criação de novas propostas na escola, inclusive encorajando-se a

desenvolver os Projetos Artísticos com seus estudantes, de modo livre e voluntário, realizando produções poéticas e estéticas que ultrapassassem, atravessassem, amenizassem ou melhorassem o currículo oficial disciplinar.

Então, quando a gente fala: “Ah! O CEACO abre portas, o CEACO abre... dá a chance, na verdade, de novas pessoas se expressarem... se descobrirem, na verdade”. E assim, eu sempre fui uma pessoa que [...] gostou de estar em projeto, de ser participativa, de estar em participação de alguma coisa. E os projetos literários foi um deles. Eu participei de alguns... eu participei do AVE, participei do TAL, participei do FACE... E foram experiências muito incríveis! Até hoje me lembro e, assim, lembrando eu sinto falta, na verdade. A gente lembra que a gente sai do CEACO, mas o CEACO não sai da gente. Acho que por carregarmos sempre as memórias de todos esses projetos. (JÉSSICA, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰⁶, 0’49”).

Com essa reapropriação/recriação dos sentidos e fortalecimento das práticas através dos Projetos Artísticos, alguns professores e estudantes desenvolveram um movimento de *criação* coletiva, marcado pela potencialidade de projetar com os outros, uma vez que não faz sentido um projeto para os outros: “assim como não podemos viver pelo outros, também não podemos projetar por ele” (FERRAÇO, 2012, p. 152). A aposta em um *fazer com os outros*, enfrentando as tensões e o desafio da negociação de sentidos, a convivência com o diferente e a busca de interesses/objetivos comuns/coletivos na produção de expressões poéticas (textos literários, músicas, filmes, telas, álbuns) que colocam em cena suas preocupações, angústias, desejos e sonhos a respeito de si, do outro e do mundo em que vivem, projetando outros mundos possíveis e modos de existência mais livres, diversos, éticos e humanos. Projetos como devir, aposta no encontro e no fazer com os outros, vivência de experiências coletivas em busca de fruição e de produções estéticas que impulsionassem a vida e nos possibilitassem resistir aos mecanismos/dispositivos de disseminação da morte, da violência e da destruição que insistem em campear as relações entres os seres humanos e entre eles e as demais formas de vida na Terra.

Quando eu penso no FACE eu penso que é uma formação que não vai parar nunca, porque é muito gostoso trabalhar com esse projeto. Diante das oficinas, diante das oportunidades artísticas que nós tivemos na escola, nós decidimos formar uma banda de forró pra tocar na escola. Cara! Isso [...] foi uma coisa muito bacana que aconteceu e que eu vou levar também para a vida. [...] Se fosse pra voltar no tempo e fazer de novo, faria tudo de novo porque [...] as experiências obtidas, com certeza, vão ficar pra sempre guardadas no coração e na mente. (WADSON, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰⁷, 8’40”).

Essas experiências vividas no perene encontro coletivo, realizado nos cotidianos da

¹⁰⁶ Disponível em: <https://youtu.be/uT4NROoAj-0?t=49>.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://youtu.be/phHzmnYjpw?t=520>.

escola pública são únicas, irrepetíveis e permeadas de criatividade, mesmo que nossa míope visão, saturada pelas imagens e discursos hegemônicos degradantes que a caracterizam como uma ceara de problemas e de fracassos, não nos permitam perceber. Daí a importância da produção de uma *cartografia audiovisual*, produzida sob a perspectiva dos estudantes, que nos possibilitasse mergulhar nos cotidianos da escola, em suas sonoridades, ruídos e gesticulações/movimentos, buscando perceber o acontecimento escolar como produção de singularidades, tentando entender como os currículos são *praticadospensados* (OLIVEIRA, 2012), criados de maneira peculiar, *apropriados* (CERTEAU, 2012) aos interesses, às necessidades, possibilidades e práticas dos sujeitos em seus cotidianos.

Todas as vezes que eu participei do FACE, eu participei com alguém. Isso era muito... é muito significativo para mim porque era um momento, de fato, de brincar, era um momento de descontrair, era um momento de filar aula. (MATHEUS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹⁰⁸, 0'34").

Acho que eu poderia ter aproveitado mais, poderia ter feito o EPA (risos na plateia). Mas enfim, essas experiências são incríveis, cara! Eu acho que é uma coisa que marca bastante a gente na escola, porque a gente consegue fazer outras coisas sem ser o que está dentro da sala de aula. Eu acho que isso é muito bacana. [...] É... ah! Esqueci de falar de filar aula, viu! (risos). Vou lembrar que tinha umas aulas que dava vontade de filar mesmo, pra participar dos projetos. Acho que podia ter participado do EPA, acho que gastava mais tempo. (risos). (WALLEFE, 2022, vídeo do Sarau da (pesquisa) dos Projetos Artísticos¹⁰⁹, 1h06'00").

Participei de todos por causa disso (risos). Porque era o maior tempo possível cortado. (risos de Wallefe) (MATHEUS, 2022, vídeo do Sarau da (pesquisa) dos Projetos Artísticos, 1h06'45").

[...] Foi como eu disse, né. Além da gente desenvolver essas atividades aqui na escola, a gente tem que desenvolver as atividades dentro da sala de aula, né. Precisava desenvolver as atividades porque a gente precisava passar de ano. (risos) Então, a gente precisava fazer isso. (WALLEFE, 2022, vídeo do Sarau da (pesquisa) dos Projetos Artísticos, 1h07'20").

Assim, os ruídos das oficinas de criação, em *espaçostempos* concorrentes e, muitas vezes, conflitantes com as atividades de sala-de-aula, têm provocado tensões, interferências e questionamentos sobre “prejuízos” à aprendizagem dos conhecimentos do currículo oficial/tradicional (ausências nas aulas, nas atividades avaliativas, queda nas notas das atividades disciplinares dos estudantes envolvidos nas oficinas etc.), ruído decorrente da saída dos estudantes das aulas para participarem das oficinas, como também, do barulho provocado pelos sons nelas produzidos e que atravessam salas próximas ou mesmo a área administrativa, durante os momentos de produção musical, os ensaios, as edições dos vídeos ou através das

¹⁰⁸ Disponível em: <https://youtu.be/1PgZzYLb1k?t=34>.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://youtu.be/iysoJjpnwHE?t=3960>.

conversas e perambulações dos estudantes pelos corredores, pátios e outros espaços da escola, como a sala da rádio, salas desocupadas, sala de informática, biblioteca, sala da coordenação pedagógica e até sala da vice-direção (usada nas oficinas para produção musical, para armazenamento das telas produzidas etc.). Nesse sentido lembramos que:

A sonoridade peculiar às escolas, como ranger do mobiliário das salas de aula e a gritaria são rebatidas pela estridência silenciosa de mecânicas opostas, ordenadoras que atuam no panorama de contrastes das múltiplas realidades escolares no embate cotidiano pela conquista de espaços sonoros, visuais, e de muitas outras formas de afirmação. (VICTORIO FILHO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017, p. 609)

Escutarmos atentamente essas sonoridades, envolver-nos efetivamente no fluxo dos movimentos e práticas diversas, sentir o pulsar dos corpos que transitam e da vida que flui nos cotidianos da escola, constituem possibilidades para desconstrução das imagens e narrativas hegemônicas que buscam enquadrar as escolas públicas como, somente, *espaçostempos* de repetição e mesmice (OLIVEIRA, 2012), de reprodução das desigualdades, de caos organizacional, de desconexão com a vida dos estudantes, de fracasso e deterioração. Isso não significa fecharmos os olhos para os problemas que, evidentemente, afetam as escolas públicas, fruto da falta de políticas/investimentos que impactam negativamente sua organização material e humana, que implicam na desvalorização dos profissionais da educação, problemas diuturnamente denunciados nos mais diversos estudos acadêmicos e narrativas midiáticas. Contudo, serve para alertarmo-nos de que a escola é mais que isso, que os sujeitos que habitam seus cotidianos (estudantes, professores, coordenadores, gestores, funcionários, pais etc.) *realizampensam* a escola para além das determinações impostas, resistem e criam práticas e currículos enfrentando as precárias condições a que são submetidos, *burlando e se apropriando* (CERTEAU, 2012) as/das políticas curriculares e educacionais, fazem a escola acontecer “na medida do possível”, do suportável, do que agrada aos seus desejos e interesses sempre em jogo, em disputa.

Assim, pensar o currículo escolar nessa perspectiva [bricolagens] significa exercer atividade de cuidado e atenção às ações dos que fazem, diuturnamente, a escola, e que têm nessa “atividade de formiga” a principal e, em muitos casos, a única possibilidade de subverter a ordem dogmática instituída; o recurso à apropriação e à bricolagem permite a subversão dos dispositivos inscritos no texto oficial, abrindo possibilidades criativas e criadoras de novas/outras realidades. (CARVALHO; RANGEL, 2012, p. 191).

A realização dos Projetos Artísticos no CEACO, como a de outros projetos criados na escola, é um exemplo dessa *bricolagem, apropriação e resistência*, uma vez que tanto a

organização das atividades quanto a garantia das condições materiais e humanas para sua realização envolvem *táticas* (CERTEAU, 2012) dos professores e estudantes envolvidos visando garantir os *espaçostempos* necessários (uso dos horários de planejamento e até de horário de folga em momentos de maior intensidade), garantir os recursos financeiros/materiais minimamente adequados (às vezes, ocorrendo investimentos dos próprios professores envolvidos para custeio de material, equipamentos, ajuda de custo a colaboradores – transporte, alimentação) e articular participantes-colaboradores na realização das oficinas e dos saraus-festivais-exposições.

Apesar das atividades de criação artística integrarem Projetos de iniciativa da Secretaria de Educação da Bahia (que dispõe de algumas orientações, cronograma e de recursos financeiros, embora insuficientes) a realização dessas práticas depende da adesão voluntária da escola, ou melhor, depende da disponibilidade dos professores na organização das oficinas e saraus-festivais-exposições fora da sala de aula, assim como do interesse dos estudantes em participar, voluntariamente se aventurando nos desafios da criação, livres das obrigações e prescrições do currículo formal. Todos os anos, observamos diálogos entre a direção, coordenação e os professores visando motivá-los a realizar as oficinas de criação, como também sempre nos deparamos com cobranças de estudantes interessados em algumas modalidades artísticas não trabalhadas na escola.

Eu tava disposto a participar, fazer as coisas sem medo de errar, porque eu queria ter essas experiências que são muito importantes [...] para além da sala de aula, né. Mesmo sendo num colégio, é uma experiência que a gente não tem dentro da sala de aula, que não tá dentro do currículo. Isso é muito bacana. (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹¹⁰, 4'33").

As experiências escolares diversificadas se mostram alternativas sedutoras às práticas pedagógicas convencionais centradas em determinadas abordagens dos conhecimentos elencados nos currículos oficiais, quase sempre estéreis de sentidos imediatos e desinteressante para os jovens. As oportunidades de deslocamentos curriculares como as oficinas podem ser, como aponta a pesquisa, experiências marcadas pelo interesse, desejo, prazer e satisfação por parte dos estudantes. Emergem como uma utopia desejada por muitos de nós professores, mas pouco percebida nas práticas que por diversas razões desenvolvemos nas escolas. Reconhecemos, contudo, que o destaque para as propostas alternativas investigadas não se baseia na equivocada crença que as práticas convencionais sejam de todo inadequadas,

¹¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=273>.

improdutivas, desinteressantes ou tediosas. Sabemos que mesmo cerceados por muitas condições e condicionantes inexpugnáveis, professores criam táticas e energizam positivamente seus trabalhos.

O envolvimento em processos criativos no CEACO, emergindo nas condições tradicionais às escolas, além de evidenciar os espaços escolares como campos férteis de ações criativas, tem motivado e movimentado, todos os anos, parte dos professores e uma considerável quantidade de estudantes a realizarem produções poéticas e estéticas que vislumbram a sua expressão pública sobre seus desejos e modos de perceber os diversos aspectos da vida e do mundo onde vivem, para além do aparente objetivo principal que seria as aprendizagens corriqueiras dos conhecimentos previstos no currículo oficial, visto que, inevitavelmente, eles atravessem de algum modo a realização desses processos criativos, ao lançarmos mão de *saberesconhecimentos* diversos, imprevisíveis e transdisciplinares na realização de tais produções.

E, atualmente, eu vejo que os projetos, eles são uma parte muito importante da escola, no caso do CEACO, eles são um complemento vital pra que a escola produza, não só conhecimento, como também produza arte pra outras vias, outros fins. E não só ficar lá na sala vendo os conteúdos do currículo e tudo. Não, os projetos eles têm uma proposta a mais, eles colocam os alunos na vanguarda. Um colega meu dizia isso com muita frequência: 'os projetos colocam a gente na vanguarda'. E não é à toa que você se sente importante ali, naquele momento: produzindo, compondo, escrevendo, atuando. É uma sensação maravilhosa, né. Indescritível, eu diria, né. Não tem preço você participar dos projetos. É algo muito bom, [...] é algo muito legal! Então, se você tiver oportunidade de participar dos projetos, participe! É algo surpreendentemente bom, você não vai se arrepender. A escola hoje, ela precisa dos projetos. Ela não pode deixar de fazer os projetos e os projetos precisam da escola. É um casazinho que não pode se separar. (ENGEL, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹¹¹, 3'19").

Desde que iniciamos a realização das oficinas de criação e os saraus-festivais e exposições na escola, a ebulição das produções poéticas dos estudantes vem movimentando cada vez mais os cotidianos da escola, com reverberações na cidade e fora dela, impulsionando-nos a realizar cada vez mais essas atividades com mais dedicação, mais organização e maior diversidade das produções, resultando na *apropriação* e *invenção* de *práticas* e processos singulares que atendem às necessidades/desejos dos envolvidos nas experiências, buscando produzir as condições necessárias à sua continuidade como parte indispensável à existência da escola. Não conseguimos mais vislumbrar o CEACO sem a realização das oficinas de criação, sem o sarau do TAL, sem os festivais da canção e de filmes, sem as exposições do AVE e do

¹¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/cQB3hpWE6Gg?t=199>.

EPA, sem o Mês do Estudante quando as produções poéticas são apresentadas, performadas ou exibidas num clima de festa e celebração da criatividade, celebração das potencialidades dos estudantes em produções artísticas que nos afetam e nos fazem *sentirpensar* a vida com mais intensidade, com mais esperança, beleza e alegria. Celebração das potencialidades dos professores em *realizarpensar* uma escola pública que faça sentido para os envolvidos, ou para boa parte deles, uma escola que os motive a realizar algo por prazer, com satisfação e alegria, algo para além das obrigações escolares. Celebração da produção da existência de uma escola pública que ultrapassa/fissura as imagens clichês que compõem o imaginário de degradação, de ruína, de melancolia, de fracasso pedagógico e ineficiência que geralmente se abate sobre ela, provocando uma certa apatia, descrença e impotência em nós que vivenciamos os seus cotidianos e fazemos acontecer a educação pública.

O acontecimento dos Projetos Artísticos em nossa escola, portanto, compõe lampejos intermitentes de vaga-lumes (DIDI-HUBERMAM, 2011) que reanimam nossas práticas, nossa esperança e nossa crença na capacidade de juntos fazermos uma escola que esteja o mais próxima possível dos interesses e dos desejos dos estudantes e da comunidade onde está inserida, desenvolvendo uma educação pública que atenda às necessidades dos estudantes das camadas populares, como os que frequentam o CEACO, reforçando nossa crença de que:

Nos cotidianos das escolas, os *praticantespensantes* das escolas criam currículos únicos, inéditos, “irrepetíveis”, produzem alternativas aos problemas e dificuldades que enfrentam, ao que não lhes agrada ou contempla, ao já existente e ao já sabido, contrariamente ao que supõe as perspectivas hegemônicas de compreensão dos currículos escolares que os compreendem como um eterno reproduzir daquilo que foi previsto e prescrito. (OLIVEIRA, 2012, p. 59).

Ao direcionarmos nossa atenção para o que acontece dentro dos cotidianos escolares, tentando abandonar preconceitos e romper a pele/superfície projetada (externamente e holofoticamente) com imagens negativistas que tentam determiná-los, saturando-ofuscando nossa percepção sobre eles, ao adentrarmos nas sombras onde acontecem os fluxos das práticas subcutâneas dos sujeitos que aí vivem, percebemos seus lampejos/ruídos/gestos criativos, diariamente ofuscados/abafados/involucrados. Nos damos conta das movimentações dos *praticantespensantes* de uma escola pública que não corresponde àquela geralmente propalada/definida hegemonicamente pela cobertura midiática e/ou pela produção acadêmica, por quem a observa “por cima”, das alturas de seus edifícios/poderes, de seus pedestais políticos ou acadêmicos, sem a menor disposição para embrenhar-se efetivamente nos seus cotidianos.

Figura 30 - Festival da Canção Estudantil, 2019



Fonte: acervo fotográfico Projeto Comunicação, Interação e Aprendizagem.

Assim, tomando como exemplo a *cartografia audiovisual* empreendida neste trabalho, compreendemos que realizar processos de desinvisibilização dos currículos *criados pensados* nos cotidianos, promover a retirada dos invólucros os faz parecer emudecidos e imobilizados, “são fundamentais para que a criação curricular cotidiana apareça potencializando as lutas contra os discursos desqualificantes da escola e de seus praticantes [...]”. (OLIVEIRA, 2012, p. 68). Desse modo, apontamos imagens e performances opostas às imagens e narrativas generalizantes da escola pública como “terra arrasada” e, conseqüentemente, da superexposição e hipervisibilidade daquilo que é destacado como seus dilemas, da desqualificação das práticas que os professores aí empreendem com seus alunos, imobilizando-os, produzindo/reforçando sua impotência frente aos problemas vividos em seus cotidianos.

Expomos assim, com os *praticantes pensantes* dos cotidianos escolares, outras imagens/imaginários de escola pública, contribuindo para potencializar sua capacidade inventiva e política na *realizaçãocriação* de práticas e de currículos que atendam aos seus interesses, desejos e necessidades, portanto, contribuindo para rever/reverter o protagonismo/vanguardismo da escola a quem de fato lhe pertence, a quem efetivamente a faz acontecer: os estudantes, professores, funcionários, pais e gestores.

Isso implica no que Certeau (2012, p. 44) chamou de “politização das práticas cotidianas”, no reconhecimento de que os sujeitos ordinários, para os quais foi relegado apenas o consumo de uma produção sociocultural, desenvolvem *táticas* de subversão e de *reapropriação* dos produtos/ordenamentos estabelecidos em instâncias superiores de poder, como a organização escolar e o desenvolvimento de seus currículos, e os utilizam/realizam conforme seus interesses, necessidades e possibilidades. Implica, portanto, no reconhecimento da dimensão política das práticas cotidianas, da criatividade que aí se desenvolve produzindo

singularidades, infinitas maneiras de proceder, de organizar, de *realizarpensar* a escola, como parte da vida que pulsa constantemente e anseia por novos percursos/devires, reconhecendo e potencializando a tarefa política desempenhada pelos praticantes dos cotidianos escolares.

Desse modo, ao deslizaros pelas superfícies da *cartografia audiovisual* experimentamos o desafio de ver uma escola pública “com os nossos próprios olhos” (HERNANDEZ, 2011, p. 46), escutar seus ruídos, sentir seu aroma e perceber seus gestos/movimentos, usando todos os sentidos do nosso corpo (OYĚWÙMÍ, 2018), a partir da perspectiva dos estudantes, ao encontro de um imaginário multissensorial que sacoleja e subverte o peso/rigidez da organização escolar e do currículo oficial, compreendendo que:

Recriar/reinventar o currículo por outros modos de fruição artística implica fazer dançar o corpo/conhecimento historicamente enrijecido, por meio de movimentos descontínuos e desordenados, acrobacias e piruetas que desconhecem os limites do que pode o corpo/pensamento e por isso são capazes de romper com a gravidade disciplinar que comanda a marcha (fúnebre) dos saberes instituídos e amortizados, liberando corpos e mentes para a arte do jogo e leveza da dança como caminhos da criação artística em educação. (COSTA, 2013, p. 148).

Assim, as experiências de produção poética e de fruição estética coletiva vividas nas oficinas de criação artística e nos saraus-festivais-exposições tatuaram/inscreveram na pele da nossa escola novos modos de fazer arte-educação, tornando-se parte indispensável à sua existência, um acontecimento esperado por estudantes e professores, um movimento que desencadeia conversas, discussões, tensões e decisões coletivas em torno de sua realização, a cada ano: na elaboração do planejamento anual de atividades da escola, na cobrança dos estudantes visando convencer mais professores a se envolverem nas oficinas em todas as modalidades desejadas, na garantia dos recursos materiais/financeiros necessários às suas realizações, na solução das tensões criadas pela programação simultânea das oficinas de criação com as atividades disciplinares, na mobilização de pessoas para colaborarem nas oficinas, assim como nas comissões avaliadoras dos saraus-festivais-exposições e na garantia dos custos (ajuda de custo, transporte, alimentação etc.) decorrentes dessa participação.

Por outro lado, em cada momento que a escola necessita apresentar as atividades que realiza para os estudantes, para os pais ou para a comunidade, como ocorre na Abertura do Ano Letivo, na Sensibilização para as Oficinas dos Projetos Artísticos, nas reuniões de pais ou quando é convidada para realizar alguma apresentação que lhe represente na comunidade externa, aí aparecem de modo marcante as fotografias, os vídeos, sons e textos produzidos nas oficinas de criação artística ou que remetem a elas. De maneira especial, aí performam as produções musicais, literárias, fílmicas e visuais dos estudantes, sejam elas gravadas ou

apresentadas ao vivo por eles, proporcionando fruição estética e artística, expressão do pensamento e da criatividade dos alunos, ressoando/lampejando a escola que nos tornamos ao longo de quase uma década e meia de aposta na criação.

Então, dizer que as experiências do CEACO foram muito importantes para mim, porque me ajudou a ser quem hoje eu sou, a, a ... ser uma pessoa melhor, né. Isso que... que é legal porque você consegue transformar a vida das pessoas com isso. Isso é muito massa, cara. Espero que esses projetos sempre continuem na escola porque dá voz e vez pra todo mundo. E... é sempre bacana você aprender uma coisa nova e... é isso! (WALLEFE, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹¹², 8'49").

Então, hoje eu me encontro numa situação de transição também, né, de poder olhar, realizar um sonho que é formar, né, numa universidade pública, formar num curso que eu queria que é Psicologia. Então, faz muito sentido pra mim aqui que eu escrevi há dez anos atrás. E resgatar essas memórias é poder falar “olha Lays, olha aquilo que você fez lá, olha quem você é hoje, olha o que você conseguiu”. Então, é um processo, mesmo, de reencontro consigo mesmo. (LAYS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹¹³, 5'59").

Experiências e imagens-expressão de uma escola que, na perspectiva dos estudantes, deixou marcas importantes em suas vidas, na formação de seus corpos, uma escola que povoou seu imaginário com sentimentos de alegria e gratidão, como foi possível observar na realização das oficinas da pesquisa, quando os estudantes se demonstraram emocionados em rever as imagens e reouvir sons das experiências de criação e de suas produções/performances artísticas, em revirar suas memórias de uma escola que deixou saudades. Enfim, a composição da *cartografia audiovisual* nos colocou/coloca diante do *imaginário* dos estudantes sobre a escola, de uma escola entranhada em nossos corpos-memórias, no movimento contínuo de nossas práticas enquanto sujeitos imbricados em seus cotidianos e nos possibilita perceber como “nos tornamos nós mesmos” e como a escola “se tornou o que é”, uma escola pública “obra de arte” produzida coletivamente por quem nela vive em processos de negociação e apropriação das macropolíticas governamentais, escola que não corresponde exatamente ao que elas estabelecem, mas que satisfaz ao desejo e necessidades dos estudantes e de parte de seus professores, sempre criadores de uma escola possível.

*E hoje...
Hoje navego
Mas navego em um mar
Em um mar de memórias.
Navego pelas entranhas das lembranças*

¹¹² Disponível em: <https://youtu.be/upvuSJLa1Hc?t=529>.

¹¹³ Disponível em: <https://youtu.be/gRxkYyFByj8?t=360>.

*Das recordações...
E percebo,
Percebo o quanto fez
E o quanto faz sentido toda essa experiência
O exercício de olhar para si,
Para sua história
Te permite navegar.
Navegar por um oceano de possibilidades...
Velejar dentro de si.*

(LAYS, 2022, vídeo Experiências com os Projetos Artísticos CEACO¹¹⁴, 7'15").

Figura 31 – Trecho de poema sobre as experiências de criação



Fonte: frame do vídeo Experiências com os Projetos Artísticos, 7'23"

¹¹⁴ Disponível em: <https://youtu.be/gRxkYyFBYj8?t=436>.

ENTRELAÇANDO (IN)CONCLUSÕES

De início alertamos que os percursos desta pesquisa foram fortemente marcados por leituras, conversas e escritas desenvolvidas em meio aos transtornos, tensões, confusões, convulsões e (im)possibilidades provocadas pela pandemia de Covid-19 ou a partir dela, nos últimos três anos. Vivemos intensamente a experiência da perplexidade frente aos desafios impostos pelo vírus mais letal e infeccioso que afetou a humanidade nos últimos cem anos, mas também pela absurda onda neofacista e negacionista que se instalou-espalhou ultimamente e afetou boa parte do nosso país, liderada por um presidente da república que promoveu a necropolítica como ação e destino de muitos, relegando o direito à vida como privilégio de poucos, acentuando as desigualdades, sofrimentos e a exploração presentes nos últimos cinco séculos da história de nosso país.

Um período em que as universidades e escolas tiveram suas portas fechadas (pela necessidade de proteger a vida) e cuja existência foi fortemente questionada, discutida e deturpada. Suas finalidades enquanto produtoras e socializadoras de conhecimentos foi, muitas vezes, interpelada e rotulada como espaços de doutrinação, relegados à disputa de interesses partidários e/ou de narrativas ideológicas de esquerda x direita, uma forma de desqualificar e destruir o debate dos conhecimentos acadêmicos.

Contudo, também foi um período de reexistência, de reinvenção, de produção de novos conhecimentos e tecnologias, especialmente na área da saúde com os estudos sobre o enfrentamento da pandemia, tanto no desenvolvimento de cuidados para proteger e recuperar a vida quanto na criação de vacinas para prevenir e interromper o ciclo letal da doença. Mas também, ocorreu a produção de novos conhecimentos e modos de reexistência em todos os campos de atuação e produção da vida na sociedade, de modo especial com uso das tecnologias digitais de comunicação para assegurar a continuidade do funcionamento da sociedade, a produção de bens e serviços necessários à vida, assegurando o trabalho de boa parte das instituições públicas e privadas, a exemplo de órgãos governamentais como hospitais, escolas, universidades etc. e as empresas dos mais diversos ramos econômicos.

Tragados por esse furacão sanitário e sociopolítico-econômico-cultural, a maior certeza que temos agora é a de que sobre-vi-ve-mos! Porém, mais de 700 mil brasileiros, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e faleceram precocemente nesse período, inclusive o inesquecível colega-amigo Lindinalvo Natividade que, também, desenvolvia uma pesquisa de doutorado no ProPED/Uerj e *gingavasonhava* com um mundo mais humano e igual. Muitos desses brasileiros certamente poderiam estar vivos, não fosse a mal intencionada turbulência político-negacionista

que dividiu o país entre os que acreditavam e os que desqualificavam o conhecimento científico, para justificar suas posições e interesses político-econômicos imediatos.

Por um bom tempo “o vírus nos roubou os abraços”, a possibilidade do encontro físico, o con-tato, a presença corporal até então indispensável na maioria das pesquisas, a exemplo da que resultou neste trabalho sobre as experiências de criação artística nos cotidianos de uma escola pública. Experiências estéticas antes impensáveis de serem vividas sem o encontro de corpos, desde as oficinas de criação até os festivais-saraus-exposições. Inimaginável também, até aquele momento, era a realização das oficinas da pesquisa sem a presença física dos estudantes. Mas toda a turbulência pandêmica foi também marcada por invenções, como sempre acontece em todos os espaçostempos cotidianos.

As universidades e as escolas se reinventaram garantindo que os encontros fossem retomados e seguissem seu curso, mesmo de modo remoto (à distância), utilizando-se das tecnologias digitais de comunicação, depois de uma pausa considerável em suas atividades. Aos poucos o mundo foi reorganizado, as escolas e as pesquisas construíram caminhos possíveis à sua continuidade. No caso específico desta investigação, depois de retomadas, remotamente, atividades educacionais na instituição em que se realiza, começamos a imaginar como seguir o mesmo fluxo, apesar de que as conversas e inquietações nunca foram completamente interrompidas, nem a escola, nem na pesquisa.

Assim como em outras atividades sociais, a escola, as oficinas de criação artística e as oficinas da pesquisa se utilizaram das mesmas possibilidades e tecnologias virtuais para retomarem suas práticas e movimentos e foram lentamente em direção à realização dos encontros virtuais, híbridos, semipresenciais e, novamente, presenciais, após a melhoria das condições sanitárias produzida pela vacinação em massa da população, mesmo que aos solavancos. Vivos, reavivamos a escola, os Projetos Artísticos e a própria pesquisa, o encontro coletivo, já que todas essas atividades existem em função da vida, para gerar mais vida, produzir modos de existência assinalados pela dignidade, igualdade, diversidade, ética, liberdade e felicidade.

Dessa maneira, a partir das perspectivas e do imaginário dos estudantes, registrados na produção da *cartografia audiovisual*, foi possível entrelaçar alguns fios-fluxos de pensamentos e considerações, sempre inacabadas, pois reafirmamos o caráter sempre relativo, temporal e histórico dos conhecimentos produzidos, em qualquer área do saber, tendo como princípio da sua existência a necessidade de contínuo questionamento e de um interminável processo de recriação.

Destacamos, inicialmente, que as oficinas e os saraus-festivais-exposições são

espaçotempos in-ventados que movimentaram os *cotidianos* da escola pública que deu origem a este trabalho. Em que pese serem atividades propostas por Projetos Artísticos da Secretaria de Educação da Bahia, os professores com seus estudantes *realizarampensaram* atividades que possibilitaram experiências de fruição-criação-fruição, artística e estética, embriagadas num clima festa-alegria-diversão-prazer que envolveu muitos jovens estudantes da escola, motivando-os a assumirem o protagonismo na produção poética de uma expressão pública.

Tais experiências criativas movimentaram os pensamentos, percepções e desejos dos alunos envolvidos, resultando em produções artísticas diversas que ressoaram *dentrofora* da escola, proporcionando visibilidade às suas produções-performances não somente em seus cotidianos como na cidade e na região, uma experiência de expressão pública mais ampla que favoreceu o convívio e troca de experiências com estudantes de outras escolas públicas, bem como projetou a atuação dos professores e da escola para além dos limites geográficos e institucionais a que ela está circunscrita.

As experiências de criação artística-estética impulsionaram os estudantes a pensar sobre si e sobre o mundo em que vivem e a criar, a partir das condições de existência em que emergem seus corpos, tendo a vida como matéria prima e sua ampliação e diversificação como finalidade, realizando experimentações individuais e coletivas, ao mesmo tempo. Experiências que afetaram suas percepções, gostos, escolhas, definições e modos de vida, sua atuação pessoal, acadêmica, profissional e política, resultando também em novas maneiras de se relacionar com a arte, com o conhecimento e com a própria escola. Experiências que afetaram também a nós professores ao *realizarmospenarmos* as atividades de fruição e criação artística-estética, possibilitando-nos outras-novas maneiras de compreender os diversos temas envolvidos nas produções e, de maneira especial, de saber lidar, cada vez mais, com a organização dos processos de criação.

Produções poéticas que compuseram um conjunto significativo de imagens, sons, músicas e textos que entrelaçam histórias, vidas, práticas, pensamentos e perspectivas sobre os mais diversos assuntos e acontecimentos nos cotidianos da escola e da cidade/mundo onde os estudantes vivem, sonham, imaginam e projetam desejos, modos de vida e mundos possíveis. Experiências marcadas por sentimento de satisfação e saudade que ficaram registradas nos corpos-memórias dos alunos e dos seus professores, e na história da escola ao longo de quase uma década e meia de produção e fruição artística-estética.

As atividades de criação produziram vínculos afetivos, o desenvolvimento de amizades entre os estudantes de diferentes turmas e turnos participantes das oficinas, seus professores e artistas colaboradores. Afetividade que alimenta um clima agradável, descontraído e divertido,

que gera empatia entre os alunos e motiva ainda mais sua participação nas oficinas e nos saraus-festivais-exposições. Amizades que proporcionam autoconfiança e confiança mútua, crença nas potencialidades de cada um, solidariedade, companheirismo, apoio e ajuda para enfrentar as dificuldades do processo de produção poética, como a timidez, a ausência momentânea de ideias, a instabilidade emocional e insegurança durante os ensaios e as apresentações públicas.

Afetividade e solidariedade cujas relevâncias são pouco enfatizadas no acontecimento escolar. Laços que às vezes ostensivamente, muitas outras, discretamente, promovem/permitem enfrentar as situações nas quais a competição e a disputa emergem, bem como favorecem a superação da segregação e da hierarquização entre os estudantes. Na realização dos Projetos Artísticos, mesmo que em sua culminância sempre ocorra a seleção das melhores produções dos estudantes, a colaboração mútua predomina no ambiente das atividades de criação, das oficinas aos saraus-festivais-exposições. Salientamos que o reconhecimento dos vínculos afetivos é necessário ao trabalho coletivo, à busca por estabelecer e realizar interesses e objetivos comuns, na realização de produções artísticas ou de qualquer outra atividade. Na realização dos Projetos Artísticos, as amizades têm colaborado na criação de redes de trocas de experiências, de *saberescanhecimentos* e de colaboração mútua em atuações *dentrofora* da escola, envolvendo professores, estudantes, ex-alunos e artistas da comunidade. A formação dessas redes com pessoas da comunidade amplia e intensifica o interminável e inevitável *encontro coletivo* realizado nos cotidianos da escola, encontro que possibilita o fazer juntos, a criação coletiva, a colaboração entre a escola e a comunidade.

A realização das oficinas de criação artística e demais atividades dos Projetos Artísticos constituíram um conjunto de *práticas* singulares, marcadas por *táticas* de *apropriação* e *reinvenções* seja pela sua organização a partir do envolvimento voluntário dos estudantes e de professores, bem como de ex-alunos e artistas da comunidade, seja porque sua realização ocorre fora dos *espaçostempos* das salas de aula, descolada das disciplinas e dos conhecimentos do currículo oficial, muitas vezes em conflito com essas atividades, mas, especialmente, por promover atividades de criação poética que partem dos interesses/desejos/escolhas dos estudantes e que tem como destino a apreciação estética pública pela comunidade escolar e externa, em vez das costumeiras atividades destinadas à aprendizagem de conhecimentos do currículo oficial a ser avaliada apenas pelos professores.

As atividades de criação, desde as oficinas até a realização dos eventos de culminância para apresentação das criações, também extrapolam a estrutura organizativa seriada da escola estimulando a integração de estudantes de diferentes turmas/anos e, por vezes, de turnos distintos. Além disso, essas atividades acontecem em diferentes espaços da escola, não vistos

como ambiente de aula, e em paralelo com as atividades disciplinares e, algumas vezes, por sugestão/interesse dos envolvidos, ocorrem em dias ou horários em que a escola não está funcionando.

Destacamos, portanto, as singularidades das práticas que tornam os cotidianos da escola irrepetíveis, únicos, produzidos no encontro coletivo dos sujeitos que nela atuam. Situações fruto das *reapropriações* das condições que são oferecidas/impostas à população escolar, ou a seus praticantes, para *realizarcriar* a escola e os currículos que desejam, escola e currículos *praticadospensados* em consonância com suas possibilidades, necessidades e objetivos. A escola na qual se deu a pesquisa é, como qualquer uma outra, uma escola diversa, que comporta várias escolas no mesmo *espaçotempo* ou que é resultado de uma composição coletiva fruto da constante negociação de diferentes perspectivas, interesses e modos de existência dos corpos que nela habitam/atuam, bem como das diferentes maneiras de organizar suas atividades, enquanto instituição pública democrática.

Reconhecer e revalorizar a atuação dos *praticantespensantes* da escola, professores, funcionários, pais, gestores e, de modo especial, os estudantes, em sua tarefa de organizar e fazer acontecer os seus cotidianos, significa apostar na politização das práticas e potencialização dos corpos que habitam os ambientes educacionais, em sua capacidade de criação artística-estética da escola onde atuam, como do mundo em que vivem. Isso implica no fortalecimento do protagonismo desses sujeitos na sua tarefa de imaginar outras possíveis escolas e maneiras de viver, mais adequadas aos interesses e desejos de seus coletivos, enfrentando as limitações e imposições sociopolíticas-econômicas.

Assim, a realização das oficinas de criação e os saraus-exposições-festivais colocou em cena, no espaço público/coletivo da escola e para além de seus cotidianos, as produções, expressões e performances dos estudantes, experiências que marcaram suas vidas e influíram na formação de seus corpos, bem como na maneira como as atividades de criação artística e estética colaboraram na *autocriação de si* (dos estudantes e dos professores envolvidos) e *de um nós* (da escola) como *obras de arte*, em inesgotável expressão-devir.

A produção da *cartografia audiovisual* pelos estudantes colocou em cena como cada um *se tornou o que é* e como a escola *se tornou um coletivo de praticantespensantes*, animado por suas práticas e criações poéticas e pela produção de um imaginário de escola marcado pela alegria, pelo prazer e fruição estética compartilhada. Imaginário que se contrapõe ao imaginário hegemônico de escola pública centralizado na hipervisibilidade e recalque dos problemas que nela ocorrem e que ofuscam os lampejos das microinvenções e singularidades que nela se entrelaçam. Destacamos assim, a necessidade de aprofundar as discussões e ampliar nossas

maneiras de pesquisar e perceber os *cotidianos* das escolas públicas, para além do recalque dos velhos e conhecidos problemas históricos que insistem em afetá-las, com os sentidos direcionados a captar as práticas dos *sujeitos ordinários*, que vivem-atuam nesses *cotidianos*, *realizandopensando* coletivamente a escola, produzindo uma infinidade de *microinvenções* sonoridades, ruídos e gestos necessários à existência, sempre singular.

Enfim, salientamos as potencialidades da produção de *cartografias audiovisuais*, em oficinas de criação-pesquisa com os estudantes, como possibilidade de produção e afirmação de imaginários diversos sobre as experiências vividas na escola, compostos pelas variadas imagens-sons-ruídos-vozes-textos que podem fluir e possibilitar perceber as diferentes perspectivas que esses sujeitos têm nos/dos *cotidianos* vividos, das *práticas*, *microinvenções*, *resistências* e micropolíticas empreendidas no encontro coletivo da escola, frente às condições de existência e às macropolíticas educacionais e curriculares.

Salientamos ainda os limites das reflexões produzidas neste trabalho, como os de qualquer outra pesquisa, e o desejo de que outras *cartografias* sejam produzidas para ampliar nossa percepção sobre o que podem fazer os *praticantespensantes* dos/nos *cotidianos* escolares e que outras imagens/imaginários de escola pública são possíveis produzir com a sua participação, vislumbrando a potencialização da sua capacidade inventiva e política na *realizaçãocriação* de práticas e de currículos que atendam aos interesses, necessidades e desejos dos estudantes. *Cartografias* que nos possibilitem o envolvimento efetivo no fluxo dos movimentos e práticas diversas e que nos permitam sentir o pulsar dos corpos que transitam e da vida que flui nos *cotidianos* da escola, uma escola pública “obra de arte” produzida coletivamente, sempre.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edivan Carneiro de. **Construção de conhecimentos e currículos in-venta-dos com as mídias nos cotidianos de uma escola pública de Ensino Médio**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

ALMEIDA, Edivan Carneiro de. Que Ichu (des)enquadra em mim? **Alegrar**. N° 16. Seção 15, dez 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1AYdcmoAsMmNVLb5b0-kI3Nyd9E4ODvK5/view>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza. (org.) **Estudos do Cotidiano, Currículo e Formação Docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba, PR: Editora CRV, 2019. p. 19-48.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. **Nilda Alves: praticantepensante** de cotidianos. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA Inês Barbosa de. (org.) Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2015.

ALVES, Nilda et all. Como e até onde é possível pensar diferente? Micropolíticas de currículo, poéticas, cotidianos e escola. **Revista Teias**, v. 13, n° 27, p. 49-66, jan/abr 2012.

BERINO, Aristóteles. Interminados, criadores e sonhadores: o problema da Estética em Paulo Freire. **Revista de Estudos Culturais**. São Paulo, Ed. 5, p. 24-38, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/170629>. Acesso em: 23 mai. 2021.

BERINO, Aristóteles. **Paulo Freire esteta**: Arte, Fotografia e Cinema. **e-Mosaicos**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 13, p. 182-192, dez 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/30478>. Acesso em: 23 mai. 2021.

CAMPOS, Ricardo. **Introdução à Cultura Visual**: abordagens e metodologia em Ciências Sociais. Lisboa: Ed. Mundos Sociais, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luci; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 152-188.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

COSTA, Gilcilene Dias da. Currículo e Arte: confluências Nietzsche-Deleuze. In: **Revista Teias**. v. 14, n. 31, p. 147-161, maio/ago. 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972 – 1990**. Tradução Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

Disponível em:

http://www.portalgens.com.br/filosofia/textos/sociedades_de_controle_deleuze.pdf. Acesso em: 29 jan. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DURAND, Gilbert. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 2004.

FANON, Frantz. **Black Skin, White Masks**. New York: Grove Press, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Lógicas de currículos em redes e projetos. In: FERRAÇO, C. E., CARVALHO, J. M. (org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012, p. 143-160.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képosm, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1. ed. [recurso eletrônico] Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998.

GROSGUÉL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 62-88.

HERMANN, Nadja. Ética, estética e alteridade. **Anais – II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências**. Santa Maria/RS: UFSM, 2011. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/547/2020/01/artigo-01.pdf> Acesso em: 23 mai. 2021.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Coleção Fronteiras da Educação. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2010.

HERNANDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2011. p. 31-49.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no método cartográfico. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 31-61.

MARQUINA, Orietta. La cultura visual desde el campo social de la mirada. Lima, Peru: **Conexión**, n. 5, 2016. p. 88-101. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/conexion/article/view/14990>. Acesso em: 23 mai. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; REIS, Vinícius. Currículos fabulados, gênero encenado e a audiovisualização da ciência. **Anais eletrônicos**: Seminário Internacional Fazendo Gênero 12. Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012, p. 47-70.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADOTORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 189-201.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia: Editorial en la frontera, 2017.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PREVE, Ana Maria Hopers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34. 2005.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini.; WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Rev. Bras. Estud. Presença**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan./abr./2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266051077>. Acesso em 12 abr. 2023.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra/Portugal. n. 63. p. 237-280. out. 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina. 2009.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós-investigação” em direção à “pós-investigação”. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12475>. Acesso em: 23 mai. 2021.

VICTORIO FILHO, Aldo.; SILVA, Pâmela Souza da; ALMEIDA, Edivan Carneiro de. **Estética e currículo: considerações e cuidados**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2021, p. 39-49.

VICTORIO FILHO, Aldo.; SILVA, Pâmela Souza da; NASCIMENTO, Rodrigo Torres do; SILVEIRA, Victor Junger. Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola. **Educação**. Santa Maria. v. 42, n. 3, p. 597-614, set./dez. 2017.

APÊNDICE I - Transcrição - Sarau (da Pesquisa) dos Projetos Artísticos
CEACO, 30/04/2022



Sarau dos Projetos Artísticos CEACO

"Imaginário, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública"

Convidamos você que vivenciou as experiências de criação artística no CEACO a participar do nosso Sarau dos Projetos Artísticos que acontecerá neste sábado, dia 30 de abril, às 14h30, no pátio da nossa escola. Vamos rever e conversar sobre essas experiências!



Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

Edivan Carneiro de Almeida
(Doutorando)
Prof. Dr. Aldo Victorio Filho
(Orientador)

COMENTÁRIO GERAL SOBRE O SARAU

Após ter mobilizado e realizado as oficinas com os dois grupos de estudantes convidados e tendo acompanhado a produção dos vídeos durante os meses de fevereiro a abril de 2022, estimulando o processo produção, especialmente acompanhando e auxiliando na edição dos vídeos, realizamos o **Sarau da pesquisa dos Projetos Artísticos** no dia 30/04/2022 às 14h20, contando com a participação presencial da maioria (apenas dois participaram virtualmente) dos interlocutores da pesquisa e de estudantes e professores convidados a apreciar os vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa. O Sarau foi filmado integralmente e transmitido via meet para garantir a participação virtual de três pessoas que não puderam comparecer à atividade, conforme lista a seguir.

- Participantes: *presencialmente* – Andreissa, Engel, Matheus, Milena, Wadson, Wallefe, Rafael, Gustavo, Débora, Sofia, Palloma, Geovane, Patrícia, Kailane, Jocilene, Márcio, Willian, Huda, Edilma, Fernanda, José de Odorico, Vanda, Tiago, esposa de Milena e a filha Ize, Conceição e Gabriel; *virtualmente* – Jéssica, Gênisfer, Lays e Huda;

O vídeo do Sarau foi editado somente para corrigir problemas técnicos que ocorreram durante a gravação do evento e a reprodução dos vídeos criados pelos participantes da pesquisa e disponibilizado em um canal do YouTube e no site da Pesquisa conforme descrição a seguir.

- Começamos com a acolhida aos participantes presentes no pátio e conectados virtualmente através do meet, já que alguns convidados/interlocutores da pesquisa não puderam participar presencialmente;
- Continuamos apresentando o objetivo do evento, o título e a intenção-desejo da pesquisa sobre as experiências com as oficinas-projetos de criação artísticas na escola, apresentei rapidamente os interlocutores convidados a produzirem os vídeos bem como os presentes no pátio, ressaltando que o convite a pessoas da escola tem por objetivo reforçar a importância de dialogarmos sobre as experiências de criação realizadas na escola, colaborando para nos animar a continuar realizando e participando;
- Pedi que cada um se apresentasse;
- Passamos à exibição do primeiro bloco de 3 vídeos, criados pelos interlocutores da pesquisa:

1. Vídeo de Jéssica (10'05)

O vídeo (duração de 5'06) começa com Jéssica (autora) e sua irmã (gêmea) Gêniifer se apresentando no FACE 2016, etapa escolar, com a música **Quero liberdade**, composta e interpretada por elas no festival. Depois de alguns segundos, Jéssica entra se apresentando (continuando a música como fundo), dizendo que é ex-aluna do CEACO (2015-2017) e atualmente está graduando-se em enfermagem (7º semestre) em Coité, cidade vizinha à Ichu. Diz que vem falar dos projetos literários (assim chamou os projetos artísticos durante o vídeo), de como foi sua experiência durante os anos em que participou:

Jéssica (0'48): [Enquanto fala parecem fotos dela participando da exposição do AVE, do FACE, da Banda CACOS e das oficinas] “Então, quando a gente fala ‘ah! O CEACO abre portas, o CEACO abre... dá a chance, na verdade, de novas pessoas se expressarem... se descobrirem, na verdade.’ E assim, eu sempre fui uma pessoa que [...] gostou de estar em projeto, de ser participativa, de estar em participação de alguma coisa. E os projetos literários foi um deles. Eu participei de alguns... eu participei do AVE, participei do TAL, participei do FACE... e foram experiências muito incríveis... até hoje me recordo e assim, lembrando eu sinto falta na verdade. A gente lembra que a gente sai do CEACO, mas o CEACO não sai da gente. Acho que por carregarmos sempre as memórias de todos esses projetos”.

Entra como fundo e depois interrompe a fala e segue trecho de um vídeo de Jéssica com Wadson (oficineiro) na oficina do FACE (2017), seguindo o som do momento de criação da música com uma foto dela no FACE e depois junta de modo sincronizado o áudio da música com outro trecho de vídeo dela se apresentando no Festival.

Jéssica (2'08): [Ainda com vídeo dela no FACE, como fundo] “Além desses projetos literários serem um meio de expressão, na composição, na arte... na poesia eles fazem descobertas. Descoberta de artistas, descoberta de compositores... eu, por exemplo, eu nunca me vi, é... apresentando uma composição minha e eu fiz isso durante três anos. É, nunca me vi fazer um quadro e ganhar em segundo lugar, estar lá como segundo lugar... eu nunca tinha me visto assim. Então, o CEACO abre portas, é... com esses projetos literários que são projetos muito bons. Pra finalizar, eu vou ler um poema que eu comecei a escrever na nossa reunião que estávamos falando sobre os projetos literários – até comentei com Edivan que estava escrevendo um poema e ele ficou sem acreditar, mas é porque eu sou uma pessoa muito empolgada, me considero assim, empolgada, pro bom sentido, na verdade. E aí, até eu li um trecho pra eles, fiquei de terminar... finalizei esse poema e vou ler aqui um pouco pra vocês.”

[Entra uma foto dela rindo ao lado da tela, que fez e foi premiada em 2º lugar, ocupando metade do vídeo e segue a leitura do poema, que vai aparecendo textualmente na tela do lado direito com fundo preto e letras brancas, alternando imagens de outra tela, do poema do TAL na

oficina, volta o rosto em detalhe, em preto e branco, volta o rosto em foco colorido, destaque para os olhos, depois, uma foto da plateia]

Meio de expressão,
de liberdade
Sair do comodismo
e demonstrar sinceridade
Esses projetos literários
me dão saudade.
Saudade das pessoas
Saudades da construção
Da diversão, da opinião
Do construir no coletivo,
No individual.

Não importava a ocasião
Em meio aquela multidão
A liberdade de expressão
Era vista com atenção.

Projetos Literários
Que despertava o hábito da leitura
Da composição da escrita
Da busca por histórias e culturas.

Oficinas mais que puras
Criações quantitativas
Aonde quem nunca tinha sido visto
Passou a ter expressão.
E que até os imprevistos
Passavam despercebidos.

Pelos olhares radiantes
Que deslumbravam cada instante
Aqueles artes construídas
E cada segundo
Era gravado como histórias
Para sempre memórias
Que nunca serão apagadas.

Entra o som de outra música, de título **Música**, do último festival que participou, com os créditos de filme, com fotos da oficina do AVE, banner da pesquisa e fade no som e imagem com tela preta.

- Logo após demos sequência com a exibição do **vídeo de Wadson**. (16'03)

2. Vídeo de Wadson (11'10)

O vídeo começa com um trecho da apresentação inicial do FACE 2011, com todos concorrentes cantando, à capela, a música *Sonho*, de Gléna, a primeira canção vencedora do FACE na escola e na etapa regional, no primeiro ano de realização. Segue com um fade com a introdução da

música de sua autoria vencedora no FACE de 2013, seu último ano nos projetos, intercalada de fotos diversas de Wadosn nas oficinas-ensaios e apresentação tanto na etapa regional, quanto na escolar, além de outras dele na Banda CACOS e logo entra um vídeo com ele se apresentando e dizendo que vai falar da experiência dele com os projetos estruturantes e com a Banda CACOS.

Wadson (0'45): É... quando eu cheguei no CEACO, em 2011, eu já sabia que existia o FACE, porque como eu já tinha experiência... naquela época eu já tinha mais experiência como cantor, eu participei do FACE em 2010, como coadjuvante, não como personagem principal, né, como cantor mesmo do festival [...]. E aí eu cheguei no FACE em 2011, aquele processo que nós temos de criar a nossa própria canção, as oficinas, as apreciações... e a pressão, né: 'será que eu vou ganhar o FACE?' [...] [entra no fundo musical a primeira música dele no FACE 2011, Eu quero te amar] É... na minha primeira música, é... surgiram várias ideias mas uma me chamou a atenção, que era um Axé romântico. Sempre gostei de Axé e aí eu fiz um Axé romântico muito bacana que chama 'Eu quero te amar'".

Entra um vídeo de apresentação da música, gravado à época em que Wadson foi entrevistado para comentar a música que fez, uma espécie de chamada para o momento do festival em que ele diz:

Wadson (1'42): "É, o FACE pra mim é um aprendizado... a palavra é aprendizado. Porque você começa aprendendo mais ou menos o que é música e depois termina com um projeto de uma música que você vai apresentar, esse projeto pra ser aprovado ou não. A minha música ela fala sobre uma pessoa que... (risos) encontrou... é, vamos dizer assim, que encontrou uma pessoa que procurava, fala muito sobre o amor"

Sobe o volume da música com imagens da oficina, dele escrevendo a música em braile, usando a reglete, a página com o texto escrito em braile, Wadson novamente escrevendo na oficina, depois vídeo no ensaio, entra um fade no vídeo e som que permanece no fundo e ele volta comentando a experiência.

Wadson (2'42): "Consegui vencer, fui até Feira de Santana (etapa regional), lá fui campeão também, fiquei em segundo lugar, em Feira de Santana, com um cara muito bom que foi Rildo, que ganhou em primeiro lugar... e conheci pessoas fantásticas lá também".

Ainda com o fundo musical aparecem fotos dele no ensaio e nos bastidores do FACE regional, além de fotos desse festival.

Wadson (3'24): "No segundo ano do FACE pra mim, em 2012 [entra como fundo musical a música dele no FACE desse ano], foi um ano de suma importância porque... eu já tinha ganhado o primeiro e, de certa forma, eu entrei com um pouco de soberba e achava que poderia ganhar a qualquer custo, né, já tava tomando aula de canto... enfim. É... e a concorrência não era tão forte assim, né, mas aí veio a surpresa... eu fiz uma música até boa, muito boa por sinal!... que era **A esperança da natureza**, um forró... e o Brasil estava vivendo, especialmente aqui no Nordeste, a gente tava vivendo um momento de muita seca e aí eu achei interessante falar sobre isso na minha segunda canção. E... surpresa pra todos: eu não fiquei nem em segundo no FACE. E isso foi de um aprendizado muito grande porque você não pode menosprezar as pessoas que estão com você. Você tem que ter humildade e isso eu aprendi. [o fundo musical é interrompido] Aprendizado conseguido, 2013 eu fui pro próximo FACE, o terceiro FACE da minha vida escolar [entra a canção dele no FACE 2013 como fundo junto com fotos das oficinas e do festival desse ano tanto na escola quanto na etapa regional] e aí eu já compus uma canção diferente que chama **Seguindo um sonho** que falava... que fala do momento que o Brasil estava vivendo, das manifestações que estavam pra começar... É... eu fiz a música e depois vieram as manifestações, que vocês já sabem que aconteceram. E a música fala de muita coisa, fala da

criança, fala das pessoas que tem muito e outras que não tem nada e que nós precisamos seguir atrás, correr atrás dos nossos sonhos. Foi muito bacana também essa experiência porque eu tanto ganhei aqui na cidade de Ichu, quanto em Feira de Santana também, fiquei em segundo lugar e... conheci Felipe Alisson outro cantor excepcional, compositor, que ficou em primeiro lugar lá em Feira de Santana com uma canção muito bacana e foi outra experiência maravilhosa. Então, foi de muita valia essas três experiências com o FACE (Festival Anual da Canção Estudantil). E quando eu lembro desse terceiro FACE eu lembro com muito carinho porque a etapa estadual foi na Fonte Nova. Eu tive o maior prazer de conhecer a Fonte Nova, estádio de copa do mundo na época, é a Fonte Nova novinha mesmo e eu tive o prazer de cantar lá, mesmo que não foi no palco principal, mas foi numa tenda lá, uma tenda digital onde as pessoas cantavam e eu tive o maior prazer em cantar lá na Fonte Nova. Foi muito bacana! Experiência que eu vou guardar pra vida inteira que o FACE pode me proporcionar juntamente com o CEACO.”

Wadson (7'20): [Entra o vídeo dele cantando na Fonte Nova com insertes de fotos dele em diversos momentos lá, inclusive de uma entrevista que deu na TVE Bahia, fade e volta a falar destacando sua participação em outros projetos] Nesse meio tempo eu também participei do TAL, né, criei uma fábula que falava de futebol, né. E na fábula contava a história dos animais grandes contra os animais menores e a formiga fez um gol, né, no finalzinho da partida, decretando a vitória pra os pequenos... e na fábula a moral da história era ‘as aparências enganam’ [risos]. Muito bacana também. É, até eu ganhei um prêmio... muito legal isso. E, passado o meu período formativo como estudante, é... eu fui convidado para ajudar nas oficinas do FACE, a ser um oficinairo também. [entram insertes de fotos dele atuando nas oficinas] A ajudar os estudantes a compor, a fazer as suas próprias músicas... e isso foi muito bom pra minha carreira como cantor, foi muito bom pra mim como pessoa porque a partir desse momento eu pude conhecer as realidades de cada pessoa, conhecer novos estilos musicais, novas formas de fazer música, enfim, foi um leque de possibilidades que me abriu. Então essa experiência também foi muito gratificante... está sendo até hoje! Quando eu penso no FACE eu penso que é uma formação que não vai parar nunca porque é muito gostoso trabalhar com esse projeto. Diante das oficinas, diante das oportunidades artísticas que nós tivemos na escola, nós decidimos formar uma banda de forró pra tocar na escola [entra um vídeo da Banda CACOS no São João de 2018 com ele cantando] Cara isso foi... isso foi uma coisa muito bacana que aconteceu e que eu vou levar também para vida porque... é... eu pude ver a capacidade nossa de gerir os egos... tanto o meu... quanto o das pessoas que estavam à minha volta e isso foi muito bacana, foi extremamente importante pra minha carreira, como cantor e como pessoa, é... volto a falar. E nós tocamos na escola por três anos e foram shows memoráveis! Foram shows muito bacanas em que faria de novo, com certeza. Se fosse pra voltar no tempo e fazer de novo faria tudo de novo porque... é, as experiências obtidas, com certeza, vão ficar pra sempre guardadas no coração e na mente. [fade e encerra com os créditos em um trecho do vídeo da apresentação dele no último FACE regional, em Feira de Santana]

- Imediatamente seguimos com a exibição do vídeo de Lays (27'02)

3. Vídeo de Lays (8'11).

O vídeo começa com um vídeo de Lays entrando na escola este ano, uma espécie de retorno, 10 anos após ter concluído seu Ensino Médio e quando está concluindo a graduação. Ao percorrer os espaços ela vai falando com as pessoas que encontra, desde a portaria, como fundo a melodia da primeira música que ela criou, “**Lute e busque**”, no segundo FACE realizado na escola, em 2010 e depois a da segunda música, “**Vamos navegar**”, do ano seguinte. Segue no

ritmo da música o percurso pelos espaços da escola com a declamação de um poema em que ela retoma trechos das letras das duas músicas:

Lays (0'02):

“Às vezes...
 Às vezes deixamos de lutar
 Pelo que queremos
 Por medo de ouvir um não
 Às vezes...
 Às vezes deixamos de acreditar no que sonhamos
 Por querer sempre agir com a razão.
 Quando olho pra frente
 Vejo tanta ambição,
 Tanta destruição,
 Tanto sofrimento...
 Mas mesmo assim, continuo a olhar pra frente
 E vejo que ainda há motivos pra sonhar,
 Que ainda há motivos para amar,
 Que ainda há motivos para se divertir.
 Que existem motivos para tudo mudar.”

Entra um curto trecho da música e fotos da oficina e vídeo do FACE de 2011, onde ela canta o final da estrofe, que dá continuidade ao trecho que estava sendo declamado, e o refrão.

Logo depois, com a música em fundo, volta para o vídeo do percurso atual pelos espaços da escola falando com funcionários que encontra, observa espaços como a Rádio-Escola, onde atuou, e outros espaços de modo contemplativo, retoma o poema com trechos da letra da canção **“Vamos navegar”**.

“Bom, tenho escolhas pra fazer
 E amanhece mais um dia
 Mas, sabe?!
 Não é nada fácil tomar uma decisão
 Uma decisão pra projetar o nosso futuro
 Pra viver de nossas utopias
 E descobrir
 Descobrir se o caminho escolhido
 É certo ou não.
 Eu... eu quero é navegar
 Quero com fé em Deus sonhar
 E as respostas para o meu coração
 Assim encontrar.
 Bom, eu...
 Eu quero é velejar,
 Descobrir quem quero ser
 Superando as correntezas
 Que o rio irá trazer.
 Quero navegar nas águas do Velho Chico
 Ir ao encontro do rio com o mar
 Quero velejar em um barco a vela
 Sem destino
 Com violão, com amigos

Quero navegar
 Por esse rio que mata a sede dos nordestinos
 Que a felicidade querem encontrar.
 Nesse barco, nas águas do São Francisco
 Pelos sonhos quero navegar.

No percurso volta ao pátio externo da escola, olhando a paisagem e se movimentando no ritmo do poema, senta numa banca embaixo da árvore, de frente pra câmera tendo ao fundo a faixa da entrada da escola, desfocada. Começa a falar, se apresentando...

Lays (2'55): “Olá, me chamo Lays, tenho 27 anos, sou formada aqui do CEACO do ano 2011... então já tem um tempinho aí... e retornar aqui no CEACO foi um processo de resgate de memórias, resgate de lembranças, de recordar momentos vividos em cada espaço, em cada lugar, de olhar pra cada cantinho aqui, de lembrar ‘nossa! Como eu gostava de ficar aqui sentada com os colegas. Lembrar dos processos de inclusão que tinha, né, de atividades, de oficinas... e como eu não podia deixar de lembrar das atividades realizadas na... durante o... Festival Anual da Canção Estudantil que foi o projeto que eu participei, né, lá no... por três anos né. Então, eu participei desde o meu primeiro ano, em 2009, participei do segundo ano e participei, também, do terceiro ano... ou seja, durante todo o meu Ensino Médio. É... e participar dessas atividades foi muito bom pra mim. Hoje, sou formada em bacharelado interdisciplinar em saúde, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sou formada em Psicologia, pela mesma universidade, e estou como orientadora social aqui no município de Ichu.”

Volta com o fundo musical anterior e ela se levanta e caminha até outro banco, senta novamente e continua a falar.

Lays (4'31): “Bom... é... Participar dessas atividades foi um processo de reencontro, um processo de pensar nas possibilidades e, principalmente nesse período que a gente tá saindo do Ensino Médio, né... um processo de transição pra vida adulta, um processo da gente se descobrir, saber quem a gente quer ser, da gente se reencontrar... então, é muito interessante participar dessas atividades porque a gente tem essa possibilidade de refletir mesmo e através da arte poder... é... transformar essas questões [...] e essas nossas angústias... e essas nossas inquietações e essas nossas inseguranças... e música, poesia e arte, então é bem interessante essas atividades para que a gente possa aprimorar e, quem sabe, se encontrar, né... se encontrar ne uma atividade profissional, inclusive. É... sempre nas minhas músicas, né, na escrita, eu sempre falei de sonhos. É, o lugar do sonho sempre esteve presente porque é algo que mobiliza, né, me mobiliza... é, tanto na Lays de dez anos atrás, tanto na Lays de hoje. Então, hoje eu me encontro numa situação de transição também, né, de poder olhar, realizar um sonho que é formar, né, numa universidade pública, formar num curso que eu queria que é Psicologia. Então, faz muito sentido pra mim aqui que eu escrevi há dez anos atrás. E resgatar essas memórias é poder falar ‘olha Lays, olha aquilo que você fez lá, olha quem você é hoje, olha o que você conseguiu. Então, é um processo, mesmo, de reencontro consigo mesmo. [transição para um quadro mais fechado focalizando o rosto]. Então, estar de volta ao CEACO, olhar para esses espaços, olhar pra escola, é... olhar os lugares que eu gostava de estar, reencontrar pessoas queridas... é... e relembra dessas atividades artísticas, o quanto elas foram importantes pra mim, é falar um pouco sobre experiência. Com diz Bom dia, ‘a experiência não é o que a gente vive, é o que nos transforma, é o que nos passa, é o que nos impacta, é o que nos afeta’. Então, todas essas experiências vividas nessas atividades artísticas aqui no CEACO, né, me transformaram, me fizeram ser a Lays que sou hoje.”

O vídeo faz um fade e ela reaparece caminhando na passarela de saída da escola ao som da sua última música, performando a observação do ambiente, dando giros como que dançando... e volta com a narração poética:

“E hoje...

Hoje navego

Mas navego em um mar

Em um mar de memórias

Navego pelas entranhas das lembranças

[sai pelo portão e segue pela rua que percorria ao vir para a escola, em câmera lenta por trás]

Das recordações...

E percebo,

Percebo o quanto fez

E o quanto faz sentido toda essa experiência

[passa por ela um estudante com bolsa nas costas correndo, em câmera lenta]

O exercício de olhar para si,

Para sua história

Te permite navegar.

Navegar por um oceano de possibilidades

Velejar dentro de si

[encerra com um fade escurecendo sua imagem caminhado pela rua, de terra, junto com o fim da apresentação de sua última música no FACE 2011, quando ela diz ‘obrigado’ e a plateia aplaude]

- **Retomando o Sarau** (35’14) comento as dificuldades que estávamos enfrentando com a reprodução dos vídeos (sobrecarga no processamento do notebook, com transmissão no meet e a gravação do evento com o programa OBS Stúdio, o que afetou um pouco a experiência de apreciação dos vídeos, de início) e em seguida convido os participantes a comentarem o que os vídeos fizeram fluir de pensamentos ao assistir, especialmente aos três estudantes que produziram. Convidei Lays a falar. Nos voltamos para o telão em que Lays participava pelo meet e havia comentários no chat:

Jéssia (37’03): “Essa música ficou na minha desde o dia da reunião kkk. Massa dms” [chat]

Huda (37’03): “Música linda”

Lays (37’03): “😘😘”

Huda (37’03): “Liiinda”

Lays (37’03): “Oiii! Boa tarde! Tá me ouvindo?? [respondo que perfeito] Ah, que ótimo! Sim! Nossa! Que delícia, poder rever esse vídeo, né, foi um prazer fazê-lo. Assistir, também, os dos colegas... lembrar o tempo de escola, né, que fala muito sobre isso, né. Quando eu fui produzir, eu fiquei pensando: ‘nossa o que é que eu vou falar?’ [risos] O que de fato mesmo? Como eu posso contribuir nessa atividade? Desculpa o barulho aqui que eu tô no jardim aqui da universidade aí passa moto quase toda hora (risos) [brinco que a gente quer ver o jardim da universidade]. Ah! tá certo (risos). Vou ligar a câmera então aqui rapidinho [ligou a câmera]. Tão me vendo? (risos) [ela mostra o jardim e alguns espaços da universidade que estão aparecendo no fundo e continua, justifica que tá de máscara, tira para dá um oi... comentou que lá na universidade ainda não pode ficar sem máscara e continua...]. Mas é isso... foi uma experiência bem gostosa de poder produzir o vídeo. Eu fiquei pensando ‘meu Deus, o que eu

poderia falar? Como eu poderia fazer?’ E aí eu falei: é... é isso, é poder olhar pra essa experiência e olhar pra mim hoje, né, do quanto foi importante, né, de trabalhar nossas criatividade, nossas imaginações... nossos sonhos, né? Falei muito disso, é, no próprio vídeo, nas músicas... então, assim, foi bem gostoso mesmo, né! E tá sendo ouvir também os colegas, ouvir todo mundo... é... muito legal, mesmo! Quero só agradecer, Edivan, por essa oportunidade que é um resgate de memórias, né. (risos) É um resgate sobre a nossa história, sobre nós... (risos) É isso...”

- Retomo do pátio convidando Wadson a falar.

Wadson (39’46): “Gente, então... foi muito bom, né, fazer esse vídeo, foi uma experiência muito animadora... como eu disse muitas vezes no vídeo: foi bacana a experiência, porque foi bacana mesmo, né. Faço uma alusão ao filme ‘Didi e eu anjo o cupido’ né, que ele falava ‘tem bandido... é porque tem muito bandido’... repetia a frase ‘tem bandido, não vou pra terra não que tem bandido’ tem isso tem aquilo, tem bandido (risos) [ressaltou a necessidade de repetir a expressão muito bacana]. Então (risos), foi muito bacana mesmo a experiência do CEACO, de nos dá a oportunidade de participar dos projetos estruturantes. Eu tenho uma memória, é... auditiva muito boa, eu acho... e eu consigo lembrar dos cheiros, do tato, dos sons, das pessoas, dos lugares, das descrições... tem lugares que eu consigo fazer a descrição, inclusive... eu consigo fazer a audiodescrição dos lugares (risos), cara. Incrível, assim, é... das lembranças, das memórias... Eu tive que fazer uma rebobinada, lembra da fita? Uma rebobinada pra poder fazer esse vídeo e trazer essa experiência pra vocês. Por hoje, é só (brinca, risos).

- Retomo e passo a palavra pra Jéssica (que participava virtualmente, tinha feito uma cirurgia dentária, estava quase impossibilitada de falar).

Jéssica (41’06): “Oi, Diva, deixa eu abrir minha câmera... eu tô falando aqui enquanto o efeito da dipirona tá ativo (risos). Foi uma experiência muito incrível participar desses projetos literários... pegando o gancho da frase de Lays, [...] eu nem sabia o que falar porque foram três anos [...] eu que participei, por exemplo, de vários projetos, pra falar sobre tudo... Ave Maria, ia ser uma hora só de vídeo meu. E assim, quando a gente passa acha normal, mas depois com essa experiência de reviver esses momentos... quando Edivan mesmo me mandou o vídeo... Nossa, eu fiquei! Chega bateu saudade! Vendo aquelas fotos que eu nem lembrava da existência das fotos, o vídeo, as produções muito massa! Reviveria tudo novamente, participaria de todos os projetos... porque eu sempre fui uma pessoa, como eu falei no vídeo né, que sempre gostou de tá em participação de projetos. E quando eu cheguei no CEACO eu não sabia desses projetos em que, por exemplo, tinha que fazer a produção de poesia, depois eu conheci os outros projetos... eu quero participar de todos... só que assim, não ia dar conta... é tanto que eu nunca participei do que é de busca de histórias, que é o que Edilma é responsável [...] nunca participei desse porque eu sabia que não ia ter tempo pra dar conta de tudo. Depois veio a Banda, eu também não podia ficar de fora (risos). E sempre gostei de tá em participação... e foram umas experiências muito incríveis, muito incríveis mesmo.

- Questionei se mais alguém da plateia gostaria de falar algo... ninguém quis falar, seguimos para o segundo bloco de vídeos, começando com **Matheus**: (43’18)

4. Vídeo de Matheus (6’36)

Matheus: (0’01) “Olá! Meu nome é Matheus, eu sou estudante de Matemática na Uefs e eu estudei no CEACO nos anos de 2016, 2018 e 2018... e os projetos estruturantes me marcaram profundamente e me deram oportunidades e eu acho que foi bastante importante para a minha

formação... e pra quem eu sou hoje. [entra como fundo musical o instrumental da música dele no FACE de 2016] Então, a minha história com os projetos estruturantes, né... começa no primeiro ano do Ensino Médio e ela se confunde com a história de outras pessoas também porque não foi uma experiência minha sozinha. Todas as vezes que eu participei do FACE, eu participei com alguém. Isso era muito... é muito significativo para mim porque era um momento, de fato, de brincar, era um momento de descontrair, era um momento de filar aula. E aí, né, a gente participou do primeiro ano, a gente não ganhou nada, eu e Daniel, é... mas tipo assim, a gente ficou muito motivado pro segundo ano, porque agente, sabe, achava o FACE o máximo... e de fato era o máximo... ainda é o máximo. E aí, tipo, a gente foi no segundo ano, assim... eu, Daniel, Hilderlan e Gabriel, [entram insertes de fotos deles nas oficinas do FACE] escrevemos uma música simplesmente tirando da cartola mesmo, sabe as coisas foram desandando muito rápido e a música ficou muito legal. Sabe, era uma música que fala do próprio FACE, praticamente, sabe. Isso é que bem legal também...”

Entra um inserte (1'24) de vídeo da apresentação da música deles no FACE 2017, intitulada **Só mais uma música pro FACE**.

Matueus (2'48): “A gente ganhou, por sorte, é... fomos pro regional [entram insertes de vídeo da apresentação no FACE regional], foi muito legal, a experiência daquilo tudo, aquela agitação, né. É... sabe, tudo que a gente queria era aquilo, movimento, sabe... coisas dinâmicas. Porque na escola, às vezes, tudo é muito parado, estático. E quanto a gente vai pros projetos estruturantes, né, as coisas são mais livres, né. São mais dinâmicas. [inserte com fotos no FACE 2018, na escola] E é isso, né. O FACE, ainda foi pro meu terceiro ano também... a gente fez uma música quase de uma ressaca da outra música, música do segundo ano [insertes de vídeo das oficinas]. Mas foi legal de fazer, também, sabe. Hilderlan conseguiu até uma bateria e tava aprendendo tocar... e tocava bem já. A gente tocou lá a crise, né... nossa última música que a gente fez no FACE. E o FACE foi, de fato, mais significativo pra mim, né. Mas eu também participei de outros projetos. A gente participou do PROVE [entra insertes do vídeo **A rotina** da equipe dele em 2018], que era o projeto de vídeo estudantil que foi meio que um gatilho pra o que veio acontecer que foi o CAVI (Clube de Audiovisual de Ichu) sabe. Então, a gente se organizou depois de forma, é..., mais articulosa e a gente conseguiu gravar alguns curtas metragens, assim, fora da escola, sabe... [insertes de fotos deles no Festival de Filmes de 2018] Assim, o FACE foi mais marcante, mas o PROVE talvez... é... foi o que rendeu mais depois. Também participei do EPA [insertes de fotos dele na exposição e oficinas do EPA] que, infelizmente, só pude participar no terceiro ano... porque eu não sabia que era tão legal, senão eu participava de todos. E... no EPA, né, a gente fez um álbum de fotografia, histórico, sabe, de uma pessoa já falecido aqui em Ichu... e sabe, é... toda dinâmica do EPA é muito legal, empolga. A gente escaneava fotos antigas, a gente fazia entrevistas... a gente conseguiu contato de uma pessoa do Rio de Janeiro que conhecia essa pessoa e que mandou foto pra gente [fade]. Na época que eu estudava, é... os projetos estruturantes meio que se misturavam com alguns projetos do ProEMI também. Então, por exemplo, a gente fez o EPA... mas o EPA a gente desenvolveu técnicas durante o ano com o ProEMI que ajudou a fazer o EPA... por exemplo, assim, os métodos de escaneamento [insertes do site Memórias criados por estudantes com fotos antigas da escola, localizadas e digitalizadas por eles], de produção de texto, de pesquisa, de entrevista... a gente desenvolveu durante o ano no ProEMI e no EPA a gente conseguiu usar essas ferramentas... teve o ProEMI de Comunicação [insertes de fotos dessas atividades] onde a gente discutiu tanto o audiovisual que a gente acabou fazendo audiovisual nos projetos... o PROVE foi a primeira vez que aconteceu no CEACO, foi a gente estreando. A primeira vez não... foi retomado. Antes tinha, mas não acontecia de forma consistente. E hoje a gente ver o PROVE com... muito mais carinho e amor na escola, né. Então, é... para mim isso é significativo... muito. Significou muito pra mim. E eu sei que significa muito pra muita gente

também. Pra as pessoas que tiveram do meu lado, as pessoas que assistiram a gente, que torceram pela gente, pessoas que... sabe, tavam envolvidas no processo inteiro. É, eu acho bonito isso tudo e eu levo no coração até hoje”.

Entra um fundo musical impactante com insertes demais fotos dele com os amigos nas oficinas do AVE, que participou uma vez, do FACE, EPA...

- Seguimos com o Vídeo de Milena (49’56)

5. Vídeo de Milena (4’28)

O vídeo começa com a narração da apresentadora (gravação em áudio) do Sarau do TAL, 2018, convidando Milena para declamar seu poema **Gigante pela própria natureza**.

Milena (0’10): “Boa tarde!”

O texto do poema vai aparecendo com letras brancas na tela preta, em forma de legenda, ao passo que Milena vai declamando, de modo animado, dinâmico... alternando as cores de alguns trechos em amarelo (referência ao Brasil) e vermelho (sangue)

Ó Pátria amada
Idolatrada, salve! Salve! [canta os versos e continua declamando]
Brasil.

Século XXI, tudo é comum
Sangue derramado é considerado como:
“só mais um”?

Afinal, a gente nasce para viver
Ou so-bre-vi-ver?
Tá tudo muito bagunçado
Tatuagem na testa
“sou ladrão e vacilão”
e a gente achando engraçado?

Greve! Greve! Greve!
Mas pra quê?
Se quem vai à luta
não tem o apoio que merece?

Somos um país cheio de diversidades
Deveríamos parar de rotular o amor
E aceitar que sentimento
não escolhe raça, cor ou sexualidade

Um jogo onde forte não é quem ganha
e sim quem acha
uma nova maneira de trapacear.

Talvez já esteja chato
mas não sejamos “só mais um”
desacreditado, sem esperança.

Vamos juntos! Somos a mudança!

E se daqui a alguns anos

Alguém por curiosidade perguntar:

“qual legado sua geração tinha a deixar?”

Irei responder com brilho nos olhos:

“Juntos lutamos para uma pátria honrar”.

-[aplausos e buzina da plateia... Milena entra falando dos projetos num vídeo atual]

Milena (1'28): “Pra mim os projetos estruturantes foram de extrema importância, [entra como fundo a música **Liberdade**, composta com uma colega (Josy) e interpretada por ela no FACE 2018] agregaram bastante, [inserte com fotos dela nas oficinas e no Sarau do TAL são alternados com vídeo atual] não só no período do Ensino Médio, mas na minha vida toda. Eu me descobri no mundo da poesia, né. Eu descobri que amava poesia, amava produzir, amava colocar meus sentimentos pra fora, dessa forma, né.”

Entra um inserte de vídeo dela cantando sua canção **Liberdade** no FACE 2018.

Milena (2'12): “A gente vê que o CEACO leva a gente muito a sério [insertes de fotos dela com colegas na exposição do EPA, na oficina do FACE, álbum do EPA] e que os projetos são importantes para isso, pra gente se descobrir, se reinventar... Eu lembro que [...] no primeiro ano eu não queria participar, participei forçado, porque no TAL fazia como forma de avaliação... e aí eu não consegui parar mais. Continuei fazendo no ano todo, no ano seguinte eu fiz e no terceiro ano, é, eu falei ‘agora vou participar de todos os projetos’. Inclusive eu participei do FACE [insertes de fotos dela se apresentando no FACE] que eu nem me identificava, achava que eu não tinha uma voz boa. Mesmo assim fui lá, meti as caras... e hoje eu sinto saudades. É... e eu acho que os projetos servem pra isso mesmo, [insertes de fotos da tela dela no AVE, da exposição e oficinas do EPA, alternando com a fala dela] pra deixar recordações boas... porque todas as vezes que eu vejo os vídeos, vejo as fotos até hoje eu me emociono, sinto saudade, sinto vontade de voltar lá, de... queria poder ter aproveitado mais... Mas acho que eu aproveitei como deveria. É... e é isso.”

Entra áudio com a poesia “**Tente**”, produzida e declamada por ela no Sarau do TAL de 2017 combinado com novas fotos dela nas oficinas e nos eventos dos vários projetos que participou.

Tente

Milena Silva Carneiro (2º matutino)

Não tente esquecer seus erros, acertos e... aqueles tropeços.

Eles te farão lembrar o quanto é importante cair para aprender levantar

Levantar e se manter em pé,

Crendo,

De que um dia você será

Tudo aquilo que quer.

Tente e seja persistente.

Tenha calma.

Siga em frente.

Você pode até tentar desistir,

Mas nem ouse fraquejar.

E quando, enfim, você chegar
 Irá perceber que valeu muito por tentar.
 Não só uma, duas, três...
 mas quantas vezes for necessário.
 Será maduro e grato por tudo
 Que lhe serviu de aprendizado.

Já dizia Ângelo Miguel,
 “Muito ganha aquele que aprende quando perde”.
 Se fere, mas no fim
 É recompensado com a cura que recebe.

Tenha sorriso no rosto
 Esperança no peito
 E o lema
 De que erro é sinônimo
 De recomeço.

- Seguimos com o vídeo de Wallefe (54’57)

6. Vídeo de Wallefe (10’01)

O vídeo começa com um trecho de um vídeo, com um músico (Aldeon) da cidade, gravado durante a produção da melodia da sua música, nas oficinas do FACE de 2017, e depois ele entra falando:

Wallefe (0’12): “Meu nome é Wallefe, sou ex-estudante do CEACO, tô aqui pra falar um pouco das minhas experiências que tive com os projetos artísticos no colégio, né. E dizer que eu já conhecia os projetos... [é interrompido por uma moto que passa, brinca no vídeo mudando pra preto e branco e um efeito de TV sem sina] Nossa, ô moto! Bom, voltando... [entra no fundo a melodia da música dele no primeiro FACE, **Sons da natureza**] Tô aqui pra falar sobre as minhas experiências que tive no CEACO, né, nos projetos artísticos... no FACE, TAL, AVE, PROVE e os demais. É, falar que eu já conhecia os projetos por conta do meu irmão ter participado, anos antes de eu entrar no colégio, então eu já fui... é, com a intenção de participar, né. Sabia, conhecia os projetos e achava bem legal produzir sua música, produzir sua poesia, produzir uma tela, fazer seu próprio vídeo... e eu achava isso tudo muito bacana, já que eu não tinha essa experiência... é no ensino fundamental. Bom. Nas oficinas... é, a gente escutava música, via obras de arte, nas telas, né... é, lia muita poesia, né, pra podermos nos inspirar a fazer a nossa própria, né. Isso é muito bacana, porque a gente conseguia ver o que tava nas entrelinhas das músicas, além da poesia... entender o contexto deles. Então, era muito bacana! Tava todos os alunos que iam participar numa sala e cada um trazia uma ideia diferente, né... E na hora de escrever, começar a produzir o seu projeto, vamos dizer assim (risos), era bem legal porque a gente, por exemplo no FACE, pega um papel, uma caneta, talvez um violão (quem sabia tocar) e ia pela escola... por exemplo, poderia ir pro pátio, uns iam lá pra fora... tinha um jardimzinho, aí podia tá lá escrevendo... e nesse jardim que escrevi a minha primeira música, chamada Sons da natureza. [inserte de foto do jardim/pátio externo onde ele escreveu a música e de outras fotos da oficina e do FACE 2016, o primeiro que participou] Então, no ano seguinte... é, eu já tava confiante, né. Já tinha criado uma confiança a mais, né, porque a gente perde a timidez nesses projetos porque a gente ensaia no colégio... então, é... basicamente todo mundo conhece sua música e é legal, cara, quando acontece isso porque... é, a galera canta sua música nos corredores e quando você tá ensaiando isso é muito massa. E... na hora da

apresentação dá, sim, um frio na barriga (risos), não tem como não acontecer isso, mas é... é muito massa.”

Entra um fade escuro, entra uma imagem de bastidores do vídeo dele, em preto e branco, mostrando em tom de humor as gambiarras que aprendeu na produção de vídeo na escola, tirando o mosquiteiro só pra gravar um inserte de vídeo com as telas que produziu no AVE, interrompido com o efeito de TV sem sinal... volta falando do AVE.

Wallefe (3'27): [entra como fundo o instrumental da música Sem medo de errar, a segunda dele no FACE, 2017] “Já o AVE, Artes Visuais Estudantis, é bacana porque a gente produzia tela, né, pintava na tela (risos). É, eu estraguei umas três telas aí (risos). Brincadeira! [entra inserte de vídeo com as telas que ele produziu expostas no seu quarto] Eu quis ter a experiência de fazer uma tela, me sentir um Leonardo (referência a Da Vinci). [o inserte de vídeo percorre as telas e depois segue pra uma foto dele, do 3º ano, tipo formatura, também na parede do quarto... e brinca] Menino Lindo! [efeito de TV sem sinal novamente] (Ri descontraído e retoma a fala sério) Então, participei os três anos e gostei bastante da experiência que tive, de desenvolver algumas técnicas de pintura...

(3'58) Mas voltando a falar do FACE, acho que foi o projeto que eu mais me empenhei, né, que é a produção de música... e eu produzi os dois anos depois do primeiro, que eu fiz a música **Segue em frente** falando um pouco dos nossos sonhos que devemos seguir... e o terceiro ano... já tava pra me formar, eu tava numa indecisão, não sabia o que fazer após sair de lá, né. E eu escrevi na música isso, e “**Sem medo de errar**”, como diz o nome da música, né. É, eu tava disposto a participar, fazer as coisas *sem medo de errar*, porque eu queria ter essas experiências que são muito importantes... além... para além da sala de aula, né. Mesmo sendo num colégio, é uma experiência que a gente não tem dentro da sala de aula, que não tá dentro do currículo. Isso é muito bacana. [insertes de fotos das oficinas e do FACE 2017, com sua música **Sem medo de errar** ao fundo]

Wallefe (5'07): Já no segundo ano, eu tava um pouco mais confiante, né, porque eu já tinha participado nos projetos no ano anterior, do TAL... o TAL a gente faz na sala de aula, ele servia como nota, ele é uma escrita de texto que você fazia na sala de aula, que era selecionado. E é muito bacana escrever de uma forma que não seja didática, de forma que não seja uma atividade. [entra insertes com o texto do seu poema **O lápis**]

Wallefe (5'40): Falar um pouco sobre o PROVE, né, que é o Produção de Vídeo Estudantil, dizer que foi muito bacana a experiência de se sentir um youtuber (risos), gravando vídeo e editando com os poucos conhecimentos técnicos que a gente tinha (risos). Eu lembro da gente editando porque a gente acertou cortar um vídeo (risos), eu e meus colegas comemorando, foi muito engraçado. O vídeo que a gente fez foi sobre o ProEMI, né, o Projeto Ensino Médio Inovador, em 2018... e a gente fez com pouco de um tema jornalístico com humorístico, né (risos). E resultou no vídeo, num filme curta-metragem chamado **Desvendando os mistérios do ProEMI**. [inserte de efeito de TV sem sinal, seguido de trecho do filme, seguido de fotos dos bastidores das oficinas de criação, tendo como fundo musical o instrumental da última música que criou no FACE, também em 2018... segue com risos e retomando a fala]

(6'57) Então, é, foi muito massa essa experiência. Logo depois que eu me formei, é, eu ingressei na universidade, eu tava esperando o tempo pra ser chamado e eu tive a oportunidade de ser oficinairo do FACE. E isso foi incrível cara, [inserte dele nas oficinas como oficinairo] porque você ajudar as pessoas a criarem a sua música, o seu vídeo, fazer a sua arte, não tem preço. E você sente que você dá continuidade a esse processo, né. De que você aprendeu e fazendo as outras pessoas dar continuidade a aquilo, que você gosta, né. E por fim, falar sobre a Banda

CACOS, né. [inserte de fotos de diferentes momentos da Banda] Como falar dos projetos e esquecer da Banda CACOS, que foi algo meio que revolucionário, né, a Banda CACOS. Você juntar os colegas na escola, dentro da escola e pra escola, uma banda de forró. Ai, foi muito massa os ensaios que a gente tinha lá. E o forró é bacana, porque a gente, é... da nossa região, da nossa cultura... [inserte de fotos da banda] e a gente tá lá só tocando e todo mundo na escola dançando... a gente entra no clima, a galera entra no clima nos ensaios da banda. [inserte de vídeo de um ensaio da banda]. Mesmo uma bagunça, faça uma zoadinha, você perca algumas aulas... mas você tem que dá conta do conteúdo, né, que é passado na escola.

(8'50) [com fundo instrumental da música Sem medo de errar] Então, dizer que as experiências do CEACO foram muito importantes para mim, porque me ajudou a ser quem hoje eu sou, a, a ... ser uma pessoa melhor, né. Isso que... que é legal porque você consegue transformar a vida das pessoas com isso. Isso é muito massa, cara. Espero que esses projetos sempre continuem na escola porque dá voz e vez pra todo mundo. E... é sempre bacana você aprender uma coisa nova e... é isso!

Encerra com créditos e insertes de novas fotos do FACE, das oficinas, da banda e da apresentação musical que os estudantes têm feito no intervalo dos últimos festivais, tendo como fundo a última música dele, Sem medo de errar.

- (1h04'55) Continuamos o Sarau convidando os criadores dos últimos três vídeos assistidos a dizerem algo mais sobre o vídeo, sobre as experiências, assim como quem mais da plateia quiser.

Wallefe (1h06'00): “É... acho que falar só assim... eu acho que deveria ter aproveitado mais. Falar que nem... pegar a fala de Milena. Acho que eu poderia ter aproveitado mais, poderia ter feito o EPA (risos na plateia, comentário de Edilma de que ficou só na promessa). Fiquei só na promessa... era pra ter feito o EPA... (risos). Mas, enfim, essas experiências são incríveis, cara. Eu acho que é uma coisa que marca bastante a gente na escola, porque a gente consegue fazer outras coisas sem ser o que está dentro da sala de aula. Eu acho que isso é muito bacana. Mas, enfim, acho que só é isso mesmo que eu tenho pra falar.

- Questionei sobre aspectos que ele aborda no vídeo como medo, ansiedade, filar aula...

Wallefe (1h06'45): “É... oh, esqueci de falar de filar aula, viu... (risos) Vou lembrar que tinha umas aulas que dava vontade de filar mesmo, pra participar dos projetos... acho que podia ter participado do EPA, acho que gastava mais tempo. (risos)

Matheus (1h06'45): [entra na conversa sobre filar aulas para participar das oficinas] “Particpei de todos por causa disso. (risos) Porque era o maior tempo possível cortado. (risos de Wallefe)

- Pedi que falasse dos conflitos/problemas das oficinas dos projetos com a realização das aulas...

Wallefe (1h07'20): “Bem, é... Foi como eu disse, né. Além da gente desenvolver essas atividades aqui na escola, a gente tem que desenvolver as atividades dentro da sala de aula, né. Precisava desenvolver as atividades porque a gente precisava passar de ano. (risos) Então, a gente precisava fazer isso. E, quando eu falei sobre medo, insegurança, acho que era porque eu estava prestes a me formar no terceiro ano, até como eu falei no vídeo três vezes sem medo de errar, né... aí porque queria dizer que tava... é... querendo participar das coisas. Tava afim de me jogar, porque eu não sabia muito o que fazer... é... após aqui, né. Então eu tinha um pouco

de ansiedade mas, enfim, hoje eu tô aqui graduando de Geografia e tentando me tornar professora pra continuar fazendo esses projetos aí. (risos)”

- Comentei que nós vamos sair daqui a uns dias e que eles entram...

Matheus (1h08’23): “Era isso que eu tava pensando em comentar, né (risos). Gostava tanto da escola que eu falei: ‘eta, acho que eu vou fazer alguma profissão que continue na escola’. (risos) É isso, né. Foi muito legal participar de todas as oficinas... eu também procurei participar do máximo possível... mas só no terceiro ano mesmo que eu participei acho... quase todas... e no primeiro ano só participei do FACE. Foi pouco... vou participar de mais coisas. É, tanto que também me tornei oficineiro... a gente tem dois anos aqui fazendo música. Antes tinha o músico pago, né. E aí veio a gente voluntário, né... praticamente.

- Questionei sobre caminhos que buscaram a partir dos projetos, por exemplo investir mais tempo em aprender sobre o processo de produção de música, de filme... comentei que eu mesmo aprendi tanta coisa de lá pra cá, inclusive com eles... sobre se eles enveredaram mais por essas modalidades artísticas... se buscaram mais a partir dos projetos ou se já tinham experiência e trouxeram para eles...

Matheus (1h09’52): “É... porque eu já tinha um pequeno conhecimento antes do FACE, só que graças ao FACE acho que eu melhorei. Quando eu comecei a mexer com negócio de computador de mixação, eu sabia o básico... mas graças ao FACE eu melhorei bastante. Eu já sabia um pouquinho, mas era tão pouquinho assim... mas a prática, a necessidade fez a gente a querer aprender mais, querer enfim...

Wadson (1h 10’19): “[...] Auxiliamos em duas músicas, né Matheus... pra o regional... (referência ao fato de ter ajudado na produção de duas músicas que foram escolhidas para o FACE regional, uma do CEACO e outra de uma escola de Bandeaçu, onde eles foram com a equipe realizar as oficinas) Matheus, eu, Wallefe... nossa equipe auxiliou, não é... porque nós não podemos dizer que colocamos músicas no regional, não. Nós auxiliamos duas canções pra o regional, isso foi uma conquista épica...

Matheus (1h10’40): “Porque como chamaram os meninos, né... porque uma outra escola chamou... aí falou assim ‘é Matheus, vem aqui também e a gente faz as músicas’... aí a gente mandou uma música aqui do CEACO pro regional e uma música de Bandiaçu... no mesmo ano... foi... isso foi bem legal.

- Estimulei outras pessoas a falarem...

Fernanda (1h11’19): [professora que desenvolveu o EPA, alguns anos] “...Eu só queria falar sobre que... que tá vivendo isso aqui é mesmo que tá vivendo os dias lá... vamos dizer assim da culminância do projeto, né. E até o coração começa acelerar (risos) é uma sensação boa mesmo... acho que ouvir vocês falando isso é dizer o quanto esse projeto é importante, o quanto é bom ouvir isso de vocês... o professor né. Porque como a gente tava aqui comentando, Edilma e eu, como difícil é, o cansaço que dava de tanto a gente ter que planejar aula, se doar ao projeto, mais isso é compensador, quando a gente escuta vocês falarem assim. E assim, acho que o projeto não é tão importante quanto ouvir e ver vocês... prosseguindo, né. Dando continuidade nisso. Como ver Engel tá produzindo bons vídeos, né. Ver Wadson se tornando cantor, ver vocês dois aí como Matheus e Wallefe falando que quer ser professor. Sabe, isso é muito mais gratificante. Essa importância de ver que tudo... deu certo... Eu lembro também que a gente

fala muito com os alunos ‘vamos participar, é bom’. E eles às vezes não acreditam... e só depois que participa, que faz o projeto e que vê como é legal, como isso foi importante. Isso é muito legal tá aqui e ouvir de vocês (risos).

Edilma (1h12’43): [professora realizadora do projeto EPA] “Aí às vezes os meninos perguntavam assim pra gente: ‘e vale nota?’ (gargalhada da plateia) E vale nota? Porque se disser ‘não’... ‘então não quero’. (risos) Porque às vezes ficava muito preso à estrutura da sala de aula, né. De avaliar, de que produzir uma atividade pra ter uma nota. Embora, a gente enquanto professor coordenador do projeto sempre pontuava os alunos que participavam do projeto com uma nota extra. (risos) Mas não necessariamente... não necessariamente é... com esse olhar de estar fazendo ali pra ser avaliado pra uma disciplina, pra uma nota. E o quanto isso, mesmo tendo essa liberdade de fazer ali, apesar de que, que a gente tem aquele processo da avaliação, no processo final ali da culminância dos projetos, sempre tem... está passando sob o crivo de um julgamento, né ali. É, mas a produção final era o que mostrava, que revelava o quanto vocês aprendem, né... a gente também, que tava a frente dos projetos, o quanto a gente aprendia com vocês, aprende... e não, necessariamente, aquela nota, né. Dez, oito (risos)... aquela nota tradicional. Isso mostra como essa estrutura da escola de avaliação em si, não reflete a importância... não é importante. O quanto a produção em si do material concreto, né... o produzir mostra o quanto vocês aprendem muito mais do que a nota em si. É isso que eu tô querendo dizer... (risos) O processo...

Fernanda (1h14’31): “Assim, eu tenho até hoje guardado, algumas escritas... de Andreissa, mesmo, eu tenho... de muitos de vocês, alunos, do TAL. Tenho ainda guardado com as letrinhas de todo mundo ainda. (risos) Eu prefiro guardar assim... ainda tem lá a pastinha do CEACO (risos).

- Seguimos com a exibição dos vídeos... (1h 16’ 09)

7. Vídeo de Engel (6’03)

O vídeo começa com o banner das oficinas da pesquisa e uma trilha sonora de suspense... depois de um fade em tela preta ele aparece ajustando a câmera que o filma, iluminação no busto, fundo pouco iluminado... olha para os lados demonstrando apreensão e começa falando pausadamente...

Engel (0’22): “Falar dos projetos artísticos... [entra um crédito com o título do vídeo ‘PROJETOS ARTÍSTICOS DO CEACO, episódio 01, e a legenda ‘Como tudo começou...’] Bem... Os projetos artísticos... do CEACO, foram uma coisa... muito impactante na minha vida, foi tudo que... me deu um norte, eu diria. Eu entrei no Ensino Médio em 2017 e... era tudo muito novo pra mim. Eu conhecia poucas pessoas, os amigos eu tinha ainda eram do fundamental... Eu não era tão engajado em coisas assim, não era tão participativo, eu era um pouco até tímido, eu diria. A gente ficou sabendo que a escola promovia vários projetos... ou o estado promovia vários projetos... Quando eu entrei... é, no colégio, [insertes de fotos dele com colegas na oficina do EPA] eu me lembro que um amigo meu me convidou pra participar do EPA... é, Educação Patrimonial e Artística, que é um projeto onde a gente faz pesquisa de campo, [inserte de foto realizando pesquisa de campo na zona rural] constrói um álbum sobre uma história relevante do município. Eu nunca tinha participado de nada do tipo, então, foi uma experiência assim, muito extraordinária na minha vida. O processo do projeto, as oficinas, as pesquisas de campo... é, a montagem dos álbuns... tudo aquilo foi uma experiência muito nova... houve muitas trocas ali, trocas de vivências, de experiências. [inserte de foto do primeiro álbum que a equipe dele produziu] Eu nunca tinha experimentado aquilo antes. Foi

muito marcante, deixou, assim, um gostinho de ‘quero mais’... Poxa! É tão legal os projetos que eu acho que eu vou participar no próximo ano de outros projetos, além do EPA. [Fade escuro] Bem, nos outros anos, eu comecei a participar mais ativamente dos projetos. E aí, foi quando, eu, realmente, criei um vínculo muito forte com eles. Era um universo maravilhoso. Então, no outro ano, além do EPA, eu participei de muitos outros: eu participei do FACE, Festival Anual da Canção Estudantil [inserte de fotos das oficinas do FACE], participei do PROVE (Produção de Vídeos Estudantis) [inserte de fotos das oficinas do PROVE] e também do TAL (Tempos de Artes Literárias). Então, foi um universo maravilhoso, eu fiz muitas amizades e comecei a me engajar em outras áreas [insertes de outras fotos das oficinas do FACE, PROVE] que até então eu não olhava com tanta atenção, então eu comecei a olhar mais pra música, comecei a olhar mais pra produção do audiovisual... Lá eu fiz novos amigos e... participar ativamente desses projetos me proporcionou muitas experiências boas, coisas que eu levei pra mim. Então, eu posso dizer que os projetos, eles me moldaram... é, eu lembro com muito carinho deles e se eu pudesse voltar no tempo pra rememorar todos os momentos que eu vivi nos três anos dos projetos, eu faria isso sem hesitar. Porque é uma coisa que tá guardada aqui no meu coração. [inserte de fotos das oficinas do FACE, dele atuando com colegas como oficinheiro na produção musical] E, atualmente, eu vejo que os projetos, eles são uma parte muito importante da escola, no caso do CEACO eles são um complemento vital pra que a escola produza... [inserte de novas fotos dele com colegas nas oficinas] é, não só conhecimento, como também produza arte pra outras vias, outros fins... e não só ficar lá na sala vendo os conteúdos do currículo e tudo. Não, os projetos eles têm uma proposta a mais, eles colocam os alunos na vanguarda. Um colega meu dizia isso com muita frequência: [inserte de uma foto de Matheus e um efeito sonoro de entrada] ‘os projetos coloca a gente na vanguarda’. E não é à toa que você se sente importante ali, naquele momento: produzindo, compondo, escrevendo, atuando... É uma sensação maravilhosa, né. Indescritível, eu diria, né. Não tem preço você participar dos projetos... é algo muito bom, é algo... é algo muito legal. Então, se você tiver oportunidade de participar dos projetos, participe... é algo surpreendentemente bom, você não vai se arrepender. A escola hoje, ela precisa dos projetos. Ela não pode deixar de fazer os projetos e os projetos precisam da escola. É um caszinho que... não pode se separar.”

Entra um fade com tela preta com os créditos do vídeo e depois um inserte de um vídeo gravado por ele em uma das oficinas em que brincávamos cantando a música **Bate na porta do céu**, com inserte de fotos e vídeos em que ele e colegas aparecem descontraídos nas oficinas e nos festivais, finalizando com a expressão dele “muito bom” gravada no vídeo da música. Um destaque para o clima de amizade e descontração em que ocorrem as oficinas de criação, um contraste com a rigidez das atividades de sala de aula.

- Continuamos com a exibição do **vídeo de Gênisfer**... (1h 22’ 12)

8. Vídeo de Gênisfer (5’22)

O vídeo começa com trecho de um vídeo gravado na oficina do FACE 2017 (o terceiro que ela participou), durante a produção da melodia, em que ela canta sua música **O tempo** (sempre gravamos esses momentos para registrar as ideias, para não esquecer e poder retomar alguns dias depois, quando realizamos a produção final da melodia e arranjos), segue mudando o fundo musical com a mesma música gravada nos ensaios com insertes de fotos dela se cantando nos Festivais da Canção na escola, com sua tela na exposição do AVE em que foi vencedora e depois de fade com tela preta ela entra sorridente, continuando a música como fundo, depois muda apenas para o instrumental.

Gênifer (0'18): “Olá pessoal! Eu sou a Gênifer Maria, fui estudante do CEACO de 2015 a 2017, e lá eu conheci os projetos literários. Era algo novo pra mim, é... eu não conhecia antes. E foi também através do professor Edivan... me incentivou, incentivou também várias pessoas a participar... foi um desafio [insertes de fotos dela nas oficinas do FACE e ensaio da Banda CACOS] porque eu não conhecia antes esses projetos, era algo novo... E, claro, não podia deixar de participar, de me desafiar a isso. E eu fui, né, embarquei e participei dos três anos nos projetos. Os projetos em si, eles são ótimos, né, é... eles são muito importantes pros alunos... é, eles incentivam esse lado artístico do aluno mostrar o seu talento [insertes de fotos dela nas oficinas e na exposição do AVE, na banda CACOS], de conhecer a si mesmo, sabe... de se desafiar... ir ali na frente de todos e apresentar a sua arte, a sua música, a composição que você fez. [insertes com novas fotos dela nas oficinas do face enquanto continua a falar] E aí, no primeiro ano eu só participei do FACE, né. No segundo ano, é... eu já entrei em outros projetos, eu já queria mais, eu já queria conhecer os outros projetos e me interagir em todos. [mais insertes de fotos dela nas oficinas do AVE] Participei do AVE, que é o da tela, de você produzir uma tela, fazer um desenho... E, é a mesma coisa do FACE: cada processo é uma felicidade. E... eu não imaginava que os projetos... eles seriam tão importantes pra mim [entra no fundo musical a música Liberdade composta por ela com Jéssica, a irmã, no segundo FACE que participou, em 2016] porque no momento que você tá ali dentro você não imagina que vai sentir falta depois. E quando eu me formei, quando eu saí do CEACO, eu senti saudades, senti falta desses projetos porque foi muito importante pra mim. [entra um inserte do vídeo dela cantando no FACE 2016, seguida de foto dela declamando o poema do TAL no mesmo ano e de fotos dela no FACE, nos ensaios desse festival de da Banda CACOS, que também integrou, depois de um fade em tela escura ela retorna falando tendo como fundo a primeira música que produziu no FACE, 2015]. (2'51) E hoje, é... eu vejo os meus quadros expostos, né, paro pra ver as fotos... é, as minhas composições, ficou escutando... e é só saudade. Porque isso eu sempre vou carregar comigo nas minhas memórias, né... é, nas minhas lembranças... é, dos anos que eu fiquei no CEACO e dos projetos que eu participei. [novos insertes de fotos dela nas oficinas do AVE e do FACE] E... claro que a gente não queria que isso só ficasse nas nossas memórias, nas nossas lembranças... que as pessoas pudessem conhecer esses projetos, que as pessoas... elas pudessem essas produções maravilhosas... [inserte de foto de uma poesia dela no TAL, 2016] porque é uma mais bonita que a outra. É... e são muitas, porque foram vários anos de projeto. E eu finalizo o meu vídeo, né, com a palavra gratidão. Eu só tenho felicidade... é, saudade também, né, desses projetos. E... eu levo uma mensagem agora que tem a oportunidade de participar desses projetos, participe. Não se pergunte duas vezes, não fique com o pé atrás. Vá, mostre a sua arte em forma de música, em forma de poesia... é... permita-se sair de sua zona de conforto, sabe... é... Só sabe essa tamanha felicidade, essa tamanha gratidão, quem participa. [inserte com outras fotos dela no FACE, na exposição do AVE enquanto continua a falar] Eu não sei nem explicar a sensação que é estar lá na frente cantando (risos), a sensação de ver seu quadro exposto, de ver seu quadro indo pra segunda fase... e é muito gratificante mesmo, só tenho saudade... é... E que esse projeto alcance milhares de pessoas, né... que essas produções possam ir muito além, que as pessoas possam conhecer cada pedacinho que foi produzido lá no colégio CEACO.

Encerra com fade em tela preta e aparece um trecho de um vídeo gravado na oficina do FACE de 2015, dela cantando à capela, criando a melodia de sua primeira música, Sorriso lindo, depois segue com a música gravada nos ensaios e inserte de fotos dela, com os créditos, se apresentando em um festival, dela nos ensaios da banda CACOS.

- Continuamos exibindo o **vídeo de Gustavo** (1h 27' 32)

9. Vídeo de Gustavo (3'46)

O vídeo começa com a tela escura, ao som da apresentação da Banda CACOS no São João escola, em 2019, em que Gustavo toca na flauta a música A volta da asa branca (de Luiz Gonzaga), aparecendo com um fade o vídeo dessa apresentação.

Gustavo (0' 31): “É, já entrei no CEACO com uma experiência boa com a música, já tocava flauta, um pouco de percussão, flauta doce, pra quem não conhece e flauta transversal. [novos insertes de fotos dele na Banda CACOS]. Daí então, eu recebi o convite de professor Edivan, e comecei a participar da Banda, aí fui tendo mais conhecimento com a música, graças à Banda e a ele também, né. [insertes de trechos de vídeos dele nas oficinas do FACE, produzindo a melodia e os arranjos de sua música **Realidade cruel**, assim como no ensaio e no FACE 2019] (1'48) Aí entrei no FACE, nos projetos, participei três anos do FACE [novos insertes de fotos dele nas oficinas do FACE] e foi uma experiência boa, viu, pra mim. É, desenvolvi mais na música, até cantei que não cantava. E assim, é... não só os projetos mas a escola em si foi uma experiência muito boa pra gente. [Entra um trecho de um vídeo gravado em um ensaio nas oficinas do FACE 2019, ano em que participou pela terceira vez em]. Foi uma experiência muito boa, que até tudo que envolvia música eu tava dentro... foi uma das melhores escolas que eu já estudei. E a energia do CEACO é diferente, né. Muito bom mesmo. E eu só tenho que agradecer (risos) à escola, todo mundo e, especialmente, a Edivan, né. Foi ele que me deu a força, me ajudou bastante e me incentivou também. E é isso.”

O vídeo encerra com os créditos e insertes de vídeo dele cantando na Banda CACOS.

- Retomamos as conversas no Sarau, sobre os três últimos vídeos assistidos... (1h 31' 30) convidei Gêniifer, perguntei se ela esta ouvindo na conexão pelo meet e os demais a falarem.

Gêniifer (1h 32' 02): “Oi Edivan, tô sim! Então (risos) É... é o que eu falei no vídeo, né. E eu fico lembrando aqui no dia que o senhor mando o vídeo editado (risos)... aí, as fotos, os vídeos... das produções, desses momentos que eu vivi, na verdade, né, dentro do CEACO. E nossa! Os olhos chega enchiam de lágrimas, eu assistindo o vídeo. Porque tinha coisas que eu não lembrava!! (risos) E é tão bom ver, sabe. É... tipo, momentos que, realmente, a gente passou e teve dentro do CEACO. É, uma saudade que eu tenho dessa sala de produção... dessa sala que a gente ensaiava com a Banda, da sala que a gente ia lá... enfim. E eu só tenho saudades, mesmo. É o que Fernanda falou nestante, que as pessoas, elas tinham um medo, né, de participar, né... tinha essa resistência. E aí, aquela coisa, sempre tem esse medo. Mas é bom a gente ‘dar as caras’ pra o novo. E foi exatamente o que eu fiz, né. Eu fui, falei ‘vou particpar’. E aquela coisa, me empolguei e quis participar todos os anos. Se eu pudesse eu participaria de vários outros projetos que tem. Mas eu sabia que eu não ia dar conta. Então eu ficava com um ou dois. E aí, eu me dedicava demais. E aquela coisa eu vivia dentro do CEACO. Eu estudava pela manhã, mas à tarde eu sempre estava lá. Eu tava lá... é, fazendo a minha produção, eu tava lá terminando de pintar o meu quadro, eu tava lá ensaiando com a Banda... então, eu vivia dentro do CEACO. Então, é aquele coisa o CEACO não sai de mim nunca. Eu saí do CEACO, mas o CEACO ele sempre vai permanecer em mim. E é isso, eu só tenho a agradecer. Agradecer ao senhor pelas oportunidade... de... (risos) fazer a gente viver isso. (risos) E lembrar vários momentos bons. E aquela coisa que vai ficar sempre nas nossas memórias. Só gratidão, mesmo.

- Retomei comentando o que Gêniifer lembrou dos espaços, saudade da “sala da rádio”, onde geralmente acontecem as oficinas dos projetos artísticos (FACE, AVE, Banda), um espaço que subvertemos que foi projetado para ser um laboratório de ciências da natureza foi transformado em um laboratório de linguagens. Comentei a importância do Projeto de Comunicação que produziu a maioria das imagens que temos na pesquisa, produzidas pelos próprios alunos.

Provoquei sobre pontos que saíram muito nos vídeos como a questão da amizade, da felicidade... comentei que observei na tela de Gênisfer que ela pintou a si mesma, as cores das roupas que ela estava na oficina do AVE, me dei conta olhando para as fotos da oficina. Questionei a Gênisfer se foi isso mesmo.

Gênisfer (1h 36' 02): “Sim, sim... é aquela coisa que quando você tá lá pintando, você fica ‘e aí qual vai ser a cor que vou pintar?’ E aí, eu tava com a roupa, e aí eu falei: ‘é vai essa aqui mesmo, vai essa roupa...vai ser... essa pessoa aí vai ser eu’. E uma história engraçada que esse quadro, dos três caminhos (representado no quadro) é que, é... a minha família sempre fala: ‘parece que você estava perdida’ vamos dizer assim, né. Eu tava procurando alguma coisa que... eu não... é aquela coisa, você tem uma... em mente alguma coisa que você quer desenhar e aí na hora saía... saiu aquilo. E aí eu não conseguia certamente me colocar, porque eu não tinha muita manha ali, sobre a pintura. Então... Mas foram todos importantes pra mim, os quadros que eu pinte... acho que só pinte dois. Um passou pra segunda fase, que eu fico feliz até hoje. E é isso, é... eu nunca conseguia colocar exatamente o que eu tava pensando ali no quadro, mas era o que saía. Então, é isso.” (risos)

Engel (1h 32' 15): “Boa tarde a todos. É um prazer está aqui de novo no CEACO, é a minha segunda casa. É, eu passei a maior parte... do tempo aqui, quando eu estive estudando aqui. Era de manhã, de tarde, de noite, de madrugada... (risos) Era aqui que eu vivia. E assim, os projetos eles têm uma importância muito significativa na minha vida. Primeiramente, porque hoje se eu tô na universidade fazendo história é por causa do EPA... cadê Edilma? Edilma não tá aqui agora, mas... Por causa do EPA, por exemplo, eu escolhi meu curso, né. Foi uma coisa que me animou a me guiar assim. Comecei a gostar mais de música, aprendi a tocar violão por causa do projeto... assim, não aprendi dentro do projeto, mas eu cheguei a ver algumas coisas dos projetos antes de entrar os projetos... eu comecei a querer me engajar mais na questão da arte. Eu aprendi a tocar violão, depois eu... é, eu também aprendi a editar um pouco, de vídeo... foi muito útil, na pesquisa, a gente produzir os vídeos. Mas eu acho que uma das coisas mais valiosas que eu consegui nesse processo, foram as amizades. Porque eu já tinha alguns amigos... mas assim, depois que eu comecei a participar dos projetos, eles multiplicaram e muito. Comecei a fazer amizade com muita gente. Por exemplo, Walllefe, Matheus... até eu entrar no Ensino Médio eu não conversava muito com eles, né. Comecei a conversar mais... É fui também fortalecendo os vínculos com os professores que hoje também são amigos, né. Então, assim... foi muito importante pra mim. Eles são, assim, uma parte da minha base como pessoa. Então, eu só tenho a agradecer... à escola, os professores que promoveram os projetos e que promovem, né, em meio a tantas adversidades, tantas dificuldades, na medida do possível, tá sempre ocorrendo os projetos que é tão esperado pelos alunos, né. Enfim, é uma coisa muito especial. Então, é... guardar no coração.

- Estimulei a Gustavo, que não quis falar... comentei sobre o fato dele, como outros alunos já terem alguma relação com algumas das modalidades artísticas dos projetos, gostava de música, gostava de vídeo... o fato dos projetos atraírem os alunos por afinidade... sobre mudanças, melhoras nos projetos com o que os estudantes trazem para dentro dos projetos e se eles ficaram melhores com essas contribuições dos alunos, as trocas, o que os estudantes trazem e levam pros/dos projetos. Gustavo não quis falar, mas Engel retomou.

Engel (1h 41' 09): “Eu gostaria de falar um pouquinho sobre esse ponto que você salientou. É, dos projetos mudarem pra melhor e tudo. Porque acaba sendo um processo conjunto, assim, né. Os professores promovem os projetos, só que no meio daquele processo todo das oficinas e tudo mais, os alunos eles começam a... fazer aquelas trocas mútuas de aprendizado, de

experiência. Aí uma coisa vai influenciando a outra, o projeto vai ficando mais completo [lembrei da descoberta deles na edição de vídeo de como cortar o vídeo com um atalho]... com S... aquilo foi revolucionário, nossa parece que a gente tinha, sei lá, descoberto ouro. E agente ficou ‘é, conseguimos!’... Mas assim, porque, realmente, é uma coisa significativa, né, quando você um avanço dentro do projeto. E a gente ainda fica com aquele sentimento de querer retornar, pra poder trazer coisas novas. Pra poder trazer, é... experiências, vivências. A gente acaba aprendendo em qualquer lugar e fala: ‘nossa isso aqui poderia ser útil, eu acho que vou voltar lá pra falar sobre isso, né.’ então é um processo conjunto e os projetos eles sempre vão indo pra melhor, sabe. Tem sempre essa troca que vai deixando os projetos mais densos, os projetos mais densos, com novas dinâmicas. Por exemplo, esse último projeto de 2021, nós viemos com a tática de fazer as oficinas em ambientes virtuais... foi a primeira vez que a gente fez. Nós fizemos um esquema diferente para conseguir fazer as produções. Então, assim, foi um momento meio adverso, meio atípico pra gente, mesmo assim a gente conseguiu fazer os projetos. Então, eu vejo isso como uma evolução. Que é, justamente construída no conjunto, no todo, entende. Então é muito por aí.

Neja (1h 43’ 03): [professora realizadora dos projetos nos últimos anos] “Primeiramente, que é incrível, né, a gente ouvir o relato dos estudantes... pelo vídeo e também pessoalmente. Isso me motiva muito, né, a abraçar com mais garra, na... assim, na elaboração desses projetos na escola, dizer que eu estou feliz de estar trabalhando numa escola que defende uma proposta de educação como essa... Dizer ao professor Edivan, que ele foi muito feliz em defender em sua tese de doutorado um proposta, né de educação que envolve a produção dos alunos, a criatividade... coisas, assim, muito bonitas e significativas na vida estudantil. Dizer também que eu estou muito feliz com seu sucesso, a gente foi colega, né, de escola, estudamos o fundamental II e o magistério, né Edivan, que chamava assim. E mais feliz ainda de ver um filho de um agricultor se tornar doutor e defender né, uma escola pública de qualidade. Parabéns, Edivan, parabéns os alunos. Dizer que é gratificante, também, a doação desses ex-estudantes, né, colaborar pra que outros estudantes possam crescer como eles cresceram.

Wallefe (1h 44’ 56): “Só pra falar assim, um pouco sobre o que Engel estava falando... é que... como ele disse que se fortalecia o vínculo... é a questão da amizade. Conhecer esses caras que estão aqui do meu lado, Matheus, Hiago, Engel, a gente que era de turnos opostos, né, e poder trabalhar juntos na escola... e a troca de aprendizagem é o que levava a gente é... a se aproximar mais, né. E é isso. E a cada ano a gente ia crescendo mais, porque a gente trazia ideias novas... e, principalmente agora... começou a ser oficinairo, né, começou a ajudar nas oficinas do FACE, quanto dos demais projetos, então essa troca de experiências, ensinaram a gente, né. E... vamos ter que aprender tal ritmo musical pra fazer essa música (risos)... precisa fazer isso. Então, isso é muito legal e ajuda a crescer bastante porque (como tu fez a pergunta Edivan) eu tava aprendendo a tocar violão quando eu cheguei no colégio... então esse carinho, fez muito parte de mim, acho que de meus colegas, porque a gente ficava aí tocando violão nas horas vagas, no patio, nos corredores. Então, ajudou a crescer muito, bastante, na música e nas outras coisas.

Wadson (1h 46’ 22): “É... importante a... o que todo mundo coloca, né, que se sentiu parte desse processo, que queria mais. Então, é uma sensação de pertencimento incrível e no meu discurso eu disse que participei em 2010 não como personagem principal, mas como coadjuvante, no sentido de que hoje e naquele momento de 2011 até 2013, o FACE me pertencia, eu queria ser protagonista. E esse é o sentimento de muitos hoje em dia, principalmente aqueles que já tem uma afinidade maior da segunda participação em diante aí começa, realmente, a querer ser protagonista. Acho que esse processo ele já inicia quando a

gente começa ensaiar ali, né. Porque é uma cultura que vai mudar, né, é uma cultura que vai... é, atualizar. Porque chega pessoas aqui nas nossas oficinas que não gosta de tal música, chega com um pré-conceito de algum estilo musical e quando chega no FACE isso tudo cai por terra. Porque a gente consegue tirar o melhor dessas pessoas. Eu acho que isso acontece também dentro do TAL, dentro do AVE, né... ouvi o pessoal falando muito assim. Nas telas, de colocar o que sente na tela... isso é importante, porque as pessoas começam a achar que fazem parte do projeto, do processo, e fazem mesmo, porque sem as pessoas não existe projeto estruturante. Então, essa sensação de pertencimento, essa sensação de protagonismo juvenil, de protagonismo pessoal, né. Porque hoje tem o protagonismo juvenil, mas tem também o protagonismo pessoal, que eu realmente me sinto protagonista desse processo, não mais do que quem participa, porque quem canta, quem faz as músicas, quem vai participar mesmo, quem vai cantar precisa ser o personagem principal. Nós somos apenas instrutores naquele momento, nós somos apenas facilitadores. Mas não impede que a gente seja protagonista da nossa função. A minha função é de instruir os colegas, instruir os estudantes a cantarem melhor, a desenvolver mais a musicalidade, né. Eu preciso ser protagonista para que eles sejam protagonistas também na música dele, desenvolvendo um talento que, às vezes, nem ele sabe que tem. Né, Milena, não sei se Milena tá aqui ainda... mas foi importante a participação dela porque fez uma música que falava de mulher... e aí a gente foi construindo aquela música juntos, e foi muito bacana. E eu percebo que tem muito de mim dentro do FACE, tem muito de Wallefe, muitos solos foi a gente que criou, Engel... é muito bacana, é muito importante pra nós, como profissional e como pessoa, também. E o CEACO, a escola nos dá essa oportunidade. Espero que tenha pessoas pra quando a gente passar, é... isso não acabe. Muito obrigado.

- Convido para assistir o último bloco de vídeos e provoco que depois possamos comentar sobre a liberdade temática as produções e os fluxos de assuntos dos contextos vividos pelos estudantes em cada momento da história, do que está acontecendo no entorno dos estudantes. Começamos com o vídeo de **Rian** (1h 51' 21)

10. Vídeo de Rian (6'37)

O vídeo inicia com um trecho do filme que ele produziu no PROVE, 2018, **Simplemente desista**, depois de um fade com tela escura Rian entra falando.

Rian (0'24): “Bom. Logo que eu cheguei no CEACO eu fui... eu me deparei coma Semana de Acolhimento, uma semana onde os alunos novos são acolhidos, e ali foi apresentado o cronograma anual das atividades no âmbito escolar no CEACO. Ali foi apresentado os projetos artísticos que a escola trabalhava e diante daquilo eu logo me interessei, porque eu sou uma pessoa que gosta de produzir, [insertes de fotos dele participando das oficinas do AVE, do EPA, do álbum do EPA] sou uma pessoa que gosta de experimentar coisas novas, uma pessoa que assim, de alguma forma, quer de tá envolvido com as atividades da escola. (risos) Eu era uma pessoa que gostava de se envolver. Eu vi nos projetos artísticos que estavam sendo apresentados ali, a possibilidade de eu me incluir mais, de eu me envolver mais com a escola. Ali eu pude desenvolver habilidades, eu pude experimentar coisas novas, eu pude desenvolver habilidades que eu tinha, como eu falei, [inserte com foto dele nas oficinas do TAL, do EPA, na exposição] que antes eu não conhecia, né. Inclusive, dentro do TAL e dentro do EPA que foram as duas oficinas que eu mais participei, que eu mais produzi, que eu mais me identifiquei. O TAL, ele me possibilitou de uma forma, assim, a expressar-me através da literatura, através da caneta e do papel, onde eu pude conversar coma caneta e o papel, eu pude traçar, né, letras que mostravam... cada letrinha é como se fosse uma expressão, um sentimento que tava ali dentro de mim e através delas eu conseguia me expressar. Ou seja, ago que eu não fazia anteriormente, né... que eu não me possibilitava... dessa forma eu me permitir a fazer através dos projeto

artístico, do TAL, melhor dizendo. E no EPA eu pude participar, produzir e pesquisar, experimentar a área da pesquisa de campo, [inserte com fotos dele com colegas fazendo a pesquisa de campo do EPA] a área da pesquisa de objetos, da fotografia, da escrita, né. Eu pude participar junto com meus colegas, dessa parte. E isso me possibilitou também, experimentar essas coisas que eu ainda não tinha experimentado, vivenciar essas coisas que eu ainda não tinha vivido. E isso gerou marcas, né, na minha trajetória como estudante. Todo o Ensino Médio foi marcado pelos projetos. Quando o ano acabava que iniciava o outro ano, o próximo ano... eu já logo ficava me perguntando qual seria as datas dos projetos porque eu queria produzir novamente, eu queria colocar em prática as novas ideias [insertes com novas fotos dele nas oficinas], eu queria de uma forma ou de outra novamente ‘quebrar minha cabeça’ positivamente novamente, pra produzir. Porque eu gostava, era algo muito legal. E os projetos me possibilitaram isso, me possibilitaram viver essas experiências incríveis que mararam a minha vida. É... outro projeto que a gente ria bastante, era o projeto do PROVE, né, [inserte de fotos dele nas oficinas do PROVE], onde a gente pode fazer oficina de vídeo, produzir... [insertes com novas fotos das oficinas do PROVE] a gente elaborou um tema, era um tema bem... era um tema que se encaixava dentro do contexto, né, que a gente tava vivendo. A gente elaborou o tema da depressão e ali eu pude participar, né, atuando ali (risos)... é uma coisa que eu gosto de fazer, atuar, eu gostava bastante. Hoje em dia eu não gosto mais, como eu gostava antigamente, mas eu ainda gosto (inserte de efeito de TV sem sinal, seguindo de trecho do filme). Então os projetos artísticos, ele nos possibilita vivenciar tudo isso, ele nos possibilita pensar, ele nos possibilita transmitir mensagens e foram coisas que marcaram nossas vidas, que deixaram traços fortes durante a nossa trajetória e, positivamente, eu só experiência, boa, né (risos). Às vezes, a gente ficava até tarde produzindo no colégio, mas isso não era perda de tempo, né, isso era um investimento, a gente só tava crescendo, né, a gente só tava aprendendo. E a gente ficava ali, a gente ria, a gente estava junto com os professores, ou seja, era algo muito bom, era algo gostoso de viver porque era como se a gente tivesse em família [insertes com novas fotos da oficina do PROVE], a gente dividia o lanche, a gente dividia o que a gente tinha, a gente se divertia, a gente ria e, contudo, a gente produzia o que a gente queria. Quebrava a cabeça, né, mas... manteve o foco, né, não perdeu essa empatia uns com os outros, [outros insertes com fotos das oficinas], porque aí a gente conseguiu fazer. E eu acho que o segredo era esse, né: manter esse laço de empatia e de amor, de comunhão, que aí a gente consegue mesmo fazer e produzir. Dessa forma eu consegui produzir durante esses cinco... esses três anos, melhor dizendo, do Ensino Médio, consegui produzir bastante nos projetos artísticos e isso possibilitou e me proporcionou grandes experiências e hoje eu posso dizer obrigado professores, obrigado a coordenação da escola, por ter nos proporcionado tantas coisas boas assim, de quanto estudante a gente ter estudado.”

O vídeo termina com um trecho dos erros de gravação do filme do PROVE, com os créditos do vídeo.

- Seguimos com a exibição do último vídeo, da estudante **Andreissa** (1h 57' 57)

11. Vídeo de Andreissa (12'54)

O vídeo inicia com um trecho do vídeo da apresentação de sua canção **Mundo do avesso** no primeiro FACE que participou em 2014.

Andreissa (0' 23): “Eu me chamo Andreissa e estudei no CEACO entre os anos de 2014 e 2016. Eu sempre gostei de participar de tudo que a escola tinha pra me oferecer. E a minha história com os projetos estruturantes lá no colégio Aristides Cedraz, eu costumo dizer que ela começou bem antes de eu ser uma aluna matriculada da escola. Isso porque a minha casa fica bem próximo, a menos de cinco minutos, e antes mesmo de eu poder participar dos projetos eu

já acompanhava, como ouvinte. Quando não podia, os anos que eu não podia estar presente eu ficava aqui na janela de casa escutando e sonhando com o período em que eu poderia participar daquelas atividades. Eu ficava sempre admirada, né. E aí, em 2014, eu entrei no primeiro ano do Ensino Médio e, finalmente, eu pude realizar o sonho de viver tudo o que o CEACO tinha pra me oferecer.”

O vídeo retoma como inserte outro trecho do vídeo de apresentação da música de 2014, na etapa escolar, encadeando com outro vídeo da apresentação na etapa regional em que a estudante também participou.

Andreissa (1’ 55): “Eu participei... no ano de 2014... eu participei do FACE e do TAL e pude participar, também, [insertes de fotos da etapa regional] da etapa regional do FACE, lá em Feira de Santana, e cheguei, também a ser premiada com o TAL, que é o Tempos de Arte Literária... (o FACE é Festival Anual da Canção Estudantil) com o TAL eu fui premiada na etapa escolar. Em 2015, foi o ano que mais me marcou assim, porque eu participei do TAL e do FACE novamente, [insertes de fotos dela no Sarau do TAL de 2015, nas etapas escolar, regional e estadual, aparecendo enquanto ela fala, tendo como trilha sonora sua música do FACE, do mesmo ano] e eu pude além de, de... ser premiada na etapa escolar e na etapa regional, eu pude ter a chance de participar da etapa estadual da culminância dos projetos.”

Entra o vídeo dela declamando seu poema **Nunca fui, mas tu não veio**, no Sarau estadual do TAL e depois retorna falando, tendo como trilha sonora sua música do FACE 2016.

Andreissa (4’49): “E foi pra mim inesquecível, lá [insertes de fotos dela na etapa estadual, regional] eu pude conhecer novas pessoas, de locais diferentes de nosso estado, com vivências diferentes, experiências diferentes... [insertes de fotos das oficinas no CEACO] a maneira com que o projeto era conduzido nas escolas, nas respectivas escolas, eram, de certa forma, diferentes, né. Então foi um momento de troca muito importante, que eu guardo com muito carinho. Na lembrança. No ano de 2016, eu participei, já assim naquele clima de despedida, terceiro ano de Ensino Médio, aquele medo do que viria pela frente e a saudade já também, né. E aí eu participei de tudo que eu poderia participar. Participei do FACE [inserte de fotos dela nos projetos, ao passo que ela vai citando], do TAL, do AVE (que era de artes visuais) e também do EPA que era, até então, uma modalidade nova que foi aderida no ano de 2016, na nossa escola e eu participei junto com... era um grupo de, se não me engano, cinco ou quatro pessoas, quatro colegas. [insertes de fotos da oficina e do álbum do EPA] E a gente pode produzir esse material falando sobre a Fazenda Canavial, que é um local que é considerado histórico em nosso município, né. Principalmente durante... é, a semana santa o Morro do Canavial... ele recebe muitas pessoas, fazendo visitas, é um local de devoção. Então, assim, pra mim, viver o CEACO foi uma experiência maravilhosa. Porque com esse conjunto de... projetos que o CEACO tinha para oferecer e tem pra oferecer pra os seus estudantes, juntamente com o apoio dos professores, eles que são fundamentais, né, pra execução desses projetos, com o impulso que eles nos davam [novos insertes de fotos dela nas oficinas e sarau, festivais na escola, na etapa regional] eu pude descobrir várias potencialidades e aprimorar, é, algumas coisas, né, como por exemplo, a oralidade, que era uma coisa que eu tinha, eu sentia muita dificuldade... e com esses projetos, com as apresentações que a gente fazia em público, com a oportunidade de viajar pra outros locais, conhecer outras pessoas, pude trabalhar pra poder melhorar isso, né. Pra ajudar na comunicação. Além de tudo isso que eu já falei, uma coisa que me marcou muito, que eu gosto muito de lembrar, é a oportunidade que a gente teve de conhecer pessoas dentro da escola [insertes de fotos das oficinas na escola], de ter troca entre os próprios alunos, tanto que eram do mesmo turno, no meu caso do turno matutino, quanto a experiência de conhecer pessoas do turno oposto e fazer novas amizades com essas pessoas. E isso o

CEACO, com os projetos estruturantes, com a abertura que a gente tinha pra poder aproveitar a escola, usar todo o tempo livre que a gente... que a gente tinha durante o dia, pra produzir esses materiais, pra melhorar a qualidade do material produzido, independente se você era do turno matutino ou do vespertino, você poderia ir no turno oposto pra poder terminar, né [novos insertes de fotos das oficinas] o seu projeto juntamente com as outras pessoas... esses momento, é... puderam fazer com que a gente criasse novas amizades, né. Então pra mim é uma coisa que eu guardo muito, também. Eu conheci pessoas, tenho contato com elas até hoje, e, além de tudo, as experiências daquele friozinho na barriga, (risos) aquela ansiedade das apresentações, de viver aquele momento... quando eu paro assim pra pensar, quando eu olho pra trás, consigo reviver tudo novamente. Porque além de tudo isso, com os projetos estruturantes, me fez sonhar, sonhar muito alto e também acreditar que a educação, ela nos pode levar a locais incríveis. E se eu tivesse a oportunidade de viver aquilo novamente, eu não mudaria nada. Faria tudo exatamente da mesma forma porque foi maravilhoso. Jamais eu vou esquecer. Eu carrego esses momentos assim no meu coração, numa caixinha bem guardada. E onde eu chego assim, que eu falo sobre, eu me emociono, porque realmente foram momento que não dá pra descrever o que eu sinto, ao lembrar.

O vídeo encerra com os créditos em tela preta com o som da fala introdutória dela na sua apresentação no FACE 2016, etapa regional, com outras fotos da participação dela nos projetos até entrar o vídeo da apresentação no final da fala e segue coma música integralmente.

- Depois de comentar a emoção que sinto ao assistir o vídeo da apresentação de Andreissa no FACE regional, 2016, pedi que ela falasse algo.

Andreissa (2h 11' 43): “Ai, Edivan... eu nem sei mais o que é que eu falo, porque eu já esgotei tudo que eu tinha pra falar. E se eu for falar mais alguma coisa eu vou chorar. Porque eu não aguento falar do CEACO sem me emocionar. Porque, é... essa escola, ela me marcou muito a vida inteira. Porque, como eu já tinha falado no vídeo, eu já pertencia ao CEACO, eu me sentia no CEACO antes de chegar aqui. Eu já tinha expectativa de chegar aqui. E o acolhimento que a gente recebe, o impulso que a gente recebe, isso foi muito, muito valioso. É... e eu consegui desenvolver habilidades que eu não sabia que tinha. O único contato que eu tinha era com a música. Então na época era hastag revolts. Então eu botava na poesia com Fernanda, com os professores de literatura tudo aquilo que me indignava... que aqui não tinham... não tinham esses movimentos sociais que eu via assim em outros locais... que é aquele movimento, ir pra rua... eu tinha vontade de ir e não tinha como. E a oportunidade que eu tinha era com os projetos estruturantes do CEACO. Então, acho que foram coisas que, como eu falei no vídeo, se fosse pra eu fazer eu faria de novo. Porque são oportunidades únicas que outras escolas não têm, é... algumas escolas não têm a oportunidade porque tantos os alunos não sabem, né, da valiosidade que são esses projetos, como alguns professores também não dão importância. E é isso que eu acho mais legal. O corpo docente do CEACO sempre se doou aqui e, é... conseguiu estimular os estudantes a participarem e a entender a importância disso pra vida. E foi aqui também que eu descobri a importância da escola pública, onde eu reforcei a importância da escola pública de qualidade, ouvi muito de Huda falar sobre a importância da universidade pública e de qualidade, fio através dela também... que eu reforcei isso. Eu tive a oportunidade de conseguir algumas bolsas e eu falava assim ‘poxa eu tô vendo todo mundo... já começar assim na faculdade’ e eu ficava assim pensando ‘poxa eu poderia conseguir’. Mas quando eu lembrava de Huda falando assim ‘a gente tem a escola pública e é de qualidade’... e através desses projetos, com o incentivo dos professores, eu falei assim, ‘não eu vou tentar novamente’ e foi aí que eu consegui. Um divisor de águas pra mim, pra eu tentar novamente e, graças a Deus, hoje eu estou numa universidade pública e de qualidade e tenho orgulho de dizer... lá eu falo

muito mesmo, se você chegar lá todos os meus colegas já me ouviram falar do CEACO, dos professores do CEACO... a minha maior alegria é poder encontra Huda nos corredores e ir falar com ela e as pessoas me perguntarem quem é aquela e eu falar assim: ‘foi uma professora que me marcou muito, juntamente com os outros professores na escola... no Ensino Médio’. E vê ela lá também assim, poder apresentar e dizer ‘eu fui daquela escola e hoje ela tá aqui comigo’ é muito emocionante. E vê os meninos também, né, Matheus... encontrei com outros egressos daqui do CEACO, também. Tem alguns dias com as meninas... e pra mim é muito gratificante. [lembrei de alguns estudantes que estão na Uefs]. Foi... encontrei com Bia, Maria Eugênia... pra mim eu fico muito feliz. E... saber que o CEACO impulsiona muito. Eu acompanho ainda. E saber a gente tem a oportunidade de crescer e levar isso pra vida, é muito valioso. Então, aqui de público, eu gostaria de agradecer a todos vocês pela contribuição que tiveram... vou respirar pra não chorar. (risos)

- Retomei alguns pontos como a liberdade temática e a questão do TAL ser obrigatório, pra ver se alguém quer comentar...

Débora (2h16’44): “A escola CEACO é maravilhosa, eu acho que nem uma escola que a gente estudou teve essas oficinas de rádio (risos)... é porque tem a rádio também... tem oficina de música, de... eu até entrei na oficina de música mas eu só não fiz... (risos) na hora não conseguir compor minha música. Eu também tenho um pouquinho de vergonha de cantar, né. Aí, eu fiz só o filme e espero que este ano eu faça os outros. E a rádio... oh... a escola, é uma escola maravilhosa, os professores, tudo... tem a rádio que foi uma experiência incrível que eu tive... pena que eu já tá na época de sair. (risos) Mas eu vou ter outras experiências, outras coisas... e é muito legal estudar nessa escola. Pelo menos eu tenho mais um ano aqui, né. (risos)”

Rafael (2h18’11): “Boa noite, gente! Bom, meu nome é Rafael, eu tenho 24 anos, atualmente eu trabalho com design gráfico, produzindo conteúdo pra internet. Também sou comunicador da rádio local, tenho um podcast... e eu fui convidado pra tá aqui hoje compartilhando com vocês a minha experiência. Vim pra cá andando triste porque não tinha produzido o vídeo, sem tempo. Mas agora aqui eu tô até feliz porque era daqui pro psicólogo (risos). Porque eu não teria maturidade nenhuma pra ver meus vídeos antigos (gargalhada). Mas assim, é muito bizarro quando eu chego aqui no CEACO, porque quando a gente se forma e vai embora na nossa cabeça a gente acha que todos os nossos colegas vai tá qui ainda. A gente quer chegar aqui e ver Sandreli na porta, a gente quer chegar aqui e ver a rádio funcionando, Fátima na biblioteca, a resenha na secretaria... inclusive vou aproveitar o espaço.... Cadê Edilma, já foi embora? Foi? Ai que droga! Eu ia pedir desculpa porque o meu primeiro ano foi muito rebelde, eu tinha a escola não como algo pra estudar, mas pra vim aqui e fazer o que eu queria. E foi anos muito rebeldes, assim. Mas a partir do segundo ano eu entendi a importância do colégio e bom... não vou falar muito do colégio... vou falar das experiências com os projetos estruturantes. É... meu primeiro contato foi antes mesmo de ser estudante porque eu acompanhava os festivais pela rádio. Então, assim desde casa eu falava ‘poxa que programa massa, porque como um projeto que está na escola consegue ir além da escola, tem impactos positivos não só na vida dos estudantes mas como também pra a comunidade. Saber que os alunos estão indo lá pra fora representar o município. Isso pra mim era muito incrível. Volta e meia eu também via as artes pintadas pelos estudantes em eventos culturais daqui como a semana da cultura. Então, sempre assim... eu era tão apaixonado pelo CEACO que lá Luiz Júlio eu fiz uma página chamada ‘Rumo ao CEACO’. Pra quando eu chegar aqui já ter um bloguezinho bonitinho pra... pra tá postando as coisas. Aí eu descobri que tinha a comunicação (projeto)... então assim, foi incrível. Bom eu tenho algumas histórias

curiosas pra compartilhar com vocês... é, no meu tempo... não sei porque vocês estavam falando ‘ah não queria participar’ [??)... no meu tempo todo mundo queria participar. A gente brigava pra ter espaço... o TAL tinha poucas telas... era uma disputa pra ver quem conseguia ficar com a tela [alertei que era o AVE] ô o AVE, perdão. [comentei junto com alguns da plateia que ainda é] Ainda é? Então... é tanto que eu só consegui participar uma vez. Eu sempre fui encantado pelo FACE, mas, tipo, eu não sabia cantar. Não tinha vocação nenhuma pra tocar instrumentos e no meu tempo quem fazia as apresentações dos festivais eram os professores. E na minha cabeça, não fazia sentido nenhum... porque os projetos eram feitos pelos estudantes, as oficinas eram feitas pelos estudantes, tudo era feito pelos estudantes e na hora da apresentação era um professor. Como assim? E eu briguei pra fazer a apresentação... eu lembro que teve uma reunião, os professores trataram isso com veracidade: ‘como assim, será que um aluno vai poder apresentar um evento com um porte desse?’ E eu lá brigando com todo mundo pra participar, ocupar um espaço que era meu por direito... consegui, foi incrível... e hoje olho pra trás e vejo que se eu não tivesse feito a apresentação eu poderia não tá na rádio, porque eu achava que aquilo ali não era pra mim. E um legado que eu deixei. Porque a partir da minha apresentação os outros eventos foram os alunos que apresentaram. Foi um legado que eu olho pra trás ‘hoje tá massa’. Pelo menos eu deixei, de alguma forma... Mas eu lembro que a partir do segundo ano eu era muito comunicativo, participativo na escola, eu lembro que a gente fazia rifa pra conseguir uma internet de qualidade, eu lembro que eu batia de testa com os professores e ia na prefeitura atrás de ônibus pra ir pra feira do livro. Então assim, eu tenho muitas histórias bacanas... outras histórias ruins também... eu inventava que tinha pulenga pra não ter aula... eu lembro que uma vez a escola ficou três dias sem ter aula porque eu inventei que tinha pulenga. O povo todo começou a se coçar... e aí eu consegui três dias assim ótimos... eu posso contar pra vocês que eu tenho histórias muito incríveis, é sério, eu conto pros meus colegas... depois que eu me formei em 2015 eu retornei pra escola em 2016 pra também tá a frente de alguns projetos, tá ajudando... eu lembro que eu fiz o FESTE, que era o de teatro... e sempre gostei de teatro. E foi muito incrível, os meninos super gostou. Tinha gente que não sabia o que era uma máquina de fumaça, achou que tava pegando fogo. (risos) Então assim, é muito da hora poder sentar e contar essas coisas... Lá fora eu sempre falo pros meus colegas que eu sou extremamente privilegiado porque hoje eu renho o contato dos meus professores no Whatsapp. Se eu tiver uma dúvida eu corro pergunto a Edivan sem problema nenhum. Chamo de tu, gravo áudio de três minutos, né Edivan. É tipo assim, pra muitas pessoas lá fora não tem isso, não tem esse vínculo que eu tenho... eu sou extremamente grato por isso. Queria aproveitar o espaço pra agradecer aos professores que participa, que tira um tempinho... eu já saí aqui da escola mais de 12 horas produzindo música pra gincana, né Edivan. (risos) Então, assim, é muito legal poder sentar aqui com vocês, compartilhar as experiências, saber que todo mundo tem uma história bacana, boa pra contar. E assim, eu quero falar também que estou disponível pra participações futuras... recentemente eu fui contemplado, passei pra fazer história na Uefs (risos)... mas assim, por enquanto eu estou aqui em Ichu de boa, curtindo esse tempinho livre, pode me chamar, pode contar comigo que eu tô aqui à disposição. É isso gente.”

José de Odorico (2h 24’26): “Prezados companheiros desse estabilidade educacional CEACO... eu fui um aluno do CEACO, gostei muito dos tempos que eu estudei aqui no CEACO. Hoje, depois eu partir para o colégio Luiz Júlio, mas houve umas confecções em mim que eu me afastei. Mas tô muito satisfeito de ter um filho ichuense um professor, não na medicina, um professor educativo ao município de Ichu. Muito obrigado e desculpe as minhas palavras.

Comentei o fato de estarmos já anoitecendo na escola, num feriado, algo que também acontece com os projetos, acontecer fora dos dias e horários de funcionamento convencional da escola.

Matheus (2h23'48): “Aproveitando que tá em reforma, fazia logo o dormitório, já pra” (gargalhada)

Fernanda (2h26'02): “Eu acho que eu tenho que dizer isso. Eu sinto orgulho de vocês e sinto orgulho de ser ichuense, sabe. Acho que a gente tem que ser isso aí. Falar das nossas origens e dizer ‘eu sou feliz de ter estudado nesse espaço’. Então eu sou feliz de ter trabalhado aqui, olhando esses exemplos de vocês... porque a gente tem que ser assim, se sentir bem na onde a gente está. Não é. Aí é muito bom ouvir isso de vocês porque a gente tem que falar assim: eu sou feliz porque sou ichuense, eu sou feliz por ser baiano, eu sou feliz por ser brasileira e assim carregar por toda vida. É isso que é importante. E assim falar uma coisa que ouvi Andreissa, que ouvi Rafa falar é aquilo que o projeto traz. A gente via nos estudantes trazer coisas, assim do mundo lá fora. Nossa, eu ficava encantada, né. Buscar a realidade lá fora e trazer pra sala de aula. Eu acho que eu não falava sobre isso, mas eles traziam. E eu lembro muito de Matheus chegar na aula de História questionar isso, questionar aqui... meu Deus eu não vou conseguir. Porque Matheus... ô gente! É muito bom, muito bom! Professor se sente muito bem, é prazeroso mesmo e o projeto é encantador.

- Convidei quem ainda está presente no meet se deseja falar.

Huda (2h27'40): “Então. Depois disso tudo é difícil falar. Queria comentar cada vídeo, comentar cada fala de vocês, queria muito tá aí com vocês hoje também, mas não foi possível. É, mas né, temos que sintetizar aqui por conta do tempo. É, então... Muito emocionante ouvir vocês! (risos). Muito emocionante! Tô aqui aos prantos. (risos) Muito emocionante não só pelos vídeos, sabe, mas por ver vocês hoje assim, vocês pessoas autônomas, pessoas solidárias... acho que nossa sociedade hoje precisa muito de pessoas solidárias. E vocês são pessoas solidárias. Isso ficou muito claro na fala de cada um, de cada uma... E pessoas protagonistas. Wadson falou que os projetos permitiam que vocês fossem protagonistas, mas agora vocês são protagonistas nas próprias vidas de vocês. Cada um criando as possibilidades de estudo, as possibilidades de trabalho... muito feliz, muito orgulhosa... todos nós nos sentimos muito orgulhosas de vocês. É muito bom Andreissa (risos) encontrar vocês todos nos corredores das universidades. Muito bom! Você não faz ideia de como que é muito bom. Isso dos estudantes que já estão assim encaminhados, já estão cuidando das próprias vidas. Aos que terminaram recentemente, é muito bom rever Patrícia, rever Kailane, é, Willian, né que terminaram agora, recentemente, ano passado, mas vão ser convocados pra voltar pra nossa escola, pra participar como voluntários desses projetos todos... E assim, eu gosto muito dos projetos. Sou suspeita, vocês sabem que eu gosto muito. Gosto muito dessa ideia de festival, festival de poesia, festival de música, exposição... Gosto muito desse clima artístico, né. Então, eu acho que o diferencial de nossa escola é que o processo de produção fica muito forte, né. Outras escolas fazem esses projetos, porque são projetos da Secretaria de Educação, da rede, do Estado da Bahia, mas outras escolas dão muito foco à culminância, né. Ao momento do festival em si. Mas nós acabamos dando mais ênfase às oficinas, à produção. Eu acho que esse é o nosso diferencial. É tanto que depois... tem um festival que é maravilhoso, tem um sarau que é uma delícia, tem a exposição dos álbuns, das telas... mas às vezes a gente nem lembra que tem premiação, né. (risos) Se alguém ficar sem ganhar prêmio, as pessoas nem ficam chateadas. Se alguém ficar sem ganhar pontos nas disciplinas, porque a gente promete, eu prometo ponto pra o TAL, eu prometo ponto pra o AVE (pontuação dois pontinhos, três pontinhos)... não sei vocês lembram, mas às vezes esses pontinhos nem chegavam, né, dizia assim... ‘ah, no final da unidade’... por aí ficava. Às vezes eu nem dava esses pontinhos e ninguém lembrava de cobrar. Os novos que estão aí não contam para os colegas de vocês não, tá? Eu vou prometer pontinhos de novo este

ano, mas às vezes os pontinhos nem aparece. (risos) Mas porque é tão... significativo, vocês aprendem fazendo e assim, né. Vocês sintetizaram tudo muito bem, não vou ficar repetindo o que vocês disseram... Mas é assim que se faz a educação pública, né Andreissa, (risos), é assim que se faz a escola pública como vocês todos falaram. Wadson também deixou isso muito claro na fala, né. É, com vida, não é com conteúdo sem significado, não é com as quatro paredes da sala de aula, apenas. É dando vida ao nosso processo de aprendizagem. Pra que ele faça sentido pra gente. Um abraço, gente! Muito bom rever vocês!

- Perguntei se Jéssica não queria dá uma saudação final...

Jéssica (2h31'53): "Oi Diva. Abri a câmera, apareceu? Acho que é isso, tudo que eu falei tá no vídeo, e dei aquele momento que tinha pra falar... eu gostaria de agradecer pela oportunidade, né, os professores do CEACO que nos deram, que nos abraçaram, que nos ajudaram... que tava dando todo apoio enquanto eu estava dentro desses projetos literários... e é isso, por fim, só gratidão... gostaria de agradecer a todos vocês.

- Agradei a todos que participaram que se dispuseram a se deslocar, que toparam produzir os vídeos e serem coautores da pesquisa, pra trazer pra mim, pra escola, pra todos nós aprendizados e conhecimentos sobre nossa realidade, sobre os cotidianos da escola que produzimos coletivamente, algo que fazemos com prazer e alegria. Convidei a quem quiser cantar, se apresentar...

- Os meninos resolveram cantar uma música... uma paródia, que produziram em homenagem aos professores da escola, uma música bem-humorada que fizeram no dia do professor quando estudavam. Muitas gargalhadas...

- Cantaram músicas deles no FACE...

APÊNDICE II - TRANSCRIÇÃO - VÍDEOS DAS OFICINAS DA PESQUISA

OFICINA DE PESQUISA – GRUPO 1 (16/fevereiro/2022 - 19h30)



Oficina da pesquisa
"Imaginário, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública"

Convidamos você que vivenciou as experiências de criação artística no CEACO a participar da nossa Oficina de Pesquisa que acontecerá no próximo dia 16 de fevereiro, quarta às 19h, de modo virtual, através da plataforma Google Meet. Seja coautor deste trabalho!

 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-graduação em Educação

Edivan Carneiro de Almeida
 (Doutorando)
 Prof. Dr. Aldo Victorio Filho
 (Orientador)

COMENTÁRIO GERAL SOBRE AS OFICINAS DA PESQUISA

As primeiras oficinas foram realizadas virtualmente devido a pandemia, mas, especialmente, aproveitando o aprendizado de uso de videoconferências intensificado durante ela, já que a oficina foi realizada com ex-alunos convidados a participar da pesquisa, cada um com suas ocupações pessoais, acadêmicas e profissionais, residindo em lugares distintos, motivados pelo convite a rever, retomar as memórias de suas experiências com os projetos artísticos. Assim a realização da oficina no modo virtual foi a mais viável para garantir a participação dos ex-estudantes que não mais se encontram nos cotidianos da escola, exceto alguns deles que continuam participando da realização das oficinas de criação artística como organizadores/realizadores.

O grupo de interlocutores convidados foi composto por estudantes de diferentes épocas/momentos de realização das oficinas dos projetos artísticos, ao longo dos últimos treze anos, com exceção de 2020, ano em que as aulas estavam suspensas devido à pandemia de Covid-19. Foram convidados 21 estudantes (10 mulheres e 11 homens), dos quais 11 participaram efetivamente das oficinas e produziram um vídeo cada, sendo que 10 deles participaram do Sarau de apreciação das produções e conversa sobre as experiências. Dos demais convidados 4 participaram das oficinas, mas não criaram vídeos, sendo que 3 deles participaram do Sarau de apreciação; outros 3 convidados participaram somente da primeira oficina e mais 3 convidados não participaram em nenhum momento.

Com um grupo bastante heterogêneo, com diversas ocupações, após consultarmos a disponibilidade de tempo de cada um, percebemos que não seria possível reunir todos os interlocutores de uma vez, então organizamos a primeira oficina em dois grupos:

- Participantes: Andreza, Engel, Hiago, Hilderlan, Letícia, Matheus, Carlos Daniel, Bismark, Naiely (não compareceu)

- Acolhida aos participantes ouvindo a rádio escola tocando músicas do FACE, especialmente dos participantes da oficina, criando um clima para imersão nas conversas da pesquisa sobre as experiências de criação artística na escola;
- A oficina e a intenção-desejo de revirar as memórias de nossas experiências com as oficinas-projetos de criação artísticas;
- Falei do site como ponto de partida, de contato com a audiovisualidade das experiências vividas nas oficinas de criação, desejo de encontrar-juntar mais imagens desses momentos vividos na escola, desejo de rever, pensar e expressar um pouco os pensamentos/sentimentos que estão em nossos corpos, dessas experiências na escola, nos três anos vividos pelos estudantes no Ensino Médio.
- Na oficina aproveitamos a experiência com as oficinas dos Projetos Artísticos em que apreciamos produções artísticas que vão provocando nossos pensamentos-sentimentos-percepções que vão alimentando e inspirando o desejo e as possibilidades de criação;
- Começamos ouvindo o poema Ser, de Andreza, uma das participantes da oficina, no

Sarau do TAL: interações no chat:

“Misericórdia, kkkkkk” (Andreza, no chat)

“O site ta pocante, vei” (Hiago)

“Desliga teu áudio diva, kkk, tá dando eco” (Letícia, me alerta sobre o meu mic ligado)

- Ao terminar a exibição do do áudio perguntei a Andreza se ela lembrava desse momento:

Andreza (9’19): “Ave Maria, lembrei... Na realidade, nem lembrava dele mais... lembrei porque botou (...)

- Questionei se alguém mais gostaria de comentar:

Engel (9’55): “Poema, muncho bom, poema muncho maravilhoso... (Daniel interrompe, mas fala pra ele continuar) O poema traz um ponto que... atualmente (o grilo tá pulando a fila para falar, kk – *Matheus* comenta no chat o fato de estarmos ouvindo, bem alto, o canto de um grilo na casa de Engel) tem tirado o meu sono esta questão do ‘ser alguém’, sabe! Porque nem sempre o que nós fazemos ou que nós queremos fazer acaba se tornando realidade (Tá mais alto que Engel, kkk – *Letícia* também no chat sobre o som do grilo), justamente por essa série de questões do... ser alguém, do viver em função do dinheiro, né... que já é uma crítica bem conhecida da gente ‘ah, viver em função do dinheiro e tal’, mas que é como se a gente acabasse sendo obrigado, de uma certa forma a abrir mão de muitas coisas que nós almejamos por conta do... vai ficar muito clichê eu falar isso, mas... por conta do sistema, do capitalismo... Mas fato é que hoje a gente acaba deixando muitas coisas de lado... (interrompi provocando, tentando exemplificar o que ele dizia: você vai fazer música?) você vai fazer música... tem até uma música de Rogério Skailab que fala isso ‘um agiota espera na porta de tua casa, e você vai continuar fazendo música?’... sabe. Então ronda por aí assim... as coisas que nós almejamos, que nós queremos acaba que não conseguindo realizar justamente porque essa bolha do não acreditar, do achar ‘isso aqui é melhor’ (gesto com o dedo apontando no centro da palma da mão) ‘você tem que fazer isso aqui!’ acaba desincentivando a gente, acaba sendo uma parede (gesto com a mão) assim no nosso caminho que acaba barrando. E eu vejo os projetos... como uma forma de persistir e de tentar ultrapassar isso, os projetos às vezes incentivam as pessoas a olhar mais para os gostos pessoais, a almejar mais as coisas que realmente desejam pro futuro, sabe? E não aquela mesmice de ‘ah! Vou ser tal coisa porque dá muito dinheiro e aí eu vou ficar rico e aí eu vou ser alguém na vida’. Então os projetos eles tentam persistir... resistir a isso, a essa tendência que tende a quebrar os sonhos, de destruir os sonhos... o poema foi muito oportuno nesse início aí nosso... falou!” (12’42)

Carlos Daniel (12'53): “Complementando uma das falas de Engel, né, esse negócio de ser alguém, eu também, tipo, me pego muito pensando nisso, né [...] logo quando eu comecei a fazer Química, um monte de gente falou assim ‘ah nossa, sério que você vai estudar pra ser professor?’ né, tipo assim, você passou em vários cursos [...] ô mano, se eu quisesse dinheiro eu viraria traficante, véi... (risos) eu nem precisava estudar [...] Uma das coisas que me flagrei, tipo, eu sempre reflito, eu já conversei com meus colegas, tipo assim, quando você, é [...] ah será que eu só vou estudar pra... tipo químico só posso, se eu escolhi esta faculdade, vou ser químico pro resto da minha vida, né? E eu sempre falo ‘velho um curso de medicina, é cinco, seis anos... um curso de advogado é também nessa faixa... eu tenho 21 anos estudando 5 anos, 26 é médico, mais 6 anos 32 você é advogado... você não precisa ficar preso assim só a uma coisa. Pode ser o que você quiser, dependendo da oportunidade tenha, dos cursos quanto você quer... vários, vários e vários fatores na sua escolha [...] mas é isso, o que eu sou e o quero ser... e este poema pega bem pesado na questão... quem eu sou, quem eu quero ser... ser isso... dinheiro é que faz as coisas... tem gente que diz, ah eu quero fazer isso porque eu quero ter dinheiro, eu quero ser alguém como Engel falou... eu não julgo a pessoa, a gente vive num sistema onde ter dinheiro é ser alguém. É isso, essas questões que esse poema trouxe... é muito importante... é uma coisa que já pensei muito e eu reflito muito sobre isso. E essa é a minha visão, tipo, você não precisa ser... literalmente escolher uma só coisa pra você ser.

Andreza (15'11): “Eu me identifiquei na fala de Carlos Daniel... porque assim quando ele falou ‘ah tu vai fazer química mesmo’... É geralmente é... as pessoas olham pra mim e me perguntam: ‘tu faz o que?’ Eu, ah, ‘pedagogia’. Ninguém fala assim, ‘ah que legal e tal’ algumas pessoas... mas a primeira fala é assim: ‘é isso que tu quer?’ Como assim, muitas das vezes, eu sinto assim como se a pessoa tivesse menosprezando porque faz pedagogia que... sabe [...] é o que eu quero. A primeira pergunta é isso: ‘é isso mesmo que tu quer?’ Eu ‘é porque não adianta eu fazer outro curso com uma coisa que eu não quero, só porque vai me proporcionar, tipo assim, uma estabilidade maior.’ Acho que a gente deve fazer o que a gente gosta quer, não porque... deixa eu ver como posso falar... não o que aquilo vai me dar... o dinheiro nessa hora assim, não tem muita importância né... pelo menos foi o que me identifiquei na fala de Carlos Daniel, eu achei muito legal (16'20).

- Convidei os participantes a ouvirem a música *Astigmatismo* das estudantes Andreza e Letícia, participante do encontro, e a colocarem no chat (e depois comentarem na sua apresentação pessoal), uma palavra, sentimento, imagem ou expressão que venha a cabeça, no momento, sobre a experiência com os projetos artísticos:

CHAT: *Liberdade* (Carlos Daniel); *Liberdade de expressão* (Andreza); *A palavra que define os projetos ao meu ver é a arte de criar, dar vida, construir* (Engel); *Aposta na criação* (Edivan); *Para mim é dor, trabalho, apreciação e, por fim, descanso* (Hiiago);

APRESENTAÇÃO:

Letícia (23'27): (estudante de enfermagem, bolsista do ProUni, FTC, Salvador) [...] “A palavra que define ao lembrarmos dos projetos é a questão da oportunidade, oportunidade de se expressar, oportunidade de viver o Ensino Médio de uma forma, assim, mais leve, né?, sabendo que tem uma escola que se importa em ver e ouvir e sentir a arte de seus alunos, né. Essa questão de que, dentro dessas oportunidades, se cria também a liberdade de expressão, o convívio, as relações... e no projeto dá imensas oportunidades... oportunidade de mostrar que tal pessoa é um bom poeta, que tal pessoa é um bom cantor, é um bom escritor que sabe fazer arte de fato. Então, assim, pra mim, por exemplo, né, ver as telas lá, ver os nomes das pessoas que fazem as telas e ver assim ‘meu Deus e tal pessoa faz isso?’ Então, eu acho que de fato os projetos artísticos dá oportunidade dessa pessoa se mostrar, de mostrar, principalmente pra o mundo,

para as demais pessoas aquilo que elas sentem de forma de liberdade de expressão condizente com a arte. Mostrar que aquele ser é artista, criar a oportunidade de mostrar isso é surreal” [...] (risos)

Carlos Daniel (25'32): (estudante de licenciatura em Química, UEFS): “A palavra pra mim que... traduz, né, os meus sentimentos sobre os projetos artísticos são... a liberdade, porque tipo assim, quando você tá, quando você participa desses projetos estruturantes você tem total liberdade pra você o que sair da sua cabeça, tá ligado? É... isso foi uma das coisas que, tipo assim, que mais me puxou pro lado de participar. Porque Edivan, ele, literalmente, não interfere em nada sua parte criativa... a única coisa que ele dar é ‘oh, eu trocava esta palavra (risos), não falaria isso’... mas, tipo assim, até... mas na parte criativa é totalmente liberdade, mano. Você tem liberdade de criar o que vier da sua cabeça, seja na parte do AVE, do PROVE, do FACE... enfim, pra mim o que resume é a liberdade.”

(Chat, “Rogerão que o diga” Engel) – comentei sobre a lembrança da sugestão que dei pra mudar uma expressão machista da música ‘O Rogerão’ de Engel e Bismark

Engel (27'15): (estudante de licenciatura em História, Uneb, Coité): “A palavra que eu escolhi, ou as palavras... (vou até pescar aqui) foi a criação, a arte de criar... aí eu coloquei alguns sinônimos pra tentar deixar um pouco mais ampla. Os projetos, eles trazem uma proposta de criação... o processo criativo de arte, seja cênica, seja musical, seja tela... seja corporal (na dança)... só que a criação no projeto, esse processo criativo, ele não se limita só a isso: a criação da obra... da música, da tela, dança, enfim. Ele é um pouco mais amplo, muito mais amplo eu diria ele acaba moldando novos conceitos dentro dos participantes, das pessoas que tão dentro daquele processo todo, sabe? Como assim moldar novo cidadão ou novas perspectivas cidadãos. [...] Esse processo criativo que o projeto proporciona às pessoas acaba também criando novas concepções dentro da pessoa (comentou sobre o grilo cantando enquanto fala), acaba criando novas perspectivas nas pessoas que participam dos projetos, sabe. E essa é uma das partes mais bonita do projeto... é, por exemplo, eu comecei participando e no último ano eu terminei ajudando na produção, sabe. Então, essa construção de querer, sempre, estar participando daquilo, de querer sempre tá produzindo aquilo, de saber da importância dos projetos pra sociedade, pra comunidade, pros alunos que participam dele. É assim, uma coisa muito bonita de se ver. Porque, geralmente, quando você entra assim, como não quer nada, vê como é participa, e depois você acaba se envolvendo totalmente no projeto. Então eu escolhi a palavra criação justamente por conta desses fatores amplos da palavra, dos nomes e significados de criação.” (29'49)

Matheus (30'00): (licenciatura em Matemática, Uefs) “Como reduzir os projetos em uma palavra, né, porque é muito difícil... Mas eu pensei um pouquinho, né, uma palavra que eu gostaria muito de usar é a palavra *conexão*, né? Ou ligações... porque, ao mesmo tempo em que ela te liga com pessoas que você não esperava, ou até ver de longe, assim, admira e tal mas num... às vezes não acontece. Os projetos, eles ligam essas pessoas, ligam projetos, criações, também... (é porque tem que ser abrangente pra definir) Enfim, por exemplo, pessoas da... que estudam de tarde... eu nunca imaginava fazer amizade com Wallefe, com Letícia, com Andreza, porque eram de turnos opostos, assim né... era impossível agente... Assim... os projetos permitiram esse tipo de conexão. Mesma coisa com Wallefe, mesma coisa com Engel... que a gente era de sala diferente. A gente quase nunca conversava. Então você meio que amplia, é... o teu círculo de conexões, de ligações com as pessoas que têm gostos em comum, que nesse caso, é a arte, é a criação, é a produção... também a gente pode definir desta forma também: liberdade é um assunto interessante, a gente podia fazer o que quisesse, a gente xingou... hiper-subservivo na época... era realmente incrível falar ‘foda-se’ no meio de duzentas pessoas.”

Letícia no chat: ‘a gente xingou’ reação de Edivan

Engel no chat: ‘super subversivo’

Mateus no chat: kkkkkkkkkkkkkkk

Hilderlan (33’22): (videomake e empresário) O que os projetos pra mim, a primeira palavra que vem na cabeça é ‘oportunidade’. Como todo mundo falou, mesmo não sendo claramente... mas oportunidade é que realmente... de ter passado um filme meu na tela do cinema, aquilo esclareceu muita coisa pra mim e me fez ser o que eu sou hoje, que é um videomaker, apaixonado por vídeo... é isso aí.

Hiago (34’32): (vagabundo profissional) “As palavras que eu destaquei... (espera aí que eu vou pescar) ‘*dor, trabalho, apreciação e descanso*’. Dor porque o processo de criar é doloroso demais, meu Deus. Trabalho porque, obviamente, dá trabalho criar, pra fazer todo aquele aparato... funcionar, né? Apreciação porque a gente tem que parar olhar e falar ‘porra, ficou foda! Isso aqui é pra posteridade!’ (risos) E descanso, onde a gente para e fala: ‘é, só próximo ano agora! Só próximo fazer essa parada de novo.’ Pra mim os projeto foram basicamente isso.”

Andreza (36’22): (pedagogia, Uneb, Serrinha) “Eu acho que uma palavra só é muito difícil pra definir os projetos artísticos da escola. Então é tudo isso que todo mundo falou: liberdade, oportunidade, é dor, é orgulho, porque no final de tudo, todo esforço, todo cansaço vale muito a pena. Eu acho que é uma grande oportunidade que a escola dá pra todas essas pessoas. Até aquelas que tem um nível elevado de timidez [...] a exemplo mesmo de Nágela, que mesmo ela não sendo ativa ela sempre tava dando aquela força pra gente. Então é isso, de todas essas palavras que todo mundo falou aí gente. E pensar nos projetos atualmente, depois de ter vivido tudo, dá aquela felicidade né, porque a aprendizagem é o momento que ele trouxe pra minha vida foi muito bom.”

- Comentei sobre a pesquisa e como as experiências com os projetos e as oficinas de criação artística se tornaram meu objeto de estudo, campo empírico, lugar de pesquisa, metodologia... o meu mestrado, a produção de vídeos como metodologia, despertar do meu interesse pelo PROVE...

as minhas experiências e a relação com a arte, a música... como também a dos estudantes que levam suas experiências para os projetos. O acúmulo de experiências na realização dos projetos com a colaboração de cada estudante que participa e deixa aprendizados mútuos especialmente para nós que realizamos ao longo dos anos.

- Convidei a ouvir mais um poema, Metal de Hilderlan

- Explicação da pesquisa, a ideia da cartografia, da escola como encontro e uma pluralidade, do site como provocação das memórias pelas imagens das experiências, o olhar/percepção dos estudantes sobre tais experiências;

- **Engel no chat**, lembrou da frase de Matheus ‘*os projetos colocam nós, os jovens, na vanguarda do colégio*’ (Engel lembrou que foi numa entrevista pro blog ceacoichu, comentou a importância da frase, porque no geral a escola tem os professores à frente das atividades); Pediu a palavra e falou

Engel (58’00): “Mas na prática, pelo menos do CEACO, ele mostra que as coisas são diferentes do que se imagina. Os alunos também participam do processo criativo e o processo de aprendizagem, é algo mútuo, algo que tem reciprocidade. Ao mesmo tempo que o mestre leciona/ensina o mestre também aprende com as experiências. E as singularidades que você citou de cada uma das pessoas. Então quando você diz que Carlos Daniel te apresentou Fábio

Braza ou que outro aluno te apresentou alguma coisa (lembrou de artistas que ele me apresentou) [...] fato é que tudo isso acaba sendo um processo de aprendizagem, sabe, é uma troca mútua que é bem intensa, que ocorre ali no CEACO. Então o CEACO é essa troca de experiências e os projetos intensificam isso a um pico máximo. Então quanto você tá num momento normal ali, leciona, aprende... você tem aquelas trocas de experiências e tudo. Mas quando você tá nos projetos a coisa expande exponencialmente, sabe. Você tem troca muito mais intensas, porque você tá ali num processo criativo. E a meu ver a criatividade ela é o canal mais amplo para as trocas de experiências e é necessário ter todo o conjunto de perspectivas e ideias pra que se crie algo novo. Então os projetos intensificam isso.

- Convite a assistir o vídeo A rotina

CHAT: comentários com elogios sobre as músicas da trilha sonora, sobre elementos do cenário (lençol de banana de pijama) do filme

- **Carlos Daniel** (1h05'55): “Relembrar é viver, meu garoto”

- **Matheus** (1h06'03): “É muito bom, mano! Apesar de que..”

- **Carlos Daniel** (1h06'08): “Cada vez que passava umas cenas eu lembrei exatamente do que tava acontecendo, tá ligado, nos bastidores” (risos) ‘Lembro que a gente foi no colégio no sábado, aí tava tudo vazio, pô mas como vai filmar o colégio vazio? (risos) Todo sem aluno... cada dia um dia diferente. O legal foi isso... a gente fez uma rotina literalmente e foi em dias diferentes. Não foi os takes tudo em um dia, vários e vários dias’

- **Hilderlan** (1h06'44): “Que bom que a gente conseguiu reproduzir a ideia que a gente teve da base do roteiro, que desde o início que a gente teve essa ideia toda... porra.”

- Carlos Daniel continuou a conversa com interações de Matheus sobre as conversas que realizaram quando estavam decidindo o tema do vídeo, pensando no roteiro e sobre o resultado do filme, premiado como melhor, a participação no festival regional, comentando que a foi uma boa experiência, eles brincando na fila do cinema, lembraram das fotos que eles têm desses momentos, risos...

- Provoquei sobre o título do filme, A rotina, sobre a escola, que rotina é esta que eles abordaram;

Matheus (1h08'37): “Aí cara, a gente só queria fazer uma coisa diferente mesmo. Tipo assim, claro que tem a rotina da escola normal, tem aquela repetição, repetida, repetida, repetida... mas a gente não tá atacando nada não (Risos)”

Carlos Daniel (1h08'37): “É... é isso que eu ia falar, você assistindo dá pra tirar várias conclusões. Mas se falar assim ‘nossa será que eles tavam pensando nisso na hora?’ Não. Não tava pensando isso não. A gente só queria [...]” (interrompi a fala dele falando ao mesmo tempo e ficou incompreensível... comentei o tema do filme, sobre a ideia de rotina);

Carlos Daniel (1h10'12): “É... tipo assim, tem aula que você tipo, ‘poxa mano, hoje é... é dia daquela aula... tem professores que fazem isso, chamam à atenção... tipo hoje é um dia qualquer, porém quando a gente vai pra escola tem aquele professor que a gente gosta de ir pra aula, tá ligado, gosta de tá na sala de aula. [...] A ideia era justamente essa: poxa a gente sempre tá animado no começo das coisas, mas ao decorrer vai cansando, porque é tipo, é sempre mais do mesmo... mas é claro que sempre tem uma novidade ou outra”

Matheus (1h10'50): “Os projetos mesmo, né, são novidade”

Carlos Daniel (1h10'52): “É... nossa! [...] eu lembro, mano, de quando terminava um projeto, falava ‘ohrr, falta não sei quantos dia por FACE’... (risos) do próximo ano... é sensacional! Os projetos em si eles dão esse up... na rotina.”

Bismark (1h11'19): “Sem falar que os projetos, eles fazem pessoas que nunca... sei lá, não tentariam fazer coisa do tipo... eu nunca gravaria um vídeo, nunca escreveria uma música se não fossem os projetos, sendo sincero. Isso dá essa oportunidade pra quem quer tentar mas não tem coragem, sei lá ou não tem oportunidade. Se não fosse pelo FACE eu nunca teria composto nada, nunca teria gravado ou escrito nada. E eu nunca saberia que eu gosto disso. Isso é um dos lados, o lado de você se descobrir gostando de algo que você não sabia que gostava. Se não fosse Engel me arrastando no primeiro ano pra todo projeto eu não taria nem aqui hoje com vocês, nem conheceria assim direito. E pra mim é isso, é se descobrir... (risos com a mensagem ‘por nada’ de Engel no chat) enquanto tá no Ensino Médio, que é pra isso que o Ensino Médio serve pra se descobrir”

- Continuei provocando a participação...

Carlos Daniel (1h12'35): (retomando a fala de Bismark) “Eu vejo hoje em dia, tanto a escola como a faculdade, não é mais como os olhares, tipo, eu vou pra escola, eu vou pra faculdade, pra aprender algo da matéria, tá ligado! Porque tipo assim, a gente acaba mais com o social, falando, do que... do que a matéria em si. Tipo assim, a gente vai pra aula, vai pra escola e tem toda aquela interação com os colegas, com os amigos e tudo mais. A gente acaba discutindo mais vários outros universos do que... mais a matéria em si. É isso, tipo, ‘ah bora ali no colégio tem... tá tendo projeto’... ‘ah que projeto é esse?’ ‘De música.’ ‘Ah, mas eu não sei fazer música’. ‘Não. Você não sabe se sabe fazer música. Você não sabe ainda que você sabe fazer música, você não sabe ainda que pode gravar um vídeo, você não sabe ainda que você consegue pintar uma tela.’ Eu vejo... hoje em dia, parando pra pensar assim, eu vejo a escola e a faculdade mais como lugar de oportunidade pra você fazer coisas que não seja o objetivo direto que você tá indo fazer. Tipo assim, quantas vezes você tá na faculdade lá entrando num grupo assim de... de, de militantes [...] e começar a discutir coisas fora do... da sua matéria. Na Uefs, inclusive, eu sou o pioneiro nisso. [...] Chegaram pra mim: ‘quer praticar do DA?’ Eu falei ‘o que é o DA?’ ‘Ah, o DA é o diretório acadêmico...’ ‘eu quero, eu quero’ hoje eu não participo mais (risos). Mas já fui embocando em tudo assim que tinha.”

Letícia (1h14'25): “É... isso que Carlos Daniel falou é muito relativo também, né. Tipo a gente vive uma rotina em todas as questões... tanto na escola, quanto na faculdade... às vezes acaba vivenciando uma rotinha sim. E a diferença que eu vejo, pelo menos inserido na minha instituição, né, é que lá no Ensino Médio a gente tem essa questão de fazer coisas em várias áreas. Tipo assim, né... a gente a oportunidade de fazer música, de fazer poema e também de estudar o português, a matemática. Então a gente pode sair um pouco dessa realidade [...] daquela escola em si né, que acaba vivendo uma rotina pelos dias, que os projetos são tão poucos dias do ano, né, quando relacionado a todo o ano. Mas que assim, pelo menos a minha faculdade, a gente tem a questão de projetos de iniciação científica, que eu também estou me sentindo assim extremamente realizada, a questão da participação e tudo mais. Só que a diferença é como Carlos Daniel falou, é que é mais, algo mais específico, né. E os meninos trazendo um pouquinho de rotina, a gente se espelha até hoje nos dias atuais, não somente realizada aos nossos estudos, mas também no contexto geral. Às vezes, a nossa própria vida virou uma rotina. Às vezes, a gente vive por viver. Então eu acho uma reflexão bem massa, né, que eles trouxeram essa realidade contextualizada no sentido da escola, mas que também ela está inserida nos nossos dias... nos nossos dias atuais. De... nossa, acordei, escovei dentes,

tomei café, trabalho, estudo, durmo... de novo. É aquela rotina sempre, aquela mesma coisa. Então assim, essa arte que os meninos fizeram, é uma arte que determina de fato como que a gente vive. E isso que é o mais legal dos projetos, porque traz um pouco dessa realidade só que de forma mais simples, de forma como que a gente não tivesse esperando ver mas que... como se a gente não esperasse ver, mas que tá vindo por ser algo tão simples, tão cotidiano, que a gente achou que isso nem poderia ser uma arte, como os meninos trouxeram. Acho que isso é que é um pouco do projeto também: transformar as coisas mais simples, tidas pelo mundo né, em arte. É massa!”

Bismark (1h17'00): “É a melhor forma de estourar a bolha, né. É o colégio saindo do... a educação saindo do âmbito da escola, porque com os projetos tanto os parentes quanto os moradores da própria comunidade tem acesso ao que a escola tá produzindo. E os alunos, eles têm contato com pessoas de fora, eles podem mostrar o que faz deles únicos. [...] Quem que é Daniel, antes do...? [...] Eu não sei quem eu era antes dos projetos e quem eu sou. São pessoas diferentes. [...] Eu me conheço melhor por causa de disso e as pessoas melhor por causa disso. Eu saí do meu casulinho e fui me expressar. Isso é algo muito bom.”

Hilderlan (1h17'54): “Sabe o que é mais doido você relembrar essas coisas? É você perceber o quanto você evoluiu da época que você fazia pra hoje. Rapaz, (risos) é muito louco isso, véi.”

Carlos Daniel (1h18'09): “Sim, sim... tipo assim ó.

Bismark (1h18'09): coloca no chat - “Sim”

Carlos Daniel (1h18'10): Uma coisa que a gente dá pra destacar muito, tipo assim ó... Ó, eu sempre comentei isso com Matheus, tipo assim: no primeiro ano, a primeira participação no FACE em 2016... se não me engano foi o primeiro ano que a gente participou. E... velho, olhando aquela música... tipo assim, caralho, mano! Como é que a gente cagou nisso aqui, tá ligado? (risos) A música é literalmente mais... qualquer música que você produza pela primeira vez é essa que a gente fez. [...] a primeira música que a gente faz literalmente é a mesma música que todo mundo faz. Já a segunda que foi ‘Só mais uma música do FACE’ foi literalmente o oposto daquela porque a gente olhou para a primeira música que a gente fez e falou: ‘poxa mano, a gente não tava fazendo poesia, a gente não tava fazendo uma crítica social, a gente só tá cantando’... Podia ser uma crítica, tipo, as outras músicas, mas literalmente foi uma crítica à nossa primeira música. Porque a nossa primeira música foi, tipo: ‘nossa! Vamos falar sobre o que? Vamos falar sobre amor... amor ao mundo... como o mundo devia ser perfeito’. Isso é escutar várias outras músicas... o que a gente falou não teve nada de novo. Já na segunda tudo que a gente falou foi novo. E na terceira, foi... literalmente uma colagem...

Hilderlan (1h19'31): “Na terceira foi...

Carlos Daniel (1h19'32): “A terceira foi a parte mais criativa da gente, tá ligado. Porque literalmente a gente fez... a gente pode não ter ganho... foi a parte mais criativa que a gente fez. Foi a do terceiro ano.”

Matheus (1h19'47): “Foi a música cem por cento nossa, né mano.

Carlos Daniel (1h19'50): “Cem por cento nossa, mano... cem por cento nossa...”

Matheus (1h19'50): “Desde a melodia...”

Hilderlan (1h19'53): “E um pouquinho de cada um, né véi. Um queria fazer RAP, outro queria fazer rock...”

Carlos Daniel (1h19'57): “Tocou bateria... guitarra...”

Matheus (1h19'58): “Eu queria tocar bateria...” (risos)

Carlos Daniel (1h20'02): “Nossa! Foi muito bom, mano... É tipo, literalmente olhar a evolução, da gente, tá ligado... Eu sempre falo pra pessoa... ‘Ah que não sei o que mas...’ ‘Véi, participe os três anos [...] de tudo que você for fazer... No primeiro é o aprendizado, no primeiro você tá lá se arriscando... você não sabe o que você vai fazer, você só vai fazer. Mas no segundo, você pô, vai aproveitar o que você fez de bom e vai melhorar o que você fez de ruim ou que não foi tão bom assim. Na terceira [...] dos dois um: ou você taca um ‘foda-se’ ou você faz uma superprodução.

- Comentei como foi a primeira vez que ouvi falar do FACE na rede estadual em 2008, ano que fizemos o último show de calouros na escola (vínhamos fazendo há alguns anos), como achei uma ideia legal, mas como eu não enxergava possibilidade de realizar na escola, achava que não daria certo, que não seríamos capazes de produzir música do zero... eu já tinha uma pequena experiência com violão e com gravação-edição de áudio na rádio comunitária. O ano de 2009 foi o ano da gente se arriscar, chamei um músico da cidade que era meu amigo, algumas alunas pediram ajuda a um outro, ex-aluno da escola, que eu nem sabia que tocava e resultou que o festival saiu e a música escolhida como melhor foi selecionada para o festival regional em Feira de Santana e foi escolhida a melhor. Esse fato impactou a escola, a cidade, de modo que no dia seguinte fizemos uma comemoração na escola, ficamos flutuando... e isso nos impactou de tal modo que continuamos a fazer cada vez melhor, nos apropriando das experiências, inclusive aglutinando outros ex-alunos, inclusive alguns dos convidados desta oficina, a participarem como realizadores das oficinas e festivais. Fomos ampliando a realização de outros projetos na escola e com produções selecionadas para as etapas regional, como o TAL o AVE, que chegaram até a etapa estadual. Como fomos aprendendo com a experiência de produção com a colaboração de artistas da cidade, adquirindo maturidade, utilizando materiais e tecnologias melhores (como o editor de música FL Stúdio), melhorando o processo de organização das oficinas e dos festivais, saraus e exposições. Ou seja, o processo de apropriação da experiência por alunos em um projeto, do primeiro ao terceiro ano, também ocorreu com a escola, com os professores, na realização das oficinas de criação. Chegamos ao um ponto jamais imaginado.

- No chat os meninos colocam mensagem sobre o FL Studio crackeado, sobre os benefícios da pirataria, da burla de um produto pago, em tom bem-humorado.

Carlos Daniel (1h24'54): “Aí seria crime... (risos largos) mas aqui no Brasil literalmente (gargalhada)”

Engel (1h25'00): “É claro! A arte da democratização”.

- Encaminhando a oficina para um encerramento, falei sobre o que pretendia em termos de produção para a pesquisa, com o convite aos participantes: conversar sobre as experiências de criação artística e pensar nas possibilidades de criação de um vídeo de, aproximadamente, 5 minutos, de qualquer formato, sobre o que eles têm a dizer dessas experiências e mostrar através de imagens e sons, tendo como base as imagens disponibilizadas no site, mas também outras que eles têm em seus arquivos pessoais, como forma de desencadear memórias dessas experiências, fazer pensar e expressar sobre elas por meio de um vídeo a ser apresentado/apreciado e discutido em um evento com a presença de todos os convidados e mais outras pessoas envolvidas na realização das oficinas de criação na escola.

Apresentei um possível cronograma (exploração das imagens e desencadeamento de memórias, elaboração de roteiro, gravação, edição e encontro de apreciação) falei das condições que disponibilizo para a produção (equipamentos, ajuda na edição, custos com o processo, inclusive deslocamento para o dia do encontro presencial, um Sarau de apreciação). Interações com o grupo sobre as possibilidades de criação, sobre possíveis aspectos que podem ser abordados, dúvidas, ficando livre para abusar da criatividade.

- Fechamos com agradecimentos e exibição da música “Só mais uma música do FACE” e imagens das exposições de telas do AVE e álbuns do EPA. Rolaram frases no chat, expressando saudade, alegria e até o depoimento de Engel de que o EPA influenciou na escola dele pelo curso de História.

Engel (1h57'20): “Velho, o que mais me influenciou a escolher o curso de História, foi o EPA. Vou ser sincero com vocês. Vou fazer uma confissão aqui: eu escolhi o curso de História por causa do EPA. O EPA me colocou nos eixos da História”

Letícia (1h57'30): “EPA é incrível, mas dá muito trabalho. Pra mim foi a oficina que mais deu trabalho”.

Engel (1h57'33): “Ô fia, não me fale... ai, ai. Ficar até uma da manhã naquele colégio. Hum!”

Matheus (1h57'40): “E o fusca que a gente ia fazer, de papel machê...”

Letícia (1h57'41): “E assim, com mania de perfeccionismo em tudo!”

Engel (1h57'49): “E as brigas que tinha os grupos. ‘Tá errado, bote a base, bote a base!’ (tom bem-humorado)

Letícia (1h57'41): “Edilma sofria, a bichinha (gargalhada)”

[...]

Matheus me mandou o álbum do EPA que eles fizeram, de Pe. Leopoldo, abrimos o álbum e muitas conversas surgiram em torno da produção, das imagens utilizadas... sobre a história de Leopoldo...

Comentei que dada o meu envolvimento na organização dos projetos acabo não lendo os álbuns do EPA.

Matheus (2h03'55): “Acho que teve gente que não gostou de nosso álbum... de não tratar ele (o padre) como uma figura divina, a gente colocou fotos engraçadas, a gente brincou um pouco com o álbum também. Acho que isso incomodou algumas pessoas, que criticaram isso, sabe. Esperavam algo muito científico, muito objetivo, e tal. Só que eu sei que o EPA não precisa ser tão objetivo, assim.”

Engel (2h04'30): “A gente precisa lembrar que o EPA é Educação Patrimonial e Artística (com ênfase nesta palavra). Então, a forma como você monta a narrativa e como você traz os materiais que vão circundar ela também conta, sim. Você não precisa ser objetivo, você não tá falando de um projeto científico.

Matheus (2h04'45): “É isso. Se esperava uma biografia, né. Só que a gente não fez uma biografia. (risos)”

Engel (2h04'52): “Eu acho que assim está perfeito e ninguém vai mudar minha opinião.

Despedida, comentei da importância deles, estudando, participarem de uma experiência de pesquisa, sobre a ideia de ciência como criação e a necessidade de uma escrita poética no texto científico.

OFICINA DE PESQUISA – GRUPO 2 (19/fevereiro/2022 – 16h)

Oficina da pesquisa
"Imaginário, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública"



Convidamos você que vivenciou as experiências de criação artística no CEACO a participar da nossa Oficina de Pesquisa que acontecerá no próximo dia 19 de fevereiro, sábado às 16h, de modo virtual, através da plataforma Google Meet. Seja coautor deste trabalho!

 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-graduação em Educação

Edivan Carneiro de Almeida
 (Doutorando)
 Prof. Dr. Aldo Victorio Filho
 (Orientador)

- Participantes: Andreissa, Engel, Jéssica, Gênifer, Gustavo, Lays, Milena, Rian, Wadson, Wallefe, Rafael
- Acolhida aos participantes ouvindo a rádio escola tocando músicas do FACE, especialmente dos participantes da oficina, criando um clima para imersão nas conversas da pesquisa sobre as experiências de criação artística na escola;
- Começamos apresentando a ideia da oficina da pesquisa e a intenção-desejo de revirar as memórias de nossas experiências com as oficinas-projetos de criação artísticas;
- Falei do site como ponto de partida, de contato com a audiovisualidade das experiências vividas nas oficinas de criação, desejo de encontrar-juntar mais imagens desses momentos vividos na escola, desejo de rever, pensar e expressar um pouco os pensamentos/sentimentos que estão em nossos corpos, dessas experiências na escola, nos três anos vividos pelos estudantes no Ensino Médio.
- Na oficina aproveitamos a experiência com as oficinas dos Projetos Artísticos em que apreciamos produções artísticas que vão provocando nossos pensamentos-sentimentos-percepções que vão alimentando e inspirando o desejo e as possibilidades de criação;
- Continuamos com o Poema do TAL, 2017, Tente de Milena, uma das participantes da oficina, reproduzindo o áudio do Sarau e exibindo o texto na tela – interações no chat:

Milena (12'06): "Chorei" [chat]

Wallefe (12'14): "Esse arrepia em..." [chat]

Engel (12'45): "Maravilhoso" [chat]

Milena (12'48): "Que saudadeeeee" [chat]

Jéssica (12'49): "Perfeito" [chat]

Andreissa (12'53): “Uhuuuuuu” [chat]

Wallefe (12'56): “Tá dando eco” [chat]

- Comentei o que poderia ser o eco, microfone ligado no meet, pedi que avisassem...

Wallefe (12'56): “Pode deixar chefia” [chat]

Wallefe (12'56): “Eu aviso” [chat]

- Wadson comentou que estava ouvindo um delay; provoquei o grupo a falar do poema, de como ele fala das experiências com as oficinas de criação:

Lays (13'55): “Oi, Edivan! Boa tarde! Boa tarde pessoal... tava aqui só ouvindo as poesias... que lindo! Que bom... é está aqui nesse espaço com vocês. Que lindo poema! Parabenizar Milena... ela está aqui, né? [comentei que sim] Parabenizá-la... que lindo! Emocionante demais! E fala muito desse lugar, né, de tentar, de não desistir, de correr atrás, de recomeçar. Fala um pouco da história de todos nós, né. E quando nós sai do colégio pra recomeçar a vida de outras formas, de outras maneiras... então muito lindo! Emocionante ouvi-lo, né. Mesmo assim com um delayzinho como Sinho falou... e Sinho também, bom revê-lo por aqui. Nossa, que saudade! Muitas nostalgias... as músicas... muito bom está aqui com vocês.

- Aproveitei a fala de Lays e pedi que cada um aproveitasse essas primeiras colocações para se apresentar também, o que está fazendo... depois propus deixasse para depois de comentar sobre o poema, para realizarmos uma produção enquanto ouvimos uma música... provoquei Milena a falar sobre o poema:

Milena (16'02): “Muito emocionante, né. [risos] Quase choro... faltou um pouquinho só. [comentei que depois do sarau do TAL ela foi chamada para declamar este poema na Jornada pedagógica da escola] É tão bom... a gente fica com tanta vergonha no dia, né, de tanto nervosismo... depois que passa a gente se arrepende de não ter aproveitado mais. [comentei que ao realizar a gente não se dá conta, acha uma coisa menor] É... [comentei que eu mesmo enxergava os projetos algo menor, mas que foi se ampliando de importância com o tempo] Ah, o nervosismo no começo, quando era pra apresentar mesmo... depois que passa dá vontade de apresentar mais vezes. Aí você vê que não pode, né, não tem o espaço... tem que aproveitar aí mesmo, no Ensino Médio.”

Engel (17'19): “Que poema maravilhoso, viu... tava aqui ouvindo e... é esse discurso do recomeço, do tentar... é uma coisa tão pertinente na gente, asbe. Quantos tropeços a gente não acaba acometendo no decorrer da vida, né. E a gente fica sempre desanimado e... em continuar o caminho... mas, a persistência ela é a nossa maior aliada. Eu acredito que todos estão passando por uma espécie de recomeço, né. A pandemia acabou paralisando quase tudo nas nossas vidas, nos nossos planos e tal. É um poema desse... é, nos traz forças pra continuar em meio a esse caos todo, que já tá até melhorando, tá passando... mas mesmo assim, um poema muito bonito. Meus parabéns, é, da gosto ouvir, cara. Muito bom mesmo.”

- Comentei que nós costumamos condenar o erro, enquanto que ele é parte de qualquer aprendizado, da vida como um todo, especialmente a escola que pune com uma avaliação negativa, não entende como parte de qualquer processo.

Wadson (19'20): “É... [risos] foi mal... É eu tava falando aqui, né... pensando que meu microfone estava fechado na chave. Enfim, porque quando Edivan falou do erro, que você

acerta 99% e quando chega faltando aquele 1% você erra e perde, né. Eu lembrei de duas coisas: o goleiro e a avaliação que Luckesi tanto fala que a avaliação é... avaliação ela é... como que chama aquela coisa que você se exclui? Excludente! [gargalha] A avaliação é excludente, a avaliação ela não é inclusiva, né. Lembrei de todos aqueles textos que eu li quando eu tava na faculdade no semestre passado. Então, é isso. Quando você tem a possibilidade de tentar sempre, você tem um instrumento examinador pra saber fazer a coisa certa, né. Embora a gente vai errar em alguns momentos mas sempre tá tentando fazer a coisa certa... beleza.”

- Reforcei a ideia de processo na avaliação e dei sequência na oficina voltando para a exibição do site, na aba do FACE, convidando a ouvir uma canção do FACE de 2011, Vamos navegar com Lays, pedindo que cada um escreva uma palavra ou frase no chat que diga algo das experiências vividas durante sua participação nas oficinas de criação:

Wallefe (23'25): “Mano... penteado lendário aí” [chat]

Wallefe (23'50): “Franja com cabelo cacheado, kaka” [chat]

Lays (23'52): “Socorrooo, kkkkk” [chat]

Milena (24'03): “kkkkk” [chat]

Milena (24'14): “Da vontade de dançar junto” [chat]

Jéssica (26'06): “Nailson kkkkk” [chat]

Wallefe (26'09): “É kkkkk” [chat]

- Terminada a música eu brinquei questionando se todo mundo viajou navegando nas águas do velho Chico (referência à música) e encontrou uma palavrinha sobre a experiência com as oficinas de criação;

Andreissa (26'44): “É, eu diria que os projetos estruturantes pra mim, pra eu definir com uma palavra é muito difícil. Mas eu escolheria a palavra **valioso**. Os **projetos foram muitos valiosos** pra mim porque... foi experiências que me ajudaram a me torn... acredito, a me tornar quem eu sou hoje, acreditar que vale a pena tentar buscar sempre mais romper as barreiras... E assim o CEACO foi um divisor de águas na minha vida, nas minhas escolhas. E é por isso que sempre que eu falo eu me emociono, porque eu me sinto ainda pertencente ao CEACO... vai ser assim a vida inteira porque essa escola me marcou muito.”

- Brinquei que faltou abrir a câmera pra gente ver chorando...

Andreissa (27'34): “kkkkk” [chat]

Lays (27'39): “Oi, vou aparecer aqui... pera aí rapidinho. Pra dizer que o penteado não mudou muito [gargalhadas]. Dez anos depois o penteado não mudou muito... tá aí né de ladinho [passa a mão no cabelo e mais uma gargalhada]. É... eu acho que **a palavra que me define** neste momento seria **recomeço**. Porque, né, falando do lugar de quem escreveu essa música, essa nostalgia de ver esse vídeo, aí. Meu Deus, quanto tempo! Nem lembrava, Edivan, de ter gravado... dado assim tipo uma entrevista, não sei exatamente o que foi isso... não recordava disso. Não sei quanto tempo tem mas (comentei que nem eu lembrava que tinha produzido esse vídeo, de abertura da apresentação)... Gente! Eu nem lembrava disso aí. E assim, olhar pra isso. Olhar pra Lays que foi, que era... e olhar pra Lays de hoje eu vejo muitas diferenças, né... tanto

na personalidade, tando no jeito de ser... acho que 10 anos depois é muita coisa né. Muita coisa mudou. E assim, o CEACO né... você enquanto professor, diretor da época... não sei se ainda hoje é diretor, tô desatualizada. Mas foi bastante importante no meu processo formativo, enquanto pessoa, né.. a não desistir... a música fala muito sobre isso de não desistir... de recomeçar, de correr atrás, de seguir e de navegar pelos sonhos, pelas possibilidades... de ser, de existir...

Andreissa (29'03): “hahaha Edivan é demais” [chat]

Laís (29'04): “Então é... acho que a música fala disso... mas por aí... acho que já me apresentei, né? Precisa falar mais alguma coisa? [...]

- Pedir pra falar também o que está fazendo atualmente...

Lays (29'18): “Dez anos depois, hoje eu sou bacharel em saúde, pela UFRB, e estou terminando o curso de psicologia, estou no penúltimo semestre. [risos] (lembrei que ela está atuando aqui em Ichu) Sim, sim. Também estou por Ichu... é porque hoje eu estou em Santo Antonio de Jesus, porque eue tive estágio... [risos] por isso que eu falo deste lugar. Mas sim, atualmente estou em Ichu, estou atuando como orientadora social pelo CRAS...

- Lembrei que Andreissa falou mas não apresentou o que está fazendo atualmente;

Andreissa (29'18): “Hoje eu tô fazendo o curso de odontologia, tô sétimo semestre... era pra eu me formar este ano, mas a pandemia não deixou... aí eu tô no sétimo semestre [risos].

Lays (30'20): “Partilho do mesmo sentimento [risos]... já era pra eu ter formado há uns dois anos atrás, mas peguei greves... enfim, peguei a ocupação que teve... acho que o CEACO também se mobilizou, né, no período de ocupação, enquanto escola. Estive também presente na UFRB... vários perrengues, várias coisas... Mas a gente vai formar Andreissa, em breve [risos]. Espero formar ainda esse ano em agosto [risos].

- Questionei se já está no TCC;

Lays (31'04): “Ah sim, eu já tô no TCC também, tô na correria entre TCC, estágio, trabalho... e ficar subindo e descendo estrada. [risos]

Jéssica (31'23): [...] “É, eu acho que uma palavra que eu descreveria esses projetos seria **liberdade**, porque é muito libertador... tipo assim, você participar de projeto, você se expressar... é uma liberdade de expressão... de tudo. Eu enquanto estudante do CEACO, participei de quase todos os projetos... me sentia muito liberta. Tipo, o AVE por exemplo, você tem uma liberdade de expressão, o FACE também, você pode construir uma música, entendeu? E tudo... o TAL... e pra mim foi, tipo assim, um passo muito legal que eu dei na minha vida. Até porque eu sempre gostei de tá por dentro de projetos, de tudo. Falando sobre o que eu faço hoje em dia... é, eu faço enfermagem, estou no sétimo semestre... atualmente, agora, estou de volta a Conceição do Coité.

- Evoquei novas intervenções...

Engel (32'51): “Olá!! Boa tarde a todos... bem vou começar com a palavra, né... Na outra vez, eu tinha falado uma série de outras coisas, mas ao ver a música... ao ouvir, ao interpretar... éee... Eu encontrei uma palavra que é até mais cabível aos projetos, que é justamente **navegar**... Quanto eu participei mesmo, o CEACO ele disponibilizava de uma série de projetos que você poderia participar e tudo... e todos eles com um universo muito amplo de produção, a depender de onde você entrava e participava. Então você navegava dentro daquele universo

da produção, tanto musical, como de pesquisa, com artística também... e também você navegava em outro universo, ao meu ver, porque você tinha contato com uma série de outros alunos, né. Você tinha um integração entre alunos da tarde e alunos da manhã que os projetos proporcionavam... e você navegava num outro universo, porque você tinha contato com outras pessoas... através dos projetos eu fiz muitas novas amizades... e, tecnicamente, amizades que não seriam muito viáveis, né, se não houvessem os projetos. Como por exemplo, Wallefe... Wallefe estudava no turno oposto ao meu [risos]... e tipo, a gente fez amizade nos projetos. Hoje a gente é super amigos e tudo mais. E tem uma série de outras coisas... também Sinho. (lembrei que jogam juntos) [risos] Jogam juntos e tocam juntos... tudo, tudo junto né. Que fofo né amigo. [gargalhada]. Enfim, os projetos ao meu ver, simbolizam essa questão de navegar, né... a outro universo. Bem. Atualmente, eu estou cursando história pela Uneb, no Campus XIV, em Conceição do Coité. Eu tô no segundo semestre, começando agora, tô engatinhando ainda, né. A pandemia fez agora tudo à distância, né. Agora tá começando um semipresencial híbrido aí, né. Eu vou começar a ter a experiência de entrar na faculdade, só agora, cara... então, é isso.

- Brinquei de que se não entrar no prédio não entra na faculdade (rolaram conversas sobre isso entre mim e ele, sobre o início de fato); estimei um próximo. Milena abriu a câmera pra falar, com a filha no colo.

Milena (35'52): “[sorridente] Boa tarde. A palavra pra mim é **motivação**, né. Os projetos estruturantes eles nos motivam a querer mais, a ser melhor [risos]... E atualmente, eu tô aqui cuidando de uma bebê... Eu lembro que no primeiro ano eu fiz por fazer mesmo, nem liguei pra nada. Mas já no próximo ano, eu me esforcei mais, queria participar de todos, se pudesse, se desse conta... queria fazer melhor... (comentei que ela participou de muitos)

Gênifer (36'52): “Boa tarde! Então acho que a palavra, né, que eu posso dizer, seria permitir-se... se permitir... você se permitir a sair de sua zona de conforto... Quando eu estudava no CEACO, eu nunca imaginava que eu ia participar de tantos projetos, que eu ia querer mais, sabe. Que eu queria tá junto em tudo. E você se permitir a mostrar para as pessoas a sua arte, mostrar para as pessoas a forma que você pensa através da música, através da poesia, é muito importante. E, é você plantar uma sementinha, você deixar história, como a gente deixou. A gente participou até na banda do CEACO, a gente né, deixou aí [risos] fomos, acho que três anos. E eu me orgulho de ter feito parte da história do CEACO, de ter mostrado quem eu era... pouco que seja eu ter mostrado, mas mostrei. E eu me orgulho muito... e é isso. [risos] Ah, eu faço psicologia aqui em Conceição do Coité, eu tô sétimo semestre e a gente tá morando aqui. [...]

Wadson (39'18): “Então, eu acho que a palavra que define é... **construção**. Construção... Se você pegar o FACE de 2009 e você fizer uma viagem de ida até 2019, você vai entender porque a palavra é construção. Nós construímos um conhecimento muito bacana, um conhecimento técnico, um conhecimento prático de música, de arte em si, né. Porque o CEACO... as pessoas que faziam os projetos, faziam por gosto. Entrava ali no primeiro ano sem muita perspectiva e depois existia, criava aquela sensação de pertencimento, de dizer que eu tô fazendo a minha música. Eu tô fazendo... eu tô trabalhando com o meu texto, o meu poema, com a minha tela... O pessoal do EPA... (relembrei outros projetos e ele continuou) Isso, PROVE... com o meu vídeo... Eu vi os meninos daqui... Engel, Wallefe... os meninos comeu vídeo, os meninos... mastigou, comeu com farinha, né. Então, os caras trabalharam em cima disso com uma sensação de pertencimento incrível. E que se você fala que é escola pública, a galera... pouca gente vai acreditar. Então, nós estamos... [Wallefe manda mensagem no chat ‘E tava gostoso’... Wadson lê, ri e continua...] (risos) Realmente (risos) a música... tudo isso é gostoso mesmo, [Engel

coloca risadas no chat] dá vontade de saborear novamente... faria tudo de novo. Inclusive os erros, porque acho que os erros vieram pra gente aprender, pra gente crescer e pra fazer esta construção, né, pra aumentar ela, pra subir o sarrafo, subir o nível do que é construir um conhecimento artístico, técnico, prático e notável. Que as pessoas conseguem notar... essa construção. Então, muito bacana esse movimento todo e que, com certeza, fizemos história... fizemos e faremos história ainda, com certeza. Acho que quem tá vivo, com certeza, vai fazer ainda. Isso é o que eu penso, né. Hoje em dia, eu... [Wallefe no chat diz 'Engel'... 'vai fazer história' Engel responde 'kkkkkk'] sou... um projeto de pedagogo... um projeto de radialista, mas eu posso dizer que eu cresci na música e posso me considerar músico através do FACE. Através do CEACO. Porque lá foi onde eu pude dar os primeiros passos de produção musical, foi onde eu pude errar bastante, depois acertar bastante... então, foi lá onde eu pude, assim, definir esse movimento... então é isso. Hoje eu tô estudando, eu sou estudante de pedagogia na Uneb e estou como radialista da Independente FM, mas eu posso dizer com muita propriedade que eu sou músico, apesar de não ter uma formação acadêmica.

Rian (43'30): “Boa tarde pessoal. Uma palavra que eu utilizaria seria **expressão**... procurando aqui na mente uma palavra pra definir tudo isso que a gente viveu eu imaginei a palavra expressão. Porque através dos projetos artísticos ali no CEACO eu pude ter a oportunidade de me expressar de alguma forma. Muitas das vezes, as coisas que estavam presas na gente, que não saía de forma verbal, de forma audível pra outras pessoas, a gente pode se expressar através dos projetos. Inclusive através do TAL que foi onde eu mais consegui me expressar, colocar pra fora sentimento, coisas que estavam presas dentro de nós. Eu acho que uma palavra mesmo que definira esse momento seria expressão, o ato de se expressar, de demonstrar os seus sentimentos de uma forma artística e ao mesmo tempo criativa. Atualmente, eu tô no mesmo que Wadsosn, tô no segundo semestre de pedagogia, no Campus XI de Serrinha... e tô estudando pra ser um pedaço de gogo mesmo... [risos].

Wallefe (44'48): [...]“É... Acho que a palavra, ouvindo a música, é... eu falaria de **sonho**, cara. Acho que sonho é uma palavra que define muito os projetos artísticos, que basicamente a gente sonha bastante e tem uma escola que... ajude né, a gente resolver nossos problemas, a gente encarar a nossa realidade... E isso é um sonho que a gente desenvolve é... se expressando, né. A gente cria uma certa maturidade nos projetos... quando a gente entra no primeiro ano e sai no terceiro, aqueles que tiveram a oportunidade de participar os três anos e de vários projetos. A gente cria uma certa maturidade é... e consegue, né, vê um salto qualitativo... vê que aquele sonho do primeiro ano vem se tornando realidade lá no terceiro ou já no outro ano. A gente fez uma coisa melhor. Além do mais que todas as minhas música fala um pouco disso: de sonho, de esperança... acho que é a palavra que define. Bom eu tô fazendo nada... eu tô de férias, tô cansado disso aí tudo... [risos] brincadeira... [Jéssica no chat: 'eu participei até no quarto ano, na banda, kkk'] Eu faço Geografia no Campus XI de Serrinha, tô no quarto semestre... e é isso aí.

Wadson (46'32): “Eu tô tentando aqui falar no chat, mas não tô conseguindo, velho, eu esqueci como é que faz pra colocar”...

Engel (46'34): “Sim, véi, maturidade é uma coisa que a gente ganha ao participar dos projetos”

Lays (46'58): “Teve banda, foi? Uhuu” [chat]

Wallefe (46'58): “Sim” [chat]

- Coloquei a palavra que escolhi foi **aposta na criação**. Comentei que é algo que a escola não aposta muito... inclusive falei que eu não acreditava muito quando surgiram o FACE e o TAL, especialmente o FACE, que não via possibilidade de realizar o FACE, de produzir músicas originais, mesmo com um pouco de relação minha com a música... inclusive sobre o fato da primeira edição do FACE a gente ir pro regional e ganhar, com a música *Sonho de Gléna*, o que nos impulsionou a acreditar que era possível fazer...

Walefe e Engel interagiram, comentando que a palavra *sonho* sempre aparece nas produções, talvez pelo momento de definição de vida que os estudantes passam durante o Ensino Médio, de ocupar espaço, entender e se inserir no mundo.

Lays (46'42): “Fala muito desse lugar de juventude” [chat]

- Comentei sobre o Ensino Médio como oportunidade de definir a vida dos jovens, de escolhas, por isso talvez o sonho esteja sempre presente nas músicas, nos poemas, nas telas produzidas; comentários no chat sobre a banda *Cacos* e sobre o período do Ensino Médio;

Lays (51'25): “Verdade, Edivan... É, eu estive muito nesse lugar, né, ao sair do Ensino Médio eu não sabia exatamente pra onde eu ia, o que eu ia querer fazer, o que eu ia querer estudar... todas as opções, se eu ia querer trabalhar e estudar, acho que quando a gente sai do Ensino Médio, né, vem esse lugar de medo... e agora? Vou fazer o quê? Pra onde eu vou. Então é um período que eu acho que muitos... por isso que muito sai né... fala assim sobre sonhos. E eu tava observando aqui, interessante como mudou. Por mais que tenha sonho mas apareceram outras pautas, né, nas músicas... outras histórias, né, que eu acho muito interessante essa evolução, né. Olhando assim de longe... o pouco que eu pude acompanhar. É, eu acho bastante interessante quanto outras pautas surgiram, temas surgiram, histórias, achei bem interessante... pude algumas vezes acompanhar algumas músicas passando na rádio e... é emocionante de ver. Ver a evolução, né? O olhar diferente... por mais que estejamos... estivemos em um mesmo período de vida, a juventude, mas que de uma juventude diferente, né, de certa forma. Por um lado, na minha época era uma coisa que estava em pauta, os temas surgiam... e hoje já se vê outras discussões, né, que tem muito a ver com o contexto atual, que está vivendo. Mas enfim, vou deixar a palavra aí (risos).”

- Dei sequência na oficina mostrando o site, mostrei o vídeo de Andreissa com o Poema “Nunca fui, mas tu não veio” no Sarau estadual do TAL, em 2015.

Lays (56'39): “Que bela interpretação!” [chat]

Lays (57'09): “Duas palavras Bra Víssimo!” [chat]

Milena (57'24): “Surreal” [chat]

- Mais um poema para remexer nas memórias das experiências com as oficinas e produções, nossos afetos, nossos sentimentos; comentei que chegamos até a etapa estadual com TAL e o AVE, que fomos participar outras vezes como plateia;

Wadson (58'32): “A gente foi duas vezes (eu e você, você e eu). Nós fomos, primeiro, pra... como é o nome daquele lugarzinho bonito? Concha acústica!! Concha acústica... que nós conhecemos Pirigulino Babilake e depois nós fomos pra Fonte Nova, um sonho realizado, velho! Não existe um negócio daquele... eu de camisa do Bahia na Fonte Nova... Tá doido, véi! Foi show! (risos) Sentei naquela ponta daquela arquibancada que só vai rico. Viu, eu tava lá, só não tinha jogo, que pena. E aí gente, eu pude cantar na Fonte Nova, velho. Hoje eu posso dizer isso. Não tem pra onde correr. E... e mais, teve ainda o banho mitológico que Edivan tomou (gargalhamos).”

Andreissa (59'42): “Agora quero saber Sinho, nunca falou isso. Agora vai ter que falar Edivan.”

- Conteí que foi por ir num hotel que nunca fomos e não sabe como funciona os botões, que fui ensina Wadson como ligava o chuveiro e eu não sabia e quando eu tentei fiz foi ligar o chuveiro em cima de mim.

Wadson (1h00'08): Longa gargalhada.

- Comentei que até essas experiências são memórias... comentei que é uma pena que a Secretaria de Educação tem demonstrado, cada vez mais, pouco interesse em continuar a realizar os projetos artísticos, pois faz tempo (desde 2018) que não realiza a etapa estadual, claro que tivemos dois anos e meio de pandemia... e isso tem desmotivado a realização dos projetos... em que pese ter uma certa competição, mas a experiência dos estudantes estarem nesses lugares, de encontrar estudantes de outras escolas, é algo maravilhoso, de ver tantas produções dos estudantes; ponderei os limites disso porque nos deparamos com o fato de perceber nas etapas regionais e estadual que poucas escolas realizaram as oficinas.

Andreissa (1h01'11): “Eu já, senti isso, Edivan, que vinha com essa proposta de diminuir já no ano (2015) que eu fui com o TAL, porque eles sempre faziam, né, os livros [Engel no chat – ‘Eles querem acabar com os projetos porque eles são importantes pra nós :(] mandavam pra escola com as fotografias, com tudo. A gente tirou foto, levaram maquiador, levaram tudo... a gente tudo se sentindo... ave Maria! Num hotel quatro estrelas... Mas só (risos) que a gente não recebeu nada... e depois disso só foi, entre aspas, ‘ladeira a baixo’. A gente percebeu, a gente percebe de perto a decadência de algumas coisas [Wallefe no chat – ‘Verdade, já vi esse livro lendário’] e a falta de vontade mesmo.” [Engel no chat – ‘tbm’]

- Comentei que o retorno do material, das produções que chegam nas etapas regional e estadual, não voltam para as escolas, que eles até gravam/filmam os eventos, mas nada é devolvido dessas produções para a escola.

Andreissa (1h02'25): “E pra falar a verdade, de todas as experiências que eu tive com os projetos, que passava pra outras etapas, em conversa a gente via que eram poucas as escolas que também impulsionavam a produção, deixavam os alunos fazerem de qualquer forma. O CEACO era uma das únicas que tinha essa parte da oficina. Inclusive chamava muito a atenção, é... dos próprio estudantes (de outras escolas)... eles ficavam curiosos, falavam da vontade da escola ter essa experiência, né, de troca entre os professores e os alunos, de um aluno com outro... e o CEACO era uma das poucas que tinha essa experiência. Várias pessoas que eu ainda tenho contato hoje e eu sei que não foram produções feitas dentro da escola. Algumas, inclusive, ‘ah, eu chamei um amigo meu que é músico, gravei no estúdio dele e só fiz entregar nas mãos da direção da escola, enviou e pronto...’ ‘fui numa rádio da minha cidade...’ e fica por isso mesmo. Perde toda a essência, né.

- Comentei, conforme presenciei, que às vezes a escola encomendava uma música a um aluno bom ali pra concorrer ao regional, só isso, perdendo todo o sentido. Por que desde o início dos projetos que a orientação é que a escola realize oficinas de produção, mas que a própria secretaria de educação não cria um processo com os NTE pra orientar as escolas, para acompanhar, pra motivar a fazer as oficinas, pra dar formação aos professores. Até já tivemos um período, no NTE 2, que aconteceram encontros de formação para os professores realizadores. Mas o processo foi descambando... contudo no CEACO, se depender dos professores que realizam atualmente, vamos continuar a fazer.

Wallefe (1h04'10): “O negócio, em Edivan... eu tava dando uma pesquisada no site da Secretaria da Educação da Bahia, tava dando umas olhadas lá, no projeto de pesquisa, eu vi lá,

o site Projetos Estruturantes, FACE, TAL... Rapaz, tá lá com destaque massa véi e... eles não fazem nada.

- Contrapus lembrando que a SEC não está atualizando o site, o material de orientação.

- Continuei falando sobre o tema e a metodologia da pesquisa, inspirados na experiência com os projetos artísticos, seguindo um percurso iniciado na pesquisa de mestrado com a produção de vídeos pelos estudantes sobre suas experiências na escola, a compreensão a partir da perspectiva dos estudantes, das práticas minúsculas dos cotidianos;

Engel (1h07'45): “Eu ia dizer que a pesquisa engradece o que a gente geralmente tá analisando, estudando, sabe. Quando a gente fala dos projetos estruturantes aqui na região sisaleira, é... quando você analisar isso no âmbito geral, no âmbito global, é uma coisa pequena, micro, que acontece no interior da Bahia, mas, cara! Quando a gente para pra pesquisar e analisar são mais de dez anos. Os projetos se transformam juntamente com a sociedade e com o mundo como um todo. Então, o projeto, ele não é só simplesmente um momento lúdico de alunos no interior da Bahia durante dez anos. Ele passa a ser uma série de produções artísticas, intelectuais, culturais, que são carregados de uma série de significados, de perspectivas... Isso tudo é tão amplo que só mesmo a pesquisa pra mostrar o quão grandioso são os projetos, cara (risos). Então quem engrandece os eventos, as perspectivas tudo é a pesquisa (... ocorreu uma queda na internet neste momento, 1h08'52, reconectando em aproximadamente dois minutos)

- Retomei justificando a queda de energia e internet, e falando da pesquisa, de como entendemos os cotidianos da escola e o encontro coletivo de uma diversidade que aí ocorrem, em que todo leva experiência para os projetos e leva deles;

- Convidei o grupo a apreciar mais uma produção, agora um filme do PROVE, “Simplesmente desista” produzido por Rian, que está na oficina;

Rian (1h16'12): “Vou ali comprar farinha” [no chat, quando ele aparece no filme]

Engel (1h16'19): “Esse filme é muito bom” [chat]

Rian (1h16'24): “Tchau kkkk” [chat]

Andreissa (1h18'05): “Eta”

Engel (1h21'15): “O namorado da Laura tinha uma foto enorme dela no quarto”

Rian (1h22'54): “A minha experiência foi que Laís quase me afoga com um copo de água, né. Na hora dela me dá água ela quase me afoga, derramou um copo de água todo em mim... era pra mostrar aí também, os erros de gravação (risos).

Andreissa (1h23'09): “kkkkkkkkkkkkkkkk” [chat]

Rian (1h22'54): “Eu achei muito legal, professor... eu sempre gostei assim de atuar e... diante dessa oportunidade eu não perdi, as meninas me chamaram, eu tinha amizade com elas, a gente topou e foi. Só isso aí... (risos)

- Retomei falando da cartografia audiovisual, como representação de nossos fluxos, possibilidades de movimento; quais pistas deixaríamos dos projetos, dos percursos de sua realização, partindo das imagens existentes e produzindo os vídeos;

Engel (1h25'30): “Veja o que rolou nos projetos artísticos de 2021 aqui na Retrospectiva Ichivi Chanel” [chat]

Wallefe (1h25'39): “kkkkkkkkkkkkkkkk” [chat]

- Continuo falando sobre a produção dos vídeos, tempo aproximado de 5 minutos, de formato livre apresentando as perspectivas de cada convidado sobre a experiências de criação nos projetos, como percebem a existência dessas experiências em sua vida e na vida da escola, da escola com os projetos ou sem eles;

Lays (1h26'08): “Bem legal” [chat]

Wallefe (1h27'35): “oq é isso de escola sem projeto?” [chat]

Engel (1h27'56): “Não existia CEACO”

- Comentei sobre um possível cronograma, as duas semanas que seguem, ressaltando minha disposição em ajudar no que precisar, mas que cada um se sentisse livre tanto na forma de produzir quanto mesmo em não ser obrigado a produzir, posto que é um convite participar pelo desejo de partilhar as memórias de uma experiência, sem obrigatoriedade e sem sacrifício;

Gustavo (1h32'08): “E também pode gravar vídeo em lugar diferente... grava o vídeo em um luga diferente. Aquioh! (abriu a câmera e mostrou que estava participando de frente para uma praia)

Andreissa (1h32'30): “kkkkkkkkkkkkkkkk” [chat]

Engel (1h32'36): “kagakakkaaaa” [chat]

Wallefe (1h32'45): “Ta certo Manchinha” [chat]

Lays (1h32'45): “Que maravilha” [chat]

Wallefe (1h32'50): “Beleza” [chat]

- Comentei sobre a disponibilidade de equipamentos e de ajuda no processo de edição, considerando que nem todos podem ter ou saber fazer;

Wallefe (1h32'56): “faça inveja” [chat]

Gustavo (1h33'10): “kkkkkkk” [chat]

Gustavo (1h33'35): “venha pra obra, wallefe” [chat]

Wallefe (1h33'35): “tentador...” [chat]

- Continuava falando sobre auxilio na produção, inclusive do meu contato prévio com Hilderlan e Engel para trabalharem mais nesta tarefa, com remuneração de custos já que é um trabalho duro e demorado, o processo de edição;

Engel (1h34'10): “Isso” [chat]

Gustavo (1h34'29): “kkkkkkkkk” [chat]

Wallefe (1h34'10): “é” [chat]

Wallefe (1h34'49): “Tentador” [chat]

- Questionei quem topa a proposta de produção;

Engel (1h35'16): “Eu topo” [chat]

Andreissa (1h35'25): “tá bom” [chat]

Wallefe (1h35'25): “também topo” [chat]

Andreissa (1h36'20): “eu” [chat]

Engel (1h36'35): “Olha eu topo... já gosto da coisa”

Wallefe (1h36'38): “Eu tô nesse ramo aí também... tô colado”

Engel (1h36'40): “Rapaz vai ficar.... tô com umas ideias mirabolantes aqui...”

Wallefe (1h36'4): “Eu também já pensei num negócio aqui”

- Comentei que tudo que for vídeo Engel topa

Engel (1h36'45): [gargalhou]

Wallefe (1h36'52): “Eu vou me desaposentar... vou voltar aí”

Engel (1h37'02): “Wallefe que me ensinou a editar, véi... colé Wallefe”

Wallefe (1h37'05): “Foi mesmo véi. Vou me desaposentar aí”

Engel (1h37'07): “Eu me lembro como hoje a gente... nossa primeira experiência com vídeo foi fazendo o...”

Wallefe (1h37'10): [interrompeu Engel] “Com o corte[gargalhda]”

Engel (1h37'12): “É...”

Wallefe (1h37'13): “Aqueles cortes [gargalhda]”

Engel (1h37'15): [...] “Edição do ProEMI... aí, Edivan, acho que tinha emprestado o notebook pra gente editar o vídeo [risos], começar a editar ... E eu e Wallefe com o notebook, aquele programa de edição Sony Vegas...”

Wallefe (1h37'27): “Sony Vegas antigo...”

Engel (1h37'28): “Aí Wallefe: ‘pera aí pivete, pera aí pivete... agora vai... eu tô lendo aqui... agora vai.’ Eu falei: ‘será pivee?’ Aí Hiago... Aí Wallefe... ‘pô! S’ cortou o vídeo. [Wallefe gargalha] Aí a gente começou a gritar igual a uns dementes na sala da rádio: ‘ê porra! não seiquê caralho!’ Aí Dy apareceu lá: ‘tá tudo bem meninos?’ [Wallefe continua gargalhando] ‘tá tudo ótimo! Tá tudo maravilhoso’ [gargalhadas]”

Andreissa (1h37'54): “kkkkkkkkkkkkkkkkkk” [chat]

Wallefe (1h37'54): “[gargalhadas] êtaaa, foi engraçado.

Engel (1h37'55): “ô velho nem me fale...”

Wallefe (1h37'57): “Tem a foto, tem a foto...”

- Provoquei mais gente a falar sobre a disponibilidade;

Wadson (1h37'57): “Quanto à minha participação, Edivan, acho que eu posso me juntar aí com Engel, com Wallefe, tá ligado... pra gente fazer alguma coisa do tipo... não tem outra ideia não.

[...]

Jéssica (1h40'28): “Diva, gostei das suas ideias, tava aqui ouvindo... ao mesmo tempo eu estava construindo um poema, uma poesia, sei lá... eu vou ler aqui mas [...] depois fazer uma análise... é porque tá chovendo muito, não dá pra ouvir muito vocês... mas eu vou ler. Espero que gostem (risos) [...]

Wallefe (1h40'55): “Abre a câmera aí... tem que ver esta cena”

Jéssica (1h41'01): “Eu tava aqui só escrevendo... vou ler rápido”

Lays (1h41'05): “Que massa” [chat]

Jéssica (1h41'05):

“Meio de expressão, de liberdade
Sair do comodismo e demonstrar sinceridade
Esses projetos literários me dão saudade
Saudade das pessoas, saudade da construção
Da diversão, da opinião
Do construir no coletivo, no individual
Não importava a ocasião
Em meio àquela multidão
A liberdade de expressão
Eram vista com atenção.
Anos passaram
Memórias carregamos
Mas nunca esqueceremos.”

Jéssica (1h41'32): “Ah eu terminei aqui, nos projetos literários... (risos) mas eu vou terminar... vou botar no meu vídeo... (risos)”

- Comentei maravilhado;

Wallefe (1h41'45): “Palmas

Jéssica (1h41'32): “É, eu sou empolgada (risos)”

- Conversa sobre arquivos de imagens das oficinas, no site, que haviam na escola, comigo e com os participantes e sobre o processo de produção dos vídeos, os próximos passos, orientações sobre o processo de produção (gravação, iluminação, captação de som), assim como sobre possíveis aspectos das experiências considerando os vários aspectos, não só coisas positivas das experiências, assim como a não necessidade de destacar nomes de professores, falar de modo genérico, sem contudo temer o meu envolvimento enquanto pesquisador, não acreditamos na neutralidade em pesquisas;

- Engel, Wallefe e Lays comentaram no chat e oralmente sobre as orientações de metodologia científica que eu estava dando, ofereci ajuda em possíveis pesquisas deles, comentaram que vão me querer ajuda; falei sobre a possibilidade de atestados de participação da pesquisa para o currículo deles;

- Para encerrar exibir o vídeo de Wadson no FACE Regional, 2013, com a música Seguindo um sonho;

Andreissa (1h52'52): “Essa eu gosto demaiss” [chat]

Wallefe (1h52'52): “Eu tava aí” [chat]

Wallefe (1h53'26): “Lembro que depois comi uma coxinha cheia de óleo” [chat]

Lays (1h53'39): “Show (emojis de palmas)” [chat]

Engel (1h53'56): “Sensacional” [chat]

Engel (1h53'56): “Incrível” [chat]

Andreissa (1h53'56): “Gente, o CEACO anima onde chega. kkkk” [chat]

Andreissa (1h54'16): “Gosta de barulho... bom assim... hahaha” [chat]

Wallefe (1h54'28): “Bateria faz a diferença” [chat]

Andreissa (1h54'32): “ARREPIA... olha pra isso” [chat]

Engel (1h55'05): “De arrepiar” [chat]

Wallefe (1h55'15): “Massa” [chat]

- Rafael Ronald entrou na oficina, justificou que tava no médico, entrou na rua e agora que chegou em casa;

- Passei imagens do AVE com fundo musical do FACE na rádio escola, mostrei quadros de Jéssica, Andreissa...

Andreissa (1h56'28): “Me arrisquei até no AVE” [chat]

Rafael (1h56'28): “Essa música é de Betinho” [chat]

Andreissa (1h56'31): “Kkkk, era sorteio” [chat]

Andreissa (1h56'28): “Me arrisquei até no AVE” [chat]

Rafael (1h56'32): “Saudades” [chat]

Jéssica (1h56'33): “Eu ali, kkkk” [chat]

Jéssica (1h56'40): “Quando saiu meu nome nem acreditei... kkkk” [chat]

Rafael (1h56'40): “Saudades” (abriu o microfone e começou a cantar a música de fundo)

- Mostrei o quadro de Gênisfer, questionei de quem era

Jéssica (1h57'23): “Foi Genifer, kkkk” [chat]

Andreissa (1h57'23): “KKKKKKKKKKKKKK” [chat]

Lays (1h57'32): “Que lindaa” [chat]

- Mostrei o quadro de Wallefe, questionei de quem era

Wallefe (1h57'57): “É esse aí mesmo... tá aqui na sala este quadro... o ‘mais da hora’ é que eu lembrei do quadro que Gabriel tinha feito com memes (risos)”

- Engel e Wallefe comentaram o quadro de Gabriel, com memes;

- Mostrei álbuns do EPA no site;

Andreissa (2h00'19): “2016 foi o primeiro ano do EPA, não foi Edivan?”

- Comentei que no site tem poucos álbuns, questionei se alguém não tem, Andreissa ficou de olhar no e-mail;

Wallefe (2h02'17): “Me arrependo tanto de não ter feito o EPA”[chat]

Andreissa (2h03'41): “Quem tá cantando mesmo? Esqueci... Jaécioooo... lembrei... kkkkkk”[chat]

Wallefe (2h04'01): “É mesmo kkkkkk”[chat]

- Mostrei a Banda CACOS, ainda no site...

Engel (2h04'22): “Saudades, viu. Oiii!! Só lembranças!”

Wallefe (2h04'37): “Rapaz, que dia véi!”

Engel (2h04'42): “E assim começou as tartarugas e baleias!” (referência a algo engraçado que aconteceu com Wallefe durante o show da banda)

Lays (2h04'48): “Que masssaaa”[chat]

Andreissa (2h04'55): “Acho essa música tua cara... Wallefe... kkkk” [chat]

Wallefe (2h10'45): “Deu cãibra ali!!” [chat]

Andreissa (2h10'49): “kkkkkk!!” [chat]

Andreissa (2h11'16): “Obrigada pelo convite!!” [chat]

Wallefe (2h11'24): “Rapaz, eu gostaria de agradecer a todo mundo aí... Rapaz, era uma coisa que eu queria falar. Eu sempre quis conhecer quem era o dono daquela música véi... é a música de Lays. Eu sempre quis saber quem era. É sério! A música de Lays pra mim é a cara do FACE, véi. Eu não sei por que. Ela me chama muito a atenção. Todo FACE eu lembro dela. Eu acho muito bonita essa música.”

Lays (2h11'24): “Ô Wallefe! É um prazer tá aqui compartilhando esse espaço com vocês. Não conhecia todos. Só conheço Andreissa, as meninas também que eu já tive contato. Os demais tô tendo a oportunidade de conhecer. Será um prazer tá aqui, partilhar... é, aprender junto com vocês também. Que acredito muito que isso é um aprendizado. É... e também poder fazer amizades, né. É um espaço também da gente se conhecer, fortalecer laços... já tinha um tempinho que a gente não se falava, né. E poder tá aqui nesse espaço, é muito gratificante relembrar as memórias, muita nostalgia do tempo de escola. Nossa! Tá sendo muito gostoso! Ainda mais que eu tô na reta final do meu curso. Da minha graduação. Então assim, tá sendo um olhar lá pra trás, sabe. Quando você tá chegando no final do segundo... do encerramento de um novo ciclo e olhando pra trás de um ciclo que foi findado há dez anos atrás. Tá sendo renovador, tá sendo uma experiência bastante gostosa. E espero poder... né, já que a gente vai falar desse olhar da... cartografia da experiência, do que nos toca, nos afeta... então que possamos sair afetados, transformados dessa experiência que acho que vai ser bastante legal pra todo mundo aqui.

Lays (2h13'16): “Esse tema aí, de Edivan, rapaz... acho que eu vou pegar pra minha pesquisa! (risos). Tô chiando, mas é muito bom o tema. Gostei bastante!”

Wadson (2h14'02): “Compartilha com os meninos a brincadeira que eu fiz sábado... só com uma frase que eu falei, tu pegou, disse que virava uma música... eu fiz...”

- Tentei lembrar o que foi...

- Depois agradei novamente a todos e encerramos falando que pretendo fazer a apresentação dos vídeos de modo presencial na escola, uma celebração, uma festa, entre nós e outras pessoas que participam dos projetos, festejar a experiência, não como um exemplo a ser seguido, mas como uma experiência vivida.

Andreissa (2h14'28): “Vou precisar sair!! Obrigada novamente!! Estou à disposição!! Boa noite gente!! [chat]

Lays (2h16'01): “E pela lei natural dos encontros, deixo e recebo um tanto” [chat]

Rafael (2h16'01): “Uma performance drag” [chat]

Wallefe (2h16'22): “Vc vai chorar ao som de Bismark” [chat]

Lays (2h16'25): “Um abraço, até mais (emojis de beijos) [chat]

- Todos nos despedimos animados.

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

O/a Senhor/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa *Imaginário, Criações Artísticas e Produção Estética de Jovens nos Cotidianos de uma Escola Pública*, que tem como responsável Edivan Carneiro de Almeida, estudante do curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof. Dr. Aldo Victorio Filho. O objetivo dessa pesquisa é cartografar práticas, processos/experiências vividas entre estudantes, professores e demais envolvidos na realização de projetos-oficinas-atividades de criação e fruição artística-estética nos cotidianos de uma escola pública de Ensino Médio, suas conexões-fluxos-afetações *dentrofora* da escola, bem como as visualidades que compõem um imaginário coletivo dos envolvidos em/sobre tais experiências, focalizando possíveis táticas, transgressões e processos de diferenciação e singularização dos cotidianos e do currículo da escola. Sua participação consiste em *participar das Oficinas da Pesquisa que resultarão na produção de um vídeo de cinco a dez minutos sobre as experiências de criação nas Oficinas dos Projetos Artísticos as quais você participou no Colégio Estadual Aristides Cedraz de Oliveira*, local da pesquisa, durante o Ensino Médio. Esse estudo tem como relevância discutir as práticas de criação realizadas nos cotidianos da escola, envolvendo estudantes, professores e artistas da comunidade, contribuindo para entender como os sujeitos criam suas práticas e os currículos de modo próprio e singular. Sua participação na pesquisa não acarretará para você nenhum risco, desconforto, constrangimento ou ônus de ordem física, psicológica ou econômica. Caso haja narrativas, imagens, áudios/sons ou textos dos acervos da escola utilizados na pesquisa ou usados por você na produção dos vídeos, assim como colocações feitas durante as oficinas que possam acarretar em prejuízo moral ou ético, serão adotadas estratégias, da parte do pesquisador, para garantir o sigilo/anonimato ou mesmo a não utilização explícita desse material. A sua participação nesta pesquisa é de forma voluntária e há o direito de desistir a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Esta autorização é concedida a título gratuito, em todo território nacional e no exterior, exclusivamente para fins acadêmicos e culturais, abrangendo o uso do nome, a utilização do

vídeo produzido por você nas oficinas da pesquisa, uso das narrativas/falas gravadas em vídeo durante as oficinas e o encontro de apresentação dos vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa, além das suas produções artísticas e imagens do acervo da escola produzidas à época da realização oficinas dos Projetos Artísticos as quais você participou na escola. O referido uso se dará por meio da divulgação e/ou apresentação dos resultados da pesquisa por meio de obras/publicações de cunho científico, em eventos científicos, no site, canal do *Youtube* e nas redes sociodigitais da pesquisa, em site de instituições acadêmicas, sites de notícias e de outras instituições de cunho educativo-cultural sem fins lucrativo. Para qualquer esclarecimento, o/a senhor/a poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-graduação em Educação, localizada na Rua São Francisco Xavier, 524, Grupo 12.037-F, Maracanã, CEP 20550-013 - Rio de Janeiro (RJ), telefones (21) 2334-0467(21), 2334-0120, celular/whatsapp: (75) 98210-1713 ou através do e-mail edivan.ichu@gmail.com.

Ciência e concordância do participante da pesquisa

Ciente e concordando com o que foi exposto anteriormente, declaro que estou de acordo em participar desta pesquisa e autorizo o uso das minhas informações e produções conforme o exposto, anteriormente, assinando este termo de livre consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Ichu, 16 de fevereiro de 2022.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

ANEXO I - DOCUMENTO DE ORIENTAÇÃO DOS PROJETOS ARTÍSTICOS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA

Artes Visuais Estudantis (AVE) - 2022

<http://escolas.educacao.ba.gov.br/arteeultura>

O que é

O projeto Artes Visuais Estudantis (AVE) é parte integrante do desenvolvimento de políticas culturais com a juventude estudantil, para a promoção das diversas linguagens artísticas no currículo escolar, por intermédio da criação e exposições das artes visuais estudantis nas escolas da rede estadual de ensino.

O AVE consiste em uma experiência singular e plural, desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, nos contextos escolares, a partir do ano de 2008, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, no processo educativo e na formação cultural dos estudantes. Trata-se, portanto, de um projeto pioneiro, de caráter educativo e artístico, concebido a partir de uma perspectiva ampliada, pois entende a arte como objeto de ampliação do conhecimento e de prazer, o estudante como produtor do conhecimento artístico e cultural.

Objetivos

- Explorar o potencial educativo, estimulando a criação de obras de artes visuais no ambiente escolar, assim como a valorização das expressões culturais regionais.
- Promover um ambiente educacional prazeroso, no qual a cultura, a arte e a educação se expressem em sintonia, contribuindo para transformar a escola em um ambiente vivo e significante para os jovens.
- Estimular a produção artística, o processo de embelezamento e de estetização da escola e da vida.
- Promover exposições dessa produção de artes visuais nos contextos escolares e nas cidades das distintas regiões do Estado da Bahia.
- Influir sobre o mercado da arte, estimulando os novos cultores e produtores.
- Interagir com outras culturas e influir na formação cultural.
- Interagir com a juventude, por intermédio das linguagens artísticas, e chegar mais perto de seu universo, promovendo valores essenciais para a motivação do viver e para o rompimento com o modelo rígido de ensino e de aprendizagem ainda presente na educação brasileira.

Operacionalização

O AVE desenvolve-se em 2 fases: 1) a produção de obras de artes visuais e a realização das mostras escolares. Essa é a fase mais importante, onde o princípio primordial é incentivar a experiência criativa nos contextos escolares; 2) a exposição das criações artísticas nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE).

Para a sua realização, são desenvolvidas as seguintes ações e estratégias, em suas distintas instâncias:

1. O Curso de formação para apreensão de noções sobre estilos artísticos, visando promover o aperfeiçoamento dos professores e coordenadores pedagógicos para atuarem no referido projeto. O curso objetiva também a difusão do conhecimento entre os multiplicadores e, conseqüentemente, a execução dos projetos em toda a rede estadual de ensino.
2. A difusão do projeto e a sensibilização nas escolas são imprescindíveis para a adesão ao mesmo e a socialização das práticas em artes visuais, estimulando a criação de obras sob a ótica estudantil, como eixo estruturante no processo educativo, para a formação de nova mentalidade cultural.
3. A realização de oficinas para orientações artísticas, estimulando o processo de criação visual estudantil, a partir dos distintos gêneros (pintura, escultura, grafite, colagem, gravura, entre outros).
4. A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora nas escolas; a realização das experiências artísticas nos contextos escolares; as mostras escolares e a seleção das obras de arte; a seleção da obra que representará a escola nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE); a inscrição da mesma no NTE.
5. A instituição da comissão organizadora e julgadora nos Núcleos Territoriais de Educação, a pré-seleção das criações artísticas; as Mostras do AVE nos Núcleos, a seleção das obras visuais.
6. Os Núcleos Territoriais devem enviar, por meio dos professores articuladores dos projetos artísticos, o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, estudantes envolvidos e quantidade de obras) para a Secretaria da Educação.
7. Só serão aceitas obras com até 1m² de diâmetro, solicita-se, ainda, cautela na escolha dos materiais utilizados nas obras de arte, pois é necessário evitar os problemas relacionados à fragilidade e a degradação em função da utilização de materiais que não resistem a temporalidade e aos percalços do trajeto das mesmas.
8. Nas distintas fases, somente poderão participar do projeto Artes Visuais Estudantis (AVE), os estudantes matriculados da rede estadual, cursando do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros).
9. As obras de arte podem ser produzidas com até 02 (dois) estudantes figurando como autores, sendo as criações originais e inéditas. As obras não serão devolvidas aos estudantes, pois estas ficarão no acervo da Secretaria da Educação para exposições itinerantes quando da necessidade em períodos e locais distintos.

10. As obras que apresentarem semelhanças a as de anos anteriores serão automaticamente desclassificadas.
11. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao órgão central apenas a descentralização dos recursos, com base no plano de ação.
12. Não será possível a substituição de estudantes em caso de ausência de algum componente.
13. Para as inscrições das distintas fases (escolar e territorial) deverão ser apresentados os seguintes documentos atualizados:
 - I. Ficha de inscrição do estudante.
 - II. 2 (duas) vias do Termo de autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade (em caso de menores de 18 anos, assinar e anexar o RG do responsável).
 - III. 2 (duas) cópias do RG do estudante e 2 cópias do RG do responsável.
 - IV. Termo de responsabilidade autoral.
 - V. Termo de autorização para uso da obra, imagem e voz.
 - VI. Comprovante de matrícula ou atestado de escolaridade (atual).
 - VII. 02 (duas) cópias de CD com a fotografia da obra.

As fichas e termos deverão seguir, necessariamente, os padrões pré estabelecidos, devidamente atualizados, e de acordo com a identidade visual das marcas dos Projetos Artísticos, AVE, Educar para Transformar e Secretaria da Educação.

14. Da premiação na fase escolar e territorial, deverá obedecer a natureza do projeto e os recursos descentralizados.
15. As equipes de articuladores dos projetos artísticos de cada NTE deverão ser constituídas de professores efetivos das seguintes áreas de conhecimento (Arte, Língua Portuguesa e Humanas). Tais professores devem ter afinidade com os projetos artísticos, interesse, compromisso, disposição de tempo e competência, também, para lidar com as questões de juventude.

São atribuições desses professores a apropriação e a difusão dos saberes artísticos e culturais, participando das distintas fases de desenvolvimento dos projetos, desde os processos formativos às culminâncias escolares e territoriais, bem como a operacionalização dos processos que envolvem todas as fases, durante o ano letivo. Em cada fase, faz-se necessária a elaboração do plano de ação das culminâncias escolares e regionais, a realização das atividades, os orçamentos e a sistematização dos relatórios, que competem, ainda, aos articuladores, juntamente aos coordenadores e diretores dos NTE. Cada NTE deverá propiciar o acompanhamento dos estudantes, com um professor responsável pela atenção aos mesmos e aos procedimentos (cursos preparatórios, participação em eventos, traslados, prestação de contas, devolução de passagens) que envolvem esse acompanhamento.

16. Serão desclassificados os estudantes e/ou equipes que não apresentarem as condições requeridas neste documento e em conformidade com o cronograma pré-estabelecido pela Secretaria da Educação. Serão desclassificados, ainda, na fase estadual, as equipes em que os NTE não consigam se responsabilizar pela garantia das condições de deslocamento dos estudantes.

17. Todo contato com o Órgão Central deve ser mantido por meio de ofício, email institucional ou correios.

Recursos Humanos	Recursos materiais, serviços diversos e premiação
<ul style="list-style-type: none"> • 54 professores Articuladores dos Projetos Artísticos representantes dos NTE. • 05 professores de arte e artistas da área para o Curso de formação dos professores articuladores dos projetos. • 05 professores de arte e artistas da área para o Curso preparatório com os estudantes finalistas. • 05 jurados na fase escolar. • 05 jurados na pré-seleção territorial. • 04 monitores para acompanhamento dos estudantes finalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descentralização de recursos para as escolas e para os Núcleos, (aquisição de material para criações artísticas visuais e aluguel de serviços: som, iluminação, etc.). • Serviços de produtora para as culminâncias territoriais. • Passagens e hospedagens para o Curso de formação de professores e o curso preparatório dos estudantes finalistas, assim como para as culminâncias territoriais. • Espaços para a realização das mostras (escolas, centros de cultura, teatros, museus, praças, palácios e estádios).

Público-alvo

O projeto AVE é desenvolvido nas escolas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros). Envolve, também, na condição de orientadores, os professores de Arte, Língua Portuguesa e Humanas, os artistas locais, os Núcleos Regionais de Educação (NTE) e os técnicos da Secretaria da Educação do Estado.

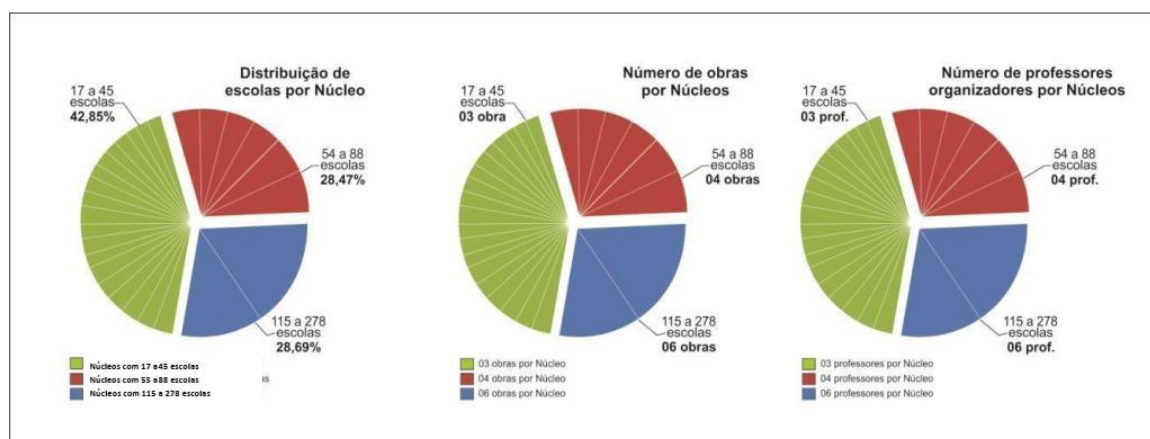
Adesão

As escolas deverão enviar os termos de adesão aos Núcleos, estas devem encaminhar, por e-mail, a relação das escolas de sua jurisdição que desenvolverá os distintos projetos artísticos, com as informações necessárias para a descentralização de recursos (nome da escola, município, código do MEC e os nomes dos projetos) e, posteriormente, encaminhar os termos de adesão por malote ou sedex; Esses Núcleos devem encaminhar os

relatórios com os dados sobre a execução da produção artística nas escolas e a realização da fase territorial para a Secretaria da Educação.

No que tange aos direitos autorais, a obra de arte estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV, internet e em outras mídias e tecnologias (CD, DVD, MD).

Distribuição de escolas por NTE X Projetos Artísticos: AVE



Artes Visuais Estudantis (AVE)

Coordenação de Programas e Projetos Estratégicos da Educação (CEPEE)

Diretoria de Educação Integral (CIEDI)

Coordenação de Projetos Intersetoriais (CPI)

Tel.: (71) 3115-9004/ 8988.

Email.: projetosartisticos@nova.educacao.ba.gov.br

Educação Patrimonial e Artística (EPA) - 2022

<http://escolas.educacao.ba.gov.br/arteecultura>

O que é

O projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) vem sendo desenvolvido, na rede estadual de ensino, desde 2012. Trata-se de experiências em políticas culturais com a juventude estudantil, para avivar o debate e incrementar as práticas culturais nos campos da história, da arte, do patrimônio, da juventude e da democratização desses saberes e dos espaços históricos, com vistas à identificação do patrimônio baiano, a preservação da memória cultural e a apropriação do conhecimento da história cultural baiana. A partir do EPA, pretende-se incrementar o desenvolvimento de ações essenciais para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores históricos, artísticos e estéticos, para a formação de uma nova mentalidade cultural.

A compreensão do patrimônio cultural possibilita o entendimento do tempo passado, presente e futuro; dos homens, da nação e do mundo da vida, permitindo uma definição ou escolhas das experiências significativas – os acontecimentos culturais relevantes, os monumentos, os lugares (a escola, a casa, o bairro, a praça, a rua, a cidade, o estado, o país, o universo), as paisagens, os personagens, as artes, as canções, as danças... – que devem se constituir como parte de nossa memória (história cultural), entendida como meio de pensar e viver a vida presente. A educação patrimonial permite-nos o conhecimento de si, do outro e do mundo, assim como a valorização do patrimônio histórico e artístico e das manifestações culturais de nossa sociedade. Sendo assim, ele nos possibilita, ainda, entender os problemas e as belezas, a nossa experiência cotidiana individual e social.

Objetivos

- Entender que a educação não pode estar dissociada da história, da memória, da cultura e do seu patrimônio que estão intrinsecamente associados à experiência da vida cultural e educativa.
- Estabelecer os elos com o nosso tempo, a história e a cultura, os lugares e as interações entre os indivíduos e as gerações, possibilitando a compreensão das questões ligadas ao pertencimento, às distintas expressões da diversidade estética e das identidades e manifestações culturais.
- Identificar o patrimônio como uma das possibilidades de interpretação de nossa história cultural.
- Entender a dimensão patrimonial como prática cultural possibilita uma compreensão dos tipos de patrimônio e dos seus múltiplos sentidos e significados.
- Compreender a importância das diferentes linguagens artísticas para o entendimento das experiências cotidianas e, portanto, das práticas e aventuras patrimoniais e culturais.
- Aprimorar a estética do olhar, por meio da fotografia, imagens e da produção textual, para o exercício das formas de percepção da vida cultural que nos rodeia e dos distintos tipos de patrimônios culturais.
- Entender as distintas linguagens artísticas (visual, filmica, literária, musical, coreográfica, entre outras) como parte do nosso patrimônio cultural.

- Vivenciar a experiência do belo e do lúdico nas escolas estaduais e na sociedade baiana.
- Garantir a apropriação do conhecimento histórico e do patrimônio cultural.

Operacionalização

O EPA ocorre em 2 fases: 1) as aventuras patrimoniais, sob a forma de gincanas escolares, para a “caça” aos distintos tipos de patrimônio nos diversos contextos. Essa é a fase mais importante, onde o princípio primordial é a prática da pesquisa escolar no campo patrimonial, sendo o universo estudantil o ponto de partida para a identificação dos sentidos e significados atribuídos aos distintos patrimônios (a escola, a rua, os becos, o casario, a fonte, o bairro, as matas, as águas, o município e, em especial, a sua gente, os animais), utilizando-se da fotografia, da argumentação lógica, das experiências vividas e das histórias de vida das distintas gerações como técnica para o exercício da apreensão deste universo material e simbólico; 2) apresentações das aventuras patrimoniais nos 27 NTE, com a exposição dos álbuns com registros e diagnósticos dos olhares fotográficos e da produção textual sobre o patrimônio artístico e cultural baiano.

Para a sua realização, faz-se necessário o desenvolvimento das seguintes ações e estratégias em suas distintas instâncias:

1. A difusão do projeto e a sensibilização nas escolas são imprescindíveis para a adesão ao EPA e a socialização das práticas de identificação e de preservação patrimonial, sob a ótica estudantil, como eixo estruturante no processo educativo, para a formação de nova mentalidade cultural.
2. As oficinas com leituras e noções patrimoniais e fotográficas, assim como a visitação dos patrimônios para estimular a busca e o levantamento dos distintos patrimônios, com o objetivo de apreensão e a democratização dos saberes culturais de cada localidade.
3. A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora nas escolas; a constituição das equipes estudantis de “caça-patrimônios”; a realização dessas aventuras patrimoniais, sob a forma de gincanas escolares; a criação de álbum com as fotografias selecionadas e a pesquisa coletada em campo (máximo 10 páginas com imagens e textos, totalizando 20 laudas); a seleção do álbum que representará a escola nas territoriais; a inscrição do mesmo nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE).
4. A instituição da comissão organizadora e julgadora nos NTE, a pré-seleção dos álbuns patrimoniais, a apresentação/exposição das Aventuras Patrimoniais nos NTE, a seleção desses álbuns nas Mostras territoriais.
5. Na etapa no órgão central, a Mostra do EPA não possui caráter classificatório e/ou eliminatório.

6. Nas distintas fases, somente poderão participar do Projeto Educação Patrimonial Artística, os estudantes matriculados da rede pública estadual que estejam cursando do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros).
7. As Aventuras Patrimoniais são organizadas pelo grupo de estudantes, composto de até 05 (cinco) componentes. Os professores podem contribuir para aprimorar, mas a liberdade de criação e participação compete apenas aos estudantes.
8. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao Órgão Central apenas a descentralização dos recursos, com base no plano de ação aprovado.
9. Não será possível a substituição de estudantes em caso de ausência de algum componente.
10. Os Núcleos Territoriais devem enviar, por meio dos professores articuladores dos projetos artísticos, o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, estudantes envolvidos e quantidade de álbuns por escolas) para a Secretaria da Educação; assim como das atividades desenvolvidas nas mostras territoriais.
11. Para as inscrições nas fases (escolar e territorial) deverão ser apresentados os seguintes documentos:
 - a. Ficha de inscrição do estudante.
 - b. Ficha de inscrição da equipe.
 - c. 02 (duas) vias do Termo de autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade (em caso de menores de 18 anos).
 - d. 02 (duas) cópias do RG do estudante e 2 (duas) cópias do RG do responsável.
 - e. Termo de responsabilidade autoral (individual).
 - f. Termo de autorização para uso da obra, imagem e voz (individual).
 - g. Comprovante de matrícula ou atestado de escolaridade (atualizado, assinado e carimbado pelo (a) gestor (a) escolar).
 - h. Enviar o álbum do EPA (quantidade descrita no gráfico).
 - i. 02 (duas) cópias de CD com fotos e arquivo da obra (álbum) no formato DOC (Word).

As fichas e termos devidamente atualizados deverão seguir, necessariamente, o padrão estabelecido e de acordo com a identidade visual das marcas dos Projetos Artísticos, EPA, Educar para Transformar e Secretaria da Educação.

12. A premiação na fase escolar e territorial deverá obedecer a natureza do projeto e os recursos descentralizados.
13. Solicita-se, ainda, cautela na escolha dos materiais utilizados nos Álbuns do EPA, pois é necessário evitar os problemas relacionados à fragilidade e a degradação em função da utilização de materiais que não resistem a temporalidade e aos percalços do trajeto das mesmas.
14. As fotografias deverão ser inéditas e produzidas pelos estudantes. Caso seja utilizada alguma foto histórica é necessário registro informando a fonte, a autorização e/ou referência ao Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br).
15. As equipes de articuladores dos projetos artísticos de cada NTE deverão ser constituídas de professores efetivos das seguintes áreas de conhecimento (Arte, Língua Portuguesa e Humanas). Tais professores devem ter afinidade com os projetos artísticos, interesse, compromisso, disposição de tempo e competência para lidar com as questões de juventude.

São atribuições desses professores a apropriação e a difusão dos saberes artísticos culturais, participando das distintas fases de desenvolvimento dos projetos, desde os processos formativos às culminâncias escolares e territoriais, bem como a operacionalização dos processos que envolvem todas as fases, durante o ano letivo. Em cada fase, faz-se necessária a elaboração do plano de ação das culminâncias escolares e territoriais, a realização das atividades, os orçamentos e a sistematização dos relatórios que competem, ainda, aos articuladores, juntamente aos coordenadores e diretores do NTE.

Cada NTE deverá propiciar o acompanhamento dos estudantes, com um professor responsável pela atenção aos mesmos e aos procedimentos (cursos preparatório, participação em eventos, traslados, prestação de contas, devolução de passagens) que envolvem esse acompanhamento.

16. Serão desclassificados os estudantes e/ou equipes que não apresentarem as condições requeridas neste documento e em conformidade com o cronograma pré-estabelecido pela Secretaria da Educação.
17. Todo contato com o Órgão Central deve ser mantido por meio de ofício, email institucional e/ou correios.

Recursos Humanos	Recursos Materiais
<ul style="list-style-type: none"> • 54 professores representantes dos NTE. • 05 professores especialistas em patrimônio, fotografia e expressão corporal para o curso de formação dos professores organizadores dos projetos na rede. • 05 jurados para as pré-seleções (territorial). • 05 professores especialistas em patrimônio e fotografia para o curso preparatório dos estudantes finalistas do EPA. • 1 diretor de teatro. • 02 apresentadores do EPA. • 01 atração musical. • 04 monitores para o acompanhamento dos finalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descentralização de recursos para as escolas e para os NTE (aquisição de materiais diversos). • Serviços de produção para as culminâncias territoriais. • Passagens e hospedagens para o Curso de formação, o curso preparatório e para as culminâncias. • Espaços para a realização das Aventuras Patrimoniais (escolas, centros de cultura, teatros, museus, tendas, praças, etc.).

Público-alvo

O projeto EPA é desenvolvido nas escolas exclusivamente para os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros). Envolvem, na condição de orientadores, os professores de História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Arte, Língua Portuguesa e Literatura, os artistas locais, os NTE e técnicos da Secretaria da Educação.

Adesão

As escolas deverão enviar os termos de adesão ao NTE, por e-mail, a relação das escolas de sua jurisdição que irá desenvolver o distinto projeto cultural, com as informações necessárias para a descentralização de recursos (nome da escola, município, código do MEC e os nomes dos projetos) e, posteriormente, encaminhar os referidos termos por malote ou sedex, assim como os relatórios com os dados referentes à implantação do projeto e a produção artística estudantil, para a Secretaria da Educação. Os NTE devem encaminhar os relatórios com os dados sobre a execução da produção artística nas escolas e a realização da etapa territorial.

No que tange aos direitos autorais, a obra de arte (patrimonial) estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV, internet e em outras mídias e tecnologias (CD, DVD, MD).

Distribuição de escolas por NTE x projetos artísticos: EPA



Educação Patrimonial e Artística (EPA)

Coordenação de Programas e Projetos Estratégicos da Educação (CEPEE)

Diretoria de Educação Integral (CIEDI)

Coordenação de Projetos Intersetoriais (CPI)

Tel.: (71) 3115-9004/ 8988.

Email.: projetosartisticos@nova.educacao.ba.gov.br

Festival Anual da Canção Estudantil (Face) – 2022

<http://escolas.educacao.ba.gov.br/artecultura>

O que é

O Festival Anual da Canção Estudantil (Face) é uma experiência pioneira de implementação de políticas culturais com a juventude estudantil, no campo da arte musical, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação, desde o ano de 2008. Tal experiência foi concebida a partir de uma perspectiva abrangente, na expectativa de promover o desenvolvimento do ensino da música nos contextos escolares da rede estadual, a partir da criação de canções e da realização de festivais, em suas distintas fases (escolares e territoriais), capazes de promover a participação e o envolvimento dos distintos sujeitos (estudantes, professores, diretores, coordenadores e técnicos) comprometidos com os processos educacionais.

Esta prática cultural constitui-se como ponto de partida para a implementação da Lei nº 11.769/2008 que institui o ensino de Música nas escolas, para o desenvolvimento das linguagens artísticas e musicais no currículo escolar e para a vida cultural baiana. O Face consiste em uma experiência singular e plural, constituindo-se como um dos lugares do exercício dos saberes e das revelações do potencial estudantil, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, nos processos educativos e na formação cultural dos estudantes, ao proporcionar noções elementares sobre o reino da música para que estes possam expressar a sua inventividade.

Objetivos

- Desenvolver os saberes estéticos, artísticos e musicais no currículo escolar, para uma formação em sua plenitude.
- Desenvolver a criação musical nos contextos escolares, contribuindo para a autoria estudantil.
- Explorar, por meio da música, o potencial educativo, possibilitando a expressão de ideias, emoções e valores essenciais para a motivação do viver.
- Estimular a musicalidade brasileira e a valorização das expressões culturais territoriais.
- Consolidar um ambiente de saber, festividade, entretenimento e de prazer, tornando significativo o cotidiano escolar, lugar da manifestação de sentimentos e de valores.
- Estreitar os elos entre as distintas instâncias da Secretaria, os Núcleos Territoriais de Educação (NTE) e as escolas, por meio de uma relação pautada na produção artística e na mobilização da comunidade escolar.
- Interagir com outras culturas e influir na formação intelectual e nas manifestações culturais.

Operacionalização

O Face ocorre em 2 fases: 1) a criação musical e a realização de festivais escolares. Essa é a fase mais importante, onde o princípio primordial é a liberdade da criação dos estudantes, a ausência de definição temática e o privilégio das expressões da diversidade cultural, estética, de gêneros e de estilos musicais; 2) a realização de 27 festivais nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE), com possibilidades de homenagens aos personagens da história cultural e regional.

Para a realização desse projeto na rede estadual, são desenvolvidas as seguintes ações e estratégias em suas distintas instâncias:

1. O Curso de formação dos professores e coordenadores pedagógicos, para apreensão das noções literárias e musicais e atuação no referido projeto. O curso objetiva a difusão do

conhecimento entre os articuladores e, conseqüentemente, a execução dos projetos em praticamente toda a rede estadual de ensino.

2. A difusão do projeto e a sensibilização nas escolas são imprescindíveis para a adesão, ao mesmo tempo para a compreensão da importância da Arte, em suas distintas linguagens, como eixo estruturante no processo educativo e para a apreensão de uma nova concepção da educação associada à arte e à vida, assim como para o entendimento do estudante como produtor e não apenas receptor de conhecimento.

3. A realização de oficinas de orientações literárias e musicais nas escolas, com a criação de espaços de leituras, desenvolvimento de noções da literatura e da musicalidade nacional; a criação musical e da canção, a partir de temas e gêneros diversificados (erudito, bossa nova, romântico, popular, forró, *rock*, samba, samba de roda, *rap*, pagode, entre outros), levando-se em conta a diversidade musical, artística e cultural; assim como a difusão de noções sobre a organização dos festivais.

4. A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora nas escolas; a realização dos festivais e a gravação das canções nos contextos escolares; a seleção da canção que representará a escola nos NTE; a inscrição da mesma nos Núcleos.

5. A instituição da comissão organizadora e da comissão julgadora nos NTE, a pré- seleção das canções, a realização do curso preparatório dos finalistas territoriais; os festivais territoriais e a seleção das canções estudantis nos NTE; a gravação da canção do CD, em estúdio.

6. Os Núcleos Territoriais devem enviar, por meio dos professores articuladores dos projetos artísticos, o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, estudantes envolvidos e quantidade de obras) para a Secretaria da Educação.

7. Nas distintas fases, somente poderão participar do Projeto Face, os estudantes matriculados da rede estadual, cursando do 6º ano Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros).

8. Não será possível a substituição de estudantes em caso de ausência de algum componente.

9. As canções podem ser inscritas com até 02 (dois) estudantes figurando como compositor e intérprete. As canções podem ser interpretadas por estudantes que não as tenham criado, mas todos devem estar devidamente matriculados e frequentando as escolas da rede estadual.

10. As canções devem ser inéditas e em língua nacional, assim como não devem apresentar semelhanças com as de anos anteriores, pois serão automaticamente desclassificadas.

11. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao órgão central apenas a descentralização dos recursos, com base no plano de ação aprovado.

12. Para as inscrições das distintas fases (escolar e territorial), deverão ser apresentados os seguintes documentos atualizados:

- I. Ficha de inscrição do estudante.
- II. 02 (duas) vias do Termo de autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade (em caso de menores de 18 anos).
- III. 02 (duas) vias do RG do estudante.
- IV. Termo de responsabilidade autoral.
- V. Termo de autorização para uso da obra, imagem e voz.
- VI. Comprovante de matrícula ou atestado de escolaridade (atual).
- VII. 03 (três) cópias da canção em papel modelo A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5 cm, com assinatura do autor e do professor-orientador.
- VIII. 02 (dois) CDs com cópia da canção em word, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5 cm, sem marca d'água e/ou brasão da escola.
- IX. 02 (dois) CDs com o áudio da canção, que devem ser gravado em estúdio, com os recursos que foram descentralizados.

As fichas e termos deverão seguir, necessariamente, os padrões pré estabelecidos, devidamente atualizados, e de acordo com a identidade visual das marcas dos Projetos Artísticos, Face, Educar para Transformar e Secretaria da Educação.

13. Da premiação na fase escolar e regional, esta deverá obedecer a natureza do projeto e os recursos descentralizados.

14. As equipes de articuladores dos projetos artísticos de cada NTE deverão ser constituídas de professores efetivos das seguintes áreas de conhecimento (Arte, Língua Portuguesa e Humanas). Tais professores devem ter afinidade com os projetos artísticos, interesse, compromisso, disposição de tempo e competência, também, para lidar com as questões de juventude.

São atribuições desses professores a apropriação e a difusão dos saberes artísticos e culturais, participando das distintas fases de desenvolvimento dos projetos, desde os processos formativos às culminâncias escolares e territoriais; bem como a operacionalização dos processos que envolvem todas as fases, durante o ano letivo. Em cada fase, faz-se necessária a elaboração do plano de ação das culminâncias escolares e territoriais, a realização das atividades, os orçamentos e a sistematização dos relatórios, que competem, ainda, aos articuladores, juntamente aos coordenadores dos NTE.

Cada NTE deverá propiciar o acompanhamento dos estudantes, com um professor responsável pela atenção aos mesmos e aos procedimentos (cursos preparatórios, participação em eventos, traslados, prestação de contas, devolução de passagens) que envolvem esse acompanhamento.

15. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao órgão central apenas a descentralização dos recursos.

16. Os Núcleos Territoriais de Educação deverão enviar o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, número de estudantes envolvidos, número de canções por escolas) para a Secretaria da Educação.

Recursos Humanos	Recursos materiais, serviços diversos e premiação
<ul style="list-style-type: none"> • 54 professores articuladores dos Projetos Artísticos representantes dos NTE, conforme gráfico abaixo. • 05 professores e músicos para o curso de formação dos professores articuladores dos projetos. • 05 professores e músicos para o curso preparatório dos estudantes finalistas. • 01 preparador vocal e 01 teatral. • 01 diretor musical. • 05 jurados na fase escolar. • 05 jurados na pré-seleção territorial. • 2 apresentadores para o festival estadual. • 02 monitores para acompanhamento dos finalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descentralização de recursos para as escolas e para os Núcleos, (premiação, som, gravação, iluminação, aquisição de materiais diversos). • Serviços para a produção das culminâncias territoriais. • Passagens e hospedagens para o curso de formação de professores e para o curso preparatório dos finalistas, assim como para as culminâncias territoriais e participação em eventos. • Espaços para a realização dos festivais (escolas, centros de cultura, teatros, museus, praças, palácios e estádios).

Público-alvo

O projeto Face é desenvolvido nas escolas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros). O Face envolve, também, os professores de Arte, Língua Portuguesa e Humanas, os artistas locais. Os Núcleos Territoriais de Educação (NTE) e os técnicos da Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

Adesão

A adesão das escolas implica na realização do projeto e no acompanhamento dos distintos passos: a criação de espaços para o aprimoramento de leituras, a criação artística, a realização dos festivais escolares, o encaminhamento da canção e da documentação dos estudantes (ficha de inscrição preenchida, termo de autorização dos pais e/ou responsáveis, termo de responsabilidade de autoria, termo de uso de imagem e voz, comprovante de matrícula, cópia do RG e CPF e documentação do responsável), em tempo hábil, e o encaminhamento do relatório com informações referentes à execução e à produção musical nas escolas.

As escolas deverão enviar os termos de adesão aos NTE, estes devem encaminhar para a Secretaria da Educação, por e-mail, a relação das escolas de sua jurisdição que desenvolverá o referido

projeto cultural, com as informações necessárias para a descentralização de recursos (nome da escola, município, código do MEC e os nomes dos projetos) e, posteriormente, encaminhar os referidos termos por malote ou sedex.

No que tange aos direitos autorais, a obra de arte (musical) estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV, internet e em outras mídias e tecnologias (CD, DVD, MD).

Distribuição de escolas por NTE X Projetos Artísticos: Face



Festival Anual da Canção Estudantil (Face)

Coordenação de Programas e Projetos Estratégicos da Educação (CEPEE)

Diretoria de Educação Integral (CIEDI)

Coordenação de Projetos Intersetoriais (CPI)

Tel.: (71) 3 115-9004/ 8988.

Email.: projetosartisticos@nova.educacao.ba.gov.br

Produções de Vídeos Estudantis (Prove) - 2022

<http://escolas.educacao.ba.gov.br/artecultura>

O que é

O projeto Produção de Vídeos Estudantis (Prove), de natureza educativa, artística e cultural incentiva as aprendizagens múltiplas e os processos criativos, por meio da experiência artística/filmica realizada com a utilização dos recursos tecnológicos, tais como: aparelhos celulares, câmeras fotográficas ou filmadoras. Com esse projeto, é possível desenvolver o potencial estudantil, a criação de roteiros, a gravação e edição de vídeos no ambiente escolar, para a produção e diversificação de saberes, produzidos pelos estudantes, a partir dos quais são feitas as filmagens.

Os roteiros devem conter o argumento principal, a história ou enredo que se pretende contar, os personagens, as falas, as passagens de cena, as filmagens e a composição da equipe (diretor, roteirista, produtor, autor e atores), sendo, necessariamente, desenvolvidos nas escolas.

Trata-se de uma experiência pioneira, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, inicialmente com o projeto Cinemação: uma ideia na cabeça e um celular na mão, com ênfase nas novas tecnologias. Em momento posterior, com nova nomenclatura, roupagens e perspectivas, o Prove ao enfatizar a dimensão da arte filmica, ganha ainda uma maior abrangência, para atingir também as escolas da rede estadual de ensino, sendo os estudantes vistos como sujeitos de criação, ou seja, protagonistas do conhecimento da arte filmica.

Objetivos

- Desenvolver a experiência filmica nos contextos escolares da rede estadual, a partir da perspectiva da arte cinematográfica, articulada aos demais projetos artísticos.
- Introduzir noções sobre o cinema, sua história e as técnicas de filmagem (composição, regra dos terços, ângulos, tripé, som, iluminação, enquadramentos, planos, balanço, linhas de direção, diafragma ou abertura, lentes, profundidade de campo, formatos, tipos de movimentos e sentido visual), demonstrando a importância do roteiro com exemplos de storyboard (desenhos com as sequências de cenas).
- Compreender a história e a importância do cinema brasileiro/baiano (passado/presente) no contexto de desenvolvimento cultural da sociedade moderna e contemporânea.
- Construir enredos cinematográficos/documentários, levando-se em consideração o lúdico, as atitudes estéticas e as distintas manifestações culturais, assim como os variados gêneros do processo de criação filmica, ou seja, do real à ficção.
- Explorar o potencial educativo, estimulando a expressão visual de imagens em movimento, a produção de roteiros, gravação e edição de vídeos estudantis, no ambiente escolar, no bairro e na cidade, a partir da compreensão da arte filmica como objeto de ampliação do conhecimento crítico, de desenvolvimento de saberes e fazeres artísticos, assim como de valorização das manifestações culturais e regionais.
- Desenvolver noções teóricas e práticas sobre o cinema (documentário e ficcional) e noções sobre a organização de mostras de cinema.
- Promover mostras com a produção filmica estudantil nos contextos escolares, nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE) das distintas regiões do estado da Bahia.

- Gravar vídeo de no máximo cinco minutos.

Operacionalização

O Prove ocorre em 2 fases: 1) a criação fílmica (roteiro, gravação e edição) e a realização de mostras de vídeos escolares. Essa é a fase mais importante, onde o princípio primordial é a liberdade de criação estudantil, sem definição temática, privilegiando a diversidade estética e cultural; 2) as mostras de vídeos regionais nos 27 NTE.

Para a sua execução, são desenvolvidas as seguintes estratégias e ações:

1. O curso de formação para apreensão das noções básicas do processo de criação do roteiro e produção cinematográfica (documentários e ficção), em suas fases: pré-produção, produção e pós-produção (finalização), para os professores e coordenadores pedagógicos atuarem no referido projeto. O curso objetiva abordar a origem do cinema, revelando a importância do filme como prática educativa para a obtenção de uma visão histórica e sociocultural da sociedade e para a formação intelectual, artística e cultural dos estudantes; contribuir para o aprimoramento do olhar crítico da arte fílmica; compreender os fazeres cinematográficos, a partir de experiências de cineastas baianos.
2. A sensibilização nas escolas para a compreensão da importância da arte fílmica como eixo estruturante no processo educativo e para a apreensão de uma nova concepção da educação associada à arte e à vida cultural, assim como para o entendimento do estudante como produtor e não apenas receptor do conhecimento.
3. As oficinas de orientações para o desenvolvimento fílmico nas escolas são realizadas a partir da criação de espaços de leituras, de escrita e de roteiros; estímulos à criação dos curtas com temas diversificados, assim como para a obtenção de noções sobre a organização das mostras. O roteiro é um instrumento fundamental no processo de filmagem, devendo ser escrito em sala de aula, com o auxílio do professor (língua portuguesa, arte e/ou humanas). A entrega do roteiro é fundamental para participação no projeto, por isso os estudantes devem assiná-lo, juntamente com o vídeo, e se inscrever na escola, com o professor endossando a autoria estudantil.
4. A instituição da comissão organizadora e julgadora nas escolas, a realização das mostras escolares, a seleção dos vídeos estudantis e a inscrição do vídeo nos Núcleos.
5. A instituição da comissão organizadora e julgadora nos NTE, a pré-seleção dos vídeos; a realização das Mostras Territoriais nos Núcleos, a seleção dos vídeos estudantis.
6. Os Núcleos devem enviar o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, estudantes envolvidos e quantidade de vídeos por escolas) para a Secretaria da Educação.
7. A seleção ocorre com profissionais reconhecidos, seja na compreensão dos fazeres fílmicos, seja na perspectiva teórica de entendimento da história do cinema baiano, em todas as fases, independente dos técnicos da Secretaria da Educação, a partir de critérios como roteiro, fotografia, criatividade e direção. Os vídeos estudantis poderão ser divulgados nas instituições governamentais, na mídia, disponibilizados nas redes sociais e distribuídos nas escolas darede.

8. Nas distintas fases, somente poderão participar da Mostra de Vídeos Estudantis, os estudantes matriculados da rede pública estadual, que estejam cursando do 6º ano do Ensino Fundamental ao ao 3º ano do ensino médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros). Cada estudante só poderá concorrer com uma produção, mesmo que esta seja inscrita em co-autoria com outro estudante.

9. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao Órgão Central apenas a descentralização dos recursos, com base no plano de ação aprovado.

10. Não será possível a substituição de estudantes em caso de ausência de algum componente.

11. Os vídeos estudantis podem ser inscritos com até cinco (05) estudantes figurando como autor, diretor, produtor, roteirista e etc. Os vídeos podem ser interpretados por estudantes que não os tenham criado. As criações filmicas devem ser originais e em língua nacional e a trilha sonora deverá ser, necessariamente, com as canções do Face ou de domínio público, encontradas no site www.dominiopublico.gov.br ou similares para evitar, problemas relativos à autoria, sobretudo quando da transmissão e divulgação dos mesmos.

12. As equipes de articuladores dos projetos artísticos de cada NTE deverão ser constituídas de professores efetivos das seguintes áreas de conhecimento (Arte, Língua Portuguesa e Humanas). Tais professores devem ter afinidade com os projetos artísticos, interesse, compromisso, disposição de tempo e competência, também, para lidar com as questões de juventude.

São atribuições desses professores a apropriação e a difusão dos saberes artísticos e culturais, participando das distintas fases de desenvolvimento dos projetos, desde os processos formativos às culminâncias escolares e regionais; bem como a operacionalização dos processos que envolvem todas as fases, durante o ano letivo. Em cada fase, faz-se necessária a elaboração do plano de ação das culminâncias escolares e regionais, a realização das atividades, os orçamentos e a sistematização dos relatórios, que competem, ainda, aos articuladores, juntamente aos coordenadores e diretores dos NTE.

Cada NTE deverá propiciar o acompanhamento dos estudantes, com um professor responsável pela atenção aos mesmos e aos procedimentos (cursos preparatórios, participação em eventos, traslados, prestação de contas, devolução de passagens) que envolvem esse acompanhamento.

13. Todo contato com o Órgão Central deve ser mantido por meio de ofício, email institucional ou correios.

14. Para as inscrições das distintas fases (escolar e territorial) deverão ser apresentados os seguintes documentos:

- I. Ficha de inscrição do estudante.
- II. Ficha de inscrição da equipe.
- III. 02 (duas) vias do termo de autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade.
- IV. 02 (duas) cópias do RG do estudante e 2 cópias do RG do responsável.
- V. Termo de responsabilidade autoral.
- VI. Termo de autorização para uso da obra, imagem e voz, incluindo participantes das

obras sem ligação direta com a rede estadual de ensino.

- VII. Comprovante de matrícula ou atestado de escolaridade (atual).
- VIII. 02 (duas) cópias do roteiro em papel modelo A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, sem marca d'água e/ou brasão da escola.
- IX. 02 (duas) cópias do roteiro em CD, formato DOC em Word.
- X. 02 (dois) CD com a produção do vídeo estudantil.

As fichas e termos deverão seguir necessariamente o padrão estabelecido, devidamente atualizados e de acordo com a identidade visual das marcas dos Projetos artísticos, Prove, Educar para Transformar e Secretaria da Educação.

15. Serão desclassificados os estudantes e/ou equipes que não apresentarem as condições requeridas neste documento e em conformidade com o cronograma pré-estabelecido pela Secretaria da Educação.

16. Da premiação na fase escolar e territorial, deverá obedecer a natureza do projeto e os recursos descentralizados.

Recursos Humanos	Recursos Materiais
<ul style="list-style-type: none"> • 54 professores representantes dos NTE. • 04 professores especialistas em cinema, audiovisual e fotografia para o Curso de formação dos professores organizadores dos projetos na rede. • 05 jurados para as pré-seleções escolares • 05 jurados para as pré-seleções territoriais • 05 jurados para as culminâncias territoriais • 01 apresentador da Mostra do Prove • 04 monitores para o acompanhamento dos finalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descentralização de recursos para as escolas e para os Núcleos (aquisição de materiais diversos e premiação). • Serviços de produtora para as culminâncias territoriais. • Passagens e hospedagens para Curso de formação de professores e preparatório dos estudantes para as culminâncias regionais. • Espaços para a realização das culminâncias (escolas, centros de cultura, teatros, museus, tendas, estádios, etc.).

Público-alvo

O projeto Prove é desenvolvido nas escolas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional, entre outros). O Prove envolve, na condição de orientadores, os professores de Arte, Língua Portuguesa e Literatura e outras disciplinas afins, os artistas locais, os Núcleos Territoriais de Educação (NTE) e os técnicos da Secretaria da Educação.

Adesão

As escolas deverão enviar os termos de adesão aos NTE e estes devem encaminhar, por e-mail, a relação das escolas de sua jurisdição que desenvolverá os distintos projetos culturais, com as informações necessárias para a descentralização de recursos (nome da escola, município, código do MEC e os nomes dos projetos) e, posteriormente, encaminhar os referidos termos por malote ou sedex, assim como os relatórios com os dados referentes à implantação do projeto e a produção artística estudantil, para a Secretaria da Educação. Os Núcleos devem encaminhar os relatórios com os dados sobre a execução do projeto na escola e a realização da mostra regional de vídeos estudantis para a Secretaria da Educação.

No que tange aos direitos autorais, a obra de arte (vídeo) estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV, internet e em outras mídias e tecnologias (CD, DVD, MD).

Distribuição de escolas por NTE x projetos artísticos: Prove



Produção de Vídeos Estudantis (Prove)

Coordenação de Programas e Projetos Estratégicos da Educação (CEPEE)

Diretoria de Educação Integral (CIEDI)

Coordenação de Projetos Intersetoriais (CPI)

Tel.: (71) 3115-9004/ 8988.

Email.: projetosartisticos@nova.educacao.ba.gov.br

Tempos de Arte Literária (TAL) - 2022

<http://escolas.educacao.ba.gov.br/arteeultura>

O que é

O projeto Tempos de Arte Literária (TAL) é uma experiência pioneira, de caráter educativo, artístico-literária e cultural, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, desde o ano de 2009, configurando-se como o maior projeto de arte literária com a juventude estudantil, demarcando um novo tempo na história da educação baiana, nos processos educativos, nas experiências criativas e na formação literária e cultural dos estudantes da rede estadual de ensino.

O referido projeto foi concebido a partir de uma perspectiva abrangente, para promover o exercício da leitura e a produção textual, contribuindo para a apropriação do conhecimento, a criação literária e a visibilidade das obras literárias estudantis, de modo que possibilitem o desenvolvimento das lutas com e pelas palavras, em seus sentidos histórico e social, assim como para a ampliação das percepções sobre o cotidiano e o mundo, com vistas à formação do novo homem, nesses tempos de democratização social e literária e, conseqüentemente, a possibilidade de criação de novos horizontes estudantis.

Objetivos

- Estimular a produção literária, em seus distintos gêneros (prosa, conto, cordel, carta, crônicas, etc.), nos contextos escolares e a valorização das manifestações culturais territoriais.
- Contribuir para a formação da intelectualidade e espiritualidade (ético e artístico) e, com isso, abrir caminhos literários para a participação social.
- Compreender a arte literária como objeto de ampliação do conhecimento do saber e de prazer.
- Promover um ambiente educacional prazeroso no qual a cultura, a arte literária e a educação se expressem em sintonia, contribuindo para a transformação dos contextos escolares.
- Estimular o gosto pela leitura e literatura, a arte de ler, de interpretar e de escrever, respeitando os distintos gêneros e estilos das diversas escolas literárias.
- Criar espaços apropriados para os encontros e rodas literárias nos ambientes escolares.
- Promover o desenvolvimento das linguagens literárias e de valores essenciais para a motivação do viver e, assim, contribuir para o rompimento com o modelo rígido de ensino e de aprendizagem ainda presente na educação.
- Influir sobre o mercado da arte literária, estimulando os novos cultores e produtores.

Operacionalização

O projeto TAL desenvolve-se em 2 fases: 1) os espaços de leituras, a criação literária e os saraus escolares; 2) os 27 saraus territoriais nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE), com possibilidades de homenagens aos literatos, aos trovadores, aos poetas, etc.

Para a sua realização, são desenvolvidas as seguintes ações e estratégias em suas distintas instâncias

1. O Curso de formação para os professores, com vistas à apreensão das noções literárias e atuação no referido projeto. O curso objetiva, também, a difusão do conhecimento entre os multiplicadores e, conseqüentemente, a execução dos projetos em toda a rede estadual de ensino.
2. A difusão do projeto TAL e a sensibilização nas escolas, desenvolvidas pelos professores articuladores dos projetos, são imprescindíveis para a adesão ao projeto e a socialização da arte literária, em suas distintas e diversas expressões, como eixo estruturante no processo educativo.
3. A realização de oficinas literárias para o exercício de leituras e de criação literária estudantil, nos distintos gêneros (poesia, conto, prosa, cordel, crônicas, cartas e etc.).
4. A instituição da comissão organizadora e julgadora nas escolas, a realização dos saraus escolares e a seleção das obras literárias. Cada escola deverá inscrever apenas uma obra literária, para representar o colégio, nos Núcleos Territoriais de Educação.
5. A instituição da comissão organizadora e julgadora dos Núcleos Territoriais de Educação, a pré-seleção das obras literárias estudantis, a realização dos Saraus nos Núcleos, a seleção das obras literárias. Os Núcleos devem enviar o relatório das atividades realizadas pelas escolas (número de escolas, de estudantes envolvidos e de obras por escolas) para a Secretaria da Educação.
6. Após a seleção nas distintas fases, **não será aceita a substituição dos componentes em caso de ausência.**
7. Nas distintas fases, somente poderão participar do Projeto Tempos de Arte Literária, os estudantes matriculados da rede pública estadual e que estejam cursando do 6º ano Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional e EMITEC). Cada estudante só poderá concorrer com uma (01) criação literária, mesmo que esta seja inscrita em co-autoria com outro estudante.
8. As criações literárias podem ser inscritas com até dois (02) estudantes figurando como autor e intérprete. As criações literárias podem ser interpretadas por estudantes que não as tenham criado, porém o intérprete precisa estar devidamente matriculado e frequentando o colégio estadual. As criações literárias devem ser originais e em língua nacional. Não será aceita obra com três participantes.
9. É de responsabilidade dos NTE a garantia das condições de operacionalização dos Encontros Territoriais, tendo em vista que cabe ao órgão central apenas a descentralização dos recursos, com base no plano de ação aprovado.

10. **Não** será possível a substituição de estudantes em caso de ausência de algum componente.
11. Para as inscrições das fases escolar e territorial, deverão ser apresentados os seguintes documentos:
- I. Ficha de inscrição do estudante.
 - II. Duas (02) vias do termo de autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade.
 - III. Duas (02) cópias do RG do estudante
 - IV. Duas (02) cópias do RG do responsável.
 - V. Termo de responsabilidade autoral.
 - VI. Termo de autorização para uso da obra, imagem e voz.
 - VII. Comprovante de matrícula ou atestado de escolaridade (**atual**) e carimbado, pela escola ou Núcleo.
 - VIII. Três (03) cópias da criação literária em papel modelo A4, fonte: Times New Roman, tamanho: 12, espaçamento: 1,5 cm, com assinatura do autor e do professor-orientador.
 - IX. Três (03) CD com o arquivo da obra literária no formato DOC em Word, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, **sem marca d'água e/ou brasão da escola.**
 - X. Declaração de parentesco (caso o responsável não seja um dos pais do (a) estudante).

As fichas e termos deverão seguir, necessariamente, o padrão estabelecido pela Ascom, devidamente atualizado, e de acordo com a identidade visual das marcas dos Projetos Artísticos, TAL, Educar para Transformar e Secretaria da Educação.

12. A premiação nas fases escolar e territorial deverá ser compatível com a natureza do projeto e dos recursos descentralizados.
13. As equipes de articuladores dos projetos artísticos de cada NTE deverão ser constituídas de professores efetivos das seguintes áreas de conhecimento (Arte, Língua Portuguesa e Humanas). Tais professores devem ter afinidade com os projetos artísticos, interesse, compromisso, disposição de tempo e competência, também, para lidar com as questões de juventude.

São atribuições desses professores a apropriação e a difusão dos saberes artísticos e culturais, participando das distintas fases de desenvolvimento dos projetos, desde os processos formativos às culminâncias escolares e territoriais, bem como a operacionalização dos processos que envolvem todas as fases, durante o ano letivo. Em cada fase, faz-se necessária a elaboração do plano de ação das culminâncias escolares e territoriais, a realização das atividades, os orçamentos e a sistematização dos relatórios, que competem, ainda, aos articuladores, juntamente aos coordenadores e diretores dos NTE.

Cada NTE deverá propiciar o acompanhamento dos estudantes finalistas, com um professor responsável pela atenção aos mesmos e aos procedimentos (cursos preparatórios, participação em eventos, traslados, prestação de contas, devolução de passagens) que envolvem esse acompanhamento.

14. Serão desclassificados os estudantes que não apresentarem as condições requeridas neste documento e em conformidade com o cronograma pré-estabelecido pela Secretaria da Educação. Serão desclassificados, ainda, na fase estadual, os finalistas que os Núcleos Territoriais de Educação não consigam se responsabilizar pela garantia das condições de deslocamento dos estudantes.

15. Todo o contato com o Órgão Central deve ser mantido por meio de ofício, e-mail institucional ou correios.

Recursos Humanos	Recursos Materiais
<ul style="list-style-type: none"> • 93 professores representantes dos NTE. • 05 profissionais da área (professores de literatura, poetas, escritores), para o Curso de formação dos professores articuladores dos projetos na rede. • 05 jurados para as pré-seleções (escolares e territoriais). • 05 jurados para as culminâncias (escolares e territoriais). • 04 professores para o Curso Preparatório dos estudantes finalistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descentralização de recursos para as escolas para os Núcleos Territoriais de Educação (aquisição de materiais, serviços diversos premiação). • Descentralização de recursos para passagens hospedagens para o curso de formação de professores e preparatórios dos finalistas nas culminâncias territoriais. • Aquisição de premiação nas fases escolares territoriais. • Serviços de produção para as culminâncias territoriais. • Espaços para a realização dos Saraus (escolas, centros de cultura, teatros, museus, tendas, estádios, praças, palácios, etc.).

Público-alvo

O projeto TAL é desenvolvido nas escolas exclusivamente para os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adulto (EJA), Educação Profissional e EMITEC). Envolvem, na condição de articuladores, os professores de Arte, Língua Portuguesa e Literatura e Humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia), os artistas locais, os Núcleos Territoriais de Educação (NTE) e os técnicos da Secretaria da Educação.

Adesão

As escolas deverão enviar os termos de adesão aos Núcleos, por e-mail, a relação das escolas de sua jurisdição que desenvolverá os distintos projetos culturais, com as informações necessárias para a descentralização de recursos (nome da escola, município, código da SEC e MEC, e os nomes dos referidos projetos) e, posteriormente, encaminhar os referidos termos por malote ou sedex, assim como os relatórios com os dados referentes à implantação do projeto e a

produção artística estudantil, para os Núcleos. Os Núcleos devem encaminhar os relatórios com os dados sobre a execução do projeto na escola e a realização dos saraus territoriais, para a Secretaria da Educação. No que tange aos direitos autorais, a obra de arte (literária) estudantil é de domínio da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o uso da obra, imagem e voz, podendo a mesma ser transmitida e reexibida em qualquer tempo pelos meios de comunicação dessa Secretaria e de outras instituições governamentais, em publicações, TV, internet e outras mídias e tecnologias (CD, DVD, MD).

Distribuição de escolas por NTE x projetos artísticos: TAL



Tempos de Arte Literária (TAL)

Coordenação de Programas e Projetos Estratégicos da Educação (CEPEE)
 Diretoria de Educação Integral (CIEDI)
 Coordenação de Projetos Intersetoriais (CPI)
 Tel.: (71) 3115-9004/ 8988.
 Email.: projetosartisticos@nova.educacao.ba.gov.br